



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA

PATERSON FRANCO COSTA

**A TRADUÇÃO DE MÚLTIPLAS LÍNGUAS DE PARTIDA
NA LEGENDAGEM DE *VIVA BELARUS!***

Salvador
2022

PATERSON FRANCO COSTA

**A TRADUÇÃO DE MÚLTIPLAS LÍNGUAS DE PARTIDA
NA LEGENDAGEM DE *VIVA BELARUS!***

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura – linha de pesquisa de Estudos de Tradução Cultural e Intersemiótica – do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Literatura e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Hernán Yerro

Salvador
2022

Costa, Paterson Franco.

A tradução de múltiplas línguas de partida na legendagem de Viva Belarus! / Paterson Franco
Costa. - 2022.
365 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Hernán Yerro.

Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2022.

1. Linguagem e cultura. 2. Comunicação intercultural. 3. Semiótica. 4. Tradução e interpretação.
5. Tradução e interpretação - Belarus - História. 6. Tradução e interpretação - Aspectos sociais. 7. Cĩ
nema - Legendas. 8. Viačorka, Franak, 1988- - Crítica e interpretação. 9. Lukaszewicz, Krzysztof,
1976- . Viva Belarus! I. Yerro, Jorge Hernán. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras.
III. Título.

CDD - 418.02

CDU - 81'253

Волі

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, a você que está lendo este texto agora mesmo. Sem você, quem quer que seja, nada disto faria sentido.

Agradeço à minha mãe, Iracy Franco Costa (*in memoriam*), e ao meu pai, Salvador Santos Costa, por me trazerem a este mundo e me darem uma criação digna, apesar dos pesares.

Sou igualmente grato a Volha Yermalayeva Franco, minha *coniужонка*, sem a qual este trabalho não existiria. Ela me mostrou uma Belarus além do que os olhos podem ver.

Tive a sorte de contar com a orientação de não apenas uma, mas duas pessoas maravilhosas: Dra. Elizabeth Santos Ramos e Dr. Jorge Hernán Yerro, minha avó e meu pai na linha de pesquisa de Estudos de Tradução Cultural e Intersemiótica, a quem sou extremamente grato por me guiar até aqui e, espero, ainda muito mais adiante, pois, quanto mais aprendo, mais sei que tenho a aprender.

Às demais professoras do Instituto de Letras da UFBA, especialmente Dra. Denise Carrascosa Franca e Dra. Maria de Fatima Maia Ribeiro, as quais primorosamente lecionaram em conjunto a disciplina LET679 – Seminários Avançados IV, de onde provêm valiosas ideias presentes neste trabalho, e aos demais professores, em especial Dr. Décio Torres Cruz, a quem devo quase tudo o que sei sobre Estudos Culturais, além de importantes contribuições para a versão definitiva, gentilmente sugeridas em conjunto com as demais participantes da banca de defesa: Dra. Eliza Mitiyo Morinaka, Dra. Monique Pfau e Dra. Priscila Nascimento Marques. Ofereço-lhes minhas respeitadas reverências.

Agradeço imensamente à FAPESB – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – e sua política de cotas raciais, pela bolsa de doutorado que me foi concedida, sem a qual eu não teria tido meios suficientes para levar esta pesquisa adiante. Cota não é privilégio, é reparação.

Шчыры дзякуй – muito obrigado, em belaruso – a Franak Viačorka, Dźmitry “Vinsent” Papko, Karolina Gruszka, Krzysztof Łukaszewicz e grande elenco e equipe de produção de *Viva Belarus!* – todo meu respeito e admiração.

Meus mais sinceros agradecimentos a Anna Pawlus, Akvilė Kalinaitė e Christophe Pantoja, pelo suporte na transcrição da legenda em polonês, lituano e francês; ao colega Luiz Leal, pelo companheirismo e troca de ideias; ao Dr. Piotra Murzionak e equipes das revistas *Culture. Nation* (BINiM, Canadá), *Cadernos de Tradução* (UFSC), *Caleidoscópio* (UnB) e *Slovo* (UFRJ), pela oportunidade de publicar algumas ideias que nasceram nesta tese e pelas valiosas observações que ajudaram a maturá-la; Ao Projeto Coyote Vive, pelas inspiradoras discussões literárias e compartilhamento de experiências e ideias.

A Cryo Chamber, principal trilha sonora das incontáveis horas dedicadas a este trabalho, sem a qual, talvez, nada disso visse a luz do dia.

Por último, mas não menos importante, meu muito obrigado a todas as pessoas que contribuíram, direta ou indiretamente, na elaboração deste trabalho, especialmente a equipe de limpeza, segurança, manutenção e administração da UFBA, que mantém nossa universidade em pleno funcionamento, apesar de todas as adversidades. Vocês são a encarnação do lema baiano: *Per Ardua Surgo*.

Então as histórias não são inventadas?
Mesmo as reais, quando são contadas.
Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu.
Entre o acontecimento e a narração do fato,
alguma coisa se perde e por isso se acrescenta.

Conceição Evaristo (2016, p. 7)

COSTA, Paterson Franco. **A tradução de múltiplas línguas de partida na legendagem de *Viva Belarus!***. 2022. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

RESUMO

Esta tese de doutorado tem como ponto de partida a dissertação de mestrado, defendida em 2017, no PPGLitCult (UFBA), intitulada *Cinema em exílio: tradução e política na Belarus pós-soviética*, onde foi feita a análise das traduções intersemióticas e interlinguais que permeiam o filme *Viva Belarus!* (2012), e o blog que lhe deu inspiração, *Armiejski Dziońnik Franaka Viačorki* (2009), ou o *Diário Militar de Franak Viačorka* (COSTA, 2020). Concentrando-se no recorte de tradução das legendas, à luz dos estudos culturais e pós-coloniais, este trabalho, de base metodológica do tipo bibliográfico, tem como objetivo principal refletir sobre a tradução das múltiplas línguas de partida presentes no filme – belarusso, espanhol, francês, inglês, lituano, polonês, russo e trasianka – para a língua portuguesa, tendo o público brasileiro como alvo, além de investigar formas de evidenciação dessas línguas de partida na legenda de chegada. Contando com o aporte teórico de Hall, Lao-Montes, Oyèwùmí, Bandia, Bernardino-Costa e Grosfoguel, na área de Estudos Culturais, bem como Akudovič, Bykaŭ, Arloŭ e Sahanovič que tratam de aspectos sociológicos e históricos do país, o qual, postula-se, também se insere no contexto pós-colonial, busca-se realizar um mapeamento dos discursos em conflito na Belarus mostrada no filme. Juntam-se à discussão Fanon, Foucault e Deleuze, com as relações de poder em um contexto global, dialogando com Bekus, Fiaduta e Silicki, nos discursos locais. Para o estudo tradutório do corpus, composto de duas legendas, uma de partida e outra de chegada, elaboradas primariamente pelo autor em formato SRT, destaca-se a pesquisa de Barbosa, no campo dos procedimentos técnicos de tradução, aplicada na legendagem a partir das diretrizes compiladas por Ferreira Filho *et al.*, Naves *et al.* e Karamitroglou. Com esse aporte, aliado à pesquisa empírica de produções audiovisuais estrangeiras, propõe-se um padrão de legendagem para ouvintes que evidencia as línguas de partida com minimizada interferência, a ser testada em trabalhos posteriores. Com o argumento de que as línguas de partida desempenham papéis narrativos ao longo da trama, estas são estudadas sob múltiplas perspectivas, realizando-se um perfil de cada uma em termos linguísticos, históricos e políticos. Nesse contexto, ocupa lugar central no estudo a pesquisa sobre línguas balto-eslavas empreendida por Sussex e Cubberley, além de Akhmétova e Plútser-Sarnó, para o estudo de vulgarismos da língua russa; Miačkoŭskaja, Cychun e Sender, para o estudo do hibridismo presente na trasianka, e Dini, para uma maior reflexão sobre a língua lituana e sua relação com Belarus. Estas e outras fontes apontam para um longo e complexo histórico de vínculos entre o povo belarusso e as nações vizinhas, fator explorado no filme para explicar a problemática do atual regime ditatorial, o papel de denúncia da obra e um devir de se tornar um país verdadeiramente livre. Espera-se, com este estudo, contribuir para preencher a lacuna sobre Belarus nos estudos de Tradução Audiovisual, sobretudo de cunho identitário, além dos estudos eslavos e pós-coloniais.

Palavras-chave: Belarus. Cinema. Legendagem. Tradução Intersemiótica. Estudos Culturais.

КОСТА, Патэрсан Франко. **Пераклад з розных моваў ў субтытрах да фільма “Жыве Беларусь!”** [на партугальскай]. 2022. Тэзіс (Дактарантура ў Літаратуры й Культуры). Інстытут Мовазнаўства, Фэдэральны Унівэрсітэт штата Баія, Саўвадор, Бразылія, 2022.

АНАТАЦЫЯ

Адпраўным пунктам гэтай доктарскай дысэртацыі стала магістарская дысэртацыя, абароненая ў 2017 годзе ў Фэдэральным Унівэрсытэце штата Баія (UFBA), Бразылія, пад назвай *Кіно ў выгнанні: пераклад і палітыка ў постсавецкай Беларусі*, дзе аналізуецца міжсэміятычны й міжмоўны пераклад, які пранізвае фільм *Жыве Беларусь!* (2012) і блёг, які яго натхніў, *Армейскі дзёньнік Франака Вячоркі* (2009). Засяроджваючыся на перакладзе субтытраў, у сьвятле культурных і посткаланіяльных дасьледаваньняў, гэтая праца з бібліяграфічнай мэтадалягічнай асновай, мае сваёй галоўнай мэтай паразважаць над перакладам з розных зыходных моваў, якія прысутнічаюць у фільме – беларускай, ангельскай, гішпанскай, летувійскай, польскай, расейскай, трасянкі і французскай, – на партугальскую, арыентуючыся на бразыльскую публіку, у дадатак да дасьледаваньня спосабаў раскрыцьця гэтых моваў у перакладзеных субтытрах. Грунтуючыся на тэарэтычных працах Хола, Лао-Монтэса, Ойвумі, Бандзі, Бэрнардына-Косты й Грасфогеля ў галіне культуралёгіі, а таксама Акудовіча, Быкава, Арлова й Сагановіча, для разуменьня сацыялягічных і гістарычных аспэктаў краіны, якая, мяркуецца, таксама разглядаецца ў посткаланіяльным кантэксьце, імкнемся правесці рэфлексію канфліктных дыскурсаў Беларусі, паказаных у фільме. Да дыскусіі далучаюцца Фанон, Фуко й Дэлёз, з адносінамі ўлады ў глянбальным кантэксьце, дыялёгам зь Бэкус, Фядутам і Сіліцкім у лякальных дыскурсах. Для перакладчыцкага вывучэньня корпусу, які складаецца з двух тэкстаў субтытраў, аднаго з зыходных моваў і аднаго на партугальскай, падрыхтаванага пераважна аўтарам у фармаце SRT, выкарыстаныя дасьледаваньні Барбозы ў галіне працэдур тэхнічнага перакладу, ужытыя ў субтытрах з рэкамэндацыямі, складзенымі Фэрэйрам Філью й інш., Навіс і інш., і Карамітраглоў. З дапамогай гэтага ўкладу ў спалучэньні з эмпірычнымі дасьледаваньнямі замежных фільмаў прапануецца стандарт субтытраў для слухаючай аўдыторыі, які вылучае зыходныя мовы зь мінімальнай інтэрфэрэнцыяй, і які будзе апрабаваны ў пазьнейшых працах. З аргумэнтам, што зыходныя мовы адыгрываюць апавадальныя ролі ва ўсім сюжэце, яны вывучаюцца з розных пунктаў гледжаньня - моўнага, гістарычнага і палітычнага, апісваючы профіль кожнай. У гэтым кантэксьце цэнтральнае месца ў працы займаюць дасьледаваньні балта-славянскіх моваў, праведзеныя Сасэксам і Кабберлі; Мячкоўскай, Цыхуном і Сэндэр у дасьледаваньні трасянкі, і Дзіні, дзеля большага разуменьня летувійскай мовы й яе адносінаў зь Беларусьсю. Гэтыя й іншыя крыніцы ўказваюць на доўгую й складаную гісторыю сувязяў паміж беларускім і суседнімі народамі, фактар, які дасьледуецца ў фільме для тлумачэньня праблематыкі цяперашняга дыктатарскага рэжыму, ролі мастацтва ў распаўсюдзе праўды й станаўленьня сапраўднай вольнай краінай. Спадзяемся, што гэтае дасьледаваньне паспрыяе запаўненьню прабелу тэмы Беларусі ў дасьледаваньнях аўдыёвізуальнага перакладу, асабліва ідэнтычнасьці, і зробіць унёсак у славянскія й посткаланіяльныя дасьледаваньні.

Ключавыя словы: Беларусь. Кіно. Субтытры. Міжсэміятычны пераклад. Культуралёгія.

COSTA, Paterson Franco. **The translation of multiple source languages in the subtitling of *Viva Belarus!*** [in Portuguese]. 2022. Thesis (PhD in Literature and Culture). Institute of Letters, Federal University of Bahia, Salvador, Brazil, 2022.

ABSTRACT

The present doctoral dissertation has as its starting point the master's thesis, defended in 2017 at the Federal University of Bahia (UFBA), Brazil, entitled *Cinema in exile: translation and politics in post-Soviet Belarus*, where the analysis of the intersemiotic and interlingual translations that permeate the movie *Viva Belarus!* (2012), and the blog that inspired it, Franak Viačorka's army diary (2009). Focusing on the translation of the subtitles, in the light of cultural and postcolonial studies, this work, with a bibliographic methodological basis, has as its main objective to reflect on the translation of the multiple source languages present in the film – Belarusian, English, French, Lithuanian, Polish, Russian, Spanish and Trasianka – into the Portuguese language, targeting the Brazilian audience, in addition to investigating ways of displaying these source languages in the target subtitles. With the theoretical contribution of Hall, Lao-Montes, Oyěwùmí, Bandia, Bernardino-Costa and Grosfoguel, in the area of Cultural Studies, as well as Akudovič, Bykaŭ, Arloŭ and Sahanovič, who deal with sociological and historical aspects of the country, which, as postulated, is also inserted in the post-colonial context, this study seeks to carry out a mapping of the conflicting discourses in Belarus shown in the film. Fanon, Foucault and Deleuze join the discussion, with power relations in a global context, dialoguing with Bekus, Fiaduta and Silicki, in local discourses. For the translating study of the corpus, composed of two subtitles, one in the source languages and one in Portuguese, prepared primarily by the author in the SRT format, Barbosa's research in the field of technical translation procedures was applied in subtitling under the guidelines compiled by Ferreira Filho *et al.*, Naves *et al.* and Karamitroglou. With this contribution, combined with empirical research on foreign audiovisual productions, a subtitling standard for listening audiences is proposed, displaying the source languages with minimized interference, to be tested in future works. With the argument that source languages play narrative roles throughout the plot, they are studied from multiple perspectives, laying individual profiles in linguistic, historical and political terms. In this context, key roles are played by: the research on Balto-Slavic languages undertaken by Sussex and Cubberley, as well as Akhmetova and Plutser-Sarno, for the analysis of Russian vulgarisms; Miačkoŭskaja, Cychun and Sender, for the study of hybridity in trasianka; and Dini, for a deeper reflection on the Lithuanian language and its relationship with Belarus. These and other sources point to a long and complex history of links between the Belarusian people and its neighbors, a factor explored in the film to explain the problematic of the current dictatorial regime, the role of denunciation of the film and the becoming of a truly free country. It is hoped that this study will contribute to filling the gap on Belarus in Audiovisual Translation studies, especially within identity issues, in addition to Slavic and post-colonial studies.

Keywords: Belarus. Cinema. Subtitling. Intersemiotic Translation. Cultural Studies.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1	Pirâmide demográfica de Belarus	18
Figura 2	Bandeiras e brasões de Belarus	26
Figura 3	Localização de Belarus	27
Figura 4	Línguas de instrução em Belarus	41
Figura 5	Bandeira tradicional belarussa (por Miron)	43
Figura 6	Antiga nota de cinquenta rubéis	48
Figura 7	Nova nota de cinquenta rubéis	48
Figura 8	Bandeiras históricas de ex-repúblicas da URSS	50
Figura 9	Capa da constituição do GDL	52
Figura 10	Monumentos a Lenin em Minsk	59
Figura 11	Capa do jornal Naša Niva	62
Figura 12	Exemplo de legenda SRT	85
Figura 13	Título do filme <i>Viva Belarus!</i>	92
Figura 14	Sinalização nos arredores de Mazyr	132
Figura 15	Mapa das variações dialetais belarussas	152
Gráfico 1	Idiomas presentes no filme	64
Gráfico 2	As 1027 linhas de legenda, por idioma	69

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Recriação da linha 381 (Trasianka), em belarusso e russo	70
Tabela 2	Abreviações dos idiomas segundo padrão ISO 639-3	86
Tabela 3	Declinação (instrumental) do substantivo referente a “homem”	154
Tabela 4	Conjugação do verbo (imperfeito) referente a “defender”	154
Tabela 5	Declinação (acusativo) do substantivo referente a “pátria”	155
Tabela 6	Declinação (dativo) do nome “Zakharko”	164
Tabela 7	Declinação (acusativo) do nome “Lugovoi”	165
Tabela 8	Perfis dos idiomas ocidentais presentes no filme	188

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 BELARUS: ENTRE O BLOG E O FILME	21
1.2 <i>DIÁRIO MILITAR DE FRANAK VIAČORKA</i>	25
1.3 <i>VIVA BELARUS!</i>	26
2 TRADUÇÃO E COLONIALIDADE	29
2.1 TEMPO E PODER	30
2.1.2 Tradução e silenciamento	34
2.2 TRADUÇÃO E IDENTIDADE	37
2.2.1 Estratégias de resistência	39
2.2.2 O hegemônico como palimpsesto	44
2.2.3 Dessovietização	48
2.3 RELAÇÕES DE PODER	52
2.3.1 Sociedades de disciplina e controle	55
2.3.2 O simulacro belaruso	57
2.3.3 Gênero e luta	60
3 TRADUÇÃO E LEGENDAGEM	64
3.1 ASPECTOS GERAIS DA LEGENDAGEM INTERLINGUAL	72
3.1.1 Um campo a ser explorado	74
3.2 DIRETRIZES E PRECEDENTES	74
3.2.1 Exemplos de explicitação	79
3.3 PROPOSTA DE LEGENDA MULTILÍNGUE	83
3.4 SÍNTESE DA PROPOSTA	86
4 BELARUSSO	88
4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO	89
4.1.1 Padrões literários identitários	90
4.2 HISTÓRIA, PROTESTOS E ROCK ‘N’ ROLL	97
4.2.1 <i>Maja revaliucyja</i>	100
4.2.2 <i>U našym kalhasie</i>	102
4.2.3 <i>Krainy niama</i>	107
4.3 A URSS RESSURGE NO EXÉRCITO	119
4.4 TRADUZINDO O PROTAGONISMO BELARUSSO	127
5 RUSSO	130
5.1 ESTRATÉGIAS E ESCOLHAS DE TRADUÇÃO	130
5.1.2 <i>Mat</i>	136
5.1.2.1 raiz <i>ie/io/(ia)b-</i>	138
5.1.2.2 raiz <i>bli-</i>	141

5.1.2.3 raiz <i>khu-</i>	142
5.1.2.4 raiz <i>pizd-</i>	144
5.1.2.5 Outros <i>lexemas</i>	144
6 TRASIANKA	147
6.1 QUEM FALA TRASIANKA?	149
6.1.1 Questões fonéticas	153
6.1.2 Questões sociológicas	156
6.2 ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO	160
6.3 A TRASIANKA COMO DEVIR	166
7 OUTROS IDIOMAS	169
7.1 POLONÊS	170
7.1.1 Russificação vs. Sovietização	172
7.1.2 Estratégias de tradução	175
7.1.3 Etnia e panoptismo	178
7.2 LITUANO	179
7.2.1 Belarus e Lituânia: pontos de atrito e união	181
7.2.2 Estratégias de tradução	185
7.3 IDIOMAS OCIDENTAIS	187
7.3.1 Francês	188
7.3.2 Espanhol	191
7.3.3 Inglês	193
7.3.4 OUTRAS POSSIBILIDADES	195
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	197
REFERÊNCIAS	206
ANEXO A	223
ANEXO B	224
ANEXO C	225

1 INTRODUÇÃO

O fim da URSS deu origem a quinze novos países, que experimentaram processos de desconstrução do legado soviético começados ainda durante a Perestroika e a Glásnost. Esses países, de uma maneira ou de outra, optaram por resgatar símbolos pré-soviéticos, adotando também o passado pré-soviético como referência em seus discursos identitários. Assim foi o caso de Belarus, que retomou o idioma belarusso como único oficial, o brasão *Pahonia* e a bandeira branca-vermelha-e-branca (*biel-čyrvona-biely ściah*). Os símbolos, originados no Grão-Ducado da Lituânia, Estado ancestral belarusso e lituano, eram oficiais durante a República Popular Belarussa¹, país que precedeu a ocupação soviética e atualmente constitui o governo em exílio mais antigo do mundo em atividade (BNR, 2021).

Esse processo foi interrompido quando Aliaksandr Lukašenka chegou ao poder no país, em 1994. Em seu primeiro ano de governo, já sob acusações de fraudes eleitorais, manipulação e autoritarismo (VAJTOVIČ, SKIEMA, 1995, p. 2; FREEDOM HOUSE, 1996, p. 137-139; FEDUTA, 2005, p. 309; DZIUBA, 2018, p. 36), ele conduziu um referendo para regredir os símbolos nacionais a versões praticamente idênticas aos da época soviética e atribuir à língua russa status cooficial, alterando assim cláusulas pétreas da constituição (NAVUMČYK, 2006, p. 113, 124). No ano seguinte, firmou com o então presidente russo Borís Iéltsin o acordo que criou a União Estatal de Belarus e Rússia (SOYUZ, 2021), que acabou com o controle de fronteira entre os dois países, transformando Belarus efetivamente em uma extensão do território russo. Atualmente, a República de Belarus detém o triste epíteto de “última ditadura da Europa” (CNN, 2005; G1, 2012; ROTH; FOLHA, 2020), sendo também a única ex-república soviética onde o uso da língua russa ainda cresce, em detrimento da nacional, saltando de 49,6%, em 1994, para 71% no uso cotidiano da população, em 2016 (JOHNSON, 2017), consequência dos mais de 25 anos do regime autoritário de Lukašenka, marcados pela crescente aproximação com a Rússia, perseguição a dissidentes e violações de direitos humanos.

Nesse contexto se passa *Viva Belarus!* (2012), longa-metragem produzido na Polônia e inspirado no blog *Armiejski dzióńnik Franaka Viačorki*, traduzido para português e estudado na dissertação *Cinema em Exílio: Tradução e Política na Belarus Pós-soviética* (COSTA,

¹ Tradução minha, do belarusso, de: “Беларуская Народная Рэспубліка” (*Bielaruskaja Narodnaja Respublika*).

2020). A narrativa se passa em Belarus e é centrada na figura do fictício músico e ativista Miron Zacharka, cujas denúncias às condições desumanas no exército e fraudes eleitorais chocam a sociedade belarussa e galvanizam o povo a protestar nas ruas de Minsk. Trata-se do primeiro filme belarusso a ser traduzido e legendado para português diretamente desse idioma, notando-se ainda a presença de outras sete línguas de partida na trama, a serem analisadas nesta tese: espanhol, francês, inglês, lituano, polonês, russo e trasiianka. Dessa profusão de línguas de partida, cada uma com sua importância narrativa, surge um dos questionamentos centrais deste estudo: como evidenciá-las na legenda? A legendagem, principalmente quando voltada ao público ouvinte, tende a omitir a(s) língua(s) de partida, o que, no caso de *Viva Belarus!*, gera problemas de ordem comunicativa, identitária e mesmo pedagógica, seguindo o pensamento de Paulo Freire (2015, p. 115):

Um dos sérios problemas que temos é como trabalhar a linguagem oral ou escrita associada ou não à força da imagem, no sentido de efetivar a comunicação que se acha na própria compreensão ou inteligência do mundo. A comunicabilidade do *inteligido* é a possibilidade que ele tem de ser comunicado, mas não é ainda a sua comunicação.

Considerando o discurso identitário presente no filme, sobretudo relativo à situação de opressão que ele denuncia, na condição de *inteligido* a que Freire se refere, e a legendagem como veículo de sua comunicabilidade, julgamos necessário expor na legenda de chegada não apenas a tradução do texto cinematográfico, igualmente objeto de estudo desta tese, mas também em que língua as personagens estão interagindo e a trama se desenvolvendo. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, com o corpus consistindo primariamente na legenda elaborada a partir das múltiplas línguas presentes no filme, descrito em maiores detalhes na seção 1.3, e traduzida para compor a legenda de chegada, em língua portuguesa. A partir desse processo, foi realizada uma tradução comentada de cada idioma, com o aporte de textos acadêmicos interdisciplinares que dotam o estudo de uma natureza potencialmente transversal, como veremos adiante.

Além de descrever o filme e o blog no qual este se inspira, o capítulo 1 também traz uma breve contextualização geopolítica sobre Belarus, baseando-se no aporte teórico dos filósofos e historiadores belarussos Valiancin Akudovič (2007), Uladzimier Arloŭ e Hienadz Sahanovič (2002), inéditos no Brasil e que vêm há anos desconstruindo a narrativa de passado

como subproduto da propaganda soviética geradora do discurso dominante de Belarus como histórica parte integral do mundo russófono, o que nos ajuda a entender os acontecimentos dramatizados no filme e a refletir sobre as estratégias tradutórias desenvolvidas.

No capítulo 2, que trata de tradução e colonialidade, proponho a contextualização de Belarus e o espaço pós-soviético como uma área de grande interesse para os Estudos Culturais Pós-coloniais, visto que estas nações lograram independência ainda mais recentemente que as da África, Ásia, Caribe e Oceania. Partindo da argumentação teórica de Neusa Santos Souza (1983), Joaze Bernardino-Costa e Ramón Grosfoguel (2016), Stuart Hall (2003), Benedict Anderson (2008) e Vasiľ Bykaŭ (1995), dentre outros, teorizo que todos os países do mundo se encaixam em ao menos um de três níveis de colonialidade, todos estes observáveis nas ex-repúblicas soviéticas, fato que as torna de especial importância dentro desse campo de estudos.

Desenvolvendo o argumento em torno das relações de poder e conflito de ideologias e discursos históricos, no subcapítulo 2.2, que trata de tradução e identidade, trago para discussão obras adicionais de Stuart Hall (1998; 2014), cuja noção de impossibilidade do discurso identitário traça, ao meu ver, paralelos com o trabalho de tradução, o que faz questionar as noções de equivalência e tradução de elementos culturais estrangeiros na legendagem para o referencial cultural brasileiro, e Agustin Lao-Montes (2007), que transpõe as barreiras geográficas para falar da diáspora, tema fundamental em um país de origem de tantas pessoas exiladas, realidade na qual o próprio filme *Viva Belarus!* está inserido, uma vez que foi produzido na Polônia, como consequência das perseguições do regime ditatorial que denuncia.

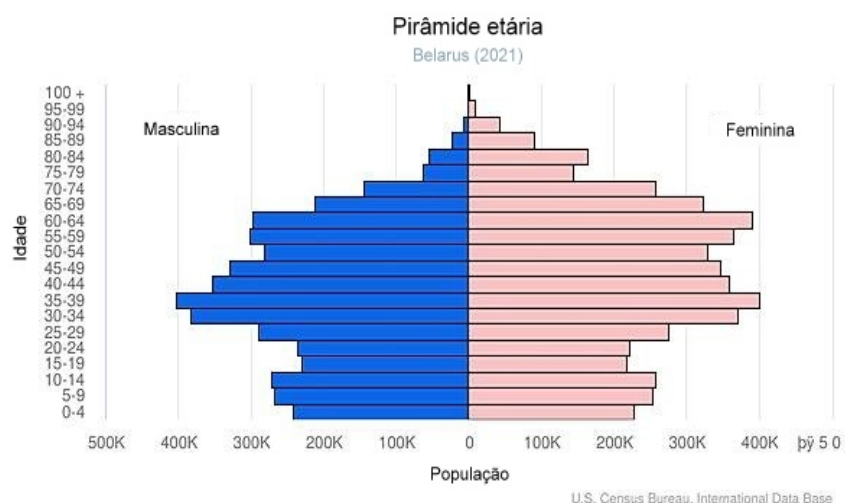
Sobre as estratégias de resistência presentes no filme, traço paralelos com Viveiros de Castro (2002), e sua crítica ao mármore e a murta, de Antônio Vieira, subvertendo os paradigmas de resistência em diversos fronts para assim chegarmos à reversão do simulacro platônico, a partir do pensamento de Michel Foucault e Gilles Deleuze (2000), com reflexões sobre o papel de intelectuais e o poder e a transição de paradigmas das sociedades de disciplina e de controle, contexto em que teorizo estar Belarus. Junta-se à discussão ainda Homi Bhabha (2005), e seu conceito de negociação cultural como solução para impasses entre culturas hegemônicas e marginalizadas. Nesse contexto, trago o aporte essencial da pesquisadora Oyèrónké Oyěwùmí (2005) para evidenciar dentro e fora da narrativa – isto é,

na história de Belarus e, no caso de Oyěwùmí, das terras iorubanas – o pioneirismo feminino na luta contra o colonialismo, cujo *modus operandi*, centralizado na máxima de dividir e conquistar, irremediavelmente passa pela divisão e subalternização de gênero – fenômeno que pode ser reforçado ou subvertido na tradução, cabendo então uma reflexão sobre a sensibilidade no ato da legendagem acerca de questões dessa natureza.

Ainda com relação a gênero, convém mencionar que, neste estudo, uso plural feminino quando trato da população de um modo geral, uma vez que a maioria dos seres humanos é do sexo feminino, o que é particularmente notável no caso de Belarus (**Figura 1**).

Figura 1 – Pirâmide etária da população belarussa, em 2021. Mulheres (direita) são mais numerosas que os homens, sobretudo em idade avançada, uma vez que a expectativa de vida do homem belarusso é de apenas 67,8 anos, enquanto para as mulheres, 79.

Fonte: trad. de CIA, 2021.



O capítulo 3, que trata de tradução e legendagem, contempla aspectos consideravelmente mais técnicos da tradução a partir da pesquisa de Heloísa Gonçalves Barbosa (1990), que realiza uma importante revisão de literatura para postular treze procedimentos tradutórios básicos, sob os quais são analisadas as escolhas e estratégias tomadas ao longo deste trabalho. No campo da legendagem, tem papel fundamental o argumento de Yves Gambier (2003) sobre a relação entre língua e identidade na Tradução Audiovisual (TAV) e a falta de pesquisas sobre a legendagem a partir de múltiplas línguas, uma das lacunas que esta tese busca ajudar a preencher. No contexto brasileiro, realizo um sucinto levantamento das pesquisas sobre legendagem publicadas no país, de 1990 a 2020, a partir das pesquisas de Dutra (2008), Santos, Costa e Galdino (2016) e Boito (2020).

Até aqui, muito já se falou sobre a legendagem a partir dos estudos da tradução, mas e suas especificidades técnicas? Para responder este questionamento, faço uma breve análise

comparativa das normas de legendagem brasileiras (NAVES *et al.*, 2016; FERREIRA FILHO *et al.*, 2020) e europeias (KARAMITROGLOU, 1998). Nenhuma dessas normas, contudo, contempla a evidenciação de línguas de partida na legenda de chegada, problema central desta tese. O único documento a abordar essa questão de maneira sistemática, encontrado nesta pesquisa, foram as diretrizes de legendagem do canal de televisão britânico BBC (2021), que serve como ponto de partida para uma análise empírica em torno de alguns exemplos práticos presentes em produções cinematográficas estrangeiras (seção 3.2.1). A partir dessa discussão, proponho um padrão híbrido a ser utilizado na legendagem de *Viva Belarus!*.

O capítulo 4, que aborda a tradução de belarusso na trama, marca o início das reflexões sobre a tradução de cada língua de partida presente no filme. O capítulo se divide em três partes: a primeira faz uma breve contextualização cronológica da língua belarussa e seus padrões literários (*taraškievica* e *narkamaŭka*); a segunda aborda a problemática da tradução das canções de rock presentes na trilha sonora, assinada pelo aclamado músico belarusso Lavon Volski, enquanto a terceira lida com o vocabulário relacionado ao exército, ambiente onde o blog que inspira o filme é escrito. Em diálogo com as fontes já citadas, entram ainda no referencial teórico: Sussex e Cubberley (2006), com seu monumental tratado sobre línguas eslavas; Nelly Bekus (2010), especialista em discursos identitários belarussos; Fanon (1968) e Foucault (2019), com seus valiosos aportes sobre relações de poder, sobretudo no contexto (pós-)colonial, além das importantes reflexões de Aleksandr Chúbin (2006) e Vitalí Silicki (2006), sobre as sociedades (pós-)soviéticas.

A tradução de russo é abordada no capítulo 5, com breve contextualização histórica e das características gerais do idioma, passando para uma leitura crítica de seu papel dentro da narrativa, frequentemente de natureza antagônica. Com relação à tradução de expressões idiomáticas e provérbios russófonos, o estudo reflete a partir do pensamento de Paul Bandia e sua pesquisa sobre tradução pós-colonial (2008). Vulgaridades e palavrões também fazem parte desse discurso, analisado com base nas pesquisas de Manuela Kovalev (2014), Tatiana Akhmétova (1999) e Aleksei Plútser-Sarnó (2005).

De difícil categorização, a trasiianka merece um capítulo à parte, o 6º desta sequência, configurando-se assim como um idioma autônomo, ainda que analisado como um fenômeno interseccional, inicialmente entre belarusso e polonês, passando depois ao russo dentro de um contínuo de línguas eslavas que alcança ainda a Ucrânia. Por suas complexas ramificações

sociolinguísticas, políticas e históricas, o estudo de trasianka exige um repertório interdisciplinar que elenca, neste estudo, especialistas de Belarus e da diáspora, como Nina Miačkoŭskaja (2007), Hienadź Cychun (2000), Tacciana Ramza (2010), Natallia Sender (2014), Aliaksandr Fiaduta (2005) e Siarhieŭ Zaprudzki (2009).

Por sua participação reduzida em relação aos idiomas predominantes, polonês, lituano, francês, espanhol e inglês foram agrupados no capítulo 7, cada um devidamente contextualizado em termos gerais e relativos à trama. A partir dessas contextualizações são feitas reflexões, sempre dialogando com as fontes já citadas, acerca das motivações que levaram tais idiomas a serem inseridos na obra. Para sustentar os argumentos elaborados, trago o aporte teórico de Valiancin Maziec (2012), para debater sobre as relações étnicas, culturais e políticas entre Belarus e Polônia, ao longo do século XX, e suas repercussões na atualidade, além de Theodore Weeks, historiador que investiga as particularidades entre russificação e sovietação (2010), oferecendo importantes reflexões para melhor compreender a base ideológica do regime de Lukašenka. No que tange a língua lituana, Pietro Dini (2014), referência internacional nos estudos de línguas bálticas, nos ajuda a compreender um pouco do longo passado em comum herdado por Belarus e Lituânia refletido em suas línguas vernáculas. Sobre francês e espanhol, cabe ainda mencionar o notável guia Oxford de línguas latinas, editado por Adam Ledgeway e Martin Maiden (2016), que aborda não apenas questões gramaticais e linguísticas mas também fornece dados extremamente precisos sobre o histórico de transformação desses idiomas, contribuindo assim para a discussão acerca das escolhas e estratégias tradutórias.

Para além dos capítulos, cabe notar que a transliteração do alfabeto belarusso cirílico para o latino, neste estudo, foi feita de acordo com as regras do Comitê Estatal de Propriedade da República de Belarus submetidas ao Grupo das Nações Unidas de Especialistas em Nomes Geográficos (BELARUS, 2007), por sua vez, baseadas no alfabeto belarusso latino (cf. seção 4.1.1). A transliteração, acompanhada de transcrição para o Alfabeto Fonético Internacional (IPA – *International Phonetic Alphabet*), encontra-se integralmente no ANEXO A. A língua russa, também escrita no alfabeto cirílico, com algumas diferenças em relação ao alfabeto belarusso (a título de exemplo, algo como os alfabetos islandês e português), é transliterada segundo o padrão utilizado no curso de russo da USP (MELETÍNSKI, 1998, p. 10), já consagrado no meio acadêmico brasileiro e desenvolvido especificamente para a língua

portuguesa (ANEXO B). Finalmente, as legendas de partida e de chegada podem ser consultadas, em sua totalidade, no ANEXO C.

Espera-se, com este estudo, contribuir para pesquisas no campo da tradução e legendagem, bem como de eslavística, sobretudo no tocante a Belarus, país ainda pouco conhecido do grande público lusófono e repleto de oportunidades para futuros estudos.

1.1 BELARUS: ENTRE O BLOG E O FILME

“Quando o mundo apenas começava, não havia nada em nenhum lugar sequer. Por todas as partes só havia água morta e, do meio dessa água, despontava algo como uma pedra ou coisa qualquer”². Assim começa o mito de criação de Belarus, segundo um milenar relato oral transcrito pelo filósofo belarusso Valiancin Akudovič, em seu livro *Kod adsutnasci* (O código da ausência (2007, p. 7)). Segundo ele, Belarus existe desde que Piarun, a divindade suprema do panteão eslavo, bateu nessa “pedra ou coisa qualquer”, assim, dando-lhe vida. Conseqüentemente, Belarus deve existir até que o mundo acabe, “independentemente de como chamem nossa terra nas épocas seguintes, bem como hão de se chamar os habitantes dessa terra”³.

A República de Belarus, da maneira como a conhecemos hoje (ITAMARATY, 2020), surgiu no início da década de 1990, como consequência do colapso da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Antes disso, em seu território existia a República Socialista Soviética da Bielorrússia (RSSB), uma das quinze repúblicas que constituíam a URSS (FRANCO, 2015). O nome Belarus vem do belarusso *Беларусь* (*Bielarus*), enquanto “Bielorrússia” vem do russo *Белоруссия* (*Bielorússiia*). Entretanto, ainda que o etnônimo *Bielarus* tenha data incerta de nascimento, sem dúvida alguma este surgiu muito antes da década de 1990 (ARLOŨ, SAHANOVIČ, 2002). Fontes medievais europeias descrevem a região que corresponde aproximadamente às atuais fronteiras da atual República de Belarus como *Bielaja Rus* ou algo similar (KARÁCSONYI *et al.*, 2017, p. 21):

² Tradução minha, do belarusso, de: “Калісь яшчэ свет толькі зачынаўся, дык нічога нідзе не было. Усюды стаяла мёртвая вада, а пасярод вады тырчэў нібы камень, нібы што...”.

³ Tradução minha, do belarusso, de: “незалежна ад таго, якімі яшчэ словамі стане пазначацца нашая зямля ў наступныя эпохі, і як сябе будуць тады называць насельнікі гэтай зямлі”.

O nome Belarus deriva de *Belaja Rus'*, que significa Branca Rus'. O termo Rus' se refere à Rus' de Kyiv dos séculos 9 a 12, aos principados sucessores (eslavos orientais) e ao povo (*Rusy*) que vivia sob sua autoridade. Rutênia, o nome latino para a Rus' de Kyiv, deu origem ao nome Rutênia Branca. As áreas ocidentais da atual Belarus faziam parte da histórica Rutênia Negra, enquanto a Galícia constituía a Rutênia Vermelha. Entre as três nações eslavas orientais, apenas no nome de Belarus a referência à antiga Rus' permanece. (...) O termo Rússia Branca [Bielorrússia, Bielo-Rússia ou *Weißrussland* (ale.)] tem um significado pejorativo para o povo belarusso, do mesmo modo que Pequena Rússia para o ucraniano. Isso ocorre porque Rus' se refere à antiga Rus' de Kyiv e seus súditos, e não ao grupo étnico russo (*Rusky*), que surgiu muito mais tarde, em áreas que estiveram sob o jugo mongol por um longo período e, portanto, se tornaram culturalmente diferentes. Bielorrússia, ou RSS Bielorrussa, tornou-se o nome oficial do país na era soviética, que foi então alterada para República de Belarus, em 1991. Hoje, os russos também usam o nome oficial Belarus no lugar de Bielorrússia.⁴

A raiz Bel- se origina de *Bielaja* (leia-se “biêlaia”), o adjetivo belarusso para a cor branca, possivelmente em referência à antiga prática eslava de atribuir cores aos pontos cardeais (cf. Croácia Branca e Sérvia Branca (MILOVANOVIĆ, 2011, p. 14)), sendo o norte simbolizado por essa cor, enquanto *Rus'*, em português, Rutênia, se refere à região onde populações vikings se estabeleceram, por volta do século IX, e foram gradualmente sendo eslavizadas (ARLOŮ, SAHANOVIČ, 2002, p. 10). Daí advêm os nomes de dois Estados eslavos orientais, Belarus e Rússia, embora este último, no idioma oficial, se chame *Россия* (*Rossia*), por influência helênica do então vizinho Império Bizantino, ao que se refere Karácsonyi quando diz que “Entre as três nações eslavas orientais, apenas no nome de Belarus a referência à antiga Rus' permanece”.

Convém ressaltar que esses nomes históricos não se aplicam ao país atual. Tampouco essa questão se trata de uma escolha pessoal ou da forma que cada pessoa acha melhor chamar o país em sua língua. Como signatário da Declaração sobre os Princípios de Direito Internacional das Relações Amigáveis e Cooperação entre Estados, de acordo com a Carta das Nações Unidas (UN, 1970), o povo brasileiro deve reconhecer o direito à autoafirmação dos

⁴ Tradução minha, do inglês, de: “The name Belarus stems from *Belaja Rus'*, which means White Rus'. The term Rus' refers to the Kievan Rus' of the 9th to 12th centuries, to the successor (Eastern Slavic) principalities, and to the people (*Rusy*) who lived under their authority. Ruthenia, the Latin name for the Kievan Rus', gave rise to the name White Ruthenia. The western areas of present-day Belarus formed part of historical Black Ruthenia, whereas Galicia constituted Red Ruthenia. Among the three Eastern Slavic nations, it is only in the name Belarus that the reference to the former Rus' has remained. (...) The term White Russia [Belorussia, Byelorussia or *Weißrussland* (Ger.)] has a pejorative meaning for Belarusians, in the same way as Little Russia does for Ukrainians. This is because Rus' refers to the ancient Kievan Rus' and its subjects rather than to the Russian ethnic group (*Rusky*), which emerged much later in areas that were under the Mongol yoke for a lengthy period and thus became culturally different. Byelorussia, or the Byelorussian SSR, became the official name of the country in the Soviet era, which was then changed to the Republic of Belarus in 1991. Today, Russians also use the official name Belarus in place of Byelorussia”.

povos, assim como estes nos reconhecem. Como explica o filólogo belarusso Vincuk Viačorka (2017, p. 82):

Sim, chamamos o país *Deutschland* de *Niamieččyna* ou, do jeito latino, *Hiermanija*. *Magyarország* para nós é *Vuhorščyna* ou, do jeito polonês, *Vienhryja*. A própria *Hrecyja*, no original é *Ελλάδα* ou *Ελλάς*. Portanto, nossos vizinhos têm o direito de chamar nossa terra seguindo suas tradições – desde que tal tradição realmente exista. Contudo, aplicar em Belarus uma tradição da Rússia – não tem cabimento.⁵

A situação descrita por Viačorka também se aplica a nós. Sim, tradicionalmente chamamos *Deutschland* de Alemanha, *Magyarország* de Hungria e *Ελλάδα* de Grécia, contudo, o nome “Bielorrússia” não é uma forma aportuguesada e sim russificada, o que remete à época em que o país não era soberano. Além disso, ninguém em sã consciência confundirá “Alemanha” com “Espanha” ou “Grécia” com “Geórgia”, por exemplo, mas o nome “Bielorrússia” é facilmente confundido ou associado com “Rússia”.

Ainda dialogando com o argumento de Karácsonyi e sua menção sobre os principados belarussos estarem sob autoridade da Rutênia de Kyiv, também conhecida como *Rus Kyivana* (OLIVEIRA, 2008, p. 18), cabe mencionar que esta última “não era nem unificada etnograficamente, muito menos politicamente. As terras [do Ducado] de Polatsk (...) mantinham-se à parte e sempre rivalizavam com Kyiv” (ARLOŮ, SAHANOVIČ, 2002, p. 13)⁶. O Ducado de Polatsk, como veremos adiante, ocupa lugar central na construção histórica do Estado belarusso.

Quanto ao topônimo Rutênia Branca, é interessante notar que este tem registro de uso corrente no Brasil, ao menos até meados do século XX, a exemplo da edição de maio de 1944 do periódico *Diretrizes*, autodeclarado “O semanário de melhor circulação no Brasil”: “Com as tropas alemãs que, desarmadas, fugiam da Rutênia Branca e da Ucrânia Ocidental, fugiam também os grandes proprietários de terras poloneses” (BURACSEWSKI, 1944, p. 7). No artigo, intitulado “O caso da fronteira polono-soviética”, observa-se, ainda, referência à nacionalidade branco-rutena: “Os territórios assim resgatados da ocupação estrangeira

⁵ Tradução minha, do belarusso, de: “Так, мы называем краіну Deutschland *Нямеччына* або на лацінскі лад *Германіяй*. *Magyarország* для нас *Вугоричына* або на польскі лад *Вэнгрыя*. Тая ж *Грэцыя* ў арыгінале *Ελλάδα* ці *Ελλάς*. Так што і нашую зямлю суседзі маюць права зваць традыцыйна — пры ўмове, калі такая традыцыя сапраўды ёсць. Бо пераносіць на Беларусь традыцыю называння Расеі — беспадстаўна”.

⁶ Tradução minha, do belarusso, de: “не была адзінай ні этнаграфічна, ні тым болей палітычна. Полацкая зямля (...) наагул трымалася асобна і заўсёды варагавала з Кіевам”.

proclamaram sua incorporação às jovens repúblicas branco-rutena e ucraniana que já existiam há algum tempo”; e ao povo branco-ruteniano: “A 2 de fevereiro, foi desencadeada a guerra particular dos grandes senhores poloneses contra o povo branco-ruteniano”.

Ainda nesse período, a RSSB tinha a língua belarussa como oficial e nela a república já se chamava Belarus. Antes disso, durante o breve período de liberdade que o povo belarusso experimentou, entre a independência do Império Russo e a anexação soviética, em 1918, o país também se chamava Belarus, ou, para ser mais exato, a República Popular de Belarus, cujo governo até o presente momento se encontra em exílio (BNR, 2021).

Entretanto, o nome Belarus custa a ressoar na mídia e no falar lusófono. É bem provável que você, que está lendo este texto, até agora acreditava que o país se chamava “Bielorrússia” e, diante das novas informações, pronuncie o “novo” nome como “Belárus” e não da forma correta, oxítone, “Belarús”. É possível, também, que esteja, ainda que mentalmente, pronunciando com “r” fricativo glotal, muito provavelmente por ainda estar pensando no duplo “r” de Bielorrússia quando seria correto pronunciar o típico tepe alveolar intervocálico, como em “Pará”. Em outras palavras, *Belarus*, não “*Belarrus*”. Mais frequente do que “Belarus” ainda insiste em ressoar “Bielorrússia” (ou monstruosidades dela advindas, como “Bielo-Rússia”, “Bielorússia”, “Bielo Rússia” e mesmo “Rússia Branca”, com consequências igualmente catastróficas em suas respectivas formas adjetivadas) – legado da influência russófona que até hoje, como veremos, tenta abafar a voz autônoma da nação belarussa.

Sem gênero morfológico aparente, o nome Belarus dispensa artigo em português. Entretanto, considerando que em belarusso este se trata de um substantivo feminino, é recomendável associá-lo, quando necessário, a atributos femininos, o que pode exigir uso de artigo desse gênero gramatical, a exemplo de “na Belarus pós-soviética”, “a Belarus contemporânea”, etc. O adjetivo, logicamente, só pode ser “belarusso”.

De 1918 até o fim da União Soviética, cuja certidão de óbito foi assinada em território belarusso, mais precisamente na floresta de Bielavieža, no dia 8 de dezembro de 1991 (RUSARCHIVES, 2015), Belarus sofreu um longo processo de ditadura que moldou, em vários aspectos, a configuração do atual regime. Entretanto, uma parte importante da população, formada principalmente por intelectuais e ativistas nacionalistas, vem trabalhando para mudar essa situação (THEGUARDIAN; SMOK, 2015), incentivando o uso da língua belarussa e um resgate de sua cultura ancestral, que não foi totalmente perdida e, em muitas

partes, coexiste com a cultura russófona/pós-soviética. Nesse contexto, a militância de um desses intelectuais, Franak Viačorka, é de especial destaque por servir de inspiração para o corpus deste trabalho, como exposto a seguir.

1.2 DIÁRIO MILITAR DE FRANAK VIAČORKA

Publicado entre 28 de janeiro e 12 de junho de 2009, o blog *Армейскі Дзёньнік Франака Вячоркі* (Diário Militar de Franak Viačorka, traduzido na íntegra em minha dissertação) conta as experiências do ativista belarusso durante seu cativeiro no exército. Aos 20 anos de idade, Viačorka foi expulso da faculdade de jornalismo da Universidade Estatal de Belarus por liderar manifestações contra o regime, em conjunto com a juventude da Frente Popular Belarussa (BAJ, 2008; COSTA, 2020). Após a expulsão, Viačorka foi violentamente recrutado ao exército belarusso, apesar de anteriormente ter sido eximido do serviço militar obrigatório, por problemas de saúde.

Com a ajuda de uma rede de contatos, Viačorka publicava seus relatos no portal de notícias naviny.by enquanto estava alocado nos quartéis de Baranavičy e Mazyr, sendo este último seu posto definitivo, localizado na zona radioativa de Tchernóbyl⁷. Tanto na vida real quanto no filme, ele e as pessoas que colaboraram com ele foram alvo de ameaças e retaliações dos militares, o que provocou a interrupção das publicações.

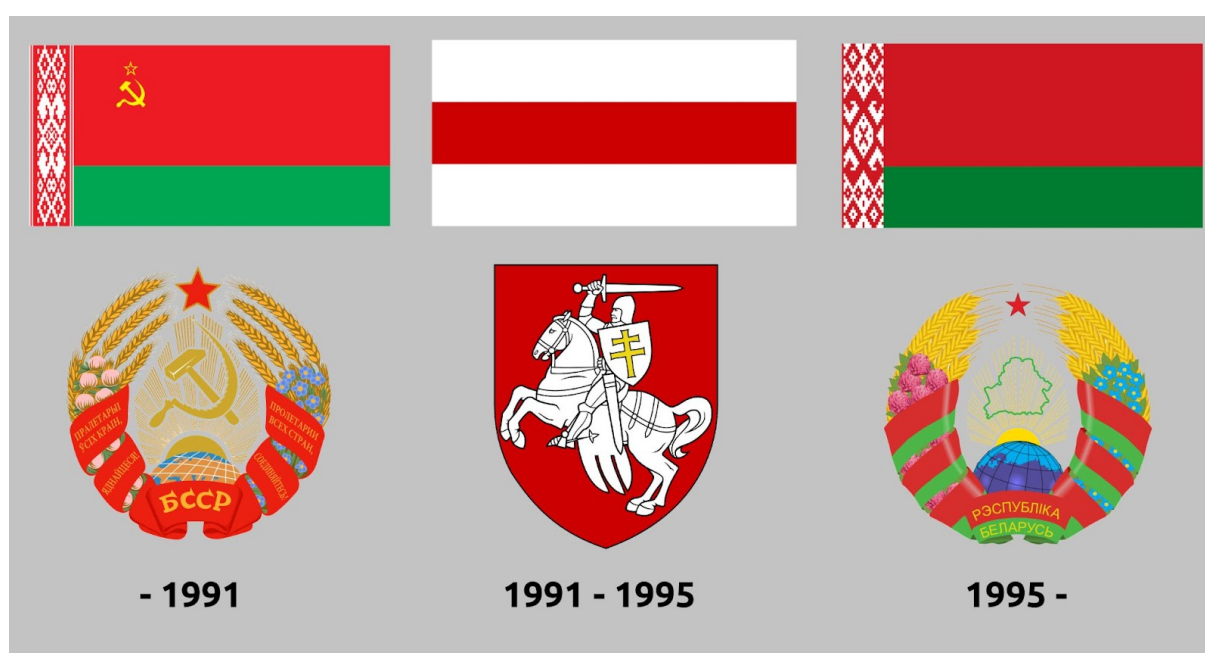
O blog teve grande repercussão na sociedade belarussa da época, denunciando os maus-tratos e as condições desumanas em que viviam os soldados, o que levou o exército a realizar melhorias em suas instalações e dar um tratamento mais digno aos recrutas. Além disso, uma das principais conquistas do blog foi a tradução do regimento militar para a língua belarussa, que, a partir de então, passou a ser oficial, em conjunto com a versão russa.

⁷ Do ucraniano *Чорнобыль* (IPA: [tʃɔr'nɔbɪlʲ]). Uma vez que ucraniano é o único idioma oficial da Ucrânia, a transliteração de seus topônimos deve ser feita a partir deste idioma, desconsiderando-se assim a forma russófona “Tchernóbyl” ou “Chernobyl”, remanescente do período soviético.

1.3 VIVA BELARUS!

A narrativa de *Viva Belarus!* começa na capital, Minsk, e é centrada na figura de Miron Zacharka, vocalista da banda de rock Forza, cujas canções são em idioma belarusso e recheadas de protestos velados contra a ditadura, a favor da liberdade de expressão e dos símbolos tradicionais do país – principalmente a bandeira branca-vermelha-e-branca (**Figura 2**), sempre a brandir nas apresentações da banda.

Figura 2 – Esquerda: Símbolos da antiga República Socialista Soviética da Bielorrússia (1919 – 1991); Centro: Bandeira branca-vermelha-e-branca e brasão *Pahonia*, herança pré-soviética retomada nos primeiros anos de independência da atual República de Belarus. Direita: Bandeira e brasão instituídos por Lukašenka, em 1995.

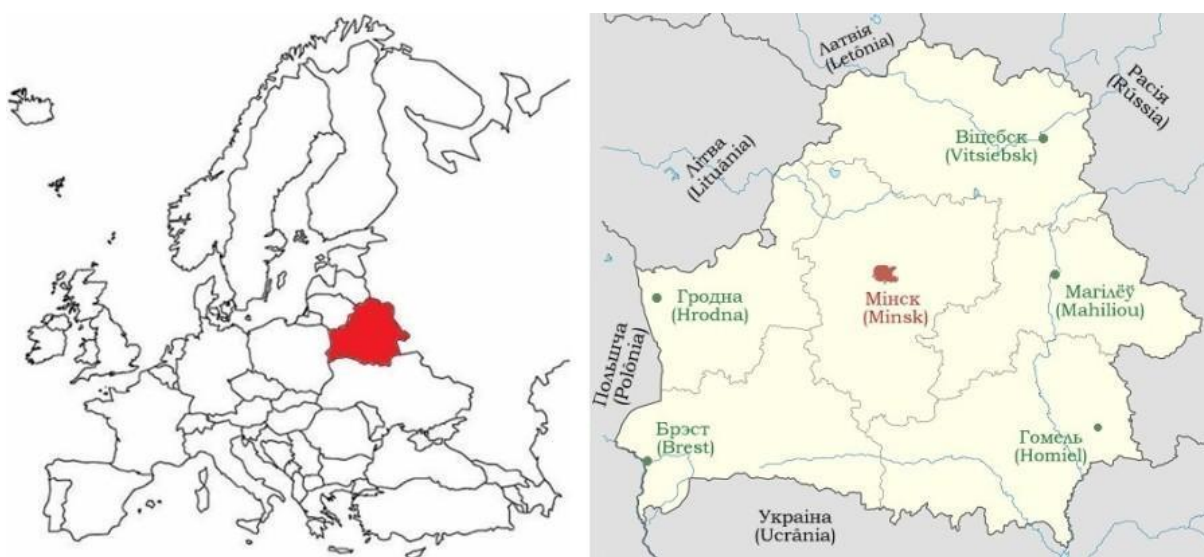


Fonte: KOTLJARCHUK, 2004 (adaptado).

Durante uma dessas apresentações, enquanto o público entoava *Жыве Беларусь!* (“Viva Belarus!”, lit. “Belarus vive”), e outros *slogans* amplamente associados à oposição e, *de facto*, proibidos pelo aparelho estatal, a tropa de choque da polícia invade o recinto, usando bombas de gás lacrimogêneo e, com extrema truculência, leva grande parte do público e os integrantes da banda para a delegacia. Miron e Vera Hienijuš, uma jornalista com quem ele havia conversado antes do show, conseguem escapar. Contudo, agentes da KGB o capturam no dia

seguinte. Miron é condenado a prestar serviço militar, do qual ele havia sido eximido previamente devido a problemas de saúde. Ao manifestar-se contrário à decisão, Miron é espancado pelos agentes, que o levam de imediato ao quartel onde deverá servir ao exército, no sul do país, a menos de 100 quilômetros de Tchernóbyl (**Figura 3**).

Figura 3 – À esquerda: Localização de Belarus na Europa. À direita: Mapa de Belarus com as capitais das regiões administrativas (verde) e capital do país (vermelho).



Fonte: FRANCO, 2015.

No quartel, Miron percebe que o nível de russificação é ainda maior do que em outras esferas da sociedade. Embora pela constituição a língua belarussa seja oficial, no exército ela é totalmente execrada e não é permitido sequer jurar à bandeira em belarusso. Indignado, Miron decide escrever um blog para relatar sua experiência. Para tanto, ele consegue um telefone celular contrabandeado – uma vez que os soldados praticamente não têm comunicação com o mundo exterior – e, com a ajuda de Vera, cria anonimamente o blog saldat.blog.by, que não tarda a causar grande impacto na sociedade, denunciando as perseguições aos soldados belarussófonos e as péssimas condições em que eles vivem durante os dois anos de serviço militar obrigatório. Os comandantes do quartel não tardam a descobrir o que se passa, impondo duras retaliações a Miron e Vera. Contudo, a repercussão do blog é tamanha que o regime passa a permitir que os soldados jurem à bandeira em belarusso e lhes concede condições de alojamento menos desumanas.

Agora conhecido por todo o país, Miron decide levar sua militância a um nível ainda mais alto, candidatando-se a deputado, com o objetivo de denunciar as fraudes do sistema eleitoral belarusso. Munido de um telefone celular com câmera de vídeo, Miron se esconde na sala de contagem dos votos e grava o momento em que os mesários fraudam o resultado, que dava ampla vitória a ele, e elegem um candidato leal a Lukašenka. Descoberto, Miron corre de seus perseguidores e acaba por sofrer um acidente vascular cerebral, tendo metade do corpo permanentemente paralisada. Finalmente dispensado do serviço militar, Miron volta para a capital e se engaja nas manifestações pacíficas contra as eleições presidenciais fraudulentas, onde as tropas de choque atacam cruelmente a população civil e desarmada. O filme termina com Miron sendo detido mais uma vez, junto com a multidão, sem perspectivas de um futuro melhor.

Por motivos óbvios, a exibição do filme foi terminantemente proibida em Belarus. Não obstante, o filme logrou uma série de prêmios em festivais internacionais, como os de Bruxelas, Viena, Istambul e Varsóvia (WYSON, 2014).

Uma das diferenças mais notáveis entre os protagonistas, Viačorka, no blog, e Zacharka, no filme, é que, diferentemente do primeiro, o segundo tem um posicionamento político consideravelmente moderado, isto é, não um ativista/militante como o primeiro, aproximando-se assim do cidadão comum, que, embora seja favorável ao idioma e símbolos nacionais belarussos, não quer se envolver em confusões com os agentes do regime e fala russo sempre que lhe convém. É possível supor que tal estratégia de tradução intersemiótica visa aproximar a personagem do público geral, que poderia não se identificar com a militância de Franak, cuja fama de nacionalista que ousa falar exclusivamente na língua nacional poderia ser enxergada como “causa” de suas punições. Como veremos adiante, a personagem Zacharka mostra ao público que não é necessário se destacar da maioria para sofrer perseguição – toda e qualquer pessoa corre esse risco. Não obstante, vemos o protagonista avançar como indivíduo cada vez mais firme em suas determinações políticas. Ao longo da narrativa, sua identidade belarussa se desenvolve em uma militância cada vez mais aguerrida e influente, como a de Viačorka, sofrendo consequências proporcionalmente mais graves.

2 TRADUÇÃO E COLONIALIDADE

Traduzir, de certa maneira, é colonizar. Quando alguma pessoa pergunta se Belarus significa “Rússia Branca” por exemplo, ou assume (erroneamente) que meu nome significa “filho do pai”, de algum modo ela está tentando se apropriar daquele termo “estranho”, tornar aquele “outro” parte de seu mundo, daquilo que ela conhece. Quando damos nomes às coisas, é como se nos apossássemos delas; quando as sentimos, elas perdem o mistério, passam a fazer parte da nossa leitura de mundo, a fazer sentido dentro do nosso padrão de normalidade.

Para viver em comunidade, nós, seres humanos, precisamos de convenções que coadunem esses padrões individuais, gerando assim alucinações coletivas que simulam uma suposta realidade experimentada por todas as pessoas dentro de um espaço geográfico, semelhante ao conceito de Lei e Ordem, estipulado por Neusa Souza (1983, p. 33). Essa realidade, é invariavelmente controlada por quem está em posição de poder. No Brasil, ela foi imposta por um grupo de invasores europeus e, depois da colônia, por seus descendentes, inaugurando assim a era pós-colonial e o conceito de colonialidade que continua a operar sobre nossos referenciais culturais quando traduzimos, como já alertava Nkrumah, no contexto africano, ao dizer que “após a independência, as velhas elites permaneceram virtualmente intactas e adquiriram força ainda maior” (1972, p. 32)⁸. Em outras palavras, traduzir, de um jeito ou de outro, é transportar uma mensagem de uma linguagem alheia para o sistema de signos de quem exerce poder sobre nós, mesmo quando esse “nós” se sente representado, uma vez que sua posição resulta de um discurso de poder ainda mais antigo, que o consolidou em primeiro lugar.

Este texto não deixa de ser uma tradução – não interlingual, mas intersemiótica, isto é, da minha leitura de mundo – e, portanto, está influenciado por esse sistema. É devido ao processo brevemente relatado acima que eu o escrevo em português, ainda que há muito tenhamos nos libertado nominalmente do jugo lusitano. Entretanto, dificilmente alguém no mundo há de pensar que eu necessariamente seja português, por escrever nesta língua, ou que, por ser brasileiro, tenho grande afinidade com a política e a cultura de Portugal. Da mesma maneira, soaria estranho perguntar a que califado Portugal pertence, dizer que sua língua é um

⁸ Tradução minha, do inglês, de: “After independence, the old elites remained virtually intact, and acquired greater strength”.

crioulo do latim ou mesmo de origem céltica, características que outrora poderiam ser relevantes. Contudo, questões semelhantes são lançadas a pessoas de países cuja independência foi conquistada há menos tempo, de nações que até uma ou duas gerações atrás ainda sofriam na pele as agruras do colonialismo escancarado. Seria então a colonialidade uma questão de tempo, isto é, quanto mais distante o passado colonial, mais autônoma é a nação contemporânea? No que toca a tradução, esta seria menos influenciada pela antiga metrópole à medida em que a influência desta esmaece?

2.1 TEMPO E PODER

Stuart Hall já se perguntava em seu artigo *Quando foi o pós-colonial? Pensando no limite* (2003), no qual observa que o pós-colonial não é tanto uma questão de dimensão temporal, mas de uma abordagem crítica desse passado. Se fosse apenas uma questão de tempo para que a ressaca pós-colonial passasse, nações como Irã, Afeganistão e Turquia não seriam estereotipadas, aos olhos ocidentais, como árabes até hoje, enquanto países como Austrália, Canadá e Nova Zelândia, ainda súditos da coroa britânica, seriam vistos como meras extensões ultramarinas da metrópole. Se abordarmos criticamente o passado de cada país, veremos que a colonialidade é uma condição humana universal, posto que ela faz parte da história de todas as populações humanas, pois todo povo já foi dominado por, no mínimo, outro, ao longo de sua história.

Anderson (2008) argumenta que, seja ele vizinho ou ultramarino, o distanciamento hierárquico é comum às noções de colonialismo e imperialismo – e é exatamente desse processo que a própria nação resulta. Sendo assim, podemos perceber que a colonialidade é universal e atemporal, portanto, falar de colonialidade é falar da intensidade em que ela é sentida, das tensões que ela provoca, do poder que ela exerce em determinada cultura. Nas hegemônicas, esse poder é um tênue palimpsesto (GENETTE, 1989), resquício de um vínculo colonial que há muito deixou de ser sentido na pele de seu povo, como, por exemplo, o brasão francês da Grã-Bretanha, ilha que, etimologicamente, se trata de uma extensão da França, a qual, por sua vez, tem nome originalmente germânico, ou ainda a sesta ibérica, herança da xaria.

Na América, essa colonialidade é sentida com mais intensidade, muito porque a colonização nunca acabou, apenas foi internalizada: as populações euro-americanas passaram a controlar as colônias sem ter que prestar contas às metrópoles europeias, como aponta Anderson (2008, p. 84): “Todos, inclusive os Estados Unidos, eram estados crioulos, formados e liderados por gente que tinha a mesma língua e a mesma ascendência do adversário a ser combatido”. As populações eurodescendentes daqui não lutaram pela independência por ódio contra as metrópoles, aliás, elas sequer lutaram, pois enviaram para as linhas de frente pessoas das “classes baixas” (p. 86), leia-se, majoritariamente indígenas e negras, justo aquelas que elas temiam que se revoltassem, sem poder contar com o apoio militar das metrópoles, então assediadas por Napoleão. Foi o ódio às populações negras e indígenas – e não às brancas europeias – mais a ganância crioula (na acepção utilizada por Anderson) que fundamentaram os atuais países americanos e, até hoje, são esses fatores que mantêm a colonialidade tão forte nesta parte do globo.

Entretanto, o termo “pós-colonial” como campo de estudos surgiu com sua atual configuração, como nos mostram Joaze Bernardino-Costa e Ramón Grosfoguel (2016, p. 16) depois da Segunda Guerra Mundial, nas discussões que se sucederam à descolonização da África, Oceania e grande parte da Ásia e Caribe, assim, ignorando-nos:

Apesar de uma longa história colonial na América Latina e de reações aos efeitos da colonização, que podemos chamar de colonialidade, intelectuais dessa região não figuraram e não figuram no campo de estudos pós-coloniais. Por exemplo, Homi Bhabha, Edward Said e Gayatri Spivak – os nomes mais expressivos do campo acadêmico pós-colonial – não fazem nenhuma referência à América Latina nos seus estudos.

Com efeito, a colonialidade nesses países é um tema ainda mais atual do que na América Latina, posto que neles há muitas pessoas que se lembram do recente período colonial, cujas marcas de dependência continuam uma constante nas suas vidas e das novas gerações. Exemplo disso é o franco CFA, sigla que significava originalmente “Colônias Francesas da África”, posteriormente maquiada para “Comunidade Financeira Africana” (ESTEVEVES, 2017, p. 80), moeda de quatorze países africanos cujas economias até hoje são controladas diretamente pela antiga metrópole, e da *Commonwealth*, uma iniciativa britânica de manter suas ex-colônias sob sua esfera de influência através do *soft power*.

“O colonialismo não é uma máquina de pensar, não é um corpo dotado de razão. É a violência em estado bruto e só pode inclinar-se diante de uma violência maior” já dizia Fanon (1968, p. 46). O pós-colonial não é apenas uma questão temporal, como vimos, mas também uma questão de poder. Quanto mais poderosa se torna a nação, menos relevante é a memória do colonialismo e mais voz ela terá enquanto entidade internacional autônoma e soberana. Seguindo esse raciocínio, podemos, então, pensar no pós-colonial em três níveis básicos de intensidade/relevância, que variam de acordo com tempo e poder alcançado pelas nações:

1. Passado colonial recente: é o caso de quase todos os países africanos, do sul asiático, Caribe e Oceania, os quais conseguiram independência após o enfraquecimento da Europa pós-Segunda Guerra, ao longo do século XX e que iniciaram, frequentemente em trânsito com a antiga metrópole, o campo de estudos culturais pós-coloniais;
2. Passado colonial intermediário: engloba praticamente toda a América continental, com exceção das Guianas, Belize e, *de jure*, o Canadá. Raramente contemplado nos estudos pós-coloniais, este grupo de países tem maior autonomia que o primeiro em relação às suas metrópoles e maior reconhecimento perante a comunidade internacional;
3. Passado colonial remoto: em termos gerais, poderíamos dizer que são todos os países que já não comemoram um dia de independência, pois foram colonizados ainda antes de suas atuais configurações. É o caso do Reino Unido em relação à França, ou destes em relação a Roma; de Portugal e Espanha em relação a estes últimos ou ainda ao Magrebe; da Rússia em relação à Mongólia. São também países que alcançaram poder suficiente para ofuscar esse passado, o que inclusive se verifica a nível linguístico: embora cerca de 60% do vocabulário inglês seja de origem latina, dificilmente alguém vai chamar a língua inglesa de dialeto, crioulo ou francês/latim-quebrado, por exemplo. Já os EUA alcançaram tamanho poder que chegam a representar o continente inteiro em inúmeras línguas, a ponto de as populações dos demais países americanos praticamente não poderem, em muitas situações, se dizerem americanas sem assim arriscarem serem entendidas como estadunidenses. Todavia, considerando a dimensão temporal, os EUA ainda se mantêm no segundo grupo.

Entretanto, há um enorme espaço geopolítico ignorado tanto nas discussões pós-coloniais anglófonas quanto lusófonas, mas com características de ambas as esferas e que se encaixam *simultaneamente* em todos os grupos mencionados acima: as antigas repúblicas soviéticas. Nelas há desde a Rússia, que se encaixaria no grupo 3, a repúblicas separatistas *de facto* independentes, mas reconhecidas por pouquíssimos membros da comunidade internacional, como a Abecásia, Artsaque, Ossétia do Sul e Transnístria. A independência de todos esses países é ainda mais recente do que as do grupo 1, tendo sido lograda no início dos anos 1990, tempo insuficiente para que suas vozes se consolidassem no imaginário global, mesmo porque, a antiga metrópole ainda exerce considerável poder na região, a exemplo da guerra na Ucrânia.

Esta situação nos mostra como a “violência ainda maior” à qual Fanon se refere é apenas o começo, o rompimento inicial do vínculo colonial/imperial. Como um dos líderes da guerra de independência da Argélia, o célebre mártir argelino Larbi Ben M’hidi afirmara: “Começar uma revolução não é fácil. Continuá-la é mais difícil, mas só depois da nossa vitória é que começarão as verdadeiras dificuldades”⁹ (CINEMATIC RATING, 2020), o que nos mostra como o poder alcançado por uma nação a ponto de torná-la soberana depende de uma relação com o poder de sua antiga metrópole e a percepção dessa relação diante da comunidade internacional, como veremos adiante, no campo da tradução. Fanon certamente entendeu essa dinâmica quando utilizou a palavra “violência” e não poder, nesse caso, posto que o poder é muito mais melindroso do que a violência bruta, como Foucault pontua (2019, p. 29-30):

Se o poder fosse sempre repressivo, se nunca fizesse outra coisa a não ser dizer não, vocês realmente acham que ele seria obedecido? O que faz com que o poder persista, que seja aceito, é que ele não pesa apenas como uma força que diz não, mas, de fato, atravessa, produz coisas, induz prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social, muito mais do que uma instância negativa cuja função é reprimir.¹⁰

⁹ Tradução minha, do árabe, de: “يصعب على الشعب... أن يبدأ ثورة... ويصعب أكثر مواصلتها والأكثر صعوبة أن ينتصر، ولكن بعد ذلك... بعد الانتصار تبدأ الصعوبات الحقيقية”.

¹⁰ Tradução minha, do espanhol, de: “Si el poder fuera siempre represivo, si nunca hiciera otra cosa que decir no, ¿creen ustedes de verdad que se lo obedecería? Lo que hace que el poder persista, que se lo acepte, es que no pesa solo como una fuerza que dice no, sino que, de hecho, atraviesa, produce cosas, induce placer, forma saber, produce discurso. Hay que considerarlo como una red productiva que atraviesa todo el cuerpo social, mucho más que como una instancia negativa cuya función es reprimir”.

O poder produz epistemes, forma visões de mundo que são traduzidas em pensamentos. Como argumenta Plaza (2003, p. 18) em sua obra *Tradução Intersemiótica*: “Por seu caráter de transmutação de signo em signo, qualquer pensamento é necessariamente tradução”. Nossos pensamentos resultam de um mundo influenciado por esse jogo de poderes e isso invariavelmente se estende às traduções. Isso é ainda mais evidente na forma como entendemos países, isto é, não como sobreviventes de uma longa e interminável guerra que são, posto que cada país que existe hoje lutou – e muito – para garantir sua soberania e merece tanto respeito quanto os demais, mas sim, na prática, como uma espécie de tabela de Snellen, cujas letras miúdas pouco importam e não há preocupação em obter óculos que deem jeito.

2.1.2 Tradução e silenciamento

Na tradução interlingual, o jogo de poderes frequentemente se reflete nas opções de tradução a partir da língua de maior prestígio, aquela falada pela nação que exerce mais poder na região, frequentemente a antiga metrópole. Os nomes das antigas repúblicas soviéticas entraram na língua portuguesa através da língua russa, dominante naquele país que desmoronou há décadas, mas que ainda continua a ser referência não só no imaginário lusófono como, de um modo geral, no resto do mundo. Isto se deve, como vimos, a um desequilíbrio entre o parco poder alcançado pelas antigas repúblicas periféricas frente à hegemonia regional da grande – maior do mundo em território – e geograficamente próxima ex-metrópole. Nomes como Bielorrússia, Moldávia, Quirguízia e Turquemênia ainda ressoam na língua portuguesa, com maior ou menor frequência, frente às retificações Belarus, Moldova, Quirguistão e Turcomenistão, tais como figuram no portal do Itamaraty (2020). A capital da Ucrânia ainda é quase que unanimemente *Kiev*, e esse “quase” desaparece em relação à de Belarus, Minsk. Enquanto uma rápida pesquisa poderá mostrar que o endônimo da capital ucraniana seja *Kyiv* (é bom ressaltar que a Ucrânia tem somente um idioma oficial, o ucraniano), é necessário um mergulho na história para descobrir que Minsk originalmente se chamava Miensk, nome que continua até hoje no registro mais culto do idioma belaruso, conhecido como *kliasičny pravapis* (ortografia clássica) ou *taraškievica* (cf. seção 4.1.1).

O caso de Belarus é, aliás, o mais representativo de tudo o que vimos até agora. O maior país europeu sem saída para o mar é também a mais antiga ditadura do continente, na atualidade. Nas últimas três décadas no poder, Aliaksandr Lukašenka vem aproximando Belarus da Rússia à beira do apagamento da soberania do país e de sua identidade nacional. A começar pelo referendo inconstitucional de 1995, que alterou os símbolos nacionais, o ditador impôs, desde sua posse, uma política de integração com a vizinha oriental (VAJTOVIČ; SKIEMA, 1995, p. 2) e a adição de seu idioma como cooficial. Esse ato tem consequências nefastas para o idioma e o povo belarusso, como mostram as estatísticas.

Segundo o censo de 1989, 70,9% da população da então República Socialista Soviética da Bielorrússia considerava o belarusso como seu idioma nativo (GOSKOMSTAT, 1989, p. 37). Com a independência e surgimento da atual República de Belarus, que tinha inicialmente apenas belarusso como idioma oficial, esse número subiu para 85,6%, em 1999, década em que Lukašenka chegou ao poder, o que fez com que esse número desabasse para 60,3%, em 2019 (BELSTAT, 2020, p. 36). Sussex e Cubberley (p. 87-89) apontam para uma continuidade do processo de russificação iniciado em fins do século XVIII e revigorado pela atual política de aproximação com Moscou. Como resultado, o idioma russo em Belarus é, na atualidade, profundamente associado ao regime de Lukašenka (BIALIATSKI, 2007; BEKUS, 2014, p. 42; KOMOROVSKAYA, 2016, p. 19).

Johnson (2017) ainda aponta que tal fenômeno se deve também à omissão dos EUA e União Europeia em ajudar Belarus a se integrar economicamente com o mundo ocidental após o colapso socialista, o que foi feito com os países bálticos, hoje membros da OTAN e da UE, por exemplo. Isso reforça a tese de que o jogo de poderes – e de como uma nação é percebida pela comunidade internacional, o que irá refletir na tradução – passa não só pelo país emergente, como também pelo desempenho de sua antiga metrópole e da forma como esta relação é vista pelos demais países.

É interessante perceber, entretanto, que, de acordo com o argumento de Hall, ex-repúblicas como Lituânia, Letônia e Estônia, as mais independentes da esfera de influência moscovita, são as que melhor encarnam o conceito de colonialidade, posto que seus esforços em condenar o passado soviético não deixam de ser uma formidável abordagem crítica daquele período que, em contrapartida, Belarus parece ainda viver. Dessa forma, enquanto os primeiros ganham cada vez mais voz, tendo seus endônimos respeitados e suas traduções

feitas a partir de suas línguas, Belarus continua a ser traduzida no exterior a partir de uma língua que não é sua, que a corrói e silencia.

O que podemos fazer, então? Em um contexto global, estamos muito mais perto de Belarus do que dos países hegemônicos que tentam nos seduzir com as produções epistêmicas de poder apontadas por Foucault, que silenciam e limitam o alcance de discursos periféricos. Vasił Bykaŭ (1995, p. 15), um dos mais renomados escritores belarussos, dizia que:

O nacionalismo de uma grande nação inevitavelmente se torna chauvinismo e imperialismo, enquanto o nacionalismo de uma pequena nação, não importa qual ele seja, sempre almeja, em primeiro lugar, a sobrevivência dessa nação em meio a outras.¹¹

Em termos freireanos, poderíamos dizer que o nacionalismo de uma “grande nação” tem caráter excludente, enquanto o nacionalismo de uma “pequena nação” tem caráter includente. Seguindo esse pensamento, traduzir a partir da língua de uma cultura hegemônica, como no caso da Rússia em relação a Belarus, ou mesmo, no caso do Brasil, da colonialidade lusófona em relação aos povos originários (cf. 2.2.1), é silenciar a voz da cultura periférica, privar-lhe de protagonismo sobre sua própria história na língua de chegada, negar-lhe, inutilmente, seu direito à existência. Sem provas, sem argumentos, tamanho desrespeito é guiado pela fé cega da ignorância, como cabrestos postos com o orgulho de alguém que se sente, ainda que isso não se reflita de maneira alguma em sua vida, superior. Por outro lado, ao traduzirmos a partir da cultura local, respeitando o que ela tem a dizer, reconhecemos sua voz e direito de existir, enriquecemos nossa visão de mundo, aprendemos. É uma grande hipocrisia nos indignarmos quando alguém nos generaliza, privando-nos de nossa identidade, enquanto fazemos o mesmo contra quem nunca nos agrediu. Traduzir é investigar e uma boa investigação, ética e eficiente, exige que todas as partes sejam analisadas e ouvidas.

Desta forma, a tradução de *Viva Belarus!* foi feita, como veremos mais adiante, de modo a espelhar a maneira como cada personagem fala, respeitando seu idioma como sua identidade e transplantando isso para a legenda, seja ao evidenciar que idioma está sendo falado, ou quando optamos pela transliteração específica do idioma em questão – belarusso,

¹¹ Tradução minha, do belarusso, de: “Нацыяналізм вялікай нацыі непазбежна перараджаецца ў шавінізм і імперыялізм, а нацыяналізм малой нацыі, якім бы ён ні быў, накіраваны перш за ўсё на выжыванне сваёй нацыі сярод іншых”.

russo e o espectro entre os dois idiomas, comumente chamado de trasianka – o que se revela, inclusive, na transcrição dos nomes das personagens: Miron Zacharka em russo se torna Miron Zakharko; o recruta Šery é chamado de Siéryi por seus opressores russófonos. Fora do filme, o mesmo ocorre com nomes de lugares, como Viciebsk e Hrodna, que em russo são reescritas como Vitebsk e Grodno, ainda que a Lei dos Idiomas da República de Belarus (ZAKON, 2021) exija que a transliteração sempre seja feita a partir do belarusso. A simbologia vista no filme reflete essa dicotomia, que vai além da legendagem, a exemplo da bandeira alvirrubra, utilizada por nacionalistas, e rubro-verde, imposta pelo regime, fenômenos que se manifestam tanto no blog, na luta de Viačorka, quanto no filme, na trajetória de Zacharka.

2.2 TRADUÇÃO E IDENTIDADE

(...) a questão e a teorização da identidade é um tema de considerável importância política, que só poderá avançar quando tanto a necessidade quanto a “impossibilidade” da identidade, bem como a suturação do psíquico e do discursivo em sua constituição, forem plena e inequivocamente reconhecidos.

Stuart Hall (2014, p. 131)

Observando o trecho acima, em que Stuart Hall versa sobre a necessidade dos estudos identitários e de sua importância discursiva e psicológica, não imanente, como o termo por vezes sugere, percebi que essa “impossibilidade” da qual ele fala é praticamente a mesma com a qual nos deparamos na tradução. A tradução, no sentido literal, é uma tarefa impossível, pois não há total equivalência entre dois idiomas (tradução interlingual), dois registros de um mesmo idioma (intralingual) ou linguagens verbais para não-verbais (intersemiótica), de acordo com a teoria de Roman Jakobson (1959), ou seja, a noção de equivalência é uma abstração, uma aproximação de interpretações utilizadas para facilitar o ato de traduzir.

Assim como a construção de uma identidade, a tradução também é uma tarefa arbitrária, que passa por escolhas, discursos e sentimentos experimentados por várias subjetividades que contribuem nesse processo, de maneira que acredito ser possível interpretar a construção de uma identidade nacional, étnica, racial ou de gênero, dentre outras, como uma forma de tradução das vivências dessas subjetividades. Assim como um livro é uma tradução de leituras

de mundo passadas para uma linguagem essencialmente verbal, pode-se considerar o discurso de identidade de um povo como uma tradução de experiências coletivas históricas, passivas, como qualquer tradução, de escolhas, interesses e pontos de vista que variam de acordo com o tempo e as necessidades.

Essa tradução histórica é feita não apenas por grupos humanos marginalizados, como as “pequenas nações”, segundo Bykaŭ, mas também por outros atualmente considerados hegemônicos. Os primeiros constroem discursos identitários como instrumento de união, em prol de uma causa – igualdade de direitos e oportunidades – em relação àqueles que estão no centro, os quais, por sua vez, usam discursos identitários para manterem o *status quo*.

Em Belarus, de modo geral, existem dois discursos identitários em conflito: um, nacionalista e marginalizado, é o do povo belarusso que baseia seu discurso de identidade em torno do idioma nacional, e sua história, principalmente no Grão-ducado da Lituânia, Estado medieval que, em seu auge, chegou a ser o maior da Europa, e cuja língua oficial e etnia dominante era belarussa (cf. 7.2); o outro, autoritário e centralizado, é o do povo belarusso que baseia seu discurso de identidade em torno do idioma russo, e sua história na antiga União Soviética, cuja língua e etnia dominantes eram russas (KOTLJARCHUK, 2004).

Nesse contexto, cabe observar que as definições de sujeitos identitários propostas por Hall (1998), a saber, sujeito iluminista, sociológico e pós-moderno, traçam uma linha cronológica que, aparentemente, contextualiza o ser humano atual enquanto o último, o que até pode ser o caso do Reino Unido e Europa Ocidental, mas não se consolidou em Belarus, país que hoje vive uma guerra identitária, tanto dentro quanto fora de si. Esta situação é brilhantemente ilustrada por Akudovič, quando este diz que “Se nas guerras entre povos ao menos de vez em quando há intervalos, nas guerras de culturas intervalos não existem”¹² (2007, p. 82).

Essas incessantes guerras culturais, como todas as outras, carecem da “honestidade para confessar: Eu mato para roubar” (GALEANO, 2009)¹³. Assim, podemos dizer que o Reino Unido vivido pelo teórico jamaicano ocupa lugar central no jogo do poder, resultado de

¹² Tradução minha, do belarusso, de: “Калі ў войнах паміж народамі хоць зрэдка здараюцца перапынкі, то ў войнах культураў перапынкаў не бывае”.

¹³ Tradução minha, do espanhol, de: “(...) honestidad de confesar: Yo mato para robar”.

séculos de exploração colonial e acúmulo de riquezas¹⁴, enquanto Belarus se encontra dividida entre dois discursos identitários: de um lado, o regime russificante de Lukašenka e, do outro, o discurso nacionalista de ativistas e intelectuais dentro e fora do país, a favor da língua belarussa e do distanciamento da antiga metrópole. Essa identidade híbrida da Belarus contemporânea é o que a contextualiza como sujeito sociológico, cujo núcleo não é autônomo e autossuficiente e se forma no conflito com o outro.

A seguir, proponho uma reflexão sobre as estratégias dos protagonistas e outras personagens, reais e fictícias, no blog e no filme, aqui considerados como estratégias de tradução identitária, enquadradas na hipótese dicotômica que veremos, tendo como ponto de partida o capítulo *O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem*, da obra *A inconstância da alma selvagem (e outros ensaios de antropologia)*, de Viveiros de Castro (2002).

2.2.1 Estratégias de resistência

“O que a baioneta russa não fez, o político russo, a escola russa e o padre russo hão de fazer”¹⁵
Mikhail Muraviov-Vilenskii (BYKOVSKII, 2017)

"outros [sic] gentios são incrédulos até crer; os brasis, ainda depois de crer, são incrédulos"
Antônio Vieira (*apud* VIVEIROS DE CASTRO, 2002)

Observando essas duas citações, deparamo-nos com dois processos colonizatórios distantes em tempo e espaço, mas com um certo sentimento único de frustração e mesmo indignação de seus agentes diante da resistência dos povos colonizados. Na primeira, o governador da então recém-anexada Região Noroeste do Império Russo, no século XIX, cujos territórios correspondem, atualmente, a Belarus e Lituânia, admite que seu poderio militar não foi o suficiente para exterminar a identidade dos povos belarusso e lituano e, conseqüentemente, assimilá-los ao povo russo, tarefa entregue, então, às instituições civis russas. Séculos antes, os jesuítas já defendiam semelhante estratégia no território atualmente

¹⁴ No artigo *Ці можна назваць слабой беларускую ідэнтычнасць?* (Pode-se mesmo dizer que a identidade nacional belarussa é fraca? (COSTA, 2021c, em belarusso)), sustento a tese que o aspecto econômico é o de maior peso quando se trata de questões identitárias, argumentando que países como RU, EUA e Suíça, em termos étnicos, geográficos e históricos, são mais “fracos” que Belarus, tendo mais reconhecimento internacional apenas por suas riquezas materiais.

¹⁵ Tradução minha, do russo, de: “Что не доделал русский штык — доделает русский чиновник, русская школа и русский поп”.

ocupado pelo Brasil: “Uma peça essencial da luta contra o canibalismo (...) foi a internação dos meninos índios nas escolas jesuíticas, com a inculcação muito provável de um horror sagrado àquela prática” (2002, p. 261). Na segunda citação, Vieira registra o espanto diante do povo tupinambá, o qual, logo depois da catequese, volta às suas tradicionais crenças, chamadas por ele de “maus costumes”.

Seguindo o pensamento dicotômico de Vieira, nações como a tupinambá seriam como a murta, as quais “em levantando a mão e a tesoura o jardineiro, logo perdem a nova figura” (p. 184), enquanto a belarussa seria o mármore, como se refere às nações que “cerram-se, teimam, argumentam, replicam, dão grande trabalho até se renderem; mas, uma vez rendidas (...) não é necessário trabalhar mais com elas”. Se para Vieira as últimas representam antigas inimigas derrotadas e conquistadas pela fé cristã, a primeira é vista como uma ameaça, à qual seu tratado se destina como uma espécie de recomendação (2002, p. 184):

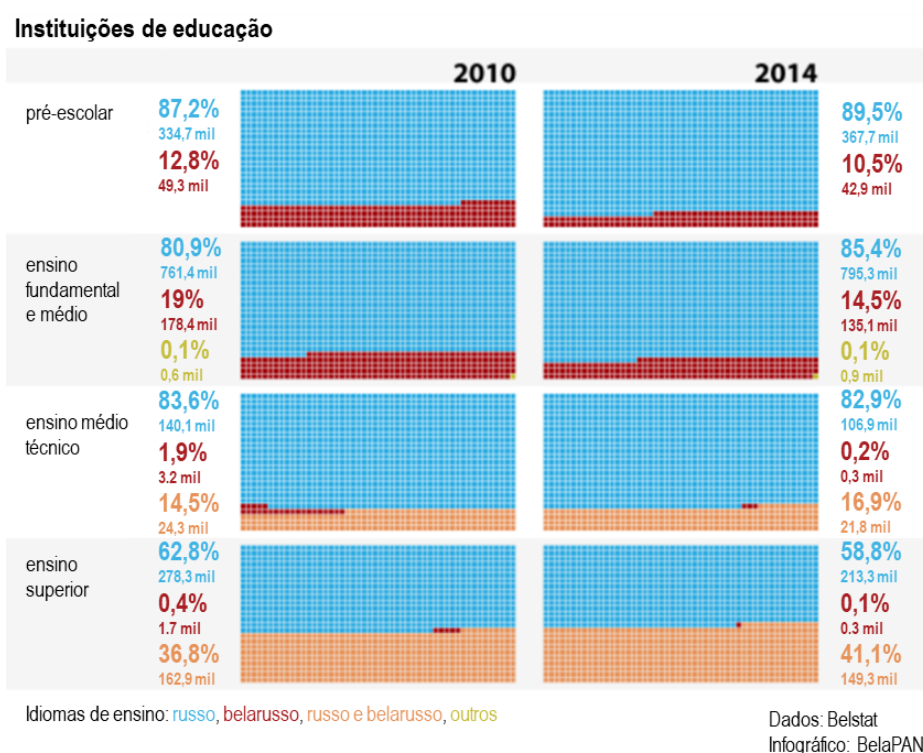
É necessário que assista sempre a estas estátuas o mestre delas: uma vez, que lhes corte o que vicejam os olhos, para que creiam o que não vêem; outra vez, que lhes cerceie o que vicejam as orelhas, para que não dêem ouvidos às fábulas de seus antepassados; outra vez, que lhes decepe o que vicejam os pés, para que se abstenham das ações e costumes bárbaros da gentildade. E só desta maneira, trabalhando sempre contra a natureza do tronco e humor das raízes, se pode conservar nestas plantas rudes a forma não natural, e compostura dos ramos.

Viveiros de Castro desconstrói esse discurso etnocêntrico ao trazer a discussão à luz da antropologia moderna, argumentando que “os missionários não viram que os ‘maus costumes’ dos Tupinambá eram sua verdadeira religião, e que sua inconstância era o resultado da adesão profunda a um conjunto de crenças de pleno direito religiosas” (p. 192). Ele ainda sugere que a cultura tupinambá se baseia na relação com os outros povos, na troca, e não na coincidência e defesa da própria identidade, como o pensamento colonialista prega. Isso explicaria por que as tupinambás recebiam, de bom grado, a catequese, sem deixar de lado sua cultura: a aparente murta apenas serve de fachada para um duro mármore. Séculos se passaram, os invasores portugueses foram expulsos, agora por um Estado por eles implantado, um Estado lusófono tão hostil ao povo tupinambá e outros povos originários daqui quanto lhes era a colônia. Um Estado que continua a chamá-los de “índios”, termo reconhecidamente errôneo desde o século XVI, assim que os europeus entenderam que aqui não é a Índia; que continua a ameaçá-los, aculturá-los e marginalizá-los: o Estado brasileiro.

Fenômeno semelhante acontece em Belarus. A estratégia de Muraviov-Vilenskii provou-se frutiva como esforço pela russificação da nação-mármore: mesmo décadas depois da independência da URSS, Belarus continua um Estado majoritariamente russófono – apenas 26% da população fala belarusso em casa, o que em grande parte se deve à educação (**Figura 4**). Ainda que, em Belarus, a etnia belarussa seja plena maioria (84,8% da população)¹⁶, a língua belarussa é sistematicamente marginalizada e estigmatizada por grande parte do próprio povo e de uma importante minoria étnica russa (7,5%), algo como o processo de discriminação por parte da maioria da população brasileira às línguas indígenas ditas brasileiras.

Figura 4 – Línguas de instrução nas instituições de ensino de Belarus.

Fonte: trad. de BELAPAN, 2016.



Tal fenômeno, de natureza colonial, é discutido pelo filósofo Ailton Krenak (2019, p. 12), em um sentido mais amplo, posto que, segundo ele, a colonialidade “suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo”.

Nesse contexto, proponho uma subversão do argumento de Vieira, tomando como ponto de partida a desconstrução proposta por Viveiros de Castro, para interpretar a dicotomia do

¹⁶ Dados do censo de 2019 (BELSTAT, 2020, p. 37).

mármore e da murta como formas de resistência encontradas pelos povos daqui e de Belarus à opressão colonial e seus presentes desdobramentos.

O Miron Zacharka do início do filme *Viva Belarus!* é um exemplo de murta como forma de resistência: ele fala russo com os militares quando é convocado, só fala belarusso na cena underground e evita demonstrar publicamente maiores traços de nacionalismo até o fatídico show em que ele e seus companheiros são detidos, o que o faz ir à luta. Até esse momento, Miron era como um tupinambá, que aceitava, aparentemente, de bom grado a catequese e doutrina impostas pelos colonizadores, mas na primeira chance que tem fora dessa zona de influência, revela sua natureza interior.

Se os relatos eurocêntricos de Vieira e seus contemporâneos falham, propositadamente, em descrever o sentimento do outro, o filme evidencia que Miron se indigna com tal situação em seu país, ainda no primeiro momento, antes de começar sua militância propriamente dita. É, sobretudo, na música, que ele vai extravasar essa indignação, por meio de canções de protesto, ainda que velado (cf. seção 4.2).

No exército, a dicotomia mármore e murta, e a importância da última como estratégia de resistência, tornam-se ainda mais aparentes: Šery, um dos recrutas, se nega a falar russo e a jurar à bandeira nessa língua. Como represália, ele é espancado por outros militares e seu paradeiro é desconhecido. Miron, temendo retaliação, apenas assiste a tudo, impotente. Então, ele percebe que há outras maneiras de se lutar contra esse sistema, sem ser necessariamente mármore, sem dar, literalmente, a cara a tapa. Nesse momento, ele decide escrever o blog, para denunciar essa e outras injustiças que testemunha e que nunca sairiam das paredes do quartel. Como murta, Miron fala e aceita a língua e cultura russificadas do ambiente em que se encontra, porém, continua firmemente arraigado em seus ideais nacionalistas.

É interessante notar comportamento aplicável ao conceito de murta em outras personagens do filme, como, por exemplo, no soldado Ščuka, que fala trasianka (cf. capítulo 6) e vende um celular para o protagonista, através do qual ele relata os acontecimentos a Vera, quem, de fato, escreve o blog. Miron, ainda pouco conhecido de Ščuka, seu superior, tenta estabelecer comunicação, inicialmente, em russo, como posição de subalterno, e, ao ouvir trasianka, sente-se mais à vontade, dando sequência em belarusso.

Outro exemplo é a mãe de Vera, que não aparece diretamente mas, segundo sua filha, é polonesa e casada com um funcionário do regime, o que suscita conflito na cabeça de Miron. Neste caso, segundo Vera, sua mãe, assim como Miron até então, prefere não falar de política, evitando assim tensões (essa problemática é discutida em maior profundidade no subcapítulo 7.1).

A estratégia de murta também se reflete na escolha do nome da personagem principal. Miron¹⁷ é o pseudônimo de uma ou várias pessoas de identidades desconhecidas, que colocam bandeiras nacionais tradicionais (branca-vermelha-e-branca) em lugares públicos, geralmente altos e de grande visibilidade. A primeira dessas ações ocorreu a 27 de julho de 1995, aniversário da independência de Belarus da URSS (data comemorativa ignorada pelo regime), em protesto à mudança dos símbolos nacionais (**Figura 5**).

Figura 5 – bandeira tradicional belarussa, *de facto* proibida no país, colocada por Miron, em 2010, no topo da árvore de ano novo (segundo a tradição soviética que aboliu o natal) de Viciebsk, a mais alta de Belarus. Não demorou mais de quinze minutos para que uma equipe do Ministério de Situações de Emergência a retirasse, com o auxílio de uma escada mecânica.

Fonte: NN, 2010



Tanto o Miron do filme quanto o Miron das bandeiras são heróis furtivos. Publicamente pessoas comuns, certamente falam russo e não gostam de falar de política, mas, sem deixar de

¹⁷ Embora soe idêntico tanto em belarusso quanto em russo, bem como pareça idêntico na transcrição de ambos os idiomas para o alfabeto latino, no filme, Miron é escrito em belarusso (*Мірон*), automaticamente distanciando-o de sua grafia russa (*Мирон*).

ser mármore, utilizam de estratégias de murta para preservar sua identidade nacional e lutar por seus ideais de um país verdadeiramente livre.

No filme, cabe ainda observar que o sobrenome do protagonista, “Zacharka”, alude a um dos fundadores e líderes da BNR, Vasií Zacharka, que, em 1925, “se opôs fortemente ao reconhecimento da RSSB. Ele afirmou que continuava a agir com base na Lei de 25 de março de 1918 (sendo ele mesmo um de seus autores). Graças à firmeza de Zacharka, a BNR não deixou de existir” (ARLOŨ, 2015, p. 107). Como chefe do Estado belarusso em exílio, Zacharka realizou grandes esforços para denunciar, perante a então Liga das Nações, precursora da ONU, os crimes contra a humanidade realizados pelo governo soviético em Belarus, uma trajetória que, à sua maneira, coaduna com o objetivo de *Viva Belarus!*. O velório de Vasií Zacharka foi assistido pela poetisa belarussa Larysa Hienijuš, cujo sobrenome foi emprestado à segunda personagem principal da trama, Vera Hienijuš, reforçando assim os vínculos entre as personagens, o filme e a história de luta do povo belarusso dentro e fora do país.

2.2.2 O hegemônico como palimpsesto

Stuart Hall argumenta que “a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem em comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal” (2014, p. 106). Diferentemente de nações que lutam para ter seu próprio país, a exemplo da Catalunha, Curdistão e Somalilândia ou outras populações que lutam para obter igualdade de direitos dentro de uma mesma sociedade, como negras e indígenas nas Américas, belarussas têm um país totalmente soberano e reconhecido irrestritamente por toda a comunidade internacional. Entretanto, mesmo sendo a etnia teoricamente titular de seu próprio estado-nação, majoritária, tendo sua língua própria como oficial, o povo belarusso se vê, paradoxalmente, oprimido por si mesmo. Frases como “fale normal!”, “fale russo!”, ou “em belarusso não pode!”¹⁸ (NAHORNAJA, 2021, p. 7, 75 e 103) são ditas diariamente por falantes de russo para as de belarusso, quando as primeiras não se contentam em fazer a habitual cara feia ou manter *code-switching*, respondendo em russo às perguntas das últimas em belarusso. Esse triste cenário é fruto dos séculos da russificação que

¹⁸ Tradução minha, do russo, de: “говори по-русски!”, “говори нормально!”, e “нельзя по-белорусски!”.

começou no final do século XVIII, quando as terras belarussas foram anexadas pelo Império Russo, e perdura até hoje, mesmo após a independência, sob comando de Lukašenka.

Dentro de tal contexto, o “reconhecimento de alguma origem em comum”, ferramenta eficaz no discurso identitário afrodiaspórico de que tanto fala Hall, torna-se um tanto mais complexo. A diáspora africana global, por mais diversa e difundida que seja, pode traçar um passado em comum no continente africano, unindo-se e fortalecendo-se. Entretanto, para o povo de Belarus, espacialmente unificado e habitante majoritário de sua própria terra originária, a questão passa a ser cronológica: Que momento de sua história é instrumental na construção de sua identidade cultural e política, na atualidade? Desse debate vai depender a filiação política / ideológica – ocidental (EU) ou oriental (Rússia) e, conseqüentemente, seu idioma e valores. Na atualidade, o que vemos é uma sobreposição de discursos que formam uma dualidade mutável, a depender dos interesses do momento.

A natureza da relação entre esses discursos é tudo menos pacífica. “Culturas piedosas são contos de ninar gente grande. As culturas são mais agressivas que seus portadores, os povos”¹⁹ diz Akudovič (2007, p. 82) sobre Belarus, mas tendo em mente que essa realidade é válida para toda e qualquer nação, uma vez que a cultura de um povo ou de povos que coexistem dentro de um mesmo território jamais será única e homogênea. Penso que as nações são como quimeras em constante luta dentro de si – imaginemos uma cabeça de leão, de bode, de cobra, dentre inúmeras outras, digladiando-se sobre um mesmo corpo como elementos culturais dentro de uma mesma sociedade multifacetada – e contra outras nações, na interminável luta pela sobrevivência.

Julia Kristeva propõe integração e universalismo como direcionamentos para um futuro otimista das nações no capítulo *What of Tomorrow's Nation?* (O que será da nação de amanhã?), em seu livro *Nations without nationalism* (Nações sem nacionalismo), em que nos alerta sobre os desafios dos feridos e, portanto, agressivos nacionalismos do Leste Europeu (1993, p. 47). Sem dúvida, a experiência socialista soviética na região deixou cicatrizes indelévels nas nações por ela afetadas e, mais do que isso, seu colapso deixou um oco no poder, hoje reivindicado mais uma vez pela Rússia, cujo nacionalismo irredentista escala em proporções alarmantes, a exemplo da ocupação de regiões na Geórgia, da guerra na Ucrânia, e

¹⁹ Tradução minha, do belarusso, de: “Мілажальнасць культуры — гэта казка для дарослых. Культуры больш агрэсіўныя, чым іх носьбіты — народы”.

na Síria, além de tensões na Venezuela, locais onde o Kremlin contesta o lugar hegemônico ocupado pelo Pentágono.

Para realizar o sonho das nações sem nacionalismo, defendido pela filósofa franco-búlgara, é indispensável mudar o ideologema central da construção nacional, o qual, como argumenta Akudovič (2007, p. 114), é linguístico-etnográfico, o que me faz pensar que não estaremos aqui para ver o dia em que as nações não mais precisarão de nacionalismo, pois elas mesmas deixarão de existir.

Lukašenka é, quiçá, o único ditador na atualidade cuja retórica é antagônica à sua própria nação, tornando-o assim uma espécie de déspota antinacionalista, o que ironicamente o coloca em uma posição próxima e ao mesmo tempo incrivelmente distante do pensamento de Kristeva, uma vez que seu antinacionalismo é, em verdade, um discurso subalterno à Rússia. No entanto, uma mudança na política externa ao seu redor parece ter-lhe provocado uma injeção de nacionalismo que o tirou de seu estado de torpor: no dia 1º de julho de 2014, ele fez um surpreendente pronunciamento em belarusso (BUBIEN, 2014).

É fácil entender por que o chefe de Estado, que não só rarissimamente fala belarusso como ainda publicamente execrou várias vezes o próprio idioma em favor do russo (FEDUTA, 2005, p. 230), optou por fazer tal pronunciamento na língua de sua nação. Era o auge da crise na Crimeia, quando tropas russas invadiam a península e começavam os primeiros sinais de conflito no leste da Ucrânia, às portas de Belarus. Seu discurso, na véspera do dia de independência (dos nazistas, não da URSS, que seria no dia 27 de julho, data que ele proibiu de ser comemorada (ibidem, p. 295)), vem a reafirmar a soberania de Belarus frente à ameaça expansionista da Rússia. A frase de encerramento de seu discurso, em belarusso, ilustra bem o propósito de tal performance: “Cada [um] que ameaçar a unidade da nação é inimigo de Belarus”²⁰. A mensagem é clara contra possíveis separatistas, como os da Crimeia e do Leste da Ucrânia, e aos russos, mostrando-lhes que Belarus tem língua e identidade próprias, apesar dos esforços que o próprio ditador empreende em contrário, e que não é e nem pretende ser parte da Rússia.

Poderíamos pensar que o discurso nacionalista, na língua do povo marginalizado, foi bem recebido pela militância, uma vez que agora esta se sente representada no poder, correto? Não era a isso que se referia Bykaŭ, ao falar do nacionalismo de uma nação pequena? Longe

²⁰ Tradução minha, do belarusso, de: “Кожны, хто замахваецца на адзінства нацыі – вораг Беларусі”.

disso. Esse discurso, meramente uma apropriação da retórica nacionalista, só faz mostrar que a guerra entre as culturas é ainda mais traiçoeira, uma vez que qualquer discurso pode ser apropriado pelo outro lado, especialmente por aquele em posição de poder. Para o Estado que dele se apropria, apenas como performance, essa é uma forma de manter sua autonomia, mas não para os interesses do povo belarusso, ao menos não daquelas pessoas a favor da língua belarussa e distanciamento da Rússia, mas em primeiro lugar, do próprio ditador e daqueles que o apoiam.

Nas raras vezes em que falou belarusso publicamente e exaltou algum símbolo nacional belarusso de origem pré-russa/soviética, Lukašenka foi louvado pela mídia, apropriando-se desse discurso nacionalista para aproximar-se e obter crédito da União Europeia e adulá-la a retirar as várias sanções que esta lhe vem impingindo há anos, logrando assim um maior poder de barganha com a Rússia. Entretanto, como condição *sine qua non* da apropriação cultural, quando o povo belarusso tenta falar sua língua e celebrar sua cultura, é duramente rechaçado (BIALIATSKI, 2007).

A identidade belarussa segue assim na atualidade: um palimpsesto que persiste sob as rasuras de um texto russo, impedindo-o de se implantar totalmente, para não ser tomado de vez pela Rússia. Um palimpsesto que a ditadura se esforça em raspar, mas nunca completamente, para não perder de vez sua identidade, alicerce de sua frágil autonomia. Por isso, ainda que a maioria da população seja russófona e persiga falantes de belarusso, como vemos no filme, símbolos nacionais tais como brasão, moeda e hino estão exclusivamente em belarusso, contrastando com países bilíngues como Canadá, Israel, Cazaquistão ou Paraguai, que se esforçam, em maior ou menor medida, em representar seus idiomas oficiais de maneira igualitária. Isso é ainda mais surpreendente se considerarmos que o plurilinguismo era marcado nos símbolos nacionais soviéticos, de onde Lukašenka tira inspiração para moldar seu país – o brasão e o rublo soviético, por exemplo, tinham inscrições em todas as línguas oficiais de suas repúblicas. Quanto à moeda nacional, o rubel, ainda cabe destacar uma mudança histórica: seus motivos decorativos, majoritariamente baseados na arquitetura soviética, a exemplo do Palácio da Cultura, Fortaleza de Brest e Academia de Ciências, deixaram de existir na nova série, lançada a partir de 1º de julho de 2016, dando lugar a monumentos arquitetônicos de períodos anteriores e posteriores à ocupação soviética (**Figuras 6 e 7**).

Figura 6 – Nota de cinquenta rubéis, com representação gráfica da Fortaleza de Brest, primeiro posto soviético atacado pelos nazistas. Hoje no local funciona um memorial da guerra (entrada no verso).



Figura 7 – Nova nota de cinquenta rubéis, com representação gráfica do Castelo de Mir, um dos mais célebres exemplos da arquitetura belarussa medieval.



Fonte: COSTA, 2020, p. 36

Esforços como esse levam a questionar até que ponto o palimpsesto belarusso está apagado. Acredito que a mutabilidade da diglossia belarussa, performatizada de acordo com os interesses do momento, configura uma espécie de devir, uma potência cujos desenvolvimentos futuros ainda são uma incógnita. Tanto aqueles no poder, que se esforçam em manter a língua russa como dominante e a língua belarussa como marginalizada, mas não a ponto de por em risco a autonomia do país, quanto os cerca de 26% da população que, de fato, fala belarusso diariamente, devém um Estado belarusso de direito, seja nominalmente ou verdadeiramente. Sabemos que a população russófona defende uma ideologia soviética que, se pensarmos bem, é a mera continuidade do Estado do qual fazia parte até o início dos anos 1990, do qual não almejava se tornar independente. E o restante da população, a favor da língua e cultura belarussas, em que se baseiam? Como constroem seu discurso identitário?

2.2.3 Dessovietização

Além do governo em exílio da República Popular Belarussa, outras organizações do país se encontram atualmente exiladas, a exemplo da Universidade Europeia de Ciências

Humanas, localizada em Vilnius, Lituânia (EHU, 2016) e a rádio Racyja, retratada no filme, localizada em Białystok, Polônia.

De importância fundamental na construção do atual Estado belarusso, mas demasiadamente efêmera para se tomar como base da construção de um discurso identitário nacional, capaz de confrontar a ideologia (pós-)soviética e mostrar ao mundo que Belarus tem uma longa e proeminente história dissociada da Rússia, intelectuais belarussos escolheram o Grão-Ducado da Lituânia como principal ícone de sua identidade, algo como a “origem comum” de que Stuart Hall fala. Esse ícone unifica não só quem se opõe à russificação em Belarus, mas também a diáspora belarussa, em grande parte exilada e que compartilha de “um mesmo ideal”, outra base de discurso identitário que Hall menciona. É desse Estado ancestral que vem a bandeira branca-vermelha-e-branca mostrada no filme (sendo também a bandeira oficial da BNR) e atualmente *de facto* proibida em Belarus (**Figura 8**).

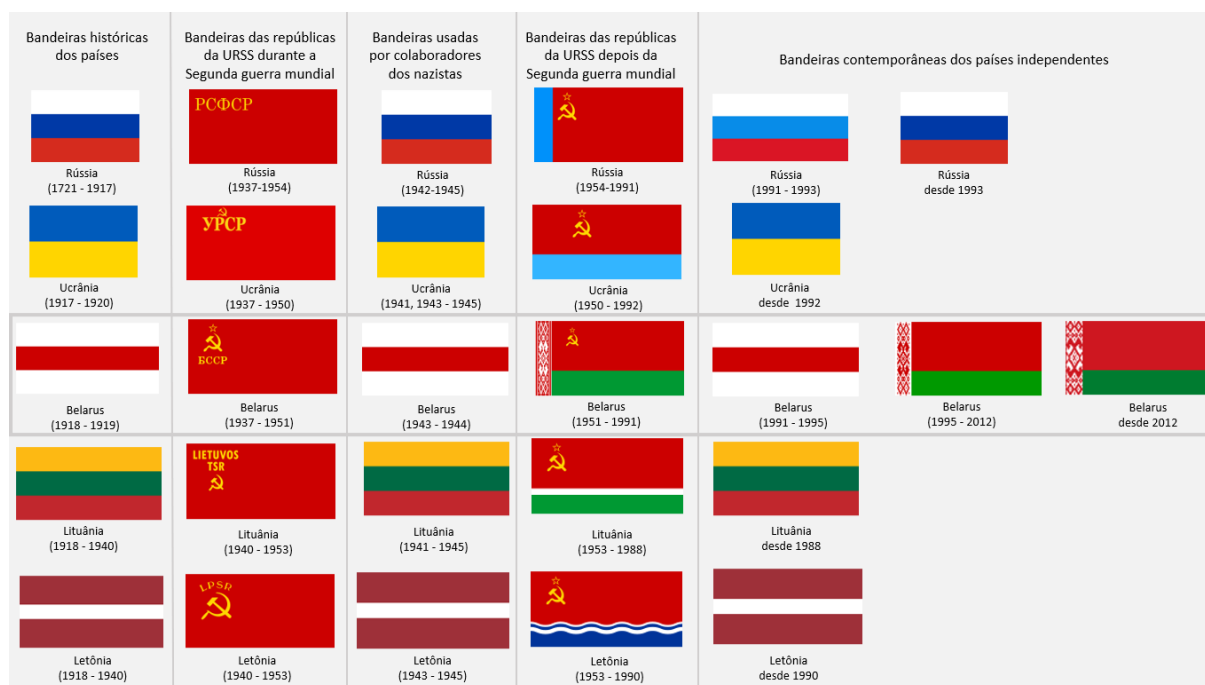
Em seu artigo *Decolonial moves: Trans-locating African diaspora spaces* (Movimentos decoloniais: Trans-locando os espaços da Diáspora Africana), Agustin Lao-Montes cita um artigo de Tiffany R. Patterson e Robin D. G. Kelley para definir a diáspora, no caso, africana, como processo e condição (2007, p. 310):

Como processo, ela é constantemente refeita através do movimento, da migração, das viagens e imaginada através do pensamento, da produção cultural e da luta política. No entanto, como condição, ela está diretamente ligada ao processo pelo qual está sendo feita e refeita... a diáspora africana existe dentro do contexto da raça global e das hierarquias de gênero.²¹

Tais dinâmicas também são perceptíveis no caso da diáspora belarussa, a exemplo da Rada, na arena política (*political struggle*), localizada no Canadá, e do próprio filme *Viva Belarus!* enquanto produção cultural (*cultural production*), na Polônia, também em exílio. Seguindo o pensamento de Lao-Montes, que considera o passado como condição, continuamente trabalhado pelo processo, isto é, presente, e agrega ainda o conceito de projeto (*project*), como perspectiva de unidade e descolonização futuras, podemos esquematizar a construção de um discurso identitário belarusso continental e diaspórico como tal:

²¹ Tradução minha, do inglês, de: “As a process it is constantly being remade through movement, migration, travel, and imagined through thought, cultural production, and political struggle. Yet as condition, it is directly tied to the process by which it is being made and remade... the African diaspora exists within the context of global race and gender hierarchies”.

Figura 8 – Bandeiras da Rússia, Ucrânia, Belarus, Lituânia e Letônia antes, durante e depois do período soviético. As bandeiras pré-soviéticas eram utilizadas por grupos rebeldes que chegaram a colaborar com os nazistas para conseguir independência da URSS, voltando a serem plenamente oficiais após seu colapso. Belarus é a única dessas (e de todas) ex-repúblicas que trocou sua bandeira por uma similar à do período soviético, por vontade de Lukašenka, através de um referendo anticonstitucional, em 1995.



Fonte: SVABODA, 2015, traduzido e adaptado por Volha Yermalayeva Franco.

Passado (*condition*) – Grão-Ducado da Lituânia, frequentemente escolhido pela classe intelectual belarussa como origem comum, base da identidade nacional, por ser um exemplo de Estado antigo e poderoso, onde belarusso era o idioma e grupo étnico dominante, chegando o ducado a ser o maior país da Europa em seu auge (século XIV) e cuja nêmesis era a mesma a ser combatida atualmente: Moscou. Estados anteriores, como os ducados centrados nas cidades históricas de Polack, Turaŭ e Minsk também são, por vezes, mencionados como berços do povo belarusso, assim como a tribo Kryvičy, antecessora desses Estados. Entretanto, por não abrangerem a totalidade do território belarusso contemporâneo, estas últimas unidades geopolíticas não são tão representativas quanto o GDL;

Presente (*process*) – O contínuo processo de construção desse imaginário belarusso medieval e seus desdobramentos até a atualidade. Semelhantes aos movimentos afrodiaspóricos sobre os quais Lao-Montes fala (2007, p. 18), a militância pela língua e cultura belarussas vêm surgindo de várias formas. Alguns notáveis exemplos, além do próprio

filme *Viva Belarus!*, da Rada, EHU e da rádio Racyja, é o Belsat, único canal de televisão independente belarusso, localizado na Polônia. Em Belarus, palco de sangrentas manifestações contra a ditadura, como a que acontece no final do filme, belarussófonas não vivem muito diferentemente de suas correligionárias no exterior, lutando em fronts silenciosos para manter sua identidade.

Nesse contexto, historiadores como Uladzimier Arloŭ e Hienadz Sahanovič vêm realizando importantes trabalhos de investigação da história de Belarus, principalmente da era medieval. Um exemplo disso é o livro *Невядомая вайна: 1654 – 1667* (A guerra desconhecida: 1654 – 1667), que trata do conflito mais sangrento da história de Belarus: a invasão russa do século XVII, que matou dois terços da população belarussa, a qual, não obstante, derrotou e expulsou o exército russo. Essa guerra é chamada de “desconhecida” pelo autor porque foi apagada pelos historiadores após a derradeira anexação de Belarus ao Império Russo, já no final do século XVIII, construindo-se, a partir de então, uma historiografia que consagrou o povo russo como “libertador” que “trouxe a civilização” às terras belarussas, discurso semelhante ao utilizado pelos portugueses quando da invasão e conquista do que hoje chamamos de Brasil, e que perdura até hoje.

É também na época medieval que grupos musicais como Sary Olsa e Troitsa buscam inspiração, portando indumentárias e instrumentos de época em suas apresentações. Organizações e grupos da sociedade civil vêm se consolidando como uma “terceira cultura”, alternativa às políticas contra e a favor do regime, mobilizando a sociedade por meio de eventos culturais, como a Galeria Ź, Tsekh, Art-Siadziba, DK La Mora e cursos gratuitos de língua belarussa, como Mova ci Kava e Mova Nanova (SMOK, 2015, p. 32), dentre outros;

Futuro (*project*) – Entendendo a diáspora como condição, de acordo com Lao-Montes, ligada ao processo que a faz e refaz, podemos igualmente pensar no futuro como resultado das ações do processo (presente). No filme, a militância de Zacharka gera importantes resultados para a posteridade: graças a ele, se torna possível jurar a bandeira em belarusso; Belarus e o mundo veem claramente como funciona o esquema de fraudes nas votações; e, o principal, Zacharka mostra a toda a nação que basta uma pessoa para ameaçar todo um sistema, que na verdade é muito mais frágil do que parece.

Há muitas outras militantes belarussas engajadas em criar um futuro melhor para seu país, como nas frentes mencionadas no parágrafo anterior. Assim como os movimentos

afrodiaspóricos trabalham a questão do orgulho negro, como política de reparação por séculos de escravidão, massacres e discriminação, militantes belarussas vêm incentivando a população a orgulhar-se de sua história e nela inspirar-se ao olhar para o futuro, desconstruindo estereótipos historicamente criados pelo discurso russófono de que a língua belarussa é um dialeto do russo (a título de comparação, é como dizer que italiano é um dialeto do português (cf. ELMS, 2008)), ou que a primeira é uma língua rural e atrasada. Nesse caso, por exemplo, o discurso baseado no Grão-Ducado da Lituânia mostra-se mais uma vez bastante útil. A constituição do Grão-Ducado, escrita exclusivamente em belarusso antigo, foi inicialmente publicada em 1529 e é amplamente divulgada por intelectuais belarussas como a primeira constituição na Europa (**Figura 9**).

Figura 9 – Foto da capa e da primeira página do único exemplar da constituição do Grão-Ducado da Lituânia presente atualmente em Belarus. Escrita em belarusso antigo e datada de 1588. Sem apoio estatal, a sociedade civil juntou 22 milhões de rubéis em apenas três dias para comprá-la em um leilão na Rússia.



Fonte: HIEZHALA, 2012.

2.3 RELAÇÕES DE PODER

Durante uma conversa com Gilles Deleuze, Michel Foucault, (2019, p. 129) faz um questionamento crucial: quem exerce o poder? Onde o exerce? Segundo ele, “é fato

conhecido que não são os governantes [que o exercem]”²². Partindo deste pensamento, Lukašenka, retratado no filme como o opressor, não seria o verdadeiro detentor do poder? Não, pois, segundo Foucault, o poder não está nas mãos de ninguém, mas sempre é exercido em determinada direção.

O poder passa pelas massas, que elegeram Lukašenka, desejando verem realizadas suas promessas, como Deleuze evoca Reich para dizer “não, as massas não foram enganadas, elas efetivamente desejaram o fascismo!”, o que se encaixa perfeitamente na figura de Lukašenka, uma clássica persona fascista como Vargas e Mussolini, autodenominado *Bačka* – o pai do povo. Ele também passa pelos agentes envolvidos diretamente nas fraudes das eleições (BBC, 2001; O GLOBO, 2010, FOLHA, 2020); pela influência de Moscou e de Bruxelas; pela mídia, tanto a controlada por Lukašenka, quanto a independente, a exemplo do canal de televisão Belsat e da rádio Racyja; pela internet (blog e redes sociais), que desempenha um papel fundamental na narrativa; e por intelectuais, quase sempre nacionalistas, membros da sociedade belarussa mais engajados na luta contra a ditadura. Como Foucault nos diz (p. 131):

O papel do intelectual não consiste mais em andar "um pouco à frente ou um pouco ao lado" para dizer a muda verdade de todos; consiste mais em lutar contra as formas de poder onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento: na ordem do saber, da "verdade", da "consciência", do “discurso”.²³

Miron encarna o papel do intelectual descrito por Foucault. Seu comportamento de murta começa a revelar cada vez mais o mármore que esta esconde, a partir do fatídico episódio em que ele é detido pela KGB: quando seus companheiros de banda puxavam o coro da plateia, entoando motes nacionalistas, ele, por mais nacionalista que fosse, pedia para que fizessem silêncio. As circunstâncias, no entanto, o fizeram tomar uma atitude frente às injustiças que testemunhou – “a percepção de um ponto singular em que o poder se exerce às custas do povo”²⁴ (2019, p. 135) – firmando, assim, sua militância sobre as denúncias contra o sistema opressor russófono, presente no exército mais do que alhures. O sistema então perde sua aparente normalidade, revelando assim ser vulnerável “onde ele é mais invisível e mais

²² Tradução minha, do espanhol, de: “Es bien sabido que no son los gobernantes quienes lo tienen”.

²³ Idem: “El papel del intelectual ya no consiste en “dar un paso adelante o al costado” para decir la verdad muda de todos; consiste más bien en luchar contra las formas de poder allí donde él es a la vez su objeto y su instrumento: en el orden del “saber”, de la “verdad”, de la “conciencia”, del “discurso”.”.

²⁴ Idem: “la percepción de un punto singular donde el poder se ejerce a expensas del pueblo”.

insidioso”²⁵ (p. 131). Não é por acaso que Miron passa inúmeras vezes pelo cárcere, situação amplamente estudada pelo filósofo francês e tida por este como “a manifestação de poder mais delirante que se possa imaginar”²⁶ (p. 133). A violência com que Miron é tratado atesta o perigo que um único ser, por mais insignificante que pareça ao sistema, lhe impõe, posto que “(...) o sistema em que vivemos *não pode tolerar nada*: daí sua fragilidade radical em cada ponto, ao mesmo tempo que [usa] sua força repressiva global”²⁷.

Assim como Foucault estuda a prisão, onde o poder se manifesta de maneira mais brutal, dando voz a indivíduos encarcerados, o relato de Viačorka nos mostra, em primeira pessoa, como o sistema se manifesta em toda sua tirania. Não é por acaso que o exército, a instituição responsável pela defesa do país, seja também onde a russificação se manifesta em sua forma mais nítida.

O regime de Lukašenka é, desde o começo, marcado por um contínuo estreitamento de laços com a Rússia, o que reforça a colonialidade presente em seu regime. Cenário semelhante é relatado por Nkrumah, no contexto da problemática descolonização do continente africano, quando este denuncia a manutenção de vínculos neo-coloniais com as ex-metrópoles (2018, p. 87):

O neocolonialismo procede das seguintes maneiras: exerce controle econômico através do sistema de “ajudas”, de “empréstimos” e de “trocas comerciais e financeiras”; controla economias locais através do vasto dispositivo de corporações internacionais; controla politicamente governos fantoches; penetra na sociedade através do desenvolvimento da burguesia nativa, da imposição de acordos de “defesa”, da instalação de bases militares e aéreas, da infiltração ideológica (...).

Como visto anteriormente, ainda em 1997 ele assinou com o então presidente russo Borís Iéltsin o acordo que criou a União de Belarus e a Rússia. Desde então, o controle econômico, militar e ideológico da ex-metrópole, segundo o raciocínio de Nkrumah, tem se tornado cada vez mais intenso. Destarte, não é do interesse do Kremlin que o povo belarusso deixe de falar russo, principalmente no exército, órgão que guarda, mais do que outros, resquícios da era soviética, em que ambos países faziam parte de um só. Não esqueçamos que língua é cultura, identidade, poder. Muito além de dificuldades de comunicação, um exército

²⁵ “allí donde es más invisible e insidioso”.

²⁶ “la manifestación de poder más delirante que pueda imaginarse”.

²⁷ “el sistema en que vivimos *no puede tolerar nada*: de ahí su fragilidad radical en cada punto, al mismo tiempo que su fuerza de represión global”.

que fala belarusso teria forte identidade belarussa, o que, irremediavelmente, coloca a Rússia na condição de arqui-inimiga do Estado belarusso, como Sahanovič e Arloŭ nos lembram.

Pode-se perceber, a partir da história de Viačorka / Zacharka, que cada elemento do sistema carrega um potencial indefinido, o poder de mudar a história, uma espécie de devir. Pensando o devir como potência, pergunto: quem a exerce? Onde a exerce?

2.3.1 Sociedades de disciplina e controle

Em *Post-Scriptum sobre as Sociedades de Controle*, Deleuze (2000) argumenta que estamos deixando as chamadas sociedades disciplinares, em que os indivíduos passam por vários confinamentos (família, escola, exército, fábrica, eventualmente hospital e prisão, o confinamento por excelência), recomeçando a vida a cada estágio, para vivermos nas chamadas sociedades de controle, onde as formas de confinamento estão em crise e o capitalismo já não é mais dirigido à produção, relegada à periferia do terceiro mundo, mas à sobreprodução, isto é, ao produto final, aos serviços.

A transição de que Deleuze fala, a qual tem em Napoleão um de seus principais agentes, parece não ter fim: do século XIX ao início do século XX (fim do modelo da sociedade de controle, segundo Foucault), até 1990, ano da primeira publicação do texto de Deleuze, ela continua a se arrastar indefinidamente e de maneiras diversas ao redor do mundo. Se nos países capitalistas desenvolvidos, como a França, a fábrica cedeu seu lugar central à empresa, na chamada periferia do terceiro mundo ela continua funcionando a todo vapor; na União Soviética, a crise do confinamento inerente à transição se mostrou fatal em um país que essencialmente era uma prisão de mais de vinte e dois milhões de quilômetros quadrados. As políticas da Glásnost e da Perestroika, primeiras rupturas do confinamento a nível estatal, foram bastiões dessa transição em solo soviético, constituindo o pivô do derradeiro colapso do país, que já estava se desintegrando à época do texto de Deleuze.

Décadas depois, nas sociedades pós-soviéticas, o que podemos perceber é que a sociedade de controle está ainda mais longe de se consolidar, juntando-se assim o que há de mais retrógrado dos dois modelos: o sistemático confinamento da sociedade disciplinar e a modulação da sociedade de controle; o par massa-indivíduo agora é massa-divíduo, posto que

os “indivíduos tornaram-se “dividuais”, divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados” (p. 2). Os dois modelos coexistem em Belarus, onde fábrica e empresa exploram as massas no modelo socialista, ao mesmo tempo em que esta é consumidora nos moldes capitalistas, onde o maior beneficiado e possuidor dos meios de produção continua sendo o Estado. Neste contexto, podemos entender, então, por que as políticas de russificação implementadas por Lukašenka lhe são tão importantes, pois consolidam a exploração das massas, como na sociedade disciplinar soviética que resiste mesmo diante da transição a um modelo de controle capitalista ocidental.

Torna-se evidente, então, por que (in)divíduos como Miron representam uma ameaça a esse sistema, posto que a ruptura com a língua russa representa uma ruptura com o passado e o modelo soviéticos, minando assim a figura do ditador, ao mostrar que o poder pode ser exercido por qualquer pessoa. Nesse sistema em transição, as armas de repressão do passado ainda se impõem às formas de resistência civil modernas, como a murta manifestada no meio digital e midiático. Os blogs e redes sociais são a caneta do século XXI e as tropas de choque, a espada. A vitória de uma delas será o indicador de que rumo a transição há de tomar.

Uma possível solução para o problema é proposta por Bhabha – a ideia de “negociação em lugar de negação”, descrita em seu livro *O local da cultura*, a qual pode, com sorte, nos revelar uma luz no fim do túnel (2005, p. 51):

Quando falo de negociação em lugar de negação, quero transmitir uma temporalidade que torne possível conceber a articulação de elementos antagônicos ou contraditórios: uma dialética sem a emergência de uma História teleológica ou transcendente, situada além da forma prescritiva da leitura sintomática, em que os tiques nervosos à superfície da ideologia revelam a “contradição materialista real” que a História encarna. Em tal temporalidade discursiva, o evento da teoria torna-se a negociação de instâncias contraditórias e antagônicas, que abrem lugares e objetos híbridos de luta e destroem as polaridades negativas entre o saber e seus objetos e entre a teoria e a razão prático-política.

As culturas são feitas de trocas, quase nunca pacíficas, onde uma das partes é negada, direta ou indiretamente, por outra em maior posição de poder. O que Bhabha propõe – e o que me dá esperanças – é que ao invés de se negarem inutilmente, os diferentes discursos dos locais da cultura deveriam negociar entre si. A natureza contraditória e antagônica dessa negociação não necessariamente impede seu lado pragmático: as culturas são feitas de trocas e essas trocas devem beneficiar todas as partes, o que só acontecerá, de fato, com a gradativa

aquisição de poder (p. 20) pelas classes minorizadas, a ponto de deixarem de ser minorias e se tornarem agentes de suas próprias mudanças sociais.

2.3.2 O simulacro belarusso

O arquétipo francês ocupa lugar hegemônico na França. O japonês ocupa lugar hegemônico no Japão. O mesmo paradigma pode ser aplicado a inúmeros outros Estados nacionais, onde determinado *ethnos* e idioma dominantes ocupam lugar de modelo hegemônico. Seguindo um pensamento platônico, podemos pensar no seguinte esquema:

- Ideal étnico (modelo): conjunto de características físicas e culturais estereotípicas;
- Cidadã (cópia): realidade documental e noção de pertencimento;
- Minoria étnica (simulacro): povos indígenas, povos marginalizados, imigrantes e/ou pessoas refugiadas.

As relações hegemônicas agora se tornam um pouco mais complexas. A título de exemplo, o modelo francês seria não o negro da Martinica, tampouco o polinésio taitiano, ou o *pied-noir* argelino (a exemplo de Jacques Derrida ou Albert Camus), mas o aborígine europeu, residente na França metropolitana, e, mesmo aí, não estamos tratando do basco ou do provençal e sim do parisiense branco. Entretanto, os outros indivíduos citados são tão cidadãos franceses (cópia) quanto esse “parisiense da gema”, ainda que sujeitos a discriminação étnico-racial. Por fim, temos imigrantes (recentes) e suas descendentes, principalmente oriundas das ex-colônias francesas, além de pessoas refugiadas, vistas como um estorvo por esses “baluartes” do ideal étnico francês, que estão apavorados com a ideia de se tornar minoria e perseguem os indivíduos (cidadãos ou não) que se encaixem nos padrões do simulacro, notadamente os de origem semita.

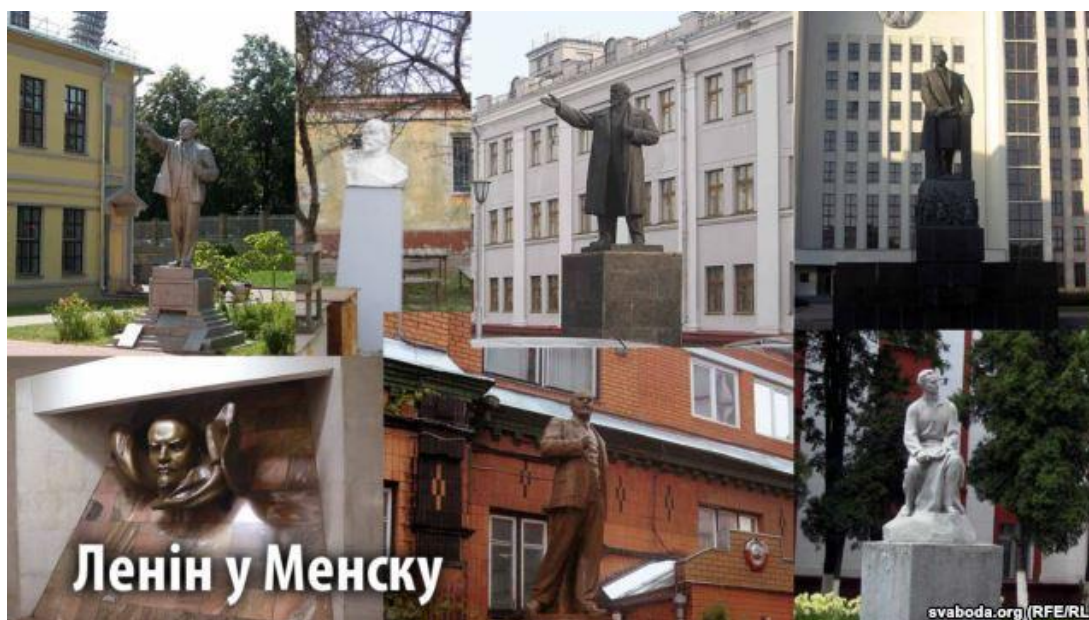
Agora vejamos: em um país chamado Belarus, onde praticamente 85% da população é etnicamente belarussa, o mais lógico seria que o povo belarusso e seu idioma ocupassem lugar hegemônico, certo? Não é isso o que se verifica na realidade do país. Pior: belarussas são discriminadas, principalmente por quaisquer vestígios que apontem diretamente para a sua etnia, que as distanciem do mundo russófono (cf. 6.1.2). Isso é especialmente assombroso do ponto de vista afro e indígena brasileiro.

Belarus, de certa forma, representa uma utopia de Estado nacional onde as pessoas deveriam ser plenamente livres, uma vez que, após tantas lutas contra o império, conseguiram o que tantas insurreições coloniais daqui não alcançaram. Basta imaginar um Estado nacional malê ou cabano, por exemplo, povoado quase que somente por este ou aquele grupo étnico, com idioma oficial ancestral e pleno reconhecimento diante da comunidade internacional. Em um lugar assim, não deveria haver discriminação, tampouco entraves para uma franca descolonização e celebração das culturas ancestrais, um “Ideal de Ego que lhe configure um rosto próprio, que encarne seus valores e interesses, que tenha como referência e perspectiva a História. Um Ideal construído através da militância política, lugar privilegiado de construção transformadora da História”, como nos fala Souza (1983, p. 43-44). Se Anderson (2008) argumenta que não há Estados americanos verdadeiramente independentes, posto que a independência veio apenas para a população crioula de origem europeia em relação aos brancos da metrópole, mas a escravidão e genocídio continuaram para os povos negros e indígenas, em Belarus, teoricamente, não existem as problemáticas raciais e étnicas que frequentemente julgamos como os grilhões que nos aprisionam dentro da colonialidade. A realidade, infelizmente, não podia estar mais longe disto.

Assim como em outros países com passado colonial, onde há melhores perspectivas de vida para quem se pareça com os antigos invasores, a exemplo do Brasil, em Belarus há um histórico de negação da cultura local e forçosa aproximação para a cultura dominante, de fato, russa, o que há muito vem sendo incentivado pelo Estado. Isto se destaca ao ver quantos monumentos da era soviética permanecem impávidos nas cidades belarussas (**Figura 10**) enquanto figuras políticas da história de Belarus são quase ausentes, a exemplo de Kastúś Kalinouski ou Tadevuš Kaściuška. Este último, líder da insurreição de 1794 contra o Império Russo e herói da guerra de independência dos Estados Unidos da América, tendo imponentes monumentos em vários países do mundo e a maior montanha da Austrália batizada em sua homenagem²⁸, não tem nenhuma menção ao seu nome em Minsk (BELSAT, 2016), apenas um monumento em Mieračouščyna, sua terra natal, inaugurado em 2018 graças a uma iniciativa civil (RACYJA, 2018).

²⁸ Em inglês *Mount Kosciuszko*, da grafia polaca *Kościuszko*, com a qual ele se tornou mais famoso.

Figura 10 – Somente em Minsk, capital de Belarus, há dezesseis monumentos a Lenin.



Fonte: SVABODA, 2013

Ser belarusso em Belarus é um ato de bravura – ser belarussa ainda mais, como veremos na seção seguinte. Não apenas se dizer, quando o censo pergunta, ou quando for conveniente, mas, de fato, falar belarusso como língua primária no trabalho, nos estudos e na vida cotidiana, o que invariavelmente leva a um constante estado de atrito com a sociedade e de revolta contra o regime. Não que os cerca de 8% da população que se afirma como russa étnica domine o restante. Se é perfeitamente possível discernir um falar brasileiro de um português, na prática, é muito mais difícil notar a diferença entre um indivíduo belarusso russófono e um cidadão da Rússia. A diferença que poderia existir está no idioma e, conseqüentemente, na cultura, e aí está a maior frente de batalha do autoritarismo belarusso, orientado pelo Kremlin, em sua política de russificação do povo: aproximar o *ethnos* belarusso ao russo até que suas diferenças sejam meramente simbólicas.

Como podemos perceber, o *ethnos* belarusso, que, ao menos em tese, deveria estar no lugar de modelo, do Ideal de Ego, como argumenta Souza, encontra-se, na verdade, no lugar de simulacro platônico, odiado pelo regime, bastião da minoria numérica (porém hegemônica, apoiada pelo Kremlin) que deveria, por sua vez, ser o simulacro e que usa de todas as forças para oprimi-lo. Viačorka, em seu relato, traduzido como Zacharka, representa exatamente isso, o simulacro que anseia ascender, ocupar o centro.

No entanto, se o simulacro platônico é desprezível, execrável, Deleuze o reverte, afirma como potência (2000, p. 10):

Reverter o platonismo significa então: fazer subir os simulacros, afirmar seus direitos entre os ícones ou as cópias (...) ele encerra uma potência positiva que nega tanto o original como a cópia, tanto o modelo como a reprodução. Pelo menos das duas séries divergentes interiorizadas no simulacro, nenhuma pode ser designada como o original, nenhuma como cópia.

Sendo assim, o belarusso é um caso curioso de devir que sobe para tomar seu próprio lugar, para derrubar a si mesmo, ou melhor, para tornar *de facto* o que é *de jure*. É o que Viačorka / Zacharka faz ao conseguir que o exército belarusso permita o óbvio: falar belarusso, fazer juramento em belarusso; o que ele pretende fazer ao se candidatar a deputado e denunciar as fraudes na contagem de votos: exigir eleições democráticas na república que se diz democrática. O protagonista consegue assim ser subversivo dentro de si, reverter o modelo de Platão ao ser modelo, cópia e simulacro ao mesmo tempo em que, como o poder segundo Foucault, não ocupa nenhum desses três espaços.

2.3.3 Gênero e luta

Nenhuma discussão sobre relações de poder está completa sem abordar questões de gênero. Embora este não seja um tema plenamente central na narrativa, podemos encontrar, sobretudo na figura de Vera, interessantes indicadores no filme, que revelam como a opressão em Belarus é sexista, fruto de todo um sistema imperialista construído de modo a apagar o protagonismo feminino da história.

Lao-Montes (2007) afirma que uma das maiores contribuições teóricas do feminismo negro é o conceito da “política de localização”, que relaciona as múltiplas mediações (gênero, classe, raça, etc.) que constituem o indivíduo dentro dos diversos modos de dominação (capitalismo, patriarcado, racismo, imperialismo) e que distinguem movimentos e lutas sociais ainda emaranhadas. De fato, ainda enquanto escrevia a dissertação de mestrado, sobre estes mesmos temas, um pensamento sempre aflorava: “Por que escrevo ‘belarusso(s)’ se a maioria da população de Belarus (e de toda a humanidade) é composta por mulheres?”. É

necessário ter consciência de que estamos apenas começando um longo e indispensável processo de conscientização e desconstrução dos paradigmas de gênero, dentre muitos outros, presentes nas sociedades humanas. Essa reflexão foi fundamental para que, anos depois, eu decidisse usar o plural misto feminino, como argumento na introdução desta tese, refletisse sobre o protagonismo feminino em *Viva Belarus!*, sobretudo na figura de Vera, bem como na história do país, além de incluir mais fontes de autoria feminina, indispensáveis a este trabalho, a exemplo de Barbosa, Bekus, Akhmétova, Kartunova, Ramza, Sender e Souza, para citar algumas, bem como Oyěwùmí, sobre a qual veremos a seguir.

A história de Belarus é marcada por um magnífico protagonismo feminino, algo semelhante à história iorubá pré-colonial, como nos relata Oyěwùmí (2005, p. 343). É impossível pensar na história belarussa sem nomes como Rahnieda, duquesa de Polack, a Santa Eūfrasinnia Polackaja, padroeira de Belarus, ou Barbara Radzivil, grã-duquesa lituana (ARLOŮ, SAHANOVIČ, 2002, p. 20-30). Com a anexação ao Império Russo, entretanto, essa terra de líderes políticas e religiosas logo passou a ser de mulheres (in)submetidas à servidão e ao campesinato. Mas isso não foi o suficiente para acabar com o protagonismo das mulheres belarussas, que continuaram lutando pela independência de seu país, a exemplo de Emilija Pliater, mártir da insurreição de 1830-1831 contra o Império Russo (ARLOŮ, 2015, p. 38-39), e da revolucionária Paluta Badunova, uma das fundadoras da República Popular Belarussa (p. 138-139), cujo governo em exílio atualmente é presidido por outra mulher, Ivonka Survila (p. 376). No contexto soviético, outra belarussa de destaque é Larysa Hienijuš (p. 312), grande poetisa e ativista belarussa, que se recusou a receber cidadania soviética, cujos versos de protesto e de resistência frequentemente são recitados por movimentos nacionalistas belarussos.

Tais movimentos também contam com grande protagonismo feminino, inclusive empenhado em desconstruir a narrativa de gênero (pós-)soviético reinante. Nas eleições fraudadas²⁹ de 2015, pela primeira vez na história de Belarus, houve uma candidata à presidência, Tacciana Karatkievič, para a surpresa de poucas, belarussófona. Šviatlana Cichanoŭskaja, primeira presidenta *de facto* eleita na história de Belarus (ZAHORSKI, 2020,

²⁹ “Nem livres, nem transparentes”, segundo especialista enviado pela ONU para monitorar as eleições, Miklós Haraszti. “O processo eleitoral foi orquestrado e o resultado pré-ordenado. Não poderia ser de outra forma, dados os 20 anos de contínua supressão dos direitos à liberdade de expressão, reunião e associação, que são as pré-condições para qualquer competição credível” (UN, 2015).

p. 17), ao lado de Vieranika Capkala e Maryja Kalieśnikava, estamparam noticiários no mundo inteiro como líderes dos protestos contra as fraudes nas eleições presidenciais seguintes (FOLHA, 2020), marcados por uma esmagadora presença feminina.

Diante de tamanha proeminência das mulheres belarussas contra o regime, até a *Pahonia*, o tradicional brasão de armas do GDL e da BNR, oficial em Belarus até 1995 e frequentemente utilizado por movimentos nacionalistas, ganhou uma versão feminina (**Figura 11**), o que gerou considerável polêmica, sobretudo entre belarussos russófonos, mais retrógrados e favoráveis à retórica patriarcal do regime.

Como já mencionado, no filme, esse protagonismo feminino é encarnado pela personagem Vera, de fato, mentora de Miron, que, até encontrá-la, tinha uma visão política moderada, por vezes, conservadora. Vera inspira Miron a seguir em frente e fazer a diferença quando ele é punido e é ela que escreve e administra o blog, a partir dos relatos de Miron, até o exército descobri-lo. Quando a situação se agrava, Vera vai às ruas com a banda Forza para mobilizar o povo contra a ditadura e em defesa da língua belarussa.

Figura 11 – Capa do jornal belarussófono Naša Niva com a *Pahonia* feminina, em primeiro plano, e a masculina em segundo. Sobre ela se lê: *Pahonia. Jana maja* (“Pahonia. Ela é minha”).



Fonte: NN, 2015

Em represália pela repercussão do blog, Vera tem seu apartamento invadido e devassado por agentes da KGB, que a dopam e espalham materiais pornográficos, garrafas de vodka quebradas e pontas de cigarros, e então chamam uma equipe de televisão para filmar o local. As imagens, veiculadas em um telejornal, desmoralizam Vera e a juventude opositora do regime, que deve ser reintegrada à “sociedade normal” após passar por uma instituição penitenciária. Na prisão, Vera beira a loucura dentro de uma solitária, enquanto Miron é vítima de um acidente vascular cerebral como consequência da perseguição que sofre ao revelar o esquema de fraudes nas eleições. O filme não releva se o casal consegue se reunir.

É interessante perceber como a construção social de gênero impacta no modo de perseguir as pessoas que se opõem ao regime. Miron é punido com serviço militar, obrigatório para homens, do qual antes era eximido pelos problemas de saúde que, de fato, o levaram a ter um AVC. Além disso, ele é espancado e ameaçado de morte por agentes da KGB e militares em diversos momentos, ao longo da narrativa.

Vera, por ser mulher, recebe outro tipo de agressão. Em uma sociedade dominada por um discurso conservador e retrógrado, como a belarussa, ela é mostrada pela mídia como prostituta, alcoólatra e drogada, uma “degenerada”, como, sugere-se, todas as outras pessoas opostas ao regime, ou aquelas “milhares de pessoas que insistem em ficar fora dessa dança civilizada, da técnica, do controle do planeta”, às quais se refere Krenak, que “por dançar uma coreografia estranha são tirados de cena, por epidemias, pobreza, fome, violência dirigida” (2019, p. 34). Com tal demonstração, o aparelho estatal, que controla quase toda a mídia, reafirma à população a construção de gênero soviética, onde a mulher deve ser bela, recatada e do lar.

Oyèwùmí cita o escritor tunisiano Albert Memmi, para argumentar que o “maior golpe sofrido pela colonizada é ser apagada da história”³⁰ (p. 356), e Fanon, para dizer que devemos “acabar com a história de colonização... e tornar realidade a história da nação – a história da descolonização”³¹. As mulheres belarussas entenderam ainda antes dos homens que é necessário lutar pela liberdade e descolonização de seu povo, porque elas estão sendo duplamente oprimidas: primeiro pelo sistema imperialista russófono, segundo, pelos homens que, oprimidos ou não, estão acima delas nesse sistema. Para elas, subvertê-lo não é apenas uma questão de sobrevivência de seu povo, mas de voltar a fazer parte da história como protagonistas.

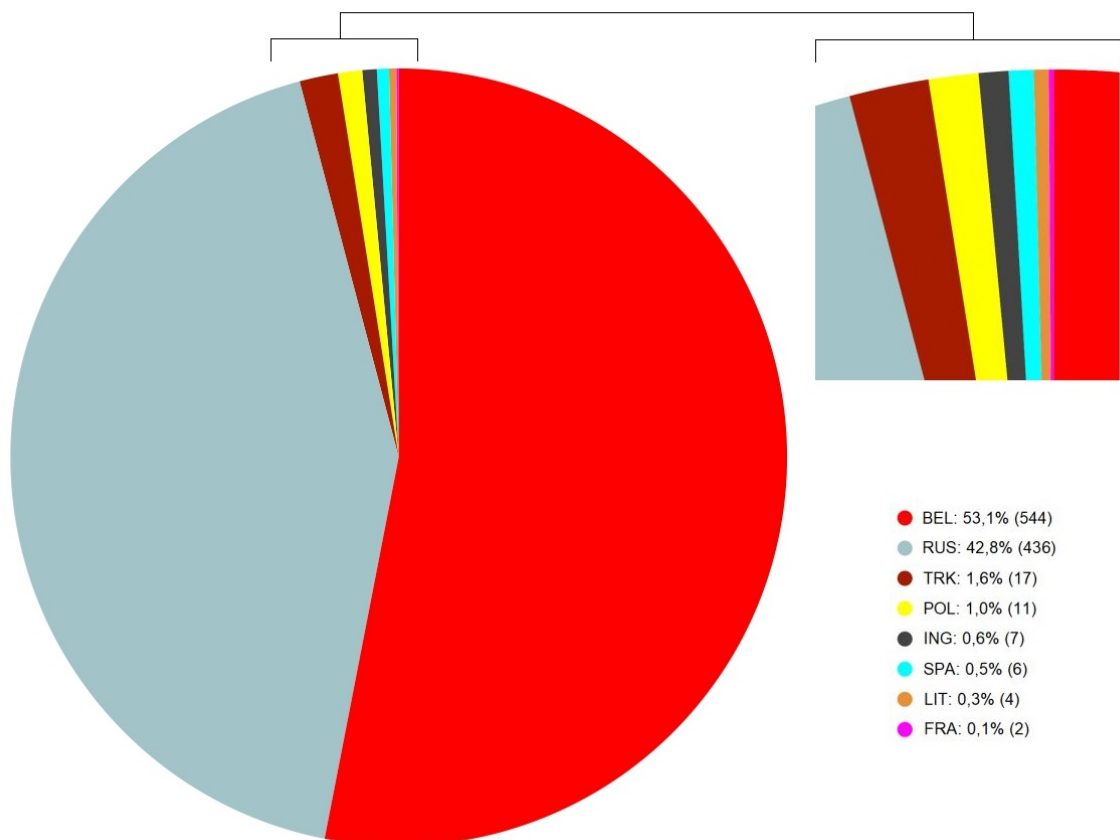
³⁰ Tradução minha, do inglês, de: “the most serious blow suffered by the colonized is to be removed from history”.

³¹ Tradução minha, do inglês, de: “put an end to the history of colonization... and to bring into existence the history of the nation – the history of decolonization”.

3 TRADUÇÃO E LEGENDAGEM

Para além dos conflitos identitários e da denúncia ao regime de Lukašenka, uma das características mais marcantes de *Viva Belarus!* é sua diversidade linguística. Além dos dois idiomas *de facto* oficiais do país, belarusso e russo, frequentemente mesclados no que comumente é chamado de trasiianka, a narrativa também conta com trechos em polonês, francês, inglês, espanhol e lituano (**Gráfico 1**).

Gráfico 1 – Porcentagem e número de linhas ocupadas por idioma na legenda de *Viva Belarus!*.



Fonte: Elaboração própria.

Este cenário polifônico retrata, de várias maneiras, a realidade única de Belarus dentro e fora do filme, consistindo em um desafio para a tradução, tanto por questões de ordem técnica quanto cultural e histórica, uma vez que cada idioma tem sua função dentro da obra. Paradoxalmente, o único país onde ao menos 97% das falas e canções do filme seriam

inteligíveis, Belarus, é também o único onde sua execução pública foi proibida (BELSAT, 2013). Não contente com a proibição em seu território, o regime se queixou oficialmente com as autoridades polonesas e exigiu a retirada imediata do filme de circulação. Tal reação já era esperada, uma vez que a obra critica a atual ditadura. Sendo assim, é possível argumentar que o filme, produzido e financiado pelos estúdios WFDiF (Polônia) e Canal+ (França) nunca teve como objetivo principal lucrar nas bilheterias, comum a quase todas as produções cinematográficas, mas sim ser uma ferramenta de denúncia. Desta forma, a tradução é praticamente obrigatória para que o filme possa alcançar outros públicos e realizar seu papel. Em outras palavras, traduzir a realidade nele representada é inerentemente um desafio e uma necessidade.

O primeiro passo para a tradução e legendagem de *Viva Belarus!* foi transcrever todo o texto oral e escrito presente na trama. Dada a natureza intersemiótica do filme (COSTA, 2020), esse texto de partida é apresentado de múltiplas formas ao longo da narrativa, a saber:

- Créditos – logomarca dos estúdios, equipe de produção, direção e elenco, agradecimentos;
- Diálogos – conversas presenciais, por telefone, entrevistas, *code-switching*, comandos militares;
- Narração – *voice-over* do protagonista e de jornalistas;
- Música – Shows da banda Forza, cantarolar e apresentações de Miron (solo), trilha sonora;
- Texto escrito – letreiros, legendas (indicações de lugar e época), grafite, cartazes, inscrições, blog, sites de notícia, sinalização, comunicação governamental;
- Texto oralizado – transmissões televisivas, rádio, coberturas jornalísticas, leitura de textos jurídicos e militares.

A transcrição se fez necessária diante da ausência de uma legenda nas línguas de partida, fato que se explica, ao menos em parte, pelo fato de a produção ser voltada ao público ocidental, não falante das línguas predominantes na trama, ao qual se prioriza a legendagem tradutória. O trabalho foi feito manualmente, com revisão colaborativa, consistindo em escutar e transcrever todas as falas em seus respectivos idiomas, além de perscrutar e transportar para a legenda todo o texto escrito, sempre que possível. Os trechos em belaruso, russo, trasianka, espanhol, francês e inglês foram transcritos e traduzidos por mim e revisados

por Volha Yermalayeva Franco (belaruso, russo e trasiianka), Jorge Hernán Yerro (espanhol) e Christophe Pantoja (francês), profissionais da docência e tradução de seus respectivos idiomas. O trecho em polonês foi transcrito por Anna Pawlus e o lituano por Akvilė Kalinaitė, falantes nativas dos respectivos idiomas. Desse trabalho resulta a legenda presente no ANEXO C, que contém o texto de partida e de chegada contemplado neste estudo.

Cada uma das modalidades textuais mencionadas apresenta especificidades a serem consideradas no ato da tradução. Por exemplo: a vinheta do estúdio WFDiF – *Wytwórnia Filmów Dokumentalnych i Fabularnych*, praticamente a primeira imagem que vemos no filme. Aqui, a questão não é apenas como, mas se realmente é necessário traduzir. Consideramos como nome próprio, a exemplo de estúdios como Sony ou Columbia Pictures?

Diferentemente desses dois exemplos, contudo, o nome em questão não é próprio e sim descritivo, isto é, composto de lexemas: *wytwórnia*, cognato do belaruso *vytvornia* (*вытворня*), onde o prefixo *wy-/vy-* traz a ideia de “para fora”, “externo” e a raiz *twór/tvor*, “criação”, aliado à desinência *-nia*, marca de substantivo feminino, significa “fábrica” ou, neste caso, “estúdio”. Os vocábulos, declinados no caso genitivo plural, *filmów*, cognato de “filme”, assim como *dokumentalnych* e *fabularnych*, de etimologia latina, são parentes não muito distantes de “documentos” e “fábulas” (aqui, no sentido de filmes de ficção), unidos por um *i* que forma par com a conjunção “e”, em português, também de origem indo-europeia.

Entretanto, poder traduzir, por si só, não é motivo para traduzir. O que torna o nome deste estúdio tão merecedor de uma tradução, enquanto companhias como as já mencionadas não são contempladas? Seria uma questão de prestígio, por serem estas mais conhecidas e de países hegemônicos? É justo. Deixemos, então, sem traduzir. Eis que, alguns segundos depois, surge novamente o nome do estúdio, desta vez, acompanhado de um adjunto adverbial de lugar: *w Warszawie*. “Em Varsóvia” não faz parte do nome da empresa, se trata de uma referência literal ao seu lugar de origem/atividade. E então? Parece que a tradução se torna obrigatória, do contrário, “Wytwórnia Filmów Dokumentalnych i Fabularnych em Varsóvia” não soa assaz explicativo. Ainda menos sentido tem transplantar dito adjunto para a legenda, supostamente em português, sem traduzir. Concluímos, pois, que a tradução é praticamente obrigatória. Então, como traduzir?

Na obra *Procedimentos técnicos da tradução: Uma nova proposta* (1990), a pesquisadora Heloísa Gonçalves Barbosa, professora de tradução na UFRJ, realiza uma extensa revisão de literatura sobre os procedimentos técnicos tradutórios, com base na pesquisa de Nida, Vinay e Darbelnet, Catford, Newmark e Vázquez-Ayora, buscando responder essa mesma pergunta. Como resultado, Barbosa apresenta treze procedimentos tradutórios (1990, p. 63-77), a saber: i. Tradução palavra-por-palavra; ii. Tradução literal; iii. Transposição; iv. Modulação; v. Equivalência; vi. Omissão vs. Explicação; vii. Compensação; viii. Reconstrução de períodos; ix. Melhorias; x. Transferência (estrangeirismo, transliteração, aclimatação e transferência com explicação); xi. Explicação; xii. Decalque; e, por último, xiii. Adaptação. A partir desses procedimentos é feita a reflexão sobre as estratégias de tradução empregadas neste estudo, de acordo com a terminologia descrita por Molina e Albir (2002), segundo as quais, estratégias de tradução “são os procedimentos (conscientes ou inconscientes, verbais ou não-verbais) usados pela tradutora para resolver problemas que surgem ao realizar o processo de tradução com um objetivo específico em mente”³².

Com o intuito de refletir sobre os desafios tradutórios, neste caso, não vamos considerar a omissão (1990, p. 68) ou resumirmo-nos ao uso da sigla – WFDiF – que poderiam ser alternativas válidas em outros contextos. Como veremos adiante, os créditos, iniciais e finais, não poderão ser traduzidos na legenda, uma vez que conflitam com as falas e canções. Por isso, estamos diante da única oportunidade prática de se legendar um elemento paratextual que imprime uma identidade na obra (quem produziu e onde), dado importante que, acreditamos, deve ser informado ao público. Finalmente, em se tratando de uma empresa pouco conhecida em terras tupiniquins, sem uma tradução consagrada no mercado lusófono, optei pela tradução mais próxima do procedimento palavra-por-palavra (p. 64): “Estúdio de Filmes Documentais e de Ficção em Varsóvia”. A locução “de Ficção” surge como transposição (p. 66) do adjetivo *fabularnych*, algo como “dos [filmes] fictícios”, que poderia soar ambíguo, como se os filmes em si não existissem. “Ficção” remete ao gênero, eliminando possíveis ambiguidades, adequando-se inclusive à obra que o público está prestes a ver, isto é, um longa-metragem que consiste em um drama fictício baseado em acontecimentos reais.

³² Tradução minha, do inglês, de: “Strategies are the procedures (conscious or unconscious, verbal or nonverbal) used by the translator to solve problems that emerge when carrying out the translation process with a particular objective in mind”.

Ainda sobre as vinhetas, o segundo estúdio a dar suas caras, o Canal+, não requer tradução para o português, recorrendo-se, então, à omissão. Justiça seja feita para com o colega polonês, explicarei o porquê. Primeiro, porque *canal* em português é homônimo. Segundo, porque aqui, paradoxalmente, traduzir seria confundir. A vocalização do sinal “+” em francês, língua de origem da empresa, é *plus* e não “mais”, como pode parecer para o público lusófono. Porém, ao escrever “Canal Plus” eu estaria, de certa forma, descaracterizando o nome da empresa, estilizado como CANAL+, bem como introduzindo uma palavra estrangeira que não havia ali, sem lhe dar a devida tradução – a menos que eu introduzisse uma explicação desnecessária: “Canal Plus (Canal Mais)”.

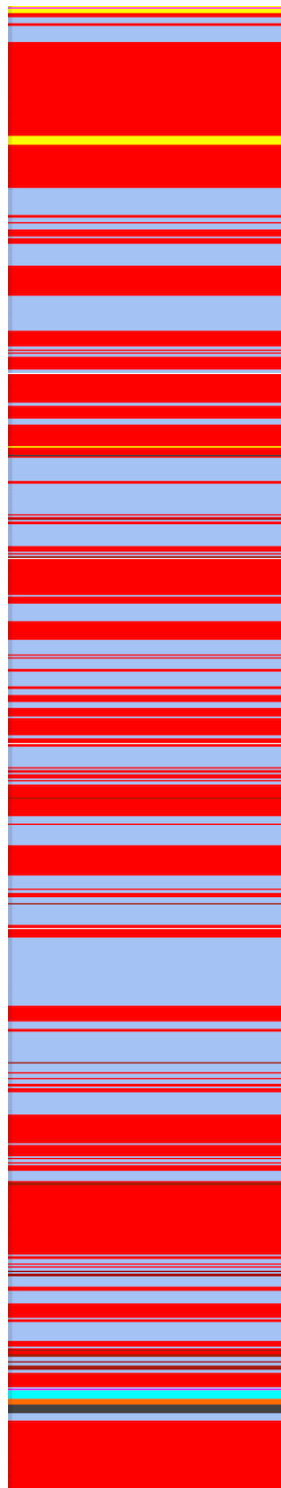
Os créditos iniciais, em polonês, são uma espécie de documento de identidade do filme, mostrando quem o produziu, quem está aparecendo ou ainda vai aparecer na tela, dentre outras informações. Entretanto, eles competem com os diálogos e textos escritos que compõem a obra propriamente dita. Logo, a tradução dos créditos teve que ser sacrificada em preferência ao entendimento do filme, objetivo principal da tradução.

A liberdade com que os créditos foram tratados na legendagem, que poderia facilmente ser julgada como desleixo ou mesmo negligência, ocorre em grande parte pela característica inerente dos créditos de já serem eles mesmos um tipo de legenda, de relativa facilidade de busca para quem tiver maior interesse. Em outra ocasião, talvez, se os créditos em questão estivessem escritos em outro alfabeto ou sistema de sinais que os tornasse ilegíveis para o público brasileiro, esta problemática poderia ser revista.

Como dito anteriormente, ao menos 97% do filme é, em tese, inteligível para o público belarusso, posto que está em belarusso (53,1%), russo (42,8%) e trasianka (1,6%), com os outros idiomas somando cerca de 2,5%, sem contar os créditos iniciais e finais, em polonês, que não foram legendados, nem nomes próprios e estrangeirismos, incorporados às línguas dominantes de suas respectivas frases.

A julgar pelo gráfico, dividido em fatias homogêneas, entretanto, não nos damos conta da complexidade das relações entre os idiomas na narrativa. Ao invés disso, temos a impressão de que ela é conduzida em apenas dois idiomas – extremamente parecidos, hão de pensar as mentes mais leigas – com brevíssimos trechos em outros idiomas. A realidade retratada no filme, contudo, é consideravelmente mais complexa.

Gráfico 2: Distribuição dos idiomas na legenda.



Fonte:
Elaboração própria.

Os idiomas frequentemente se mesclam, se digladiam e afirmam seus territórios de inúmeras maneiras ao mesmo tempo que chegam a se confundir. Eles interagem assim como as personagens e seus contextos, moldando suas personalidades e acentuando suas ações.

Pensando em como ilustrar melhor esse verdadeiro campo de batalha cultural, seguindo o argumento de Akudovič, elaborei o **Gráfico 2**. Nele, podemos ver como as duas línguas principais do filme se retalham e são retalhadas por outras, inclusive por seu rebento, a trasianka, que tradicionalmente não é considerada outra língua, mas tem identidade própria e considerável importância na trama. A ilustração conta com todas as 1027 linhas da legenda do filme, onde cada frase recebe a cor de seu idioma dominante, logo, por exemplo, não necessariamente uma frase em vermelho (belaruso) está 100% nessa língua, mas está acima dos 50%. Como as fronteiras entre as línguas, sobretudo as primárias do filme, não são exatas, trabalho com aproximações contextuais. Exemplo disso está na linha dita pelo cabo Ščuka:

381
00:34:15,800 --> 00:34:22,274
Карочэ, калі ты хочаш, каб і далей
пра нас чыталі, праць лучшэ

Então, se quiser que continuem a ler
sobre nós, esconda melhor

É simplesmente impossível dizer se esta frase está em belaruso ou em russo. O equilíbrio entre os dois idiomas é tamanho que ela parece ter sido meticulosamente engendrada para tratá-los com igualdade diplomática, mas frases assim são bastante comuns, tanto no filme quanto no cotidiano do país.

As partes sublinhadas correspondem às que se transpuseram do texto de partida com pouca ou nenhuma alteração, transliteradas de acordo com as normas de sua língua de chegada (ou, paradoxalmente, de partida):

Tabela 1 – Recriação da linha 381 (Trasianka), em belarusso e russo.

Trasianka	Belarusso	Russo
Карочэ, калі ты хочаш, каб і далей пра нас чыталі, прачлучшэ	Карацей, <u>калі ты хочаш, каб і далей пра нас чыталі</u> , хавай лепш	<u>Короче</u> , если ты хочешь, чтобы и дальше про нас читали, <u>прячь лучше</u>
Karótchè, kali ty chočaš, kab i daliej pra nas čytali, pratch lútchchè	Karaciej, kali ty chočaš, kab i daliej pra nas čytali, chavaj liepš	Korótchie, iésli ty khótchiech', tchtóby i dál'che pro nas tchítali, priatch' lútchchie

Fonte: VIVA BELARUS!, 2012, 00:34:15,800 --> 00:34:22,274.

Nota-se “karótchè” e “pratch lútchchè”, do russo; e “kali”, “chočaš”, “kab”, “daliej” e “čytali”, do belarusso. Em negrito estão marcados os vocábulos que, ao menos na fala, são de fonte indistinguível: “ty”, “i” e “pra/pro nas”, ou seja, comuns a ambos idiomas. É necessário ressaltar que esse processo ocorre de maneira espontânea e aqui não está sendo levada em consideração a intenção do falante, ou seja, é possível que este, ao ser interrogado sobre que língua fala, se refira ao russo, ainda por cima, atraindo “daliej” (existe em russo a variação *dálieie* (*далее*)) para esse idioma, ou, ao contrário, que está falando belarusso, apenas sem se apegar à norma culta, com uso de regionalismos.

Quanto ao fator paradoxal de língua de partida e de chegada mencionado no parágrafo anterior, isto se evidencia se pensarmos nos três tipos de tradução, segundo Jakobson: interlinguística, intralinguística e intersemiótica. O cenário em questão nos sugere estarmos diante de um modelo híbrido que desafia tal paradigma. Este exercício de tradução é, ao mesmo tempo, intra e interlinguístico, à medida que a trasianka é e não é belarusso e russo (cf. capítulo 6). Ao passo que traduzir esta frase ao português exige conhecimento de ambos idiomas, ela não deixa de ser um texto de partida autônomo (trasianka – português, sem intermediários) enquanto que traduzi-lo para belarusso ou russo, como na tabela, implica uma tradução intralingual parcial. Claro, se analisarmos isso sob uma perspectiva genettiana, qualquer texto a ser traduzido passa por esta dinâmica e, mesmo a nível intra-interlinguístico é possível enxergar paralelos inclusive dentro de línguas hegemônicas, como a intrínseca e

inaudita necessidade de se ter uma noção básica de francês para alcançar plena proficiência em inglês, por exemplo.

Com efeito, poderíamos facilmente levar a discussão para o âmbito político, para além do linguístico, a respeito da própria noção de idioma e o que o difere de dialetos, pídgin, patoás, crioulos e línguas de contato. De fato, em conversa com o escritor baiano Luiz Leal, que me questionou em qual dessas categorias se encaixaria a trasianka, respondi-lhe que seria possível argumentar que não se trata de uma língua de contato, posto que não é um fenômeno recente; tampouco pídgin, pois passa de geração a geração. Seria um crioulo, caso tivesse algum suporte governamental e cumprisse função de comunicação interétnica, ou patoá, se se resumisse apenas à zona rural ou socioleto, ainda que existam patoás em regiões da Rússia, por exemplo, onde só russo é falado, sem influência de um substrato identificável. Chamá-la de dialeto seria demasiado simplista e politicamente tendencioso, pois, como se atribui a um aluno de Max Weinreich (MAXWELL, 2018, p. 264), “língua é um dialeto com exército e marinha”³³. Além do mais, o uso do termo “dialeto” sugere uma homogeneidade nas falas contempladas como “idiomas”, o que, como veremos, não é exatamente o caso quando se trata de traduzi-las. Outrossim, a trasianka será abordada em maior profundidade posteriormente. Por ora, para fins de praticidade, digamos que ela se trata de um “subpadronizado e caótico ato linguístico creolizado belarusso-russo”³⁴ (MIAČKOŮSKAJA, 2007).

Esse risco ao qual me refiro de que, ao chamarmos trasianka de dialeto, confere-se a suas línguas de origem uma suposta homogeneidade, é sobretudo relevante pois de seus meandros dependem inúmeras escolhas e estratégias de tradução. Para organizar melhor a discussão, aprofundando nas peculiaridades de cada idioma e de suas funções na trama, faz-se necessário analisá-los individualmente, à exceção de polonês e das línguas não-eslavas presentes na narrativa, mais pontuais e rarefeitas, que serão tratadas em conjunto por apresentar funções semelhantes dentro da obra. Antes disso, contudo, cabe lançar um olhar sobre os aspectos técnicos da legendagem do filme, tais como formatação, software e diretrizes, sobretudo no que tange a identificação de múltiplas línguas de partida na legenda de chegada.

³³ Tradução minha, do inglês, de: “A language is a dialect with an army and a navy”.

³⁴ Idem: “«Trasianka» is a substandard chaotic creolized Belarussian-Russian parole” (sic).

3.1 ASPECTOS GERAIS DA LEGENDAGEM INTERLINGUAL

A legendagem interlingual geralmente demonstra um comportamento binário com relação à pluralidade de línguas presentes em uma obra audiovisual: ou ela traduz, sem distinção, para a língua do público alvo, ou ela se omite. Exemplos disso são a produção mexicana *Não se aceitam devoluções* (2013), que mostra as dificuldades culturais e linguísticas de um imigrante mexicano nos EUA, sem explicitar que línguas estão sendo faladas (frequentemente espanhol e inglês), ou, no caso da não-tradução, um famoso exemplo é a frase “Hasta la vista, baby”, dita pelo ciborgue T-800, no filme *O Exterminador do futuro 2: O julgamento final* (1991), que assim foi mantida, inclusive na dublagem para português, preservando o duplo estrangeirismo (do espanhol “hasta la vista” e do inglês “baby”).

Um terceiro caminho, menos frequente, insere no corpo do texto da legenda que idiomas estão sendo utilizados em tela, a exemplo do filme chinês *狄仁傑之神都龍王* (*Dírénjié zhī shén dōu lóngwáng*), lançado no Brasil como *Jovem Detetive Dee: Ascensão do Dragão do Mar* (2013), onde se explicita em que momentos as personagens antagonistas falam dondo – uma língua austronésia – sem, contudo, explicitar que língua as outras personagens falam.

Este estudo propõe uma reflexão em torno desse terceiro caminho, entendendo que ignorar ou subentender um ou mais idiomas de um filme, quando essa pluralidade tem importante função na obra, é uma opção de cunho ideológico excludente (FREIRE, 2015, p. 129), pelos seguintes motivos:

1. Compromete a compreensão da obra pelo público, que não entende os atritos linguísticos/culturais entre as personagens, importantes na narrativa, por não distinguir os idiomas que elas falam;
2. Deixa a critério do público imaginar que língua está sendo falada, o que frequentemente resulta na imposição de uma língua de maior prestígio sobre outra(s) de menor prestígio, como no caso de *Jovem Detetive Dee: Ascensão do Dragão do Mar*, onde pode-se supor que as demais personagens falam mandarim, excluindo-se assim a possibilidade de sabermos se elas falam, na realidade,

cantonês e/ou outras línguas, inclusive faladas na época da narrativa (dinastia Tang, fim do século VII);

3. Impedem o público de perceber a diversidade linguística e cultural presente na obra, limitando o potencial do filme como ferramenta de desenvolvimento educacional e social.

Poucos filmes representam esta problemática tão bem quanto *Viva Belarus!*, uma vez que a maior parte de suas cenas apresenta alguma alternância entre idiomas, exigindo assim uma habilidade inerentemente plurilíngue na sua tradução e uma necessidade extraordinária de explicitar as línguas de partida. O viés político da narrativa torna-a uma ferramenta de denúncia contra um regime ditatorial, servindo principalmente para o público ocidental, o qual, a exemplo do brasileiro, não domina nenhum dos dois idiomas principais da obra. Um momento que ilustra essa situação, no filme, é quando os soldados se reúnem no pátio do quartel para jurar à bandeira (VIVA BELARUS!, 2012, 00:39:55,800 ... 00:40:49,800):

Oficial: – Eu, cidadão da República de Belarus...
 Šery: – Eu, cidadão da República de Belarus...
 Oficial: – Juro ser fiel ao povo.
 Šery: – Juro ser fiel ao povo.
 Oficial: – O que está inventando, soldado Siéryi? Siga o texto!
 Eu, cidadão da República de Belarus, juro ser fiel ao povo!
 Proteger a constituição da República de Belarus!
 Servir ao presidente e à Pátria!
 Servir ao presidente e à Pátria!
 Comissário: – Você tem problema de memória, Siéryi?
 Šery: – Eu me recuso a jurar à bandeira dessa forma.

Mesmo cumprindo seu papel de traduzir, a legenda, no caso transcrito acima, tem sua função impossibilitada de dar sentido à cena assistida, especialmente para um público não familiarizado com os idiomas falados, cujas sonoridades podem parecer idênticas. Entretanto, alguém que conheça ao menos um dos dois idiomas entenderá com facilidade o motivo de tamanho impasse: o oficial em questão recita o juramento em um idioma (russo), enquanto o recruta repete em outro (belaruso). Essa dicotomia também é visível na transcrição do nome do soldado, Šery, do belaruso *Шэры*, e Siéryi, como o oficial o chama em seu equivalente russófono – *Серуи*.

3.1.1 Um campo a ser explorado

Na introdução do volume 9 da revista *The Translator* (GAMBIER, 2003), Yves Gambier, pesquisador francês pioneiro no campo de tradução audiovisual, faz um breve resumo histórico dos avanços relativamente recentes no campo de estudos, cujas modalidades ele divide em duas categorias: dominantes (*dominant types*) e desafiadoras (*challenging types*). Dentro da primeira categoria, ele lista a legendagem interlingual ou *open caption*; dublagem; interpretação consecutiva e simultânea; meia dublagem ou *voice-over*; livre comentário (*free commentary*); *sight translation* ou tradução simultânea baseada em um texto externo já disponível; e, finalmente, produção multilingual ou versões duplas de filmes produzidos em diferentes idiomas. Dentro da segunda categoria, Gambier cita a tradução de scripts, geralmente não editadas na produção em si; legendagem intralingual ou *closed caption*; legendagem em tempo real; sobretítulos (*surtitling*); e audiodescrição (que pode ser também intralingual).

Neste trabalho, a modalidade escolhida para traduzir *Viva Belarus!* ao público brasileiro foi a legendagem interlingual (*open caption*), devido à sua praticidade de elaboração e aplicabilidade, tanto na tela quanto na discussão ao longo deste trabalho. Além disso, este estudo visa colaborar com a pesquisa em uma lacuna apontada por Gambier na seção 4, *A field yet to be explored* (“Um campo ainda a ser explorado”, 2003, p. 182-183), onde trata da relação entre língua e identidade nas mídias audiovisuais, mais precisamente sobre estratégias de tradução legendada de várias línguas estrangeiras no mesmo filme, algo que, segundo o autor, vale a pena investigar em futuros projetos de pesquisa.

3.2 DIRETRIZES E PRECEDENTES

Embora as legendas antecedam a fala no cinema, os estudos sobre legendagem constituem um campo relativamente recente e em franco crescimento (GOROVITZ, 2006, p. 64). Em sua dissertação de mestrado sobre legendagem, defendida na UFBA, Paula Dutra (2008, p. 31-33) faz um breve levantamento sobre o histórico dos estudos de legendagem no Brasil: Cortiano, 1990, propõe um modelo de avaliação qualitativa e análise de problemas

práticos da tradução de filmes em videocassete, baseado na pesquisa de House e Newmark; Franco, 1991, pesquisa a tradução cinematográfica do ponto de vista de quem traduz, contestando assim a depreciação do trabalho por terceiros; Araújo, 2000, analisa a tradução de clichês, identificando cinco normas básicas, incluindo noções de correspondência, criação e uso de expressões não clichês, eufemismos e modulação entre o formal e o coloquial; Gorovitz, ainda em 2000, reflete sobre a recepção das legendas interlinguais pelo público, enquanto Chile, em 2001, realizou um dos primeiros estudos no Brasil sobre tradução de humor na legendagem; Carvalho, 2005, teoriza a aplicação dos Polissistemas, de Even-Zohar, e fundamentos da teoria descritiva de Toury aos estudos de TAV; no ano seguinte, Barros realiza uma pesquisa de campo com estudantes de língua inglesa para analisar a recepção de humor, enquanto Gomes reflete sobre o papel da legendagem no ensino de língua estrangeira.

De 1990 a 2014, segundo levantamento realizado por Santos, Costa e Galdino (2016), foram publicados no Brasil ao menos 36 artigos científicos relacionados ao tema. Um levantamento mais recente, realizado por Boito, em setembro de 2020, no Portal de Teses e Dissertações da CAPES, identificou um total de 15 teses de doutorado que abordam a legendagem a partir dos estudos de tradução, um número que a autora reconhece como “bastante reduzido” (2020, p. 175).

Pondera-se que, devido à escassez de estudos mais profundos sobre o tema, reflexo da carência de autonomia do campo de Estudos da Tradução que “no geral, encontra-se vinculado a programas de pós-graduação mais amplos” (KOGLIN, OLIVEIRA, 2013, p. 261), ocorra uma falta de padronização das normas e técnicas no Brasil, onde os padrões “variam de estúdio para estúdio, tipo de mídia ou meio de veiculação. Mas existem procedimentos que são comuns no processo” (NOBRE, 2012, p. 97). Nesse sentido, duas obras de especial relevância no cenário nacional são o *Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis*, do Ministério da Cultura – Secretaria do Audiovisual (NAVES *et al.*, 2016), e *Recomendação Técnica de Acessibilidade*, da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação (FERREIRA FILHO *et al.*, 2020), ambos documentos com base na Lei Brasileira de Inclusão nº 13.146/15. Embora ambas edições sejam voltadas primariamente à acessibilidade, elas também abordam aspectos técnicos da legendagem interlingual para o público ouvinte. Segundo NAVES *et al.* (2016, p. 42), no Brasil,

pelo menos no que diz respeito à televisão, os parâmetros são pensados diferentemente dependendo do público. Esses parâmetros são de ordem técnica, linguística e tradutória. Para os ouvintes, uma legenda deve ter no máximo duas linhas, ter um número de caracteres compatível com a velocidade de leitura do espectador, estar normalmente no centro da tela e ser exibida em bloco. Dependendo da velocidade da fala da produção audiovisual, a legenda precisa ser editada para que o espectador possa lê-la, olhar para as imagens e ouvir o áudio. Tudo isso, acontecendo em segundos e milésimos de segundos. Para os surdos e ensurdecidos, as legendas não seguem esse padrão. Ela, [sic] algumas vezes, são exibidas em três linhas ou mais, com uma densidade lexical que não permite que o espectador tenha tempo de harmonizar imagens e legenda, as quais também trazem a tradução do áudio e a identificação do falante.

Na Europa, onde esforços vêm há muito sendo implementados para padronizar as práticas de legendagem em torno de seus numerosos países e idiomas oficiais, Karamitroglou (1998) aponta para práticas semelhantes, oferecendo uma detalhada síntese. Segundo ele, as legendas devem estar, basicamente, de acordo com as seguintes diretrizes:

1. Centralizadas ou, excepcionalmente, alinhadas à esquerda;
2. A uma altura mínima de 1/12 da borda inferior da tela, para que a visão do público não tenha que se distanciar demais da ação;
3. Fonte sem serifa (recomenda-se Helvetica ou Arial), evitando-se fontes largas (típicas das máquinas de escrever), para economizar espaço;
4. Letras em cor branca fosca sobre fundo (caixa) cinza, evitando-se contornos móveis, passíveis de causarem confusão no público;
5. Adição de 0,5 segundo por linha, sempre que possível;
6. Duração mínima de 1,5 segundos por linha, mesmo que seja apenas uma palavra;
7. Duração máxima de 3,5 segundos por linha, para evitar releituras desnecessárias;
8. Começar 0,25 segundos depois do início da fala, a fim de que o cérebro primeiro perceba a voz para, então, voltar-se ao texto.

Quanto a demais aspectos textuais da legenda, Gorovitz argumenta que “o tradutor deve facilitar ao máximo a atividade do espectador, restringindo a utilização da pontuação, estabelecendo boas conexões” (2006, p. 66). Karamitroglou também comenta sobre o uso de pontuação, adicionando que as aspas, quando envolvem texto em itálico, “devem ser usadas para indicar uma transmissão pública, ou seja, um texto oral vindo de fora da tela e dirigido a várias pessoas (ex.: TV, rádio ou um alto-falante). Elas também devem ser usadas ao

transcrever letras de música”³⁵ (p. 6). Quanto à tradução de música, recomenda-se ainda utilizar a colcheia (♪) antes e depois de cada verso (NAVES *et al.*, 2016, p. 61).

O uso de maiúsculas e minúsculas segue, igualmente, padrões impressos, com as primeiras tendo preferência para transferir texto presente na tela. Karamitroglou ainda desaconselha o uso de negrito e sublinhado.

Quanto à segmentação, o pesquisador recomenda a divisão de linhas demasiadamente longas em duas linhas menores, o que ajuda a acelerar a leitura. Essa quebra deve ser feita no nível mais alto possível dos sintagmas, a exemplo da frase “A destruição da cidade / foi inevitável”, não “A destruição da / cidade foi inevitável”³⁶. Recomenda-se, ainda, que as duas linhas sejam as mais simétricas possíveis, posto que os olhos estão acostumados a textos retangulares. Orações devem ocupar linhas distintas e, de preferência, devem representar cada frase falada em proporção 1:1.

Tanto Nobre quanto Karamitroglou concordam que certos termos e expressões devem ser omitidos, caso semanticamente vazios ou de pouca relevância narrativa, a exemplo de vícios de linguagem, redundâncias e repetições. Outro ponto de concordância consiste no caráter exigente do público, constantemente em busca de possíveis “erros” de tradução. Segundo Nobre, dentre os principais fatores que o público enxerga como “erros” na legendagem (ou legendação, como a autora denomina o processo de tradução das legendas³⁷), destacam-se as omissões e adaptações inerentes à sua elaboração, além do mito da literalidade, que a autora critica com base na argumentação de Barbosa (NOBRE, 2012, p. 101). Nesse sentido, uma interessante recomendação de Karamitroglou é, sempre que possível, reter cognatos e nomes próprios no texto de chegada (se alguém diz “África”, por exemplo, este nome deve estar presente de alguma forma na legenda). Tal medida ajuda o público a se orientar, dentro dessa literalidade, enxergando padrões entre a fala e o texto traduzido. Em outro estudo sobre o tema, Carvalho (2007, p. 20) argumenta que as legendas interlinguais devem conter:

³⁵ Tradução minha, do inglês, de: “(...) should be used to indicate a public broadcast, i.e. spoken text coming from an offscreen source and addressed to a number of people (e.g. through a TV, a radio, or a loudspeaker). They should also be used when transferring song lyrics”.

³⁶ Tradução minha, do inglês, de: “The destruction of the city was inevitable”.

³⁷ Koglin e Oliveira (2013) discutem esse assunto em maior profundidade e, amparadas por Franco e Araújo, defendem o termo “legendagem” para todo o processo de tradução e elaboração das legendas.

- Componentes sintáticos em ordem direta em vez de inversa, ou intercalada;
- Orações coordenadas em vez de subordinadas;
- Construções ativas em vez de passivas;
- Construções positivas em vez de negativas;
- Verbos simples em vez de compostos;
- Elipses em vez de sujeitos ou verbos repetidos na mesma oração;
- Interrogações em vez de perguntas indiretas;
- Imperativo em vez de solicitações indiretas.

Além dessas diretrizes, Karamitroglou prioriza o uso de siglas, numerais e sinais gráficos conhecidos do grande público, para economizar espaço. Certos elementos culturais, entretanto, exigem explicação (ou omissão), ponto em que ele e Barbosa (1990) confluem. A explicação, segundo o autor, ocorre por meio de: a) transferência cultural, em que o elemento estrangeiro é substituído por outro doméstico – assemelha-se ao procedimento de adaptação descrito por Barbosa (1990, p. 76), quando o elemento da língua de partida é inexistente na cultura de chegada; b) transposição, semelhante à transferência (p. 71); c) transposição com explicação, similar à transferência com explicação (p. 74), a qual, segundo Barbosa, se dá por notas de rodapé ou “diluída no texto”; e d) neutralização (explicação simples), semelhante à anterior porém mais curta e objetiva, refletindo as limitações de espaço na legenda³⁸.

Nenhuma dessas normas, entretanto, prevê a explicitação da língua de partida na legenda, elemento frequentemente omitido e relegado ao contexto (ou meta-texto). Diante da escassez de publicações acadêmicas sobre esta problemática, uma fonte relevante que aborda o tema são as *BBC Subtitle Guidelines* ou as diretrizes de legendagem do canal de televisão britânico BBC (2021, seção 17.5), que dispõem: “Se uma pessoa falar em um idioma estrangeiro e forem fornecidas legendas para tradução visual, use um rótulo para indicar o idioma que está sendo falado. Deve estar em letras maiúsculas brancas, alinhado à esquerda, acima da legenda, seguido por dois pontos”³⁹. Quanto ao uso do rótulo mencionado, o documento ainda orienta a usá-lo apenas uma vez, “no início – não sempre que o idioma for

³⁸ Tradução minha, do inglês, de: “a) cultural transfer, b) transposition, c) transposition with explanation, d) neutralisation (plain explanation), e) omission”.

³⁹ Tradução minha, do inglês, de: “If a speaker speaks in a foreign language and in-vision translation subtitles are given, use a label to indicate the language that is being spoken. This should be in white caps, ranged left above the in-vision subtitle, followed by a colon”.

falado”⁴⁰. Em caso de dificuldade de identificar o idioma em questão, o rótulo deve conter a palavra “tradução” (*translation*) em lugar do nome, quando não há necessidade de se especificar o idioma. É interessante observar que esta diretriz é fundamentalmente idêntica à prática descrita no mesmo documento (seção 12) com relação à identificação de sotaques.

Embora as diretrizes da BBC sejam orientadas a seu conteúdo televisivo, é possível observar semelhantes práticas na tradução e legendagem de produções cinematográficas mundiais, como veremos na seção a seguir.

3.2.1 Exemplos de explicitação

Como mencionado anteriormente, em *Jovem Detetive Dee: Ascensão do Dragão do Mar*, a legenda (anglófona) explicita a ocorrência de uma segunda língua de partida, sem evidenciar, contudo, qual seria a outra língua falada, que se supõe ser mandarim:

500
00:40:41,515 --> 00:40:42,642
(East Island language Dondo) Something's wrong!

501
00:40:42,684 --> 00:40:44,654
(Dondo) Retreat!

Se por um lado a marcação “língua dondo da ilha oriental”, posteriormente reduzida para “dondo”, dá visibilidade a esse idioma, por outro, a não-marcação do idioma primário lhe confere uma alteridade marginalizante. Esta questão é refletida em maior profundidade no capítulo 25 da edição *The Routledge Handbook of Audiovisual Translation*, no qual De Ridder e O’Connell (2019, p. 401), à luz da teoria de Gideon Toury, tecem semelhante argumento em relação ao modo como o irlandês é representado no filme *Kings* (2007). Segundo as pesquisadoras, embora o público da língua minorizada possa desfrutar de alguma representatividade no cinema, a relação de desigualdade continua sendo marcada na legenda

⁴⁰ Tradução minha, do inglês, de: “at the beginning – not every time the language is spoken”.

interlingual “já que a língua irlandesa é substituída mais uma vez pela língua vizinha dominante, em cuja sombra e esfera de influência esta continuamente luta para sobreviver”⁴¹.

Uma abordagem mais igualitária pode ser percebida na legenda para pessoas surdas e ensurdecidas (LSE) do filme de comédia policial estadunidense *Tiras em Apuros* (2010), em que ambos idiomas falados, tanto o primário (inglês), quanto o secundário (espanhol) são explicitados na legenda⁴²:

```

710
00:43:41,618 --> 00:43:43,619
[IN SPANISH]

711
00:43:43,787 --> 00:43:45,538
We wanna know where Poh Boy is.

712
00:43:45,706 --> 00:43:48,708
[IN ENGLISH]
Don't do it, homes. Don't fucking do it.
```

Neste exemplo, semelhante ao recomendado nas diretrizes da BBC (nome do idioma em letras maiúsculas, alinhado à esquerda, acima da linha traduzida), a alteridade existe, mas a língua primária (*English*) recebe tratamento semelhante ao da secundária (*Spanish*). Tal escolha favorece não apenas o público que não compreende espanhol, mas também, principalmente, o público com surdez ou dificuldades de audição, visto que se trata de uma LSE do tipo *closed caption*, complementada pela legenda para ouvintes (LO) *open caption* fixada na tela.

Embora utilizados para evidenciar a língua de partida, tanto nas diretrizes brasileiras quanto nas europeias os colchetes são recomendados para outras finalidades explicativas, ainda que ligeiramente diferentes (NAVES *et al.*, 2016, p. 47-48):

A LSE produzida aqui faz uso dessas convenções e de colchetes também para indicar as informações adicionais, indicação de falante e efeito sonoro. A LSE europeia sinaliza a presença dessas informações por meio de cores ou colocando a

⁴¹ Tradução minha, do inglês, de: “since the Irish language is overwritten once again by the dominant neighbouring language, in whose shadow and sphere of influence it continually struggles to survive”.

⁴² Esta e outras citações estão em inglês pois não obtive acesso às LSE lusófonas, o que aponta para um problema de acessibilidade de ordem estrutural, especialmente em torno da tradução interlingual, ignorada pela legislação.

legenda sobre o falante. Pesquisas com surdos brasileiros (ARAÚJO, 2008; ARAÚJO E NASCIMENTO, 2011) sugeriram que, apesar de terem tido um boa recepção, preferem a convenção a que já estão habituados, ou seja, o uso de colchetes.

Além dos colchetes, existem ainda os filmes que fazem uso de parênteses para essa finalidade, a exemplo de *Pantera Negra* (2018). Além da língua de partida primária, inglesa, ocorrem trechos em ao menos duas outras: xhosa e coreana, todas igualmente evidenciadas. Contudo, o sinal gráfico não é a única diferença em relação aos exemplos anteriores. Notam-se, ainda, breves explicações características da LSE, como mencionado na citação anterior, a exemplo da linha 909:

909
00:59:22,142 --> 00:59:23,369
(OKOYE SPEAKING XHOSA)

910
00:59:23,393 --> 00:59:24,554
My King!

Entretanto, evidenciar a língua de partida não é tarefa exclusiva das LSE. Outra produção que faz uso de parênteses para tal feito, desta vez para o público ouvinte, é *Mortal Kombat* (2021), com legendas fixadas na tela (*hardcoded*), nos momentos em que as personagens falam chinês e japonês:

00:07:51,000 --> 00:07:55,000
...have been exterminated by me
(Chinese)

00:07:56,000 --> 00:07:58,800
I may not understand your words...
(Japanese)

Assim como em *Viva Belarus!*, temos aqui uma situação em que é fundamental evidenciar as línguas de partida, do contrário, o diálogo não faria sentido para um público incapaz de discernir as línguas faladas, uma vez que a segunda personagem aponta para a impossibilidade de compreender seu interlocutor: “Eu posso não entender suas palavras...”.

É possível afirmar que momentos como esse se encontram na interseção entre LSE e LO, isto é, quando a LO recorre a elementos descritivos da LSE para cumprir seu papel

tradutório, uma vez que, segundo Sobral (2008, p. 41), “As possibilidades expressivas da língua dependem tanto do sistema que as gramáticas e dicionários registram como do uso, tanto dos falantes como de todas as instâncias que incidem sobre o ser da língua”. No diálogo em questão, além do conteúdo lexical a ser traduzido, ocorrem instâncias que estão além da percepção de grande parte do público, ouvinte ou não, fundamentais para a narrativa. Graças à explicitação das línguas de partida, sabemos não apenas que uma personagem fala chinês e a outra, japonês, o que as identifica em termos geopolíticos, mas que também a primeira é fluente em ambos idiomas, como demonstrara momentos antes, e, conscientemente, escolhe falar em uma língua ininteligível à segunda. Quando esta, por sua vez, jura a primeira de morte (00:08:01,000), sabemos que a primeira entendeu a ameaça, fato que acarreta em consequências para o desfecho da trama.

Pode-se supor que as referências às línguas de partida presentes na LO de *Mortal Kombat* estejam em letras minúsculas em razão de seus extensos diálogos bilíngues, em contraste com os breves e esporádicos instantes presentes nos exemplos anteriores, nos quais essa diferença linguística não traz alterações significativas para o curso da trama. Por seu tamanho desproporcional, frequentemente usado para destacar textos e indicar gritaria, as letras maiúsculas, típicas da LSE, poderiam causar fadiga no público ouvinte, acostumado à dublagem, se usadas extensivamente. Este é um fator importante a se considerar na legendagem multilíngue de *Viva Belarus!*, uma vez que, como vimos, os idiomas de partida se revezam constantemente. Entretanto, uma diferença entre as duas produções é que, em *Mortal Kombat*, por mais que os diálogos bilíngues sejam relativamente extensos, não há instâncias de sobreposição de linhas, isto é, duas linhas mostradas simultaneamente, algo comum em *Viva Belarus!*. Em tal caso, a legenda extrapolaria o mínimo de duas linhas para poder acomodar uma terceira, identificando o idioma. Pior ainda se tratarmos de duas linhas proferidas em idiomas diferentes, o que exigiria o dobro de espaço na legenda, como podemos visualizar abaixo, a título de ilustração:

864
 01:21:54,033 --> 01:21:56,577
 – Preciso corrigir...
 (*belarusso*)
 – Tirem-no daqui!
 (*russo*)

Assim, nem o formato recomendado pela BBC, nem as diretrizes nacionais de LSE ou tampouco os exemplos de legendas multilíngues encontradas no cinema global fornecem um modelo particularmente ideal para o caso de *Viva Belarus!*. Nomes por extenso dos idiomas em letras maiúsculas e em linhas à parte são úteis quando esporádicos, mas ocupam demasiado espaço e, possivelmente, causam fadiga no público quando aplicados em grande escala. Usar letras minúsculas e alocar o nome do idioma de partida na linha inferior, alinhado à esquerda ou não, pouco faz para mudar esse cenário. Assim, proponho um formato híbrido, que recorre a elementos das diretrizes de LSE e da prática de LO, além de um recurso externo possivelmente inédito em ambas, como explicarei a seguir.

3.3 PROPOSTA DE LEGENDA MULTILÍNGUE

Não é à toa que, apesar da existência de guias, recomendações, diretrizes e estudos sobre a legendagem de produções audiovisuais, inexistam um padrão único e plenamente aceito de normas e técnicas de legendagem, ao menos a nível nacional. Assim como os recursos audiovisuais são extremamente diversos, versáteis e estão em constante transformação, a legendagem também deve ser flexível e se adequar a cada caso, de modo que ouse dizer não apenas que jamais haverá um único padrão técnico de legendagem implementado por todos os estúdios, profissionais independentes e entusiastas do Brasil e do mundo, como não deve haver. A imposição de um padrão único limitaria drasticamente as possibilidades de legendar os mais diversos tipos de produção audiovisual, passados, presentes e futuros.

Tendo isso em mente, o padrão ora proposto é pensado apenas para o filme *Viva Belarus!*, devido às especificidades linguísticas e narrativas que o destacam de outras produções, sem nenhuma pretensão de substituir ou contestar quaisquer outros formatos pensados com semelhante finalidade. Não obstante, espera-se que o padrão contribua para a discussão em torno do plurilinguismo nas legendas interlinguais, partindo da premissa de que as línguas de partida coexistentes dentro de uma narrativa audiovisual devem ser evidenciadas na legenda, sempre que possível, como forma de refletir a polifonia e diversidade etnolinguística humana, além de facilitar a compreensão do enredo.

Como pontuado na seção anterior, nenhum modelo existente de explicitação da língua de partida nas legendas do tipo *open caption*, LSE ou LO, se aplica, em sua totalidade, individualmente a *Viva Belarus!* sem incorrer em algum tipo de problema. Portanto, neste estudo, sugiro adaptar elementos das diretrizes e exemplos vistos anteriormente para criar um padrão híbrido, uma espécie de quimera, capaz de evidenciar as múltiplas línguas de partida frequentemente manifestadas e intercaladas no decorrer de todo o longa-metragem, causando o mínimo possível de fadiga visual no público ouvinte.

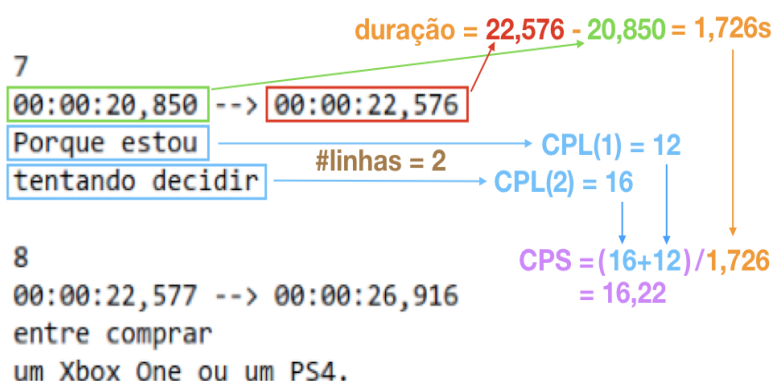
Embora a noção de fadiga dentro dos estudos de legendagem esteja mais próxima das teorias de recepção (GOROVITZ, 2006; MACHADO, 2008; SZARKOWSKA e GERBER-MORÓN, 2018; ORREGO-CARMONA, 2019), o que está além do escopo deste estudo, faz-se necessário tomar algumas hipóteses como ponto de partida para facilitar a elaboração da legenda de *Viva Belarus!*, deixando assim o caminho aberto para um futuro estudo de recepção do produto desta tese em que elas poderiam ser testadas e revisadas. Os elementos que se hipotetiza como potenciais causadores de fadiga visual no público, então, tomam como base certos elementos que contrariam as normas, recomendações e práticas empregadas na área, principalmente: a) número de linhas superior a dois; b) uso extenuante de letras maiúsculas; c) uso extenuante de pontuação; e d) notas explicativas demasiadamente longas. Isto, evidentemente, considerando que a legenda de chegada tenha marcação temporal consistente com as falas e transições, seja bem segmentada e sua ortografia e revisão sejam satisfatórias, dentre outros critérios básicos de apresentação presentes nas normas.

Outro fator relevante para este estudo é a formatação das legendas, que deve atender a critérios de praticidade, isto é, um formato que seja amplamente utilizado e de fácil leitura e transposição para o corpo da tese. Nesse sentido, o formato de legenda escolhido foi o *SubRip Text* (.srt), desenvolvido a partir do software gratuito e colaborativo *SubRip*, versão 1.6.1, próprio para extrair legendas de arquivos de vídeo⁴³. O formato .srt é facilmente acessível e editável por meio do *Notepad*, ou bloco de notas, software presente em praticamente todas as versões do sistema operacional *Microsoft Windows*. Sua sintaxe é consideravelmente simples, como pode ser observado na **Figura 12**:

⁴³ Homepage: <http://zuggy.wz.cz>

Figura 12 – Exemplo de legenda SRT. A primeira linha corresponde ao número de identificação do bloco. Logo abaixo, se encontra a marcação do tempo – início, em verde, fim, em vermelho – e, em azul, o texto que aparecerá na tela. Cada bloco é separado por uma linha vazia.

Fonte: BORGES & GUIMARÃES, 2020.



O formato SRT é facilmente executável na maioria dos computadores pessoais contemporâneos, mediante uso de leitor de vídeos, como o *Windows Media Player*, embutido no *Microsoft Windows*, e o *VLC*⁴⁴. Seguindo esse mesmo formato, vejamos um exemplo do padrão proposto para *Viva Belarus!*:

```

957
01:35:14,825 --> 01:35:19,589
[espanhol] "Nas ruas de Minsk, os belarussos
protestaram contra a fraude eleitoral cometida pelo

958
01:35:19,614 --> 01:35:25,469
regime de Lukashenko. Mais de mil pessoas
com lesões nas mãos e na cabeça...
```

O rótulo se encontra em colchetes para distingui-lo do texto de chegada, na mesma linha, comportando o nome do idioma por extenso, quando este é mencionado pela primeira vez. A grafia em letras minúsculas, inclusive a inicial, visa não apenas economizar espaço, mas também minimizar o impacto visual, uma vez que o objetivo é marcar de maneira sucinta a presença do idioma de partida, apontando para a natureza paratextual do rótulo, sendo este dispensado na sequência, quando a fala permanece no mesmo idioma (bloco 958).

Quando há mudança na língua de partida, esta, após sua primeira menção por extenso, passa a ser abreviada, de modo a minimizar a interferência do rótulo e economizar mais espaço. É neste contexto que surge o recurso externo mencionado anteriormente: o padrão ISO 639-3, que define identificadores de três letras para todos os idiomas humanos

⁴⁴ Homepage: <https://www.videolan.org>

conhecidos, inclusive artificiais e extintos (SIL, 2021). De acordo com esse padrão, os idiomas de partida de *Viva Belarus!* são codificados conforme mostra a **Tabela 2**:

Tabela 2 – Abreviações do nome de cada idioma presente na narrativa, segundo o padrão ISO 639-3.

Idioma	belarusso	inglês	francês	lituano	polonês	russo	espanhol	trasianka
ISO 639-3	bel	eng*	fra	lit	pol	rus	spa	trk**

* Adaptado, na legenda, para *ing*, por aproximação à língua de chegada.

** Abreviação sugerida neste estudo. Trasianka não consta na tabela ISO 639-3 (SIL, 2021).

Tal proposta tem o intuito de padronizar as abreviações, utilizando formas internacionalmente aceitas, de fácil e rápido reconhecimento. Vejamos, a seguir, um exemplo de utilização prática desse padrão na legenda:

470
00:41:54,417 --> 00:41:56,417
[bel] Eu vou jurar...

471
00:42:01,167 --> 00:42:05,167
Eu vou jurar... quando mudar de presidente.

472
00:42:16,432 --> 00:42:20,431
[rus] Até à noite estão todos dispensados!

Nesse exemplo, após uma sequência em outra língua, introduz-se a abreviação “[bel]” para marcar a reaparição do belarusso, mencionado por extenso no início do filme. Observa-se que a frase seguinte, 471, não apresenta rótulo, seguindo o consenso de que este só deve ser aplicado em instâncias de câmbio linguístico, o que ocorre na linha 472, exigindo nova marcação.

3.4 SÍNTESE DA PROPOSTA

Neste capítulo, foi realizada uma breve apresentação da problemática de tradução e legendagem de *Viva Belarus!* para português, definindo-se algumas questões e elementos estruturais que contextualizam e fundamentam as reflexões dos capítulos seguintes. O

caminho a ser explorado é tortuoso, devido ao pioneirismo deste trabalho – sobretudo em relação à tradução de belarusso para português. Uma pesquisa preliminar mostra que não há estudos que tratam especificamente dessa problemática, tanto a nível nacional quanto no exterior, o que confere um certo caráter empírico a esta pesquisa, em que foram analisados padrões e recursos práticos para lidar com a questão da explicitação do idioma de partida na legenda de chegada, unindo assim elementos da TAV, especialmente no tocante à acessibilidade, a procedimentos técnicos de tradução literária e textual em um sentido mais amplo.

Feita a análise, em resposta aos problemas encontrados, o padrão de legendagem proposto neste estudo apresenta como soluções: a) rótulo na mesma linha do texto de chegada, mantendo assim a regra do número máximo de duas linhas por bloco; b) preferência por letras minúsculas, inclusive iniciais, para reduzir o impacto visual das marcações, entendendo o rótulo como um elemento paratextual; c) uso reduzido de colchetes, apenas quando há câmbio linguístico (conforme diretrizes e prática de legendagem), sendo este tipo de pontuação verificado como o mais aceito, em termos de acessibilidade; e d) alusão resumida ao nome do idioma, por extenso e, subsequentemente, abreviado segundo padrão ISO 639-3, dispensando explicações adicionais (identificação da personagem, verbos descritivos, preposições, dentre outros recursos típicos da LSE).

Seguindo o padrão ora proposto, a partir do capítulo seguinte, inicio a discussão propriamente dita sobre a tradução das oito línguas de partida presentes em *Viva Belarus!*, a começar pela belarussa, língua predominante tanto em termos de exposição quanto de importância narrativa, cuja luta por liberdade é encarnada pelas personagens principais da trama. Como veremos, cada língua estará atrelada a personagens e agentes dentro da obra, conferindo-lhes vida própria e dimensões políticas para além dos estudos da tradução propriamente ditos, formando assim um panorama das múltiplas relações de poder presentes em Belarus ao longo dos séculos.

4 BELARUSSO

O idioma belarusso está presente ao longo de toda a narrativa de *Viva Belarus!*, cobrindo mais de 53% do texto de partida, seja nos diálogos, na narração ou na trilha sonora, na rádio, no blog, nos cartazes das manifestações e outros meios. Assim, trata-se do primeiro longa-metragem predominantemente em belarusso traduzido para português diretamente desse idioma. Nesta seção, busco refletir sobre momentos desafiadores da tradução de belarusso a partir dessa multitude de textos.

Entende-se por desafio todo elemento do texto de partida que traz reflexões especialmente importantes acerca do trabalho do tradutor para a língua de chegada. Em se tratando de um idioma pouco traduzido para o português, praticamente todas as frases ditas ou escritas dentro da obra poderiam se encaixar nesse critério. Entretanto, uma análise aprofundada de cada frase da obra demandaria tomos para dar conta de tudo e ainda assim seria insuficiente para esboçar um paradigma de tradução de belarusso para português. Portanto, busco aqui refletir sobre momentos específicos que ajudam a entender a narrativa e as escolhas da tradução, em particular, a função que o idioma belarusso desempenha dentro da obra e como isto se manifesta na língua de chegada.

Com esse objetivo, proponho dividir a discussão em três subcapítulos: Padrões literários identitários; História, protestos e rock ‘n’ roll; e A URSS ressurgiu no exército. O primeiro se refere aos padrões ortográficos *narkamaŭka* e *taraškievica*, ambos presentes na narrativa, que vão muito além da escrita, constituindo-se em formas de expressão identitária com consequências na tradução. O rock, por sua vez, tem papel central na obra, consolidando o belarusso como língua de um povo insubmisso, que lembra de sua história e que clama por liberdade. Além do protagonista Miron, destaca-se a voz de Lavon Volski, na trilha sonora, por vezes confundindo-se com a do primeiro. Finalmente, no exército, belarusso é a língua da denúncia por meio do blog, mas também é o instrumento que nos familiariza com as engrenagens do sistema através da narração. Neste âmbito, o texto de chegada tem como missão trazer essa familiaridade ao público, ao mesmo tempo que mantém-se um distanciamento da realidade predominantemente russófona denunciada.

Diante das reflexões acerca da sociedade e cultura belarussas a serem feitas a partir da narrativa, é necessário fazer uma breve contextualização da história e do desenvolvimento da língua belarussa, onde se fala, por quantas pessoas, seu perfil linguístico e status atual.

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

O belarusso (cirílico: *беларуская мова*, translit.: *bielaruskaja mova*; IPA: [b'ela'ruskaja 'mova], literalmente: idioma belarusso) é um dos principais idiomas do ramo eslavo oriental da família indo-europeia, classificado como vulnerável pela UNESCO devido ao “amplo uso do russo em seu lugar”⁴⁵ (UNESCO, 2010, p. 39). Segundo o censo de 2019, 4.893.139 pessoas se consideram falantes nativas do idioma, falado ainda como segunda língua por outras 201.789 pessoas, totalizando 5.094.928 falantes no país, das quais apenas cerca de 26%, ou 2.447.764 pessoas, afirmam usá-la a nível domiciliar (BELSTAT, 2020). Além de Belarus, onde tem status de língua oficial nacional, belarusso também tem status minoritário em regiões da Polônia, Rússia, Ucrânia, Lituânia e Letônia (UNESCO, 2010, p. 182), além da diáspora espalhada pelo mundo.

Estima-se que a língua proto-eslava oriental tenha se separado por volta do século XIII (SUSSEX, CUBBERLEY, 2006, p. 87; KUZNETSOV, 2004, p. 4), época em que documentos das cidades de Polack e Smaliensk começavam a demonstrar características comuns ao belarusso moderno⁴⁶. Pelos cinco séculos seguintes, o belarusso contou com uma próspera tradição escrita, tornando-se a primeira língua eslava oriental a ser impressa, em 1517, pelo doutor em medicina, escritor e poeta Francysk Skaryna, natural de Polack (ARLOŮ, SAHANOVICĚ, 2002, p. 90). Durante o período em que Belarus fez parte do Grão-Ducado da Lituânia, belarusso era a língua administrativa do Estado, sendo exclusivamente nela escritas as leis do país (ibidem, p. 126-127; SUSSEX, CUBBERLEY, p. 88).

⁴⁵ Tradução minha, do inglês, de: “Belarusian, while an official language of an independent country, is regarded as vulnerable, based on the widespread use of Russian in its stead”.

⁴⁶ “O acordo (de Smaliensk) é um importante monumento escrito do idioma belarusso. Prova disso é o uso de “u” ao invés de “v”, como em “u Ryzie” [em Riga], “uzdumal” [...] dentre outros exemplos”. Tradução minha, do belarusso, de: “Грамата з’яўляецца пісьмовым помнікам з прыкметамі беларускай мовы. Пра гэта сведчыць выкарыстанне «у» замест «в»— «у Рызе», «уздумал» [...] і інш.” (KUZNETSOV, 2004, p. 4).

O então chanceler belarusso Lieŭ Sapieha, um dos idealizadores da constituição, enfatizou isso no prefácio da 3ª edição quando escreveu: “E se algum povo avergonha-se de suas próprias regras não ter, logramo-nas, quais não em língua qualquer, mas em nossa própria escritas e dispomos a todo tempo que necessitarmos, em resposta a cada ofensa de que tenhamos conhecimento” (2002, p. 127)⁴⁷.

Sucessivas guerras com as nações vizinhas, contudo, enfraqueceram o Grão-Ducado, que fez uma aliança com o Reino da Polônia, em 1569, formando assim a República das Duas Nações. Em tese, a união de natureza político-militar proporcionava autonomia aos estados constituintes, que mantinham suas estruturas de governo e idiomas oficiais, porém na prática, a crescente influência polonesa culminou na proibição da língua belarussa – ou rutena, como também era conhecida – a nível administrativo, em 1697, em prol da supremacia da língua polonesa e da religião católica, em detrimento da ortodoxa belarussa e outras confissões. Esse quadro foi agravado, em fins do século XVIII, com a invasão simultânea da República pelos impérios da Áustria, Prússia e Rússia, este último chegando a banir não só o idioma como também qualquer menção ao nome “Belarus” e similares, em 1840 (ARLOŬ, SAHANOVIČ, 2002, p. 187). Esse período é marcado por incessantes iniciativas de russificação de Belarus que perduram até hoje, como vemos no filme.

4.1.1 Padrões literários identitários

Após um brevíssimo período de independência (BNR), que termina com a ocupação soviética, imbuída de uma propaganda supostamente simpática à amizade dos povos, é criada a República Socialista Soviética da Bielorrússia. Nesse período, o belarusso, juntamente com polonês, russo e ídiche, tinha status oficial, isto é, ao menos nos territórios orientais, uma vez que Belarus ocidental estava sob ocupação polonesa, de 1921 até 1939. A russificação, entretanto, não parou, consistindo, a nível linguístico, tanto na imposição da língua russa como na russificação da língua belarussa, cuja norma culta contemporânea tem origem na reforma ortográfica de 1933, instrumento soviético cujo intuito era o de aproximar

⁴⁷ Tradução minha, do belarusso antigo, de: “А есьлі катораму народу ўстыд праў сваіх ня ўмеці, пагатоў нам, каторыя ня обчым якім языком, але сваім уласным правы сьпісаныя маем і кождага часу, чаго нам патрэба ку адпору ўсякае крыўды, ведаці можам”.

definitivamente a língua belarussa, não só na escrita como também na fala e no léxico, ao dialeto de Moscou (KLIMAŪ, 2012, p. 23). Esse padrão⁴⁸, sem nome oficial, apenas sendo a língua belarussa tal como o Estado a compreende, veio a ser chamado de várias formas nos círculos intelectuais e acadêmicos de Belarus e da diáspora, como por exemplo: *refarmavany* (reformado); *čarnuševica*, em referência ao então ministro da educação Dźmitry Čarnuševič; e *narkamaŭka*, em referência ao ministério de educação ou comissariado do povo para assuntos de educação, segundo a nomenclatura soviética (do belarusso *народны камісарыят (NARodny KAMissaryjat)*), agregando-se a desinência substantivadora *-aŭka*⁴⁹, sendo esta última a mais comum (ibidem, p. 18).

A *narkamaŭka* (IPA: [nar'kamawka]) surgiu como fruto de um esforço russo-soviético de obliterar a norma culta belarussa mais popular até então, publicada pelo linguista belarusso Branislaŭ Taraškievič (1918). Oficialmente chamada de *Bielaruskaja hramatyka dla škol* (Gramática belarussa para escolas), a obra, de natureza descritiva, buscou padronizar os dialetos belarussos, sem dar preferência a algum específico nem prescrever normas que a aproximassem de outros idiomas – embora existam fontes que alegam uma maior aproximação com o polonês (RAMZA, 2018, p. 416; KLIMAŪ, 2012, p. 25). Este padrão ortográfico de belarusso também veio a ser chamado de várias formas, como *kliasičny* (clássico), *tradycyjny* (tradicional), e *taraškievica*, em homenagem a seu criador, sendo esta última (IPA: [taraʂ'kʲevitsa]) a mais consagrada⁵⁰.

Entender algumas diferenças sociolinguísticas básicas entre *narkamaŭka* e *taraškievica* é fundamental para produzir uma legenda mais justa e adequada ao filme, uma vez que a alternância entre os dois padrões é usada como uma ferramenta narrativa que molda personagens e o próprio desenvolvimento da trama. Ihar Klimaŭ, doutor em linguística e professor da Universidade Estatal de Belarus, chega a comparar a diferença entre os dois padrões ortográficos àquela que existe entre o português do Brasil e o de Portugal, bem como nos sistemas literários de países de língua inglesa, espanhola, francesa, árabe e alemã (2012, p. 19). Segundo ele, a vasta maioria dos especialistas entende *taraškievica* como uma

⁴⁸ Klimaŭ (2012, p. 19-20) defende o termo “padrão”, do inglês *standard*, em lugar de “variante” (*варыянт*) pois este é um termo linguístico carregado de significados diversos, e em lugar de multimodo (*разнавіднасць*), menos específico. Ele argumenta que “padrão”, na terminologia eslavista, é sinônimo de “língua literária”.

⁴⁹ Tradução minha, do belarusso, de: “рэфармаваны [11], чарнушэвіца – для наркамаўкі ([13], Дзмі. Чарнушэвіч быў у 1933 г. наркамам асветы БССР)”.

⁵⁰ Tradução minha, do belarusso, de: “Тарашкевіцу называюць таксама «клясычным» ці традыцыйным правапісам” (KLIMAŪ, 2012, p. 18)

tentativa de regenerar a antiga norma ortográfica, porém falha em compreender diferenças mais profundas, de ordem lexical, gramatical, sintática e idiomática nesse padrão. Qualquer alteração nesses campos é entendida por essa comunidade como arcaísmo, neologismo, estrangeirismo (principalmente com termos que coincidem com polonês) ou inovações (p. 20) que visam uma ruptura com a já consolidada *narkamaŭka*, a qual, por definição, sempre tende a se aproximar do russo.

A primeira manifestação da *taraškievica* no filme se dá logo no título, em si uma performance intersemiótica (**Figura 13**). Trata-se de uma animação em que o título do filme, à esquerda, primeiro é escrito de modo a simular uma pichação, letra por letra, em estilo cibernético (ASCII), que depois transita para o quadro à direita, com a tradicional *lacinka* de Taraškievič, na qual sua gramática foi inicialmente publicada (RAMZA, 2018, p. 411).

Figura 13 – Título do filme *Viva Belarus!*



Fonte: VIVA BELARUS!, 2012, 00:00:49,657.

Até 1918, em diferentes contextos históricos e políticos, belarusso era escrito tanto no alfabeto cirílico quanto no latino, sendo ambas variedades codificadas, padronizadas e popularizadas pelo linguista belarusso. Atualmente, a *lacinka* (IPA: [la'ʦinka]) ou *lacinika*, do nome belarusso para o alfabeto latino, é utilizada por alguns intelectuais como uma forma de valorizar a história desse alfabeto em terras belarussas e suas intrínsecas conexões com o ocidente, dissociando-se assim da esfera de influência russa (SVABODA, 2015).

É nesse padrão ortográfico que se inspira a escrita do quadro à esquerda, com uma grafia típica de internet, sem os caracteres especiais *ž*, *ł* e *ś*, mas com os “novos” caracteres “_” e “@”, conforme o padrão dos e-mails, redes sociais e endereços eletrônicos, marcando a presença da língua belarussa no século XXI e a militância on-line que o público verá no filme, importante elemento da trama. O efeito de pichação dá o tom de protesto num contexto urbano, de juventude e rebeldia contra o velho sistema, marcando a transição da militância

on-line para as ruas, uma prévia do desfecho do filme que tanto homenageia as sangrentas manifestações passadas quanto serve de arauto para as vindouras. O ponto de exclamação, detalhe pequeno mas não menos importante, dá a sensação de grito ao título do filme, que de fato, é um grito usado nos protestos e manifestações nacionalistas, um grito de sobrevivência, pois *žyvie bielaruś* significa literalmente “belarus vive” ou “belarus está vivendo” (não há diferença morfológica entre presente simples e contínuo, em belarusso). A renderização em letras minúsculas, respeitada na tradução, é outra característica que confirma o título do filme como grito de protesto, não como uma simples afirmação, mantida assim mesmo na transição (quadro direito) para a grafia tradicional.

Esse quadro final é também o único momento em que a *taraškievica* aparece em alfabeto latino com seus caracteres distintivos e isso não é por acaso. Considerando que os créditos estão em polonês e as legendas internas (locais e épocas) em belarusso *taraškievica* cirílico, aqui podemos identificar outra marca identitária, algo que distingue o idioma da frase tanto de polonês quanto de russo. É sabido que para pessoas leigas, qualquer texto em cirílico tende a ser confundido com russo, uma vez que este conta com o maior número de falantes e extensão geográfica dentre todas as línguas que usam essa escrita, logo, para o público polonês e, por extensão, ao ocidental, poder-se-ia pensar que o título *жыве беларусь* (*žyvie bielaruś*, em belarusso cirílico) está em russo, ainda que qualquer falante deste idioma possa facilmente reconhecer que não.

A *lacinka* surge então como forma de evidenciar esse distanciamento do russo, em conformidade com seu papel histórico e social, ainda que incorra no risco de alguma pessoa leiga confundi-la com polonês, o que já não é tão perigoso⁵¹. O público polonês, entretanto, jamais confundiria, e nisso a *lacinka* também desempenha um importante papel distintivo. Ora, uma vez que os créditos praticamente imprimem uma procedência polonesa no filme, o título poderia ter sido traduzido (*żyje białoruś*) ou simplesmente transliterado para a ortografia

⁵¹ “A aproximação ao idioma polonês, o qual em Belarus se tornou de fato estrangeiro, é certamente menos perigosa para o destino do idioma belarusso do que a preservação da influência russa. Diferenças estruturais entre o idioma polonês e o belarusso são mais significativas do que aquelas entre belarusso e russo.” Tradução minha, do belarusso, de: “Набліжэнне да польскай мовы, якая цяпер на Беларусі зрабілася фактычна замежнай, пэўна, менш небяспечнае для лёсаў беларускай мовы, чым захаванне рускага ўплыву. Структурныя адрозненні паміж польскай мовай і беларускай больш значныя, чым паміж беларускай і рускай” (KLIMAŪ, 2012, p. 25).

polonesa (*żywie bielaruś*), uma vez que os caracteres *ż* e *v* (este último substituindo a letra *w* em reformas posteriores, segundo ARSIONAŬ, 2016) não existem em seu alfabeto.

Cabe uma observação importante em relação à letra *ł*, presente em ambos sistemas. Tendo o polonês como o idioma de vasto maior número de falantes a usar essa letra, apenas em *taraškievica* ela é usada para transcrever belaruso e é precisamente ela que torna essa romanização do título característica dessa codificação e não de outras, como as que surgiram depois, sob a égide (pós-)soviética. Esta letra, pronunciada em polonês como /w/ e em belaruso como /l/ mostra uma certa proximidade entre os dois idiomas, ao mesmo tempo que os outros caracteres especiais remontam a um passado notório (Taraškievič) e fazem questão de mostrar que não se trata de uma mera transliteração, como a de inspiração anglófona usada em passaportes. A grafia do título em *lacinka taraškievica* consiste, então, num esforço consciente de marcar uma *différance*, seguindo a terminologia derridiana (SANTIAGO *et al.*, 1976, p. 22), destacando-se assim o belaruso em relação às suas línguas-irmãs de maior peso geopolítico, mostrando que ele tem voz e identidade própria tanto no alfabeto cirílico quanto no latino.

Um esforço semelhante, da parte do Comitê de Propriedade da República de Belarus, foi apresentado ao Grupo de Especialistas das Nações Unidas em Nomes Geográficos (UNGEGN, na sigla em inglês) durante a 9ª Conferência da ONU para Padronização de Nomes Geográficos (BELARUS, 2007), no qual foi proposta uma versão da *lacinka* cujo objetivo implícito (ARSIONAŬ, 2016) era o de distanciá-la ainda mais do polonês (cf. 7.1). Para tanto, foi abolida a letra *ł* em favor da letra *l* que, quando palatizada (*лб*), torna-se *ĺ*, fenômeno codificado na própria gramática de Taraškievič para outras as outras letras palatizadas – *ć* (*цб*), *ź* (*зб*), *ń* (*нб*), *ś* (*сб*).

Em termos de estratégias e escolhas de tradução, contudo, tanto em belaruso *taraškievica* quanto *narkamaŭka*, cirílico ou latino, o título do filme continua a ser traduzido do mesmo jeito. Entretanto, ao longo da narrativa, vemos momentos em que diferentes escolhas tradutórias são feitas, a depender do padrão. Exemplo disso, também no início do filme, é a legenda interna que contextualiza a cena inicial na capital belarussa, em 2009:

13
 00:01:32,236 --> 00:01:37,958
 <belaruso (*taraškievica*)> МЕНСК, 2009
 [bel] MINSK (*MENSK*), 2009

Miensk, derivado do rio Mienka (IPA: [mʲɛnsk], [mʲɛnka]), era o nome oficial da capital de Belarus até 1939 (ŠUPA, 2012, p. 251) quando o regime soviético decretou a mudança do nome da cidade para a forma russificada, originada, por sua vez, da versão polonizada Mińsk, que inspirou o topônimo usado em português, Minsk. Belarus é, possivelmente, a única ex-república soviética a não desrussificar o nome de sua capital, como aconteceu nas vizinhas Ucrânia, de *Kiev* para Kyiv, e Lituânia, de *Vilna* para Vilnius, bem como na Moldova, de *Kichiniov* para Chisinau; nas capitais das antigas repúblicas caucasianas da Geórgia, de *Tiflis* para Tbilisi, e da Armênia, de *Erivan* para Ierevan; ou ainda as repúblicas centro-asiáticas do Quirguistão, de *Frunze* para Biskeque; Turcomenistão, de *Ashkhabad* para Asgabate; Cazaquistão, de *Alma-Ata* para Almaty (capital do país até 1997); e Tadjiquistão, de *Stalinabad* para Duchambe⁵².

Lavon Volski, célebre artista belaruso que assina a trilha sonora do filme e cuja voz corresponde a aproximadamente 106 linhas de legenda (19,5% de todo texto de partida em belaruso e 10,3% do total de linhas, sem as quais russo provavelmente seria a língua predominante da obra) tem uma canção dedicada ao histórico nome da capital belarussa – *Менск і Мінск*. Seu refrão explica de maneira poética o sentimento que muitas de suas residentes têm até hoje: “Nós vivemos ao mesmo tempo em duas cidades / Nossas mentes explodem com a dupla personalidade / Será que jamais poderemos colar, voltar ao normal / Mensk e Minsk – as duas metades da alma da capital” (NRM, 2007)⁵³.

Com efeito, podemos considerar o topônimo Miensk (ou Mensk) como tão importante quanto o próprio nome Belarus ante Bielorrússia, a bandeira branca, vermelha e branca ante a rubro-verde, e o brasão Pahonia ante o brasão pseudo-soviético⁵⁴ (cf. seção 1.1). Não

⁵² Capitais em português como constam no portal do Itamaraty (2020).

⁵³ Tradução minha, do belaruso, de: “Мы жывем адначасова ў двух гарадах, падваенныя асобы зрывае нам дах. Дык няўжо ж нам ніколі ня ськлеіць, ня сшыць Менск і Мінск — дзьве паловы сталічнай душы.”

⁵⁴ Alguns estudiosos de Belarus consideram também como elementos fundamentais na construção da nacionalidade belarussa a restituição da religião uniata ou ao menos o retorno da igreja ortodoxa autocéfala belarussa, atualmente em exílio, assim como a Rada BNR, a escrita latina (*iacinika taraškievica*), a moeda medieval *taler*, hinos nacionais como *My Vyjdzim Šyŭnymi Radami* ou *Baharodzicca* e a restituição de territórios

obstante, traduzir a legenda como “Mensk, 2009” poderia confundir o público, uma vez que a capital oficialmente ainda é chamada de “Minsk”, em português, sugerindo tratar-se de uma outra cidade. A solução foi traduzir como “Minsk” e, entre parênteses, adicionar “Mensk”, para que assim o público tenha ciência de que se trata da capital e saiba que também existe esse topônimo, inclusive parcialmente legível na tela (*МЕHCK*). Dado que a transferência tem o intuito de explicar⁵⁵, poderia parecer mais lógico fazer o oposto: “Mensk (Minsk)”, mas optei por legendar dessa forma por dois motivos: 1. a legenda é curta (em duração e espaço) e minha prioridade é traduzir para a língua de chegada; e 2. desse modo, pareceria que estou corrigindo Mensk para Minsk, quando a recíproca é verdadeira.

Outro exemplo marcante de como *taraškievica* influi nas escolhas de tradução ocorre aos cinquenta minutos do filme. Miron, obrigado a servir ao exército na zona radioativa de Mazyr, tenta convencer o tenente-general a cumprir com o princípio de igualdade dos idiomas no regimento militar, permitindo assim aos soldados jurarem à bandeira em belaruso:

528
00:50:13,173 --> 00:50:18,800

<belaruso (*taraškievica*)> Згодна прынцыпу канстытуцыйнай роўнасьці
беларускай і расейскай моваў

De acordo com o princípio de igualdade
constitucional dos idiomas belaruso e o da Rússia

Miron utiliza a *taraškievica* para se referir à segunda língua – *расейскай*⁵⁶ (nom. *расейская*, transl.: *rasiejskaja*) – palavra inexistente no dicionário da Academia Nacional de Ciências de Belarus (KAPYLOŬ, 2016) e em praticamente todas as obras literárias, jornalísticas, documentais e didáticas sancionadas pela ditadura, posto que, no padrão *narkamajka*, a língua em questão é denominada *руская* (*ruskaja*), do russo *русский* (*ruskii*),

ocupados por nações vizinhas, inclusive da histórica capital Vilnius (Vilnia), mas isto é assunto para outros estudos.

⁵⁵ “O estrangeirismo consiste em transferir (transcrever ou copiar) para o TLT vocábulos ou expressões da LO que se refiram a um conceito, técnica ou objeto mencionado no TLO que seja desconhecido para os falantes da LT.” (BARBOSA, 1990, p. 71).

⁵⁶ Não encontrei nenhuma menção ao nome “Rússia” nem seu gentílico em grafia alguma na 1ª edição da gramática em cirílico e latino (TARAŠKIEVIČ, 1918). Contudo, existe uma ocorrência dessa forma na 5ª edição, publicada originalmente em 1929, a cujo manuscrito original não tive acesso, somente à versão transcrita e publicada em formato digital no portal belaruso Kamunikat (2016, p. 51). Outra fonte importante que confirma esta grafia é a obra *Bielaruski Klasyčny Pravapis*, compilada por Saŭka *et al.* (2005) além de estudiosos como os próprios Arloŭ e Sahanovič (2002, 2015), Siarhieŭ Šupa (2012) e Vincuk Viačorka (2017).

oriundo de *Русь* (*Rus*), isto é Rutênia, território ancestral dos povos eslavos orientais onde hoje situam-se as atuais nações belarussa, ucraniana e, infimamente, russa. Em contrapartida, a forma *rasiejskaja* pressupõe “da Rússia” (tar.: *Raseja*, *Rasieja*; nar.: *Pacija*, *Rasija*, homófono do russo *Россия*, *Rossia* (IPA: [rɐ'sʲijə])), isto é, *rasiejskaja* se refere ao país Rússia, qualquer que seja seu idioma oficial. Logo, a escolha de Miron pelo termo em *taraškievica* tem o objetivo implícito de dissociar o termo “russo” da etnia ancestral, da qual Moscou vem historicamente tentando se apropriar, estrangeirizando assim o idioma do opressor.

Tendo isso em mente, traduzi a palavra em questão para “da Rússia”, em lugar de “russo”, gastando um pouco mais de espaço mas sem sacrificar a métrica da legenda, priorizando o discurso identitário de Miron. Caso ele utilizasse *narkamaŭka* – “Згодна прынцыпу канстытуцыйнай роўнасці беларускай і рускай моў” – eu certamente traduziria do outro jeito, em referência à etnia russa contemporânea, de origem eslava oriental, independente de sua cidadania. Em outras palavras, minhas escolhas da tradução, no que tange os dois padrões, não priorizam um sobre o outro, posto que a língua continua sendo uma só, mas sim os discursos em jogo.

Estas foram as principais considerações em relação aos padrões *narkamaŭka* e *taraškievica* a nível de desafios tradutórios dentro da narrativa. Considerando que o texto de partida é quase exclusivamente oral e os padrões têm natureza predominantemente ortográfica, ora proponho direcionar o foco da discussão em torno das falas do filme em belarusso em continuidade ao fluxo dos três eixos propostos anteriormente.

4.2 HISTÓRIA, PROTESTOS E ROCK ‘N’ ROLL⁵⁷

Segundo a socióloga belarussa Nelly Bekus (2010, p. 241), o rock belarusso se tornou um dos mais importantes meios de manifestação do discurso identitário belarusso alternativo. As letras de protesto, frequentemente em belarusso, CDs acessíveis ou mesmo gratuitos e as apresentações e festivais dentro e fora do país tornaram bandas como Krama, Neuro Dubel,

⁵⁷ Originalmente publicado em inglês como o artigo *Belarusian rock in Portuguese: Translating protest and hope in the film 'Viva Belarus!'*, na revista *Culture. Nation* (COSTA, 2021a), e em português como *Rock como tradição e resistência em Belarus: tradução e legendagem de canções belarussas para português*, na *Slovo – Revista de Estudos em Eslavística* (COSTA, 2021b).

Palac, Novaje Nieba, Gods Tower e N.R.M., liderada por Lavon Volski, símbolos do não-conformismo e da resistência ao regime. O fato de este último ter sido compositor da trilha sonora do filme, centrada na fictícia banda de rock Forza e seu líder Miron Zacharka, não é coincidência. Miron está muito mais próximo da figura do roqueiro Volski que do jornalista Viačorka, sendo uma espécie de arquétipo de roqueiro belarusso, expressando seus anseios de liberdade por meio deste gênero musical.

Tal perfil é ainda mais destacado se considerarmos que o ator que interpreta Miron, Vinsent, nome artístico de Dźmitry Papko, é um famoso rapper belarusso. Ainda que o rap, música de protesto por excelência, venha ganhando certa projeção em Belarus desde 2006 (BEKUS, 2010, p. 246) com o surgimento do projeto Čyrvonym Pa Bielym, mencionado no blog de Viačorka (COSTA, 2020, p. 67), a tradição do rock prevalece. Uma das primeiras manifestações desse gênero em Belarus foi o festival Try Koliery, em 1986, ainda durante o período soviético. Bekus cita o ativista e crítico musical Anatól Mialhuj para argumentar que desde o início o rock belarusso tinha o objetivo de mostrar ao povo que as tradições belarussas sobrevivem na modernidade, dentro de uma perspectiva histórica (2010, p. 244).

Assim como ocorre com a banda Forza e seu líder Miron, as bandas e artistas da cena do rock belarusso têm sofrido perseguições, censura e tentativas de coação por parte do regime. Proibidos de se apresentarem em público ou de terem suas canções transmitidas nas rádios e canais de televisão, o único caminho para esses grupos é adotar uma postura abertamente política, apresentando-se em encontros de organizações opostas ao regime (p. 247-248). Isto, no entanto, não implica algum tipo de salvaguarda do Estado, posto que a oposição não está formalmente representada – em Belarus não há partidos políticos. A apresentação inicial da banda Forza, antes da intervenção brutal da KGB, no filme, ilustra bem essa situação, sobretudo na fala de Miron:

O show é o lugar onde a juventude pode extravasar... Pode tocar alto e forte, cantar também pode sobre quase tudo, só não pode discutir a realidade política... Pode cantar sobre uma revolução, só não sobre alguma concreta, e assim, em geral... A camisa de Che Guevara não é à toa.⁵⁸

⁵⁸ Tradução minha, do belarusso, de: “Канцэрты – тое месца, дзе моладзь можа выпусьціць пару... / Граць можна гучна і востра, сьпяваць таксама можна амаль пра ўсё, не трэба толькі ацэньваць палітычную рэчаіснасьць... / Можна сьпяваць пра рэвалюцыю, але не пра нейкую канкрэтную, а так, у цэлым / Нездарма на майцы Чэ Гевара” (VIVA BELARUS!, 2012, 00:05:02,800 ... 00:05:20,273).

O narrador-protagonista contextualiza brevemente aquele show em particular, dentro de um conjunto muito maior de acontecimentos políticos, artísticos e culturais, familiarizando o público antes do momento que será pivô na narrativa. Até então, Miron vivia dentro de uma espécie de zona de conforto: ele acabara de ser dispensado do temido serviço militar, por motivos de saúde que ele praticamente ostentava, jocosamente mencionando Tchornóbyl como causa. Sua posição em relação ao idioma era de conveniência – ele respondia na língua em que era dirigido. A camisa de Che Guevara e a menção a alguma revolução abstrata mostram um inconformismo moderado e mesmo camuflado que lhe permitia viver com a ilusão de uma certa liberdade. Essa abstração está presente na primeira linha: “*kancierty – toje miesca, dzie moladź moža vypuścić paru*”, literalmente “concertos – o lugar onde a juventude pode liberar vapor”.

Ora, concerto, por aproximação etimológica, ou show, por aproximação contextual, não é um lugar concreto, menos ainda em forma plural genérica. Não obstante, tal construção é bastante comum em belarusso, como veremos adiante, na análise das letras musicais. Isso se deve, possivelmente, à ausência de cópula, marcada por travessão decorrente da defectividade do verbo *ser/estar* no presente do indicativo. Destarte, o vínculo entre sujeito e predicado é de natureza analítica, subentendendo-se pelo contexto. Em português, por outro lado, a cópula é marcada por um verbo que varia em número. Neste caso, há um substantivo pluralizado – *concertos / shows* – ao qual é atribuído um predicativo singular – o local. Logo, poderíamos traduzir a frase como “shows são o lugar...”. Todavia, entra em questão um problema de ordem lógica: shows não são um lugar e, mesmo que se tratasse de palcos, arenas ou similares, ainda assim, ao meu ver, a frase soaria estranha: “palcos são o lugar”, “arenas são o lugar”... A solução que encontrei foi singularizar o substantivo, priorizando a harmonia de número e de estilo, mantendo a abstração do enunciado, isto é, sem referência a um local concreto: “O show é o lugar”. A preferência pelo anglicismo “show” se dá pelo aspecto informal que este evoca, em contraste com “concerto”, que sugere um evento mais formal.

À continuação, na mesma frase, se encontra uma expressão idiomática – *vypuścić paru* – cuja tradução literal, neste contexto, não faz sentido na língua de chegada. Pelo contexto, pode-se inferir, por analogia, que assim como certas máquinas liberam vapor, senão explodem, seres humanos descarregam suas tensões no show. Segundo o filólogo belarusso Ivan Liepiešaŭ, a frase é exclusiva da língua belarussa e significa “impetuosamente, como

[em uma] explosão de irritação, reagir a algo e depois acalmar-se”⁵⁹ (2004, p. 85), o que julguei em consonância com o verbo “extravasar”, que, segundo o dicionário Caldas Aulete (2004, p. 358) significa “1. Exteriorizar, deixar transparecer, manifestar impetuosamente (emoção, sentimento)”.

Em sequência, assim como no filme, serão apresentadas as letras das três principais canções presentes na trama e suas respectivas traduções, com reflexões sobre as escolhas feitas e procedimentos utilizados.

4.2.1 *Maja revaliucyja*

A narração ocorre durante o show, enquanto o próprio Miron canta *Maja revaliucyja*⁶⁰:

Belarusso	Transliteração	Tradução
Мая рэвалюцыя – права праўду казаць! Мая рэвалюцыя – гэта ні ўбок, ні назад! Калі ты стаміўся гуляць у пачварны пасьянс, На золак зірні, узыходзіць зіхоткі наш час!	Maja revaliucyja – prava praŭdu kazać! Maja revaliucyja – heta ni ŭbok, ni nazad! Kali ty stamiŭsia huliać u pačvarny pašjans, Na zolak zirnĭ, uzychodzić zichotki naš čas!	Minha revolução é o direito de falar a verdade! Minha revolução não é nem para o lado nem para trás! Se você cansou desse monstruoso jogo de paciência, Olhe para a alvorada, está chegando nossa hora de brilhar!
Рэфрэн: Дай веры мне, дай! Расквецім панурыя вуліцы! Сьвяці й сагравай, Палай, мая рэвалюцыя!	Refren: Daj viery mnie, daj! Raskviecim panuryja vulicy! Śviaci j sahravaj, Palaj, maja revaliucyja!	Refrão: Venha à vera, venha! Vamos pintar essas ruas chatas! Plumine e esquente, Brilhe, minha revolução!

Como a tradução se dá em forma de legenda e não dublagem, ou seja, o público tem a oportunidade de ouvir o texto de partida, o significado foi priorizado em relação à forma, exceto pelo refrão, que contém uma provável mensagem subliminar: *Daj viery mnie, daj!*⁶¹ – literalmente “Dá-me [da] fé, dá!”. Ocorre que “fé”, em belarusso, é *viera*, igual ao nome da personagem em meio ao público com quem Miron havia conversado momentos antes,

⁵⁹ Tradução minha, do belarusso, de: “Узбуджана, як выбух раздражнення, рэагаваць на што-н. і пасля супакойвацца”.

⁶⁰ VIVA BELARUS!, 2012, 00:04:34,000 ... 00:05:26,825.

⁶¹ 00:04:59,800 --> 00:05:02,609

sinalizando a vindoura relação amorosa. Coincidência ou não, é possível inferir que a escolha do nome da personagem tenha uma profunda importância simbólica, tanto pela referência à fé quanto por seu sobrenome, Hienijuš, associado à célebre poetisa e ativista belarussa Larysa Hienijuš (cf. 2.3.3). Assim, preferi manter a alusão ao nome da personagem na legenda de chegada, realizando alterações consideráveis no campo denotativo para manter a forma e o sentido conotativo implícito: “Venha à vera, venha!”.

Tal procedimento é descrito por Barbosa (1990, p. 69) como compensação, que consiste no deslocamento de recursos estilísticos devido à impossibilidade de se reproduzir no texto de chegada os mecanismos morfológicos do texto de partida. A autora fala de perdas e compensações estilísticas, o que neste caso se refere à falta do significado de “vera” como “fé”, compensado pela locução “à vera”, no sentido de “verdadeiro, a sério” (AULETE, 2004, p. 806), em harmonia com o primeiro verso, “Minha revolução é o direito de falar a verdade!”. Outra compensação dessa escolha é a relação com o verso anterior, “Olhe para a alvorada, está chegando nossa hora de brilhar!”⁶², inexistente na frase que a sucede, inspirando a escolha pelo verbo “vir” no imperativo – venha [alvorada], à vera [ref. a Vera; ênfase], venha [repetição]”. Igualmente, destacam-se nesta escolha, como compensações, a aliteração e a ambiguidade sonora (“Venh’a’Vera, venha”), que preserva o nome na íntegra, diferentemente do texto de partida, no qual este aparece declinado no genitivo (partitivo) singular “*viery*”.

Outra operação presente nessa frase é a transferência por estrangeirismo aclimatado (BARBOSA, 1990, p. 71) do nome “*Viera*” (IPA: [ˈviɛra]) para “Vera”, foneticamente mais próximo e familiar ao público lusófono, possibilitando ainda o jogo de palavras com a supracitada locução “à vera”. Além disso, deste modo, evita-se uma possível divisão trissilábica (vi-e-ra), já que se trata de um dissílabo (vie-ra). O próprio nome “Belarus” é aclimatado, posto que a letra “e” representa o fonema [iɛ], donde a (rara) transliteração *Biélarus*. Outro exemplo de aclimação na legenda de chegada é o topônimo Mensk, pelos mesmos motivos. Na obra da pesquisadora brasileira Marta Kohl de Oliveira sobre o filósofo belarusso Lieŭ Vyhocki, mais conhecido pela versão russófona de seu nome, Lev Vygotsky, é possível ver as duas grafias: “Mensk, capital de Biélarus” (1996, p. 18), o que aponta para a transliteração alternativa.

⁶² VIVA BELARUS!, 2012, 00:04:53,156 --> 00:04:58,648.

4.2.2 *U našym kalhasie*

A canção mais presente no filme, entretanto, é *U našym kalhasie*⁶³, que também apresenta desafios tradutórios relevantes para a discussão:

Belaruso	Transliteração	Tradução
<p>У нашым калгасе ўсё чыста, ня брудна, Вядзе старшыня нас рукою магутнай Ён можа зьнянацку ўваліць трактарысту, Калі трактарыст вып’е зь сябрам па трыста</p>	<p>U našym kalhasie üşio čysta, nia brudna, Viadzie staršynia nas rukoju mahutnaj Ion moža źnianacku ūvalić traktarystu, Kali traktaryst vypje ž siabram pa trysta</p>	<p>No nosso colcoz está tudo limpo, nada sujo O chefe nos conduz com mão de ferro Ele pode, inesperadamente, dar porrada no tratorista Se o tratorista encher a cara com os amigos</p>
<p>У нашым калгасе ўсё супэр па лічбах, А людзі чакаюць: калі ўжо? Калі ўжо? Калі старшыня наш паедзе адгэтуль, А лепш – паляціць на чужую плянэту?</p>	<p>U našym kalhasie üşio super pa ličbach, A liudzi čakajuć: kali ŭžo? Kali ŭžo? Kali staršynia naš pajedzie adhetul’, A liepš – paliacić na čužuju plianetu?</p>	<p>Pelos números, nosso colcoz está ótimo, Mas as pessoas esperam: até quando? Até quando? Quando o nosso chefe vai embora daqui, Ou melhor, vai para outro planeta?</p>
<p>Рэфрэн: Я сьню й ты прысьні, Што няма больш старшыні, І ўсім радасна наўкола – І карове, і сьвіньні Шмат гадоў мару я, Што зьнікае старшыня, І ўсе весела сьмяюцца – І карова, і сьвіньня</p>	<p>Refren: Ja śniu j ty pryśni, Što niama bolš staršyni, I ŭsim radasna naŭkola – I karovie, i šviñni Šmat hadoŭ maru ja, Što źnikaje staršynia, I ŭsie viesiela śmiajucca – I karova, i šviñnia</p>	<p>Refrão: Eu sonho e você sonhe Que não haja mais chefe E todas ao redor ficarão felizes Até a vaca e o porco Sonho há muitos anos Que o chefe sumirá E todas sorrirão felizes Até a vaca e o porco</p>
<p>У нашым калгасе парадак і ціша, Ды шэпчуцца людзі: Калі ўжо? Калі ўжо? Калі забярэ яго нейкая трасца І ў рэшце спакойна пажыць нам удасца? Сядзяць у камбайнах сваіх камбайнёры, І справы ідуць,</p>	<p>U našym kalhasie paradak i ciša, Dy šepčucca liudzi: kali ŭžo? Kali ŭžo? Kali zabiare jaho niejkaja trasca I ŭ rešcie spakojna pažyć nam udasca? Siadziac u kambainach svaich kambajniory, I spravy iduć,</p>	<p>No nosso colcoz está tudo em ordem e silêncio E sussurram as pessoas: até quando? Até quando? Quando a doença o levará E enfim poderemos viver em paz? Colhedores sentados em suas colheitadeiras E as coisas vão</p>

⁶³ VIVA BELARUS!, 2012, 00:03:35,769; 00:42:53,709; 01:15:59,062; 01:38:18,559. Aparece nos créditos com o título “Staršynia”, embora, no filme, Miron a chame de “*U našym kalhasie*”, nome pelo qual optei, por trabalhar diretamente com a narrativa.

відавочна, угору. І мроіцца ўсім, што нарэшце зьнікае Рука, што ўсіх нас за горла трымае	vidavočna, uhoru. I mroicca ūsim, što nareščie źnikaje Ruka, što ūsich nas za horla trymaję	de vento em popa. E todo mundo sonha quando enfim sumirá A mão que nos estrangula
--	---	---

Um fator que destaca *U našym kalhasie* das outras canções analisadas neste estudo é, sem dúvida, a ambientação soviética evocada pela imagem do colcoz. Se *Maja revaliucyja* trata de um contexto abstrato, esta, além de mais específica, sugere que Belarus ainda nem sequer se tornou independente da antiga URSS, uma vez que o cenário por ela descrito seria familiar tanto a uma pessoa que vive em Belarus hoje quanto na época de Stalin. Mesmo o comportamento do narrador se encaixa na figura de colonizado, o qual, seguindo o pensamento de Fanon, pode ser interpretado como aquele que espera “pacientemente que o colono relaxe a vigilância para lhe saltar em cima. Em seus músculos, o colonizado está sempre à espera. Não se pode dizer que esteja inquieto, que esteja aterrorizado” (1968, p. 40). “Paciente” quiçá seja a melhor palavra para descrever o narrador nessa situação. Tudo está limpo, em ordem, em silêncio; os números são satisfatórios, tais como devem ser em uma economia planejada, porém as aparências ocultam uma população em cativeiro, que aguarda ansiosamente o dia em que o chefe finalmente desaparecerá.

Ainda sobre a ambientação, logo no primeiro verso, encontrei-me diante da escolha entre: domesticar a palavra *kalhas* (IPA: [kal'ɣas]) para “fazenda” ou “plantação”, o que, ainda que não corresponda totalmente, poderia aproximar o público do cenário descrito, sendo que a última pode sugerir uma referência à opressão colonial, o que poderia contrapor a opressão (pós-)soviética; manter o estrangeirismo em detrimento da compreensão do público, que ainda poderia pronunciar o termo erroneamente – [ˈkaɫɕs]; ou traduzir para “colcoz”, forma aportuguesada de *kolkhoz* (ROCHA, 2014), efetivamente revertendo (ou reacomodando) a tradução do belarusso para o russo, de onde se origina o termo⁶⁴. Escolhi esta última opção, considerando o valor anacrônico de denúncia implícito na palavra “colcoz”, que remete aos tempos soviéticos e tem papel fundamental na denúncia a Lukašenka, representado pela personagem do “chefe”, cuja política é fortemente influenciada por essa era. Esse vínculo é reforçado pelo predicado verbal unidirecional “*viadzie*”, que

⁶⁴ *Kalhas*, do belarusso *kaliektuŭnaja haspadarka* (калектыўная гаспадарка), em si é um decalque (BARBOSA, 1990, p. 76) do russo *kollektivnoie khoziáistvo* (коллективное хозяйство), literalmente “senhorio coletivo”, nome dado às terras comunais destinadas à agricultura, na ex-URSS.

forma par com o verbo multidirecional *vadzić*, “conduzir”, cognato do russo *vodit’* (водить), donde o termo russo *vojd’* (вождь), “condutor”, frequentemente associado a Stalin, equivalente aos títulos de *führer*, na Alemanha Nazista e *duce*, na Itália Fascista. Destarte, optei por traduzir o complemento “*rukoju mahutnaj*” – lit. “com mão poderosa” – de forma condizente com a expressão comumente associada a regimes tirânicos: “com mão de ferro”.

A relação entre Lukašenka e o nazifascismo a partir de um verbo ordinário pode parecer exagero, contudo, o ditador é conhecido por elogiar Adolf Hitler em público. Em uma de suas mais famigeradas citações, compilada em biografia publicada pelo filólogo e cientista político belarusso Aliaksandr Fiaduta, membro da comissão eleitoral de Lukašenka, em 1994, o ditador chegou a afirmar que:

...A história da Alemanha é, de certa forma, um molde da história de Belarus, em certas etapas. À sua época, a Alemanha foi erguida das ruínas graças a um governo rígido. E nem tudo era ruim em relação à Alemanha e o famoso Adolf Hitler. [...] A ordem alemã se formou ao longo de séculos. Sob Hitler, essa formação alcançou seu ponto mais alto. Isto corresponde ao nosso entendimento de presidência da república e o papel de seu presidente⁶⁵ (FEDUTA, 2005, p. 379).

É possível supor que os versos que descrevem o colcoz como um lugar limpo, ordenado e silencioso, se refiram a essa “ordem alemã”, como alegoria do país. De fato, em minhas viagens pelas *voblaści* (regiões) de Belarus, duas das características que mais me impressionaram foram a limpeza e o silêncio.

A tradução do verso seguinte começa com o procedimento descrito por Barbosa como “palavra-por-palavra” (1990, p. 64): *ion* – ele, *moža* – pode, *źnianacku*, – inesperadamente. Entretanto, a complexidade da tarefa aumenta à medida que avançamos pela frase. O verbo transitivo direto *ŭvalić*, alteração submorfêmica pós-vocálica de *uvalić*, segundo o filólogo belarusso Sciapan Hrabčykaŭ (1994, p. 380), significa “1. *td.* Lançar para fora, carregar para longe algo pesado, volumoso. 2. *td. Col.* Reprovar, derrubar; inserir”⁶⁶, o que poderia sugerir

⁶⁵ Tradução minha, do russo, de: “...История Германии — это слепок истории в какой-то степени Беларуси на определенных этапах. В свое время Германия была поднята из руин благодаря очень жесткой власти. И не все только было плохое связано в Германии и с известным Адольфом Гитлером. [...] Ведь немецкий порядок формировался веками. При Гитлере это формирование достигло наивысшей точки. Это то, что соответствует нашему пониманию президентской республики и роли в ней президента”.

⁶⁶ Tradução minha, do belarusso, de: “1. *што.* Укінуць, унесці куды-н. што-н. цяжкае, грувасткае. 2. *што.* Разм. Праваліць, абваліць; абрушыць што-н. унутр. чаго-н.”

“demitir” ou “dispensar”, neste caso. Entretanto, na canção, o verbo seleciona objeto indireto – *traktarystu* (caso dativo singular), isto é, “ao tratorista”, o que aponta para outro significado.

Após buscas em quinze dicionários belarussos indexados no portal slounik.org, não foi encontrado nenhum registro desse verbo como transitivo indireto, o que aponta para uma possível variação dialetal ou mesmo influência da língua russa. Ocorre que em russo existe o verbo *vvalit'* (ввалить), de significado idêntico a *uvalić*, porém com uma acepção adicional, manifestada com objeto indireto: “2. *ti*. Desferir golpes, bater (coloq.)”⁶⁷ (UCHAKOV, 1935). De acordo com as regras da fonética belarussa, *uvalić* pode ser interpretado como forma adaptada de *vvalit'*, na qual o fonema [v] seguido de consoante, estranho à fonética belarussa, se torna [u/w] e a forma palatizada [tʲ] se torna [t̪e], fenômeno conhecido como *cekanne* (SUSSEX, CUBBERLEY, 2006, p. 53), coincidindo morfológicamente com o verbo belarusso *uvalić*. Dada a natureza coloquial do verbo em russo/trasiianka, adequado ao contexto rural do colcoz, optei pela tradução igualmente coloquial “dar porrada”, consistente com o papel repressivo da personagem.

A continuação da frase aponta para a motivação da violência, com o apoio de uma expressão idiomática que requer uma breve explicação cultural: *vypje ź siabram pa trysta*, algo como “beber com o amigo [por] trezentos”. O numeral em questão não se refere a trezentos amigos ou goles, mas sim a gramas, unidade de peso coloquialmente usada para medir *harelka*, destilado mais conhecido em português como “vodca”, ou seja, 300 ml da bebida. A preposição *pa* dá ainda, neste contexto, a ideia de “para cada”. Assim, poderíamos traduzir a frase para “se o tratorista e seu amigo beberem 300 ml de vodca cada”, notavelmente mais longa e estranhamente específica. Ocorre que a expressão se refere a uma possibilidade – *vypje* é a forma conjugada, na 3ª pessoa do singular, do verbo de aspecto perfeito *vypić*, que desempenha função semelhante ao subjuntivo futuro do português. Dada a natureza ordinária da expressão e o caráter hipotético do acontecimento, podemos inferir de que se trata de uma condição, não de fato consumado, utilizando-se o procedimento de equivalência (BARBOSA, 1990, p. 67-68) para transmitir a mesma ideia de informalidade. Escolhi, então, a expressão “encher a cara”, como equivalente de *vypić pa trysta* (infinitivo), “com os amigos”, isto é, nenhum em particular.

⁶⁷ Tradução minha, do russo, de: “2. кому-чему. Надавать ударов, поколотить (простореч.)”

Cabe ainda explicar algumas escolhas tradutórias que fiz no refrão. Nos versos “*I ŭsim radasna naukola – I karovie, i sviŭni*” e “*I ŭsie viesiela smiajucca – I karova, i sviŭnia*”, o pronome *usie* (nom.; dat. *usim*, gen. *usich*) usado para selecionar sintagmas nominais, não tem marca de gênero. Em português, existe a tendência de marcar o plural misto como masculino – todos – porém, pelos motivos já explanados na introdução, além da referência a “pessoas” na estrofe anterior, optei pela desinência de gênero feminino – todas. Há ainda a opção mais inclusiva e coloquial “todo mundo”, utilizada no verso da última estrofe “*I mroicca ŭsim, što narešcie źnikaje*” (“E todo mundo sonha quando enfim sumirá”), seguida de omissão, “*ruka što ŭsich nas za horla trymaje*” (“a mão que nos estrangula”), evitando a redundância “que nos estrangula *todas*”, já que o pronome *nas*, cognato de *nos*, transmite semelhante informação.

Nas frases acima também se notam exemplos de modulação, isto é, de reprodução da mensagem de partida no texto de chegada “sob um ponto de vista diverso, o que reflete uma diferença no modo como as línguas interpretam a experiência do real” (BARBOSA, 1990, p. 67). O primeiro exemplo disso está na forma de lidar com as construções impessoais “*ŭsim radasna*” e “*mroicca ŭsim*”, literalmente “a todas alegremente” e “sonha-se a todas”, frases estranhas à língua portuguesa padrão, porém comuns em belarusso. Sussex e Cubberley (2006, p. 393) afirmam que “muito típico de [línguas] eslavas são a construção apessoal e os muitos tipos de construção impessoal. Nenhuma delas tem sujeito expresso”⁶⁸. De fato, tais construções ocorrem com bastante frequência ao longo da narrativa, tanto em belarusso quanto em russo, inclusive com desdobramentos de natureza discursiva, no caso do último (cf. seção 5.1).

A frase “*ŭsim radasna*” pode ser analisada a partir de dois paradigmas sugeridos por Sussex e Cubberley: *usim* como pronome predicativo, isto é, “nós (todas) estamos alegres” (ibidem, p. 395), ou *radasna* como estado mental de seres conscientes (p. 397), isto é, “nós (todas) sentimos alegria”. Há ainda outro fator a ser levado em conta, neste caso. A “alegria” vem como condição da ausência do chefe, o que também se expressa de modo impessoal: “*Ja śniu j ty pryśni / Što niama bolš staršyni*”, em que o segundo verso se traduz palavra-por-palavra na legenda como “Não há mais chefe”, sem maiores estranhamentos

⁶⁸ Tradução minha, do inglês, de: “Very typical of Slavic are the apersonal construction and the many types of impersonal constructions. Both these types have no expressed subject”.

semânticos⁶⁹. Inference-se, portanto, que o cenário de alegria ainda está por vir, logo, traduzi para “todas ao redor se alegrarão”, com a inserção da locução adverbial de lugar “ao redor” como equivalente a “*naŭkola*”.

Já no caso de “*mroicca ŭsim*” ocorre a construção impessoal que Sussex e Cubberley descrevem como “verbos pessoais usados impessoalmente, especialmente com o reflexivo. Se uma pessoa é indicada, ela está no caso dativo”⁷⁰ (p. 394). Neste caso, o verbo é pronominal e sempre pede o caso dativo (KAPYLOŮ, 2016, p. 438). A escolha pela forma “todo mundo” em lugar de “todas” serve, conforme mencionado anteriormente, como forma inclusiva do pronome, reafirmando que se trata de todos os seres vivos, em consonância com a informalidade da letra e a omissão que ocorre no verso seguinte (*ŭsich*), como já explicado.

A tradução do último verso carrega outro exemplo de modulação, porém desta vez não por impessoalidade e sim por inferência e economia de espaço. Traduzido como “a mão que nos estrangula”, o verso “*ruka, što ŭsich nas za horla trymaję*” significa mais especificamente “a mão que [todas] nos segura pela garganta”, o que se infere como “estrangular”, donde a modulação “que nos estrangula”, ocupando menos espaço na legenda.

4.2.3 *Krainy niama*

A última das principais canções do filme, *Krainy niama*⁷¹, marca a transição da militância de Miron para a política, ao se candidatar a deputado com o intuito de se infiltrar na zona eleitoral e filmar o processo de falsificação das urnas. De inspiração melancólica, ela mostra um triste retrato do país que Miron – e grande parte da população, que vota nele – deseja mudar:

Belaruso	Transliteração	Tradução
Для генэрала краіна - вайна	Dlia hienerala kraina - vajna	Para o general, este país é uma guerra

⁶⁹ Há, contudo, diferentes possibilidades interpretativas desse enunciado. Enquanto, em belaruso, “não há mais chefe” sugere que o indivíduo específico desapareceu, em português, pode-se subentender que a categoria “chefe” foi extinta, o que não é necessariamente o caso.

⁷⁰ Tradução minha, do inglês, de: “Personal verbs used impersonally, especially with the reflexive. If a person is indicated, they are in the dative case”.

⁷¹ VIVA BELARUS, 2012, 01:18:50,825; 01:36:40,552.

Для нефармала краіна - чума Для радыкала краіна - турма Але для большасці краіны няма	Dlia niefarmala kraina - čuma Dlia radykala kraina - turma Alie dlia bolšaści krajiny niama	Para o rebelde, este país é uma peste Para o radical, este país é uma prisão Mas, para a maioria, este país não existe
Для панславiста краіна - адна Для сатанiста краіна - труна Для гiтарыста краіна - струна Але для большасці краіны няма	Dlia panslavista kraina - adna Dlia satanista kraina - truna Dlia hitarysta kraina - struna Alie dlia bolšaści krajiny niama	Para o pan-eslavista, este país é a Rússia Para o satanista, este país é um caixão Para o guitarrista, este país é uma corda Mas, para a maioria, este país não existe
Рэфрэн: Вярні жыццё сваёй краіне Яна ў сьне халодным гiне Вярні жыццё сваёй зямлі Яе сiвыя сьнягі замялі	Refren: Viarni žyćcio svajoj krainie Jana ŭ śnie chalodnym hinie Viarni žyćcio svajoj ziamli Jaje sivyja śniahi zamiali	Refrão: Devolva a vida ao seu país Ele está morrendo num sonho gélido Devolva a vida à sua terra Ela está coberta de neve cinzenta
Для нелегала краіна - зiма Для адмiрала краіна - карма Для выкiдалы краіна - карчма Але для большасці краіны няма	Dlia nieliehala kraina - zima Dlia admiralala kraina - karma Dlia vykidaly kraina - karčma Alie dlia bolšaści krajiny niama	Para o ilegal, este país é o inverno Para o almirante, este país é uma popa Para o segurança, este país é uma taverna Mas, para a maioria, este país não existe
(Рэфрэн)	(Refren)	(Refrão)
Масты спалi і зямлю асьвятлi	Masty spali i ziamliu aśviatli	Queime as pontes e ilumine a terra

A primeira estrofe começa com referências a tipos heterogêneos da sociedade belarussa: o general, herdeiro da ideologia soviética de culto à chamada Grande Guerra Patriótica; o rebelde, literalmente “informal”, que não se vincula a nenhuma associação infantojuvenil reconhecida pelo regime; e o radical, associado a subculturas de posturas supostamente mais agressivas. Segundo o historiador russo Aleksandr Chúbín, os movimentos “informais” surgiram na URSS, durante a Perestroika, e são de difícil classificação (2006, p. 52):

Os mais variados tipos de pessoas podem se tornar informais, das maneiras mais inesperadas, sob influência de motivações que um ano antes não lhes teriam causado tamanha comoção. É provável que a transformação de uma pessoa comum em informal seja um caso especial de um processo transitório mais amplo de um estágio de desenvolvimento psicológico para outro. Neste limiar, é possível haver mudanças radicais a nível comportamental e ocupacional, lançar-se em buscas esotéricas e religiosas ou começar a participar de um movimento social, em particular, de um movimento informal. A escolha específica depende do nível de cultura, dos interesses e relações interpessoais prevaletentes, do próprio motivo. Contudo, um aumento repentino na atividade humana não é um fenômeno acidental e, a um ritmo suficiente de desenvolvimento psicológico, é inevitável. É um caso especial de passagem do estado de “pessoa hierárquica”, guiada por interesses materiais, para o

estado de “pessoa ideológica”, movida pelos modelos ideais por ela construídos ou assimilados.⁷²

Neste sentido, o general seria a pessoa hierárquica por excelência. Na narrativa, isto se reflete na estrutura do lado opressor, sempre hierarquizado, seja nas figuras do cabo Ščuka, sargento Ruslan ou o misterioso tenente-general, seja na hierarquia política, com os mesários, o deputado Luhavy, e o próprio ditador, ou mesmo as forças policiais, dos agentes da KGB, da Penitenciária e tropas de choque, que em conjunto integram as engrenagens do que Foucault chama de “panoptismo” (2019, p. 202).

Os rebeldes, incluindo os radicais, ao contrário, são movimentos dos mais variados e de difícil classificação. Sabe-se que são opostos aos grupos formais, isto é, àqueles que propõem uma hierarquização da infância à juventude, em harmonia com os aparelhos de poder, como os *pionieri* e *komsomoltsy* soviéticos, e seus equivalentes na atualidade (MINOVA, 2015, p. 246). Na Belarus contemporânea, esses grupos sancionados seguem as tradições soviéticas apreciadas por Lukašenka, uns sem alterações profundas de nomenclatura, como os *pionieri*, outros, como BRSM – União Republicana da Juventude Belarussa, equivalente ao antigo KOMSOMOL – União da Juventude Comunista, com mudanças superficiais, mas estruturas praticamente idênticas. Quanto aos movimentos informais, fenômeno ainda pouco estudado em Belarus e frequentemente atrelado de forma indistinguível ao estudo de subculturas, a socióloga e pedagoga belarussa Iryna Kartunova estabelece nove características básicas (2013, p. 10):

1. Não possuem status oficial;
2. Possuem estruturas internas pouco definidas;
3. Interesses pouco definidos;
4. Relações internas pouco definidas;

⁷² Tradução minha, do russo, de: “Неформалами становятся самые разные люди, и притом довольно внезапно, под влиянием поводов, которые еще год назад не произвели бы на них особого впечатления. Вероятно, превращение обычного человека в неформала — частный случай более общего процесса перехода из одной стадии психологического развития к другой. На этом рубеже можно резко изменить образ поведения и род занятий, броситься в эзотерические и религиозные поиски или начать участвовать в общественном движении, в частности неформальном. Конкретный выбор зависит от уровня культуры, сложившихся интересов и знакомств, самого повода. Но всплеск активности человека — явление не случайное и при достаточных темпах психологического развития неизбежное. Оно является частным случаем перехода от состояния «человека иерархического», ведомого материальными интересами, к состоянию «человека идеологического», которым движут построенные или усвоенные им идеальные модели”.

5. Dificuldade de se identificar uma liderança;
6. Não possuem programa de ações;
7. Agem por iniciativa de um pequeno grupo externo;
8. Representam uma alternativa às estruturas governamentais;
9. Grande dificuldade de classificação sistemática.⁷³

Quanto à tipificação, no sentido mais amplo das subculturas locais, Kartunova propõe a divisão dos movimentos informais – das tendências mais pró-sociais às mais “antissociais” – em seis grupos, por visões e interesses: 1. musicais; 2. estéticos; 3. políticos e de cosmovisão; 4. hobbies; 5. outros; e 6. delinquência (p. 13). No filme, Miron inicialmente faz parte do primeiro grupo, compondo uma banda de rock. Seu sequestro e forçosa inserção dentro de uma estrutura hierarquizada, o exército, acelera seu processo de desenvolvimento psicológico. A iniciativa de cunho disciplinar-punitivo ditatorial, no entanto, não surtiu o efeito desejado, ou seja, ao invés de se tornar uma “pessoa hierárquica”, Miron se aprofunda nos movimentos sociais como “pessoa ideológica, movida pelos modelos ideais por ela construídos ou assimilados”, transitando à 3ª categoria, de política e cosmovisão. De uma perspectiva foucaultiana, pode-se considerar que isso se dá na forma como Miron ativa os “saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica unitária que pretenda filtrá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro” (2019, p. 219)⁷⁴. Esse momento é marcado pela sua candidatura a deputado, ato subversivo que busca na hierarquização uma forma de lutar contra o sistema, tal como Foucault analisa no contexto da antiga URSS (p. 172):

Para poder lutar contra um Estado que não é apenas um governo, no movimento revolucionário deve surgir um equivalente em termos de forças político-militares e, em consequência, que ele se constitua como partido modelado – internamente – como um aparelho de Estado, com os mesmos mecanismos de disciplina, as mesmas hierarquias, a mesma organização de poderes. Esta consequência é grave.⁷⁵

⁷³ Tradução minha, do russo, de: “1) Неформальные коллективы не имеют официального статуса. 2) Слабо выраженная внутренняя структура. 3) Большинство объединений имеет слабо выраженные интересы. 4) Слабые внутренние связи. 5) Очень сложно выделить лидера. 6) Не имеют программы деятельности. 7) Действуют по инициативе небольшой группы со стороны. 8) Представляют альтернативу государственным структурам. 9) Очень тяжело поддаются упорядоченной классификации”.

⁷⁴ Tradução minha, do espanhol, de: “saberes locales, discontinuos, descalificados, no legitimados, contra la instancia teórica unitaria que pretenda filtrarlos, jerarquizarlos, ordenarlos en nombre de un conocimiento verdadero”.

⁷⁵ Tradução minha, do espanhol, de: “Para poder luchar contra un Estado que no es solo un gobierno, en el movimiento revolucionario debe darse un equivalente en términos de fuerzas político-militares y, en consecuencia, que se constituya como partido, modelado -desde adentro- como un aparato de Estado, con los

Na narrativa, a consequência grave a que Foucault se refere pode ser entendida, basicamente, de duas formas: para Miron, o acidente vascular-cerebral que o acomete ao fugir dos militares que o haviam descoberto após ter flagrado as falsificações dos votos; para o sistema, o vazamento da gravação, trazendo a público o sistema de fraudes eleitorais, o que agrava as manifestações contra o regime. O risco implícito no argumento de Foucault, entretanto, mais provavelmente se remete à perda de identidade que a sistematização da resistência belarussa poderia provocar, isto é, ao se hierarquizar, Miron correria o risco de passar ao lugar de opressor. Todavia, tal cenário seria difícil de imaginar, precisamente porque Miron nunca verdadeiramente cogitou a possibilidade de integrar o panoptismo. Para ele, o país é uma peste, seja no sentido moral e político, seja na forma da escabiose e gripe suína que assolam o quartel e do câncer resultante de Tchernóbyl, ou uma prisão, outra realidade encarada por ele, Vera e outras dissidentes, no decorrer da trama.

Considerando esta breve explicação histórico-sociológica sobre o termo “*niefarmal*”, por que optei por traduzi-lo como “rebelde” e não pelo cognato “informal”?⁷⁶ Diferentemente das páginas de um livro, na legenda existe muito pouco espaço para explicações tradutórias, especialmente no contexto de uma letra de música. Portanto, dei preferência a um termo morfológicamente mais distante, mas semanticamente próximo e de rápida interpretação, posto que “rebelde” significa “1. Que se rebela, dissidente; 2. Indisciplinado” (AULETE, 2004, p. 675), em consonância, portanto, não apenas com a canção e o papel de Miron, mas também com a acepção histórica do termo. Por outro lado, a forma de chegada “informal”, para um público brasileiro, poderia sugerir um “trabalhador informal” ou uma postura “despreocupada” com as normas, longe de serem aplicáveis neste contexto.

O último e possivelmente mais impactante verso da estrofe, que dá nome à canção, “*Alie dlia bolśaści krainy niama*”, ou, “Mas, para a maioria, este país não existe”, é de fácil tradução (palavra-por-palavra) mas de complexa interpretação. Do ponto de vista brasileiro, provavelmente o primeiro pensamento que nos surge é o de maioria demográfica, ou seja, a maioria das pessoas no mundo pode não saber da existência de um país chamado Belarus.

mismos mecanismos de disciplina, las mismas jerarquías, la misma organización de los poderes. Esta consecuencia es gravosa”.

⁷⁶ Por sua semelhança morfológica e semântica (*nie-* = in-; *farmal* (be) / *formal* (ru) = formal), embora “*niefarmal*” seja substantivo e, no caso supracitado, tenda a falso cognato.

Com efeito, no ato de sua matrícula como aluna regular do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da Universidade Federal da Bahia, Volha Yermalayeva Franco, cidadã de Belarus radicada em Salvador, teve nacionalidade registrada como “não informada” posto que seu país não constava de maneira alguma na lista da instituição. Isto é ainda mais vergonhoso se considerarmos que Belarus é membro-fundador da ONU (UN, 2021), ou seja, ainda antes de tornar-se independente da URSS, com representação própria desde 1945, e relações diplomáticas com o Brasil desde 1992 (ITAMARATY, 2020).

Visando enfrentar o problema da ignorância mundial sobre Belarus, o regime chegou a criar, em 2015, a campanha *Belarus: Terra Incógnita no coração da Europa*⁷⁷ (KORCHUK, 2018, p. 44), iniciativa que integra uma série de esforços com o intuito de aumentar o fluxo turístico no país, basicamente, por meio da promoção em eventos no exterior e isenção ou redução de custos de visto para mais de 80 nacionalidades. Contudo, sem investimentos mais profundos nem melhorias significativas no sistema político e econômico no país, este projeto não obteve sucesso e o número de chegadas de turistas internacionais no país, ao contrário do que o ditador esperava, diminuiu de 276.260, em 2015, para 217.398, no ano seguinte (BELSTAT, 2018, p. 23).

Entretanto, Volski dificilmente tinha o Brasil em mente quando compôs essa canção. Como um dos temas centrais do filme, o debate acerca da identidade belarussa é muito mais uma questão interna do que externa. No livro *Беларусь: ні Эўропа, ні Расея. Меркаваньні беларускіх эліт* (Belarus: nem Europa nem Rússia. Opiniões das elites belarussas), que reúne pensamentos de intelectuais do e sobre o país, incluindo a posteriormente laureada pelo prêmio Nobel de literatura, Śviatlana Alieksijevič, o cientista político Vitalí Silicki (2006) argumenta que “Definir a identidade nacional e resolver as questões de cunho civilizatório é, primeiramente, o dever das elites nacionais e culturais”⁷⁸ (p. 11).

O título do livro é uma provocação, uma vez que o próprio Silicki afirma, em seguida, que a sociedade belarussa não tem uma elite, no sentido tradicional da palavra, isto é, composta “não por quem fala mais que outrem”. Segundo ele, a elite é “quem mais se escuta. Por este critério, pode-se limitar a elite belarussa contemporânea a Aliaksandr Lukašenka e

⁷⁷ Tradução minha, do inglês, de: “Belarus: Terra Incognita in the heart of Europe”.

⁷⁸ Tradução minha, do belarusso, de: “Вызначэньне нацыянальнай ідэнтычнасьці і вырашэньне пытанняў цывілізацыйнага выбару – гэта найперш задача нацыянальных і культурных элітаў”.

correspondentes da televisão estatal, além de quem escreve e edita seus textos”⁷⁹. Assim, a elite intelectual do livro, dentro de um contexto mais amplo, chamado pelo autor de “ambiente intelectual” (*inteliectualnaje asiarodździe*), dentro do qual podemos contextualizar Miron e Vera, constitui-se em uma *contraelite*, aquela composta por “pessoas que em condições normais, por seu status e realizações *devem* ser a elite”⁸⁰.

Ora, se partirmos do princípio de Silicki sobre o papel predominante da elite (maioria hegemônica) na construção da identidade nacional, limitado, neste caso, ao ditador e seu séquito, tendo em vista os esforços deste em russificar o país, podemos concluir que, para ele, o país em si não existe, sendo *de facto* uma extensão da Rússia que lhe permite status de presidente, não apenas de governador. A *contraelite* é a minoria que incorpora em si o devir de se tornar aquilo que já deveria ser (cf. seção 2.3.2), o que impõe riscos à manutenção do sistema uma vez que, ao se tornar “aquela que mais se escuta” o regime perde a suposta legitimidade que a maioria numérica ainda poderia lhe atribuir. Sobre a perseguição sofrida por intelectuais dentro do antigo bloco socialista, isto é, a partir de 1945, Foucault argumenta que “pela primeira vez, creio, o intelectual foi perseguido pelo poder político, já não em função do discurso geral que enunciava, e sim por causa do saber que ele possuía: nesse plano, constituía um perigo político” (2019, p. 39)⁸¹.

Em Belarus, este conhecimento detido pela elite, ou *contraelite*, intelectual se configura principalmente na língua belarussa, como atestam os teóricos Hienadź Buraŭkin, Vincuk Viačorka (pai de Franak Viačorka), Andrej Dyńko e Andrej Sańnikaŭ (BULHAKAŬ, 2006, p. 13), aos quais eu ainda adicionaria, no campo da história nacional, os já citados Uladzimier Arloŭ e Hienadź Sahanovič, além de outros nomes do pensamento crítico sobre a sociedade e o Estado, como Valiancin Akudovič e a própria Śvialana Alieksijevič.

Historicamente, entretanto, o discurso identitário belarusso centrado no idioma tem encontrado problemas para se estabelecer. Bekus (2010, p. 134) aponta para um consenso de

⁷⁹ Tradução minha, do belarusso, de: “гэта ня тыя, хто гаворыць больш за іншых. Эліта – гэта тыя, каго больш за іншых слухаюць. Па гэтым крытэры сучасную беларускую эліту можна было б абмежаваць Аляксандрам Лукашэнкам і дыктарамі дзяржаўнага тэлебачаньня ды яшчэ тымі, хто піша і рэдагуе іхнія тэксты”.

⁸⁰ Tradução minha, do belarusso, de: “людзей, якія ў нармальных варунках сваім статусам, сваімі дасягненьнямі *мусяць* быць элітай”.

⁸¹ Tradução minha, do espanhol, de: “por primera vez, creo, el intelectual fue perseguido por el poder político, ya no en función del discurso general que enunciaba, sino a causa del saber del que era poseedor: en ese plano constituía un peligro político”.

que as organizações de cunho político nacionalista, sobretudo o Front Nacional Belarusso (BNF), que gozava de considerável proeminência no início dos anos 1990, perderam para Lukašenka e entraram em decadência principalmente por terem discursos pautados em uma identidade belarussa monolíngue e centrada no passado pré-soviético, o que exclui a grande maioria da população russificada e educada nos moldes da URSS, ignorando a “polietnicidade e plurilinguismo característicos da Belarus antiga e moderna” (LOJKA, 2001, p. 162)⁸².

Enquanto isso, pesquisas mostram que grande parte da população que apoia Lukašenka fala belarusso e mora em zonas rurais, ao passo que a capital, predominantemente russófono, tornou-se um verdadeiro centro de resistência ao ditador (BEKUS, 2010, p. 154). Tal cenário, aparentemente paradoxal, pode ser compreendido por meio das palavras de Fanon, que traça um perfil do intelectual colonizado, o qual, diferenças geográficas e culturais à parte, segue dinâmicas semelhantes seja na África, Antilhas ou Leste Europeu (1968, p. 37):

Empenhado em determinados pontos da frente de combate, acontece-lhe perder de vista a unidade do movimento e, em caso de revés local, deixar-se levar pela dúvida e até mesmo pelo desespero. O povo, ao contrário, adota de saída posições globais. A terra e o pão: que fazer para ter a terra e o pão? E este aspecto obstinado, aparentemente limitado, estreito, do povo é em definitivo o modelo operativo mais fecundo e mais eficaz.

Lukašenka, por outro lado, conseguiu convencer grande parte da população com seu discurso simplista, mostrando-se como um "homem do povo", como explica Fiaduta (2005, p. 128):

Para que não discutam depois sobre que tipo de criadores de imagens nossa personagem chamou para ajudá-la, eu garanto: Aleksandr Lukachenko criou sua própria imagem. Lembro-me bem de como ele rasgou o texto de um dos discursos por nós preparado, riscando impiedosamente algo e inserindo suas palavras. Quando ele me deu para passar a limpo, não havia espaço não riscado. Sinitsyn, percebendo meu olhar perplexo, apenas esbravejou: “Literatos! Eu devia mandar vocês para o colcoz aprenderem a língua! Escrevam mais simples!”⁸³

⁸² Tradução minha, do belarusso, de: “Наогул, для Беларусі як даўняй, гэтак і сучаснай, характэрная поліэтнічнасць, полілінгвізм”.

⁸³ Tradução minha, do russo, de: “Чтобы ни говорили позднее о том, каких специалистов-имиджмейкеров привлекал себе в помощь наш герой, но я знаю доподлинно: свой имидж Александр Лукашенко создавал сам. Хорошо помню, как он кромсал подготовленный нами текст одного из выступлений, безжалостно что-то вычеркивая и вставляя свое. Когда он отдал мне его для чистой перепечатки, живого места в нем не было. Синицын, поймав мой недоуменный взгляд, только хмыкнул: «Литераторы! Вас бы в колхоз отправить, учить язык! Пишите проще!»”.

Considerando as fraudes do regime de Lukašenka, é difícil atribuir sua vitória apenas ao discurso populista. Contudo, o argumento de Fanon ajuda a entender, ao menos em parte, o surgimento do cenário visto no filme, sobretudo na continuação de seu raciocínio: “a falta de preparo das elites, a ausência de ligação orgânica entre elas e as massas, sua preguiça e, digamo-lo, a covardia no momento decisivo da luta figuram na origem de desventuras trágicas” (1968, p. 123), sendo estas “desventuras trágicas”, em Belarus, o surgimento de Lukašenka e suas políticas retrógradas.

Miron não é um intelectual no sentido mais restrito. Segundo ele mesmo diz, no início da narrativa, sobre a intervenção da polícia na noite anterior: “Eu não tenho responsabilidade pelo que está acontecendo ao redor. Eu sou músico, fiz as pessoas se divertirem num show e que continue assim”⁸⁴. Entretanto, ele carrega em sua trajetória elementos descritos por Fanon, aplicáveis a grande parte da classe intelectual do país. Em sua transformação de rebelde-músico para rebelde-político, ele se aproxima do povo em sua campanha eleitoral, auxiliado pelo rock belarusso, para fazer um apelo ao público russófono, recurso também utilizado por Vera e a banda Forza quando viajam pelo país para conscientizar a população sobre a militância de Miron. Somente ao entender os problemas enfrentados pelo povo em seu dia-a-dia é que o protagonista se dá conta de que precisa sair de sua bolha social e somar com a sociedade seus “saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados”, para realmente causar uma mudança no sistema.

Outra característica conflitante apontada por Bekus está na relação entre uma aparente identidade nacional fraca e o orgulho da cidadania belarussa, acima da média regional (2010, p. 148). Enquanto as estatísticas mostram grande parte da população do país indecisa ou dividida quanto à maneira como se enxerga enquanto nação autônoma, observa-se de maneira relativamente homogênea, dentre todos os grupos étnicos residentes, considerável orgulho e pertencimento à cidadania belarussa.

Diante desse cenário, é possível argumentar que o questionamento a ser feito não é a que *maioria* a canção se refere e sim que *país* é esse que não existe. Assim como na canção *Mensk i Minsk*, há apenas uma entre as duas situações que a maioria da população enxerga

⁸⁴ Tradução minha, do belarusso, de: “А я не нясу адказнасьці за тое, што адбываецца вакол. Я музыка, ну даў людзям пазабаўляцца на канцэрце і няхай так застанецца” (VIVA BELARUS!, 2012, 00:10:38,425... 00:10:45,827).

como válida. Quando Miron canta que “para a maioria este país não existe”, ele se refere à Belarus da *pahonia* e da bandeira branca-vermelha-e-branca, que fala predominantemente belarusso e cujo povo vive em liberdade. É a este país moribundo, coberto de neve cinzenta, que ele, no refrão, pede angustiadamente que se devolva a vida.

Os demais versos da canção abrangem ainda mais figuras dentro e fora da sociedade belarussa, algumas incluídas nos subgrupos definidos por Kartunova, a saber: pan-eslavista e satanista (grupo 3), e guitarrista (grupo 1), contrastando com as profissões/hierarquias de almirante e segurança de bar, além do ilegal, sobre o qual tratarei mais adiante.

Quanto às primeiras, uma escolha tradutória que requer explicação adicional cabe ao verso “*Dlia panslavista kraina adna*”, que literalmente significa “Para o pan-eslavista este país é um [só]”. Longe de se referir ao movimento pan-eslavista do século XIX, uma vez que não há sérios conflitos separatistas ou irredentistas no país, o verso se refere à retórica contemporânea, herdeira da era soviética, de união dos povos eslavos (especialmente os orientais) sob a égide de Moscou.

Uma enquete sobre identificação étnica realizada em Belarus, no ano 2000, revelou que 42,6% da população se enxerga como parte da “tríplice nação russa” (belarussa, russa e ucraniana), pouco abaixo dos 49,8% que se identifica como um povo autônomo (BEKUS, 2010, p. 143). Considerando ainda os esforços de Lukašenka em aprofundar a integração com a Rússia, um levantamento realizado pelo Instituto Independente de Estudos Políticos e Socioeconômicos, de Minsk, na primeira metade dos anos 2000, aponta para uma crescente maioria (de 51,7%, em 2003, a 52,3%, em 2005) a favor da união estatal com a Rússia (ibidem, p. 141), culminando com a proposta feita pelo chefe de Estado russo, Vladímir Pútín, de anexar “as seis regiões de Belarus mais a capital Minsk, como unidades da Federação da Rússia” (FEDUTA, 2005, p. 628). Tal proposta evidencia o profundo desrespeito nutrido pelo líder oriental em relação à nação belarussa, que ele tenta invisibilizar veladamente remetendo-se ao período pré-revolução, quando as terras belarussas estavam divididas entre regiões do Império Russo.

A mesma pesquisa, entretanto, mostra que um número cada vez menor de respondentes é favorável à unificação com a Rússia, isto é, com a perda de independência: uma redução de 21,2% para 12,0%, no mesmo período. Diante desse cenário, traduzi o verso como “Para o pan-eslavista este país é a Rússia”, uma vez que se trata não de união interna, como uma

tradução literal poderia sugerir, ou regional, via pan-eslavismo centro-europeu oitocentista, e sim de uma retórica mais específica e diretamente relacionada com a problemática da narrativa, subentendida para o público belarusso, mas carente de explicitação para o público brasileiro.

Quanto à figura do almirante, é interessante observar que, destituída de costa marítima, Belarus não possui marinha (CIA, 2021). Logo, a que almirante se refere a canção? Podemos supor uma referência anacrônica à era soviética, quando havia tal patente no país, ou, na contemporaneidade, como uma metáfora de seu papel subalternizado – popa, traseira ou área de manobra de uma embarcação maior, pós-soviética. Com efeito, é possível argumentar que, no imaginário belarusso, a frase sequer causa estranhamento, pois, como aponta Akudovič (2006, p. 31), “A Rússia não está a Leste das terras belarussas. A Rússia é o Leste de Belarus. Isto significa que, a seu modo (assim como a Europa), naturalmente ela se encontra dentro da nossa própria identidade”⁸⁵. Visando manter esse paradoxo, o verso foi traduzido como “Para o almirante, este país é uma popa”.

Em relação ao “ilegal”, há basicamente duas hipóteses que nos ajudam a entender a canção porém não refletem em maiores mudanças tradutórias. A primeira, quiçá mais espontânea para um público lusófono, é a de “imigrante ilegal”, especialmente diante da crise migratória na fronteira entre Belarus e Polônia (FALLON, 2021). Contudo, por se tratar de uma obra anterior a tais acontecimentos, proponho uma breve análise do histórico dessa problemática na região.

Uma vez que a imigração ilegal é, por definição, de difícil cálculo, podemos investigar a partir dos dados estatísticos para imigrantes legais, abaixo de 35 mil, em 2019, maior número já registrado desde 1995 (BELSTAT, 2020) e de pedidos de asilo – pouco mais de três mil, entre 2004 e 2015 (MAKUSHINA, GONCHARENKO, 2017). Estima-se que no país residam mais de seis mil apátridas (CIA, 2021), tecnicamente ilegais mas não necessariamente imigrantes. Apesar disso, devido à sua localização estratégica entre o antigo bloco soviético e a UE, um crescente número de pessoas tem transitado por Belarus em busca de melhores condições de vida no Ocidente, o que atraiu investimentos do bloco europeu para o fortalecimento da fronteira belarussa com a Polônia, na ordem dos 29 milhões de euros ao

⁸⁵ Tradução minha, do belarusso, de: “Расея не на ўсход ад земляў Беларусі, Расея - усход Беларусі. Гэта значыць, што Расея, пэўным сваім контурам (як і Еўропа) натуральна знаходзіцца ўнутры нашай уласнай самасці”.

ano. Esta quantia é pífia, se comparada aos mais de dois bilhões de euros direcionados para estes fins somente à Grécia, em 2019 (EC, 2019, p. 1). Portanto, podemos descartar esta aceção de ilegal na obra.

A segunda hipótese tem base no acontecido durante o show da banda Forza, quando a plateia ergue bandeiras nacionais, clamando por liberdade, ato que Miron declara ser “ilegal”, de acordo com a retórica do regime, nome posteriormente explorado pela mídia⁸⁶. Destarte, o termo é subentendido como sinônimo de rebelde/informal. A linha de chegada “Para o ilegal, este país é o inverno”, que contempla as duas hipóteses e ainda outras possíveis interpretações, torna-se ainda mais evidente no final do filme, durante a dramatização dos protestos ocorridos no inverno de 2010. Pode-se estabelecer uma relação entre este cenário e o último verso, “Queime as pontes e ilumine a terra”, como uma metáfora revolucionária, visando aquecer e iluminar o país gélido e cinzento, com as pontes queimadas simbolizando um rompimento sem volta com a ideologia de Lukašenka e o passado no qual ela se inspira.

Podemos concluir que o tríptico *Maja revaliucyja*, *U našym kalhasie* e *Krainy niama* conta uma história que vai além do filme. Como grito de protesto, *Viva Belarus!* tem a missão de representar a luta de uma era, simbolizada pela trajetória de Miron, personagem que por sua vez é inspirada em um lendário ativista (cf. seção 2.2.1). Assim, a trilha sonora busca emular ciclos dessa luta encarnados pelo protagonista: inicialmente otimista e ávido por uma revolução que chegará com a alvorada; posteriormente realista, busca cooperar com o sistema à espera de dias melhores; e, por último, melancólico, diante de um país gélido e moribundo. Todavia, um elemento em comum perdura através dos ciclos e mudanças: a esperança. As três canções expressam ideais de um futuro melhor – “Olhe para a alvorada / está chegando nossa hora de brilhar!”, “Eu sonho e você sonhe / Que não haja mais chefe / E todas ao redor ficarão felizes” e “Devolva a vida à sua terra... Queime as pontes e ilumine a terra” – marcadas por um discurso de engajamento da segunda pessoa. Deste modo, as canções se reafirmam como forma de protesto, uma vez que não somente denunciam o regime, mas também convidam o público para desejar a mudança, a materializá-la.

O rock em Belarus desempenha, portanto, um papel fundamental na luta por democracia e direitos humanos, tanto por meio de suas letras quanto pela socialização e intercâmbio de ideias que ele proporciona. No filme, a trajetória de Miron e a banda Forza, de certa forma,

⁸⁶ VIVA BELARUS!, 2012, 00:09:34,800 --> 00:09:38,800.

são um reflexo do caminho trilhado por muitas bandas e artistas do país, que, sob pressão do governo, são forçadas a se posicionar politicamente, abandonando a suposta neutralidade hierárquica do cubículo que lhes foi atribuído, rumo à liberdade que somente a dissidência ideológica é capaz de oferecer. Mais do que um gênero musical, o rock belarusso tem o poder de unir pessoas das mais variadas classes sociais: da pujante metrópole a uma decrépita zona rural radioativa; de intelectuais boêmios a recrutas na caserna, mobilizando manifestações cada vez maiores contra as injustiças do governo, ano após ano. Por sua versatilidade textual, que se inspira em uma ampla variedade de temas e experiências com as quais cada ser humano pode se identificar, o rock belarusso se torna um texto em contínuo estado de tradução, capaz de romper barreiras linguísticas e políticas, constituindo um veículo de transmissão de tradições, histórias e saberes.

Nos créditos do filme (1:38:45), menciona-se ainda duas outras canções de Volski: “*Honar Baćki*” e “*Majo kachańnie*” (erroneamente transcrita como *Majo kochannie*, provavelmente por influência polonesa). Nenhuma delas é cantada por alguma personagem no filme, tampouco executada em sua totalidade. Enquanto a segunda canção ocorre paralelamente à narração jornalística do encerramento do filme, sendo assim preterida, somente a primeira contém trechos legendados, os quais, em função do tema militar, serão discutidos no próximo eixo, onde trato da tradução do vocabulário relacionado ao exército.

4.3 A URSS RESSURGE NO EXÉRCITO

Dos cenários que compõem o filme *Viva Belarus!*, o quartel de Mazyr é o mais brutal e onde a língua russa reina mais incontestemente, como veremos em mais detalhes no capítulo sobre a tradução de russo dentro da trama. Enxergamos isso, contudo, da perspectiva de Miron, cuja narrativa em belarusso espelha o processo de escrita de seu blog, de onde se origina o título deste subcapítulo. Em sua descrição, estão presentes alguns termos comuns à realidade local que representam certos desafios na tradução para o português.

Ainda no início do filme, vemos Miron sendo dispensado do exército por uma comissão, devido a seus problemas de saúde. Para o público de Belarus e de outras ex-repúblicas soviéticas, esse lugar, cujo nome nunca é explicitado, se trata obviamente do

vajenkamat (*ваенкамац*), órgão semelhante à Junta de Serviço Militar, no Brasil, mas não só. O Comissariado Militar, ou *Vajenkamat*, do belarusso *Vajenny Kamisaryjat*, por sua vez, do russo *Voennyi Komissariat* (*Военный Камиссариац*), seguindo a tradição dos *portmanteaux* soviéticos (SOROKIN, MUSORINA, 2013), é também uma espécie de quartel preliminar, onde os recrutas são avaliados, alojados e recebem treinamento básico antes de seguir a seus quartéis designados. Assim, o termo *vajenkamat* se tornou sinônimo de serviço militar, porém em referência a um lugar concreto e ao mesmo tempo abstrato, algo entre a junta de alistamento e o quartel propriamente dito. Este último, onde Miron efetivamente serve, em belarusso tem outro nome: *vajennaja častka*.

Como mencionado anteriormente, o local onde Miron é avaliado pela comissão militar não tem nome explicitado, logo, o impasse acima descrito, isto é, a impossibilidade de se traduzir *vajenkamat* palavra por palavra, não deveria ter importância. Contudo, o termo de origem soviética aparece em uma canção secundária de Volski, “*Honar Bački*”, em um de seus trechos legendados:

588
00:55:00,506 --> 00:55:04,518
<belarusso> ♪ Сьвята ў ваенкамаце ♪
♪ Festa na caserna ♪

Opções como “junta”, “alistamento”, “alojamento”, “serviço militar” e “quartel” descrevem características do *vajenkamat*, mas nenhuma em particular substitui as outras. Assim, diante da tarefa de traduzir o termo em espaço exíguo, dentro de um contexto musical, optei pela forma “caserna”, a qual, segundo o dicionário Caldas Aulete (2004, p. 148) significa “1. Alojamento dos soldados num quartel ou forte 2. P. ext. Lugar onde se alojam tropas; QUARTEL 3. Vida militar”, sendo esta última acepção, ao meu ver, ampla o suficiente para abarcar todas as características. A aproximação funcional é fortalecida pelo contexto da cena legendada, que mostra os recrutas no alojamento, festejando a chegada de medicamentos e de melhorias estruturais em suas precárias instalações, tudo graças ao blog de Miron.

Miron também nos apresenta à *dziedauščyna*, algo como “território dos avôs” (de *dziedauŭ*, “dos avôs” e *-ščyna*, sufixo usado para designar regiões e territórios). Com origens no Exército Vermelho, trata-se de uma forma de bullying cometido por veteranos, isto é, recrutas com mais tempo de serviço, contra novatos, que carrega semelhanças com os trotes e rituais de iniciação realizados em instituições militares e de ensino superior no Brasil, porém de maneira prolongada e hierarquizada.

Sobre a dificuldade de se traduzir este termo, no contexto da Rússia pós-soviética, escreveram a socióloga Elisabeth Sieca-Kozlowski e a cientista política Françoise Daucé na introdução ao primeiro volume do *The Journal of Power Institutions in Post-Soviet Societies* (2004):

O termo “*Dedovchtchina*” é difundido na Rússia pós-soviética mas difícil de traduzir para línguas estrangeiras. De fato, a tradução em si não transmite a polissemia dessa palavra nem reflete a complexidade das práticas a que se refere. *Dedovchtchina* não é apenas trote, bullying ou iniciação. Formado a partir da raiz “*ded*”, que significa “avô” em russo, a *dedovchtchina* se manifesta como violência exercida por recrutas mais velhos sobre os mais jovens. É um fenômeno militar, mas influenciado pelas realidades sociais, políticas e econômicas da Rússia. Herdada do período soviético, a *dedovchtchina* é hoje nutrida por práticas pós-soviéticas e novos valores.⁸⁷

Neste sentido, o “avô” ou *dzied*, é o veterano, que ocupa o posto mais alto; logo abaixo dele se encontra o “elefante” ou *slon*, imediatamente superior aos recém-chegados “espírito” ou “caveira”, (*duch*, *čerap*). Considerando a dificuldade de traduzir o termo, optei por uma flexibilização contextual. Destarte, quando Miron nos introduz à *dziedauščyna*, em um primeiro momento ela é traduzida como “iniciação”, condizente com o âmbito em que se insere:

230

00:20:18,417 --> 00:20:20,800

<belaruso> “Дух” - самы нізкі статус у дзедauŭшчыне

“Espírito” é o status mais baixo na iniciação

⁸⁷ Tradução minha, do inglês, de: “The term “*Dedovshchina*” is widespread in post-Soviet Russia but difficult to translate into foreign languages. Indeed, translation itself does not convey either the polysemy of this word nor reflect the complexity of practices it refers to. *Dedovshchina* is not only hazing, bullying or bizutage. Formed from the root “*ded*”, which means “grand-father” in Russian, *dedovshchina* is manifested as violence exerted by older conscripts on younger ones. It is a military phenomenon but influenced by social, political and economic realities of Russia. Inherited from the Soviet period, *dedovshchina* is nowadays nurtured with post-Soviet practices and new values”.

Em um segundo momento, após descrição detalhada de Miron sobre o funcionamento do sistema, torna-se evidente que não se trata apenas de um ritual de iniciação. Considerando que na frase em questão há mais espaço, optei por traduzir como “humilhação no exército”, subentendida pelo contexto da cena:

400
00:36:00,800 --> 00:36:03,800
<belaruso> Дзедаўшчына не дзеля забавы “дзядоў”,
ня толькі дзеля забавы...

A humilhação no exército não é só
para a diversão dos “avôs”...

Neste trecho, insta-se ainda um caso de omissão tradutória, uma vez que a tradução completa seria “A *dziedaŭščyna* não é para a diversão dos “avôs”, não é só para a diversão...”. Graças a isso, obteve-se espaço suficiente para traduzir *dziedaŭščyna* da maneira supracitada. Em seguida, Miron descreve o modo de ascensão hierárquica do sistema de humilhações:

401
00:36:03,800 --> 00:36:06,800
<belaruso> Каб стаць “сланом”, трэба прыняць
трыццаць “ласёў”

Para se tornar "elefante", tem que
levar 30 “alces”

402
00:36:06,800 --> 00:36:10,409
ды заплаціць “дзядам”
150.000 рублёў, то бок 50 даляраў

e pagar aos “avôs” 150.000 rubéis,
ou seja, 50 dólares

No Brasil, Santos (2014, p. 17) aponta para a falta de nomenclatura em um sistema equivalente de bullying hierarquizado na estrutura militar, argumentando que a “questão do trote virou uma espécie de tabu em nosso meio: somente a brutalidade de alguns acidentes consegue suscitar alguma iniciativa, alguma reflexão passageira”, perpetuando-se assim tais práticas como meras “tradições do militarismo”. Ou seja, existem humilhações de vetor

hierárquico no exército brasileiro, assim como no belarusso e de outros países, porém torna-se difícil estabelecer uma relação de equivalência na tradução.

No entanto, isto não necessariamente representa um problema, uma vez que tento manter uma proximidade do vocabulário utilizado com o objetivo de proporcionar ao público uma oportunidade de aprender, a partir de um olhar interno, como o sistema da *dziedaŭščyna* funciona. Assim, optei por manter uma proximidade descritiva do texto de partida, apoiando-me no texto imagético, como auxílio ao público, para um maior entendimento conotativo. Em outras palavras, formas como “caveira”, em referência à cabeça raspada dos recrutas, “espírito”, em referência à ausência de corpo de direitos (OLEYNIK, 2004, p. 35) ou “alce” como símbolo do discurso animalesco/desumano que forma par com “elefante” são evidenciadas pelas cenas retratadas no filme, como no segundo exemplo, em que um recruta leva numerosos golpes na testa, dando assim ao público a possibilidade de entender a que se referem os “alces” e a perversidade imbuída no termo.

Convém mencionar que a unidade monetária local usada no pagamento aos veteranos foi traduzida como “rubel”, acomodação ortográfica do belarusso *rubiel*, pelos motivos relatados anteriormente, com simplificação do /l/ palatizado, para fins de popularização da forma em língua portuguesa. Ocorre que a moeda de Belarus é frequentemente traduzida como “rublo”, por aproximação à moeda soviética/russa *рубль (rubl’)*, prática desaconselhável, uma vez que ela apenas reforça a subalternização à antiga metrópole. Sua forma plural, seguindo o padrão ortográfico da língua portuguesa, é “rubéis”, assim como ocorre com a moeda do Brasil, real – reais, e do Camboja, riel – riéis (CORREIA, GONÇALVES, 2013).

Nem sempre, contudo, a tradução busca aproximar a língua de chegada da língua de partida. Um exemplo de domesticação do texto em belarusso ocorre no cantarolar satírico do sargento Ruslan, após uma sessão de humilhações e agressões aos novatos:

239
00:20:40,911 --> 00:20:48,800
<belarusso> ♪ Баю-бай, баю-бай, душанята засынай... ♪

[bel] ♪ Boi, boi, boi, boi da cara preta,
pegue esse novato que tem medo de careta... ♪

O verso em questão parodia um famoso poema belarusso escrito por Hienadz Buraŭkin (1998, p. 252), popularizado como cantiga de ninar pelo programa de televisão *Kalychanka*. Suas palavras originalmente eram “*Baju-baj, baju-baj, razam z nami zasynaj*”, onde “*baju-baj*”, forma alternativa de *baj-baj*, segundo o dicionário, se trata do verbo “dormir”, no linguajar infantil (KAPYLOŬ, 2016, p. 101). A mesma página menciona ainda *Baj* (nom.; gen. *baju, baja*), personagem folclórica que conta *bajki*, ou contos de ninar, às crianças. O elemento alterado, entretanto, é “*razam z nami*” (junto a nós), que Ruslan substitui por “*dušaniata*”, forma coletiva derivada de *duch* por mutação dental-velar de [x] para [ʃ] (SUSSEX, CUBBERLEY, 2006, p. 203) ligada pela desinência de diminutivo plural (-a-) seguida de /n/ pré-(semi)consonantal ao sufixo *-iljata*, originalmente utilizado na pecuária para designar filhotes de animais (p. 261), implicando assim um tom pejorativo.

Buscando transmitir a aparente infantilidade da canção, utilizei o procedimento de equivalência por meio da popular canção brasileira “Boi da cara preta”, de autoria desconhecida (FEIJÓ, 2011, p. 13), em decorrência da semelhança morfológica entre “boi” e “*baj*”, cuja repetição reforça a correlação entre o texto de partida oral e a legenda de chegada. A substituição lexical para fins sarcásticos foi reproduzida, porém o termo *duch*, do qual deriva “*dušaniata*”, previamente traduzido como “espírito”, aqui foi traduzido como “novato” por uma questão de métrica: a substituição do trissílabo “menino”, do verso “pegue esse menino que tem medo de careta”, pelo polissílabo “espírito” não atinge a harmonia desejada. O trissílabo “novato”, entretanto, se encaixa perfeitamente, tanto por conter o mesmo número de sílabas, quanto por seu papel contextual. Assim, a forma do poema foi flexibilizada relativamente à reação que se visa causar no público: identificar instantaneamente uma canção de ninar, sendo esta corrompida por um viés cruel e vexatório.

Argumentos estilísticos e morfológicos à parte, devo admitir que minha escolha traz uma possível complicação: a legenda de chegada (60 caracteres, sem espaço) é aproximadamente duas vezes mais longa que a frase de partida (31 caracteres, sem espaço). No entanto, as pesquisadoras de tradução e legendagem Agnieszka Szarkowska, do University College de Londres, e Olivia Gerber-Morón, da Universidade Autônoma de Barcelona, apontam para a chamada “regra dos seis segundos”, senso comum entre profissionais de legendagem, segundo a qual são necessários ao menos seis segundos para que uma típica espectadora seja capaz de ler duas linhas de legenda, o equivalente a cerca de 140-150

palavras por minuto ou 12 caracteres por segundo (2018, p. 2). Seguindo esta lógica, são necessários cinco segundos para ler a linha de chegada, que tem oito segundos de exposição, tempo mais do que necessário. Ainda assim, o estudo aponta que a regra é infundada e o tempo pressuposto é desnecessariamente longo (ibidem, p. 26). Considerando ainda que o texto de chegada é familiar ao público brasileiro, ainda menos tempo é necessário para ler as duas linhas.

O blog de Miron, no qual se baseia a narração, não apenas denuncia os veteranos, que agredem e extorquem os novatos, mas também os cargos superiores, omissos e, frequentemente, favoráveis às práticas: “Alguns vovôs, ao terminar o serviço militar, voltam para casa em carros novinhos. Eles mantêm o sistema e devem receber por isso. Então, a chefia faz vista grossa e, extraoficialmente, até apoia”⁸⁸. Tais condições são confirmadas pela pesquisadora Alena Maklak, do Centro de Estudos de História contemporânea (ZZF) de Potsdam, a partir de entrevistas a dezenas de soldados soviéticos, no período da Glásnost (1988-89), quando o tema começou a ser amplamente discutido. Segundo os relatos, a *dziedaŭščyna* surgiu, ao menos em parte, da necessidade de manutenção da ordem na caserna, uma vez que os oficiais superiores, frequentemente despreparados, estavam demasiadamente ocupados com suas funções burocráticas (2015, p. 690):

As entrevistas demonstram que a *dedovchtchina* era percebida como consequência de uma liderança fraca e ausente. Inclusive, as entrevistas apontam para ressentimento contra os oficiais e principalmente os *zampolity* (oficiais políticos), vistos como profissionalmente inaptos (*profneprigodnye*) e inúteis (*nikchemnye*) – em suma, pessoas que não encontraram um lugar para si na vida civil⁸⁹

O cargo ao qual Maklak se refere, *zampolity*, plural de *zampolit*, se trata da abreviação de *zamestitel' po političeskoj rabote* (*заместитель по политической работе*), ou “vice (responsável) por trabalhos políticos”. Herança soviética mantida por Lukašenka, o *zampalit*, em sua grafia belarussa, é encarregado de doutrinar os soldados de acordo com a ideologia do regime. No filme, ele está constantemente em contato com a KGB, monitorando os passos de Miron, que nunca se refere a ele diretamente. Na legenda, esse posto é mencionado várias

⁸⁸ VIVA BELARUS!, 2012, 00:36:29,800... 00:36:42,801.

⁸⁹ Tradução minha, do inglês, de: “The interviews demonstrate that *dedovshchina* was perceived as a consequence of weak and absent leadership. In fact, the interviews point to resentment against the officers and especially the *zampolity* (political officers), who were believed to be professionally inept (*profneprigodnye*) and good for nothing (*nikchemnye*) – in short, people who did not find a place for themselves in the civilian context”.

vezes, em russo, língua primária do exército, mas ela também ocorre uma vez em belarusso, na fala de Ščuka:

923
 01:30:55,072 --> 01:31:00,800
 <belarusso> Што? Ты думаў, я здам гэта зампаліту?
 [bel] Quê? Você achou que eu ia devolver
 isso ao comissário político?

Considerando que o cargo em questão não existe na hierarquia militar brasileira, encontrei-me diante de um dilema: como traduzir “*zampalit*” de maneira explicativa, porém mantendo um certo estrangeirismo? Julgando que manter o termo tal como em seu idioma nativo (isto é, apenas transliterar) não conformaria uma solução satisfatória, queira por distanciamento semântico da língua de chegada, queira por ausência de subsídios imagéticos que corroborem com seu significado, meditemos sobre as alternativas para traduzir o termo. “Oficial político”, da explicação em inglês provida por Maklak, não funciona bem em português, porquanto “*officer*” é substantivo; “oficial” também pode ser entendido como adjetivo. Logo, “oficial político”, ao meu ver, transmite a ideia de uma pessoa que desempenha oficialmente uma função político-partidária, sem vínculo aparente às forças armadas. Por falta de um análogo na hierarquia militar brasileira, a questão se torna ainda mais complicada.

O Brasil pode não ter passado por uma experiência socialista inspirada nos moldes soviéticos, mas outro país lusófono que sim vivenciou isso é Angola. Exemplo disso é o emblemático romance *Mayombe*, de Pepetela (1993), que relata a vida dos guerrilheiros do MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola –, organização originalmente de cunho Marxista-Leninista que lutou pela independência do país entre os anos 1960-70, tornando-se, desde então, o partido que governa o país. Uma das personagens principais do romance é o Comissário Político, cuja função é inspirada no *zampolit* soviético. Isto se evidencia especialmente na passagem em que este discute com o comandante, que lhe diz: “Mas eu não sou Comissário Político. É a ti que compete politizar-nos e defender a posição política justa” (p. 6).

Em consonância com tal papel, há, por volta dos 49 minutos do filme, uma passagem de natureza semelhante, quando um recruta afirma que o comissário lhes dá palestras e recomenda quais livros ler. O cenário, aparentemente uma sala de leitura, é recheada de fotos do ditador e de jornais estatais russófonos. O único livro que os recrutas têm em mãos se assemelha mais a uma cartilha: a constituição do país, profundamente alterada por Lukašenka desde sua chegada ao poder.

É interessante notar na fala do recruta, nitidamente forçada e constrangida diante da equipe de filmagem da TV estatal, que ele confunde as sílabas do cargo de seu superior, chamando-o de “*polit... zam*”, em russo (00:49:31). Isto reforça a impossibilidade do procedimento de estrangeirismo por transliteração (BARBOSA, 1990, p. 73), uma vez que não há relação direta na narrativa entre a personagem e sua titulação, a qual, por sua vez, é mencionada ao menos em dois idiomas, com duas grafias, passando ainda por uma desconstrução silábica que pouco auxilia o público no entendimento do termo. Assim, acredito que o termo “comissário político” (ou “político... comissário”, na tradução da passagem acima) consegue desempenhar um papel satisfatório no texto de chegada, pois traduz o termo de maneira informativa, em harmonia com sua origem etimológica e contextual – “comissário” remete à terminologia soviética – enquanto mantém um certo distanciamento da realidade brasileira, ainda que atrelado a um texto paralelo que evoca, em português, semelhante referência.

4.4 TRADUZINDO O PROTAGONISMO BELARUSSO

Se considerarmos os idiomas presentes no filme como personagens, belarusso seria, indubitavelmente, o protagonista. Traduzir o idioma belarusso, entretanto, não é uma tarefa simples, especialmente em uma narrativa plurilíngue como *Viva Belarus!*, na qual ele coexiste com outros idiomas e é perpassado por diferentes nuances contextuais e ideológicas. Como um ser vivo e pensante, com seus dramas e alegrias, o belarusso reflete as condições enfrentadas por seu povo, com sua relação aos outros idiomas representando as dinâmicas de poder dentro da sociedade belarussa.

A partir do estudo da legenda de chegada, podemos vislumbrar os elementos históricos, políticos e culturais que dão suporte à narrativa, compreendendo uma luta muito maior, que atravessa os séculos, pela sobrevivência do povo belarusso, desta vez contra um inimigo interno. É difícil falar de belarusso sem mencionar a que padrão nos referimos: *narkamaŭka* ou *taraškievica*, do mesmo modo como não podemos falar de rock belarusso sem tocar na política e no ativismo da sociedade civil, último bastião da resistência contra o regime, representada no filme por Miron, Vera e a banda Forza. Falar belarusso no exército, então, mais do que um ato político é estar a um passo do suicídio. Assim, a tradução do filme tem como princípio ético dar ao idioma belarusso o protagonismo que ele merece, o que não significa menosprezar os outros idiomas, posto que Belarus é e sempre foi um país plurilíngue e multicultural. Isto significa que, tendo consciência da subalternização sofrida por Belarus, seu povo e seu idioma durante séculos, busco, por meio da pesquisa, traduzir a narrativa a partir de uma perspectiva histórica centrada em Belarus, não em outros países, mesmo quando seus discursos identitários são conflitantes. Deste modo, o protagonismo belarusso consiste na demarcação de sua individualidade e direito à livre existência, em consonância com o ativismo de Miron e da sociedade civil, que vai às ruas para pedir a igualdade de direitos que a constituição supostamente lhes garante.

Em termos práticos, esse protagonismo e centramento identitário na legenda se revela, por exemplo, no modo como transcrevo nomes, respeitando o padrão ortográfico utilizado e o histórico de escrita belarussa com o alfabeto latino. Destarte, mesmo quando não há marcação de idioma na legenda, sabe-se que a personagem está falando belarusso quando chama o protagonista de “Zacharka” e não “Zakharko”, por exemplo, como veremos no capítulo a seguir, sobre tradução de russo. Isto também se evidencia nos momentos da narrativa em que a *trasianka* se manifesta, como veremos no capítulo 7, uma vez que ambas grafias coexistem na legenda, com identidades visualmente contrastantes, representando o hibridismo linguístico. Além disso, algumas formas aclimatadas, segundo a terminologia de Barbosa (1990, p. 73-74), reforçam essa perspectiva identitária, a exemplo do “rubel” citado anteriormente e do próprio gentílico “belarusso”, ainda não plenamente dicionarizado, com o objetivo de popularizar tais endônimos em português.

Como visto na introdução, os idiomas não ocupam espaços isolados ao longo da trama, uma vez que estão em constante processo de interação e conflitos de interesse. Portanto, a

divisão em capítulos para abordar a tradução de cada idioma individualmente serve apenas para fins pragmáticos, em termos de organização de espaço e linearidade argumentativa. Assim como outros idiomas foram mencionados no capítulo ora concluído, belarusso também se manifestará, direta ou indiretamente, nos capítulos vindouros.

5 RUSSO

Segundo idioma mais comum no filme, o russo (cirílico: *русский язык*, translit.: *ruskii iazyk*, lit. “língua russa” (IPA: [ˈruskʲij jɪˈzɨk])) é falado primariamente nas ex-repúblicas soviéticas de Belarus, Cazaquistão, Rússia e Quirguistão, onde tem status oficial, bem como língua minoritária em outros países do antigo bloco comunista, além da diáspora. De acordo com a Ethnologue (EBERHARD, SIMONS, FENNIG, 2019), cerca de 153 milhões de pessoas falam russo como L1 e outras 104 milhões como L2, totalizando mais de 257 milhões de falantes.

Assim como belarusso, russo começa a se distanciar do proto-eslavo oriental por volta do século XIII (SUSSEX, CUBBERLEY, 2006, p. 81), o que se acentua com a ascensão de Moscou como centro político, distanciando-se então da influência do principado de Kyiv. Séculos de influência búlgara e tártara aprofundaram esse distanciamento, com acentuada aproximação de outras línguas asiáticas e europeias a partir do século XV. No século XVIII, o russo se tornou uma língua mais padronizada e, sob Pedro I, mais próxima do Ocidente, sofrendo influência principalmente das línguas francesa e alemã. O século XX viu a derrocada do império russo e a ascensão da URSS, cujas reformas ortográficas moldaram a escrita russa contemporânea.

Dessa ortografia resultam, na legendagem, nomes de personagens mencionadas em russo, como o protagonista *Zakharko* (*Захарко*), recruta *Siéryi* (*Серый*) e o deputado *Lugovoi* (*Луговой*), em contraste com seus pares belarussófonos *Zacharka* (*Захарка*), *Šery* (*Шэры*) e *Luhavy* (*Лугавы*).

5.1 ESTRATÉGIAS E ESCOLHAS DE TRADUÇÃO

Se o primeiro texto do filme surge em polonês, as primeiras vozes ouvidas, ainda durante os créditos, estão em russo, logo após o título em belarusso. Portanto, desde o começo, o público se vê diante de uma obra multilingue e as legendas devem transmitir esta ideia, especialmente se pensarmos no público brasileiro, indiferente a esses idiomas. A trilha sonora é tétrica, o título é cinzento e a primeira cena que vemos é um *flashback*, turvo e

sombrio, no qual um corpo é carregado enquanto vozes menosprezam o acontecimento, o que terá consequências nefastas no decorrer da narrativa, e o idioma em que essas pessoas falam tem papel decisivo nesse momento:

9
 00:01:05,244 --> 00:01:06,442
 Дайте двух человек
 [russo] Mandem duas pessoas

A importância de marcar o início do diálogo em russo se torna ainda mais notável quando a personagem principal muda de ambientação – do quartel militar, onde todos falam russo, para o bar com os amigos, onde todos falam belarusso. Não obstante, em termos de estratégias e escolhas de tradução, a frase de chegada acima não seria diferente se o texto de partida estivesse em outro idioma.

Entretanto, ao longo da narrativa, existem explicações culturais que não podem ser feitas, devido ao espaço restrito oferecido pela legenda, que deve acompanhar o ritmo das falas que ela traduz. Exemplo disso é o já citado sistema de alistamento militar belarusso, herança soviética, cuja dispensa não é definitiva e o cidadão deve comparecer anualmente até os 27 anos, enquanto no Brasil ela só ocorre uma vez, aos 18. Contudo, um desafio unicamente imposto pela língua russa, em *Viva Belarus!*, é a tradução de textos escritos na tela, em formato de sinalização e comunicação governamental, não se tratando, pois, de uma explicação opcional, mas de uma tradução praticamente obrigatória, cujas dinâmicas são tão restritas quanto as da fala, ainda que de maneiras diferentes. Este é o caso da placa avistada na estrada, a caminho de Mazyr (**Figura 14**).

Traduzir o aviso, em letras garrafais e com sinais de perigo radioativo e interdição, além de necessário, é de suma importância, uma vez que a radiação tem papel fundamental na narrativa. Inicialmente, isto demonstra um requinte de crueldade na punição dada ao protagonista. Todavia, no decorrer da trama, essa questão ganha lugar central na denúncia à necropolítica de Lukašenka e se torna pivô da candidatura de Miron nas eleições locais.

Figura 14 – Sinalização nos arredores de Mazyr.



Fonte: VIVA BELARUS!, 2012, 00:13:48,221.

Sobre esse texto, no entanto, há ainda um outro, pichado e também em russo, de cunho obsceno (cf. seção 5.1.2). Traduzir este trecho, além de estender demasiadamente a legenda, seria desnecessário e mesmo confuso, cabendo então, neste caso, a omissão. Finalmente, eis a legenda de chegada:

155
 00:13:48,221 --> 00:13:50,800
 “ATENÇÃO! PERIGO RADIOATIVO
 ENTRADA PROIBIDA”

Em outro formato, sem as restrições temporais e espaciais da legenda, a tradução poderia ser mais explicativa, de uma perspectiva léxico-gramatical: “Atenção! Perigo radioativo – Entrada proibida de pedestres e veículos”. A última parte foi omitida, por ser demasiadamente longa em comparação aos monossílabos *вход* (*vkhod*, composto pelo sufixo *в-* “para dentro” + raiz *ход*, “andar”, “andamento”, “locomoção a pé”) e *въезд* (*v’iezd*, mesmo sufixo, com acomodação pré-ditongo (*в*) e raiz *езд*, geralmente designada para locomoção em veículo ou montaria).

Não é por acaso que Barbosa (1990, p. 68) trata de omissão e explicitação no mesmo item. Embora ela se refira à oposição *pro-drop* e *non-pro-drop* entre português e inglês, esta operação pode ser aplicada a outros idiomas e paradigmas. Tanto o português quanto o russo padrão são idiomas *pro-drop*, isto é, suas flexões verbais são predominantemente individuais e geralmente dispensam pronomes. Contudo, o russo tende a ser mais impessoal a nível retórico, como vemos na passagem a seguir:

173
00:15:01,846 --> 00:15:04,408
<russo> и что тебя не в армии избили,
а вообще кто-то другой...

e que não foi alguém do exército,
que te bateu, mas outra pessoa...

A frase de partida em questão pode ser dividida em dois períodos. No primeiro, o sujeito está oculto, recurso aqui utilizado, conscientemente ou não, para tirar a culpa do exército, onde Miron foi espancado. No segundo, a frase *а вообще*⁹⁰ dissocia o contexto do quartel e introduz um sujeito abstrato que serve de bode expiatório. Dado que russo é uma língua declinável, a relação é evidente, mas se traduzíssemos a frase mantendo essa relação subjetiva, ela ficaria ambígua: “não te bateram no exército mas sim outra pessoa”. Ora, essa outra pessoa bateu ou apanhou? Em russo, por estar no caso nominativo, o pronome em questão – *кто-нибудь* (*kto-nibud'*, i.e. qualquer pessoa) – só pode ser sujeito, ou seja, quem bateu, ao contrário de sua forma acusativa – *кого-нибудь* (*kogó-nibud'*).

Na sintaxe do português, muito mais rígida, foi necessário, então, explicitar o sujeito do primeiro período, ainda que de forma abstrata – “alguém” – para que a relação fique evidente – “outra pessoa”. O pronome oblíquo átono foi usado para enfatizar essa relação sintática (“te” tem a mesma função sintática de objeto direto que seu parente indo-europeu “*тебя*” (*tebia*)), uma vez que “você”, forma de tratamento primariamente usada na tradução, pode ser tanto sujeito quanto objeto.

⁹⁰ De difícil tradução, *а вообще* (*a voobchtché*) neste contexto significa algo como “mas sim”, porém mais enfático, uma vez que a conjunção *а* já tem esse significado. A segunda palavra, *вообще*, da expressão *в общем*, literalmente “no geral” serve de intensificador. Por exemplo: “я вообще не понимаю” = “eu realmente não entendo”.

Outra particularidade do russo, na narrativa, é o uso de expressões idiomáticas e ditados, quase ausentes nas falas em belarusso. Essa característica, dentro do filme, indiretamente aponta uma interrupção no desenvolvimento da segunda língua como meio de comunicação social intergeracional, devido às políticas de russificação anteriormente mencionadas. Como resultado, mesmo quem a princípio fala belarusso, frequentemente recorre a tais dizeres em russo, como acontece no início do filme, na primeira cena em língua belarussa:

43
00:03:24,636 --> 00:03:27,707
<belarusso / russo> У лідара *кишка тонка*
O líder é um bunda-mole

Ocorre aí o que Barbosa chama de compensação (1990, p. 69), isto é, o deslocamento de recursos estilísticos difíceis de se traduzir, a exemplo de trocadilhos. Na frase acima, a personagem diz que o líder (da banda) tem o “intestino fino” (*kichká tonká*), o que, em russo, transmite a ideia de um sujeito fraco, impotente, devido à crença de que alguém nessa condição não consegue carregar peso sem “estourar o intestino” (KRYLOVA, 2015, p. 64)⁹¹. Dado o caráter informal da conversa, traduzi para uma expressão igualmente coloquial, em português, que carrega sentido semelhante. A marcação em itálico, na legenda de partida, serve para mostrar que a frase em questão está em outra língua.

Por outro lado, teóricos da tradução pós-colonial, a exemplo de Paul Bandia (2008, p. 206) argumentam que expressões e provérbios não devem ser substituídos por outros de semelhante valor na língua de chegada, citando Antoine Berman para afirmar que tal prática, além de etnocentrista, quando realizada sistematicamente, pode resultar em absurdos.

Se no exemplo anterior a compensação é válida, posto que não há informação visual que explique a expressão utilizada, aos 31 minutos do filme, vemos outra expressão russófona cuja conotação é evidenciada em ação. A frase “Покажем, где раки зимуют!” (*pokájem, gdié rakí zimúiuut*), berrada pelo sargento Ruslan⁹², literalmente significa “Mostraremos onde os lagostins invernam!”, o que transmite uma ideia de punição, de castigo, uma vez que esse

⁹¹ Tradução minha, do russo, de: “надорвать кишки”.

⁹² VIVA BELARUS!, 2012, 00:31:24,874 --> 00:31:26,802.

crustáceo de água doce hiberna em buracos profundos, escuros e gélidos (TERÉNTIEVA, 2013, p. 29).

Em sua tese de doutorado, a pesquisadora brasileira e tradutora de russo Denise Regina de Sales (2010, p. 120) optou por traduzir essa expressão como “(mostrar) com quantos paus se faz uma canoa”, em sua tradução da obra *História de Uma Cidade*, de Saltykov-Schedrin, de 1869. Tal opção se enquadra, na terminologia de Barbosa, como Transferência com Explicação (1990, p. 74), uma vez que a tradutora explica, via nota de rodapé, o significado literal mencionado no parágrafo anterior.

Diferentemente de uma tradução literária, um filme não tem espaço para notas de rodapé. Por outro lado, sua natureza audiovisual gera possibilidades inexistentes no texto escrito. Se no caso anterior, no contexto de uma conversa, a expressão idiomática utilizada não tem sua conotação explicitada na tela, adequando-se aí a compensação, neste caso, ainda que seu sentido literal não seja mostrado, seu sentido conotativo é duramente exposto: os militares esfregam o rosto de Šery (a quem se dirige a frase) contra um vaso sanitário. A referência aos buracos onde os lagostins invernam, então, torna-se evidente, dentro do contexto de agressão que a expressão evoca. A escolha pela tradução literal também objetiva passar ao público um pouco da ambientação da cultura de partida, assim como defendido por Bandia, conferindo-lhe um caráter educativo e enriquecedor para a língua de chegada.

Um exemplo notável de tradução literal de uma expressão idiomática russófona, ainda que accidental, é a famigerada frase dita pelo líder soviético Nikita Khrushchiov, na Assembleia das Nações Unidas, em 1960 (KHRUSHCHEV, 2007, p. 268): “Nós lhes mostraremos a mãe de Kuzmá!”⁹³. Esta frase, que também denota ameaça, causou perplexidade no auditório, por imperícia de quem a interpretou. Confusões à parte, não fosse por esta tradução literal, o discurso não teria ganhado tanta fama, chegando a figura em questão até a se tornar o codinome da maior bomba nuclear já detonada, a AN602 (SUVOROV, 2011, p. 195). Precedentes como esse podem gerar subsídios para um decalque, isto é, uma tradução literal já consagrada, consistindo em um empréstimo de tipo frasal.

⁹³ Tradução minha, do inglês, de: “we’ll show you *kuzkina mat’!*” (*мы вам покажем кузькину мать!*). Na mesma página, o autor, filho do ex-ditador soviético, explica que estadunidenses perguntaram o significado da frase, traduzida como “Kuzma’s mother” (Mãe de Kuzma). Segundo ele (*ibidem*, p. 292), a frase não tem sentido outro a não ser de afronta e foi erroneamente atribuída a um inseto, na edição russófona do volume 2 do livro.

Traduzir provérbios e expressões idiomáticas é um trabalho especialmente complexo. Não pretendo aqui defender a tradução literal ou estrangeirizante, frente a uma tradução etnocentrista ou domesticante, posto que não existe uma abordagem definitiva que atenda a todas as necessidades. Os dois casos aqui brevemente relatados nos mostram como o contexto influi nas decisões tradutórias, a exemplo das notas de rodapé, no texto literário, que permitem uma domesticação explicativa, em contraste com uma obra cinematográfica, em que as decisões tendem a ser mais lacônicas. No contexto de ameaças e agressões, como vemos no filme, as frases costumam ser curtas e o conteúdo visual mais impactante, o que termina por facilitar o entendimento do público acerca do que está se passando. Contudo, nem sempre essa carga imagética favorecerá a tradução literal, uma vez que insultos, como veremos a seguir, requerem um maior grau de correlação com o sistema linguístico do público-alvo.

De ameaças e insultos, aliás, *Viva Belarus!* está repleto. Como grande parte da narrativa se passa no exército, onde, mais que xingamentos, palavrões são uma forma de expressão à parte, dedico uma seção para trazer alguns exemplos do linguajar obsceno russo, conhecido como *mat*, presente no filme, e refletir sobre sua tradução.

5.1.2 *Mat*⁹⁴

Em seu diário de escritor, Fiódor Dostoiévski (1883, p. 126) descreve uma cena que presenciou numa tarde de domingo, em 1873:

(...) tive que caminhar a cerca de quinze passos de distância de um grupo de seis operários bêbados e de repente me dei conta de que é possível expressar todos os pensamentos, sensações e até inteiros e profundos raciocínios com apenas um nome de certo substantivo que, ainda por cima, é extremamente descomplicado.⁹⁵

O nome em questão é *xyū* (*khui*), vocábulo censurado na imprensa russófona e em locais públicos até os dias atuais (PROKURATURA, 2003) e que, basicamente, se refere ao órgão

⁹⁴ Originalmente publicado como o artigo *A Tradução da Linguagem Vulgar Russa (Mat) na Legendagem do Filme Viva Belarus!*, na revista *Cadernos de Tradução* (COSTA, 2022).

⁹⁵ Tradução minha, do russo (grafia pré-revolução de 1917), de: “мнѣ пришлось пройти шаговъ съ пятнадцать рядомъ съ толпой шестерыхъ пьяныхъ мастеровыхъ и я вдругъ убѣдился, что можно выразить всѣ мысли, ощущенія и даже цѣлыя глубокія разсужденія однимъ лишь названіемъ этого существительнаго, до крайности къ тому же немногосложнаго.”

sexual masculino. Dostoiévski descreve, em seguida, uma agitada discussão entre os homens, na qual o termo é usado de diferentes maneiras, aplicando-se desinências e partículas para expressar diferentes significados. A teórica de literatura russa Manuela Kovalev (2014, p. 37-38) sugere uma recriação da conversa, explicitando os termos empregados: – *Khuiniá!* (Tolice!) – *Nikhuiá!* (Nada disso!) – *Na khui!* (Não vem ao caso!) – *Nikhuiá sebié!* (Sério?!) – *Kakogo khuia!* (É o quê, então?)⁹⁶. Esta linguagem, popularmente conhecida como *mat* (cirílico russo: *mam*, IPA: [mat]), é descrita pela pesquisadora como o estrato mais baixo e vulgar da língua russa, contrastando com o russo literário da elite intelectual do Império Russo, antiga URSS e dos países que dela faziam parte.

Em *Viva Belarus!*, o *mat* serve, efetivamente, como uma espécie de linguagem do exército. O estudo de sua tradução oferece uma oportunidade única de analisar o impacto sociopolítico dessa linguagem vulgar como arma política de um regime autoritário, posto que seu uso pela população civil é criminalizado. Outro fator de interesse é a influência morfofonológica de uma segunda língua, a belarussa, gerando o que, por vezes, é chamado de *matatrasianka* (CYCHUN, 2000, p. 51). Considerando a importância narrativa que o *mat* tem na trama, pontua-se que sua omissão, modulação de registro, substituição por pronomes ou mesmo uma alteração radical de significado na legenda de chegada (TRUPEJ, 2019, p. 60) poderia causar alterações macroestruturais na compreensão do público sobre o enredo, na caracterização e percepção das relações entre as personagens, dentre outras consequências inesperadas. Portanto, a legenda de chegada é perpassada por vocabulário de cunho semelhante, visando causar no público lusófono reação semelhante à qual o público russófono é sujeitado, transmitindo assim o teor de denúncia das agruras do regime de Lukašenka presentes na obra.

Definir o que é *mat*, entretanto, não é tarefa simples. A censura dessa linguagem impede estudos mais extensos sobre o assunto, em grande parte realizados por pesquisadores ocidentais (KOVALEV, 2014, p. 13). De etimologia incerta, a origem mais comumente aceita do termo “*mat*” é a de cognato do nome russo para “mãe” (*mat*), o que sugere uma raiz indo-europeia, com possível referência a rituais pré-cristãos de fertilidade (p. 33). Esta

⁹⁶ Tradução minha, do inglês, de: “I assume that the first worker said *Khuinia!* (‘Bullshit!’), to which the second replied *Ni khuia!* (‘Nonsense!’), the third then said to the first *Na khui!* (‘This is beside the point!’), the fourth said to the first *Ni khuia sebe!* (‘Unbelievable.’), and the sixth said to the fourth *Kakogo khuia!* (‘What’s that supposed to be?’).”

etimologia soa ainda mais verossímil se levarmos em conta que xingamentos envolvendo a mãe do interlocutor são bastante comuns em russo, mas o léxico vai muito além disso. Segundo pesquisa conduzida pelo lexicógrafo Aleksei Plútser-Sarnó (2005, p. 77), mais de 35 lexemas foram considerados como *mat* pelo público, embora ele mesmo afirme que o conceito de *mat* é relativo, sendo “uma questão de percepção dessas ou daquelas palavras pelo nativo da língua (...). Alguns nativos consideram a palavra *gondon* como *mat*, outros não”⁹⁷.

O consenso é de que essas palavras se referem a características fisiológicas e sexuais – *gondon*, por exemplo, é um termo vulgar para preservativos, mas que também pode ser usado para insultar um indivíduo inconveniente (cf. a gíria platina *forro*, de natureza semelhante). Entretanto, Plútser-Sarnó conclui que os sete lexemas mais comuns – *iebat'*, *bliad'*, *khui*, *pizdá*, *mudié*, *mandá* e *ieldá*⁹⁸ – são a base do vocabulário de *mat*. Desses, somente os quatro primeiros aparecem ao longo do filme, além de outros dois da lista longa – *kurva* e *pídor* (*pidrila*) –, cujos significados variam segundo o contexto.

5.1.2.1 raiz *ie/io/(ia)b-*

O primeiro lexema mencionado por Plútser-Sarnó, *iebat'*, consiste na junção da raiz *ieb-* (*еб-*) + desinência de verbo da primeira conjugação *-at'* (*-ать*), ou seja, trata-se de um verbo no infinitivo, cuja função semântica e estrutura morfológica é semelhante à do verbo lusófono “foder”. Entretanto, como veremos, esta raiz é usada para formar vocábulos de significados extremamente variados, ao longo do filme. De fato, com conotação sexual este verbo somente é usado uma vez, com alomorfia:

728
01:08:53,666 --> 01:08:58,964
<trasianka> Думаю, отлично ябещца... Студэнтка

[trk] Ela deve foder que é uma beleza... Estudante...

⁹⁷ Tradução minha, do russo, de: “Это вопрос восприятия тех или иных слов носителем языка (...). Одни носители языка считают, к примеру, слово “гондон” матерным, а другие – нет”.

⁹⁸ Transliteração minha, do russo, de: “1) ебать; 2) блядь; 3) хуй; 4) пизда; 5) муде; 6) манда; 7) елда”.

Embora *mat* seja um fenômeno tipicamente russo, suas raízes eslavas tornam difícil associá-lo apenas com este idioma. A frase dita pelo sargento Ruslan começa em russo (*dúmaiu otlítchno*), mas termina em belarusso (*jabiecca... studentka*), o que pode ser acidental ou em referência ao fato de Miron ser militante da língua belarussa, sugerindo assim um tom de paródia. Observa-se que, em belarusso, também existe um fenômeno semelhante ao *mat* russo, conhecido popularmente como *lajanka*, no qual, por influência russófona ou herança comum eslava, existe o verbo *jabać*, de mesmo significado. Ou seja, podemos considerar, ou não, o caso relatado como alomorfa, a depender da perspectiva – se belarusso, não, se trasianka, sim. O fato é que esta raiz, mesmo em russo, é alomorfe⁹⁹, como vemos em outros exemplos no filme:

254
00:21:58,284 --> 00:22:00,823
<russo> Въѣбывай! Шнеля!

Bora, porra! *Schneller!*

O verbo utilizado pela personagem, *v"iobyvai*, consiste na junção do prefixo *v-* (ѵ-), com acomodação ortográfica -"- (ѵ) que o separa foneticamente do ditongo presente na raiz alomórfica *iob-* (ѣб-) mais desinências verbais de aspecto imperfeito – *ув* (ѵѵ) –, e imperativo – *ai* (аѵ). Segundo um dos poucos dicionários de *mat* russo existentes (АКХМÉТОВА, 1999, p. 45), esse verbo significa 1. trabalhar muito; e 2. foder. Na cena, a frase é dita por um militar a Miron, após este ter tombado enquanto corria com o pelotão no quartel, sendo então uma ordem para cumprir a tarefa, isto é, prosseguir com seu trabalho de recruta. Em tal contexto, poderíamos facilmente imaginar um enfático “ande!”, “corra!” ou, mais informalmente, como evoca o uso de *mat*, “bora!”, porém sem uma referência ao verbo “foder”, que não carrega tal significado. Uma solução para manter o tom vulgar foi adicionar a interjeição “porra!”, curta o suficiente para manter a métrica na legenda, ao mesmo tempo que agrega ênfase ao comando com fluidez, seguida do estrangeirismo *Schneller*.

⁹⁹ Tal comportamento das letras *e* [je] e *ě* [jo], em russo, é frequentemente observado não só em *mat*. Cf. *měd - медовый*, (mel - meloso) *всѣ - все* (tudo - todas/os). O fato de falantes de russo raramente escreverem a segunda, aponta para um senso comum de que se trata de um alomorfe (SUSSEX, CUBBERLEY, 2006, p. 47).

Outros exemplos de verbos com essa raiz, no filme, são “*vsio naiebnúlos*”¹⁰⁰, “*v úchi iebiómsia?*”¹⁰¹, “*S’iebál otsiúda!*”¹⁰² e “*ía vas po ótcheredi výiebu!*”¹⁰³. Em todos estes casos, a tradução consistiu na aproximação a expressões semelhantes de cunho vulgar usadas no Brasil, a saber: “fodeu tudo”, “tá com uma pica no ouvido?”, “Se mande, porra!” e “vou meter a porra em vocês!”, respectivamente. Tais escolhas priorizam a fluidez dos diálogos, buscando uma familiarização com o público, em sacrifício de uma relação mais direta com o verbo “foder”. Exceto pela primeira frase, onde foi possível estabelecer um paralelo (*vsio* = tudo, *naiebnúlos* = fodeu) para relatar uma pane, descrever as outras situações com estratégia semelhante foi impraticável por razões semânticas: a expressão *v úchi iebiómsia?* significa, literalmente, “nos ouvidos fodemo-nos?”; *s’iebál otsiúda* pode ser interpretada como “fodeu para fora daqui”; e *ía vas po ótcheredi výiebu* seria algo como “foderei vocês em fila”. Nenhuma dessas traduções tem uso corrente na língua de chegada, nem transmite o significado implícito.

Embora o lexema citado por Plútser-Sarnó esteja em formato de verbo e dele se derivem muitos outros, como visto acima, a raiz *ie/iob-* também pode ser usada para formar adjetivos, substantivos e advérbios. No filme, exemplos disso são as frases “*Otchiótchki davái nadiéniem na iebál’nithek!*”¹⁰⁴ e “*Potchemú vy, ióbanyie...?!?*”¹⁰⁵, traduzidas como “Vamos botar os oclinhos na fucinha!” e “Por que, seus fodidos...?!?”. Embora no segundo exemplo tenha sido possível manter o paralelo com a raiz lusófona *fod-*, no caso anterior, não encontrei xingamento semelhante que coubesse na mesma métrica, sacrificando um efeito estilístico em favor de outro. Ocorre que a frase em questão não é intencionalmente obscena, no sentido sexual que a raiz *fod-* evocaria, mas ao contrário, seu tom é infantil, o que se nota pelo uso de diminutivos na fala de Ruslan e seu ato de colocar os óculos de volta no rosto de Šery, após estes terem caído enquanto o soldado resistia ser levado pelos militares ao banheiro para ser violentado.

Kovalev (2014, p. 38) argumenta que o uso de *mat*, por si só, não implica pensamentos obscenos, e cita trabalhos de linguistas como Felix Dreizin e Tom Priestly para afirmar que

¹⁰⁰ Círilico: “(...) всё наебнулось” (VIVA BELARUS!, 2012, 00:25:34,817 --> 00:25:37,484).

¹⁰¹ “(...) в уши ебёмся?” (00:29:47,964 --> 00:29:50,143).

¹⁰² “Съебал отсюда!” (00:31:14,051 --> 00:31:15,800).

¹⁰³ “(...) я вас по очереди выебу!” (00:58:11,800 --> 00:58:15,800).

¹⁰⁴ “Очёчки давай наденем на ебальничек!” (00:31:29,243 --> 00:31:32,365).

¹⁰⁵ “Почему вы, ёбаные...?!?” (00:54:09,800 --> 00:54:12,800).

mat transcende a vulgaridade e chega a ser uma língua própria e complexa, capaz de descrever praticamente tudo o que existe. Como estratégia de tradução, optei pela compensação do termo *iebál'nitchek*, diminutivo de *iebál'nik*, termo pejorativo para rosto (AKHMÉTOVA, p. 90), pelo diminutivo de “fuça”, transmitindo assim a carga depreciativa, o que contrasta com o linguajar infantilizado evocado pelo diminutivo, que foi mantido. Outra possibilidade seria a palavra “focinho”, porém esta, ainda que morfologicamente soe como diminutivo, não o é, e seu diminutivo – focinhozinho – ocuparia demasiado espaço.

5.1.2.2 raiz *bli-*

O segundo lexema mencionado por Plútser-Sarnó como mais comum no *mat* russo é, de fato, o palavrão mais usado em *Viva Belarus!*, ocorrendo 25 vezes. Embora Akhmétova (1999, p. 15-21) cite 39 verbetes relacionados a esta raiz, no filme, ela se manifesta em apenas uma forma: *bli(d')*, que significa: 1. vadia; 2. pessoa ruim, vendida; e 3. palavra semanticamente vazia. Ouso dizer que é nesta última acepção que se encaixa o termo todas as vezes que ele é verbalizado no filme, como interjeição, geralmente para demonstrar descontentamento ou reforçar comandos. Em ambos os casos, a interjeição “porra” desempenha semelhante papel e, por isso, é usada na tradução, exceto quando há limitações métricas ou estilísticas.

Assim como ocorreu na raiz anterior, há também um exemplo de alomorfia por acomodação interlingual no texto de partida, quando Miron, demonstrando descontentamento / perplexidade, utiliza o termo:

77
00:06:34,800 --> 00:06:36,800
<belarusso> Зьміцер! Што ты, бляць, робіш?

Zmicier! Que porra você está fazendo?

A grafia *bliac* (бляць) se adequa às regras ortográficas de belarusso, tanto *narkamaŭka* quanto *taraškievica*, embora nenhum padrão a reconheça formalmente, por se tratar de uma palavra vulgar e marginalizada. Ainda que seja possível identificar alguma origem comum

eslava do vocábulo, tanto em belarusso quanto em russo, na fala de Miron o mais provável é de que se trate de uma influência da língua russa (*matatrasianka*), algo frequente em falantes de belarusso. A frase acima teria o mesmo significado sem *mat*, o que tornaria o termo semanticamente vazio, mas sua função discursiva é fundamental, tanto por exprimir descontentamento quanto por mostrar uma ruptura na fala da personagem, que até então não havia xingado nem falado russo naquele contexto, sinalizando uma mudança de atitude coagida pelo *status quo*.

No quartel, o lexema é ouvido quase sempre no sentido de comando, a exemplo da frase “*Biegóm, bliad!*”¹⁰⁶ (“Corram, porra!”) e “*S”iebal otsiúda! Khúli smótrich’, bliá?*”¹⁰⁷ (“Se mande, porra! Tá olhando o quê, caralho?”), sendo que na última frase, parcialmente analisada na seção anterior, a interjeição *bliá* foi omitida na tradução, por motivo de restrição espacial e superposição com outro uso de *mat*, de raiz *khu-* (*xy-*), sobre a qual veremos mais a seguir.

5.1.2.3 raiz *khu-*

Como observado por Dostoiévski, o vocábulo *khui* ocupa lugar central no *mat* russo, sendo a palavra, à qual ele se referia na fala dos operários, capaz de expressar uma infinidade de significados, além de pênis e, por metonímia, seu portador (AKHMÉTOVA, 1999, p. 478). Somente o primeiro tomo do dicionário de Plútser-Sarnó conta com mais de 500 termos relacionados às infames três letras, as quais, não por acaso, sobrepõem-se no aviso da entrada de Mazyr. Em *Viva Belarus!*, esse radical aparece um total de 15 vezes, incluindo alguns dos derivados teorizados por Kovalev a partir do relato de Dostoiévski: *khuiiná* e *na khui*. Nota-se, contudo, que seus respectivos significados são diferentes, uma vez que, dada a natureza dialógica do *mat*, segundo o pensamento Bakhtiniano, seu significado está invariavelmente atrelado ao contexto, ao momento e ao receptor (KOVALEV, 2014, p. 74-75). Assim, enquanto na discussão de 1873, *khuiiná* significava “tolice” (ou algo incerto, como agrega Akhmétova (1999, p. 500)), no filme, ela ganha um significado mais específico:

¹⁰⁶ Cirílico: “*Бегом, блядь!*” (VIVA BELARUS!, 2012, 00:29:44,527 --> 00:29:45,527).

¹⁰⁷ “*Съебал отсюда! Хули смотришь, бля?*” (00:31:17,550 --> 00:31:20,550).

342
 00:29:34,800 --> 00:29:37,862
 <russo> За каждую найденную неуставную хуйню
 Cada merda proibida que acharem

343
 00:29:37,918 --> 00:29:39,526
 два дня увольнительных
 dá dois dias de folga

Nesta situação, *khuiniá* descreve algo incerto pelo qual se pode obter uma razoável recompensa. Traduzido aqui como “merda”, por se tratar de um substantivo coringa, *khuiniá* pode ser qualquer coisa que leve à identificação do autor do blog, logo, a devassa realizada pelos militares no alojamento deverá ser minuciosa. Tal ideia não seria tão específica se o vocábulo em questão fosse mais normativo, como *viechtch’* (coisa) ou *predmiet* (objeto), ao mesmo tempo que “merda”, assim como *khuiniá*, transmite uma ideia de desprezo e mesmo aversão à natureza daquilo que se busca, o que demonstra falta de empatia com Miron e sua militância por direitos humanos.

A expressão *na khui*, gritada pelo cabo Ščuka¹⁰⁸, aqui também tem significado diferente do daquele relatado por Dostoiévski, alterada pela presença do verbo de movimento *idti* (*išci*, em belarusso) no imperativo da segunda pessoa do plural, traduzida aqui mais literalmente como “vão pro caralho”. Dada a natureza não-normativa da expressão, utilizei a forma contraída da preposição “para” com artigo masculino, como marca de oralidade.

Como acontece com outros lexemas, do substantivo *khui* também podem originar vocábulos de outras categorias gramaticais, a exemplo do verbo *okhuiet’*, mencionado duas vezes no filme¹⁰⁹, com o significado de “emburrecer” ou “enlouquecer” (AKHMÉTOVA, 1999, p. 274). Como advérbio interrogativo, nota-se também o uso de outro derivado de *khui* – utilizado duas vezes na narrativa, *khúli*¹¹⁰, aqui usado com verbos relacionados à visão – *výlupit’sia* (esbugalhar); *smotriet’* (observar) – donde a aproximação à expressão coloquial “tá olhando o quê?”, seguida de referência ao lexema.

¹⁰⁸ VIVA BELARUS!, 2012, 01:22:01,985 --> 01:22:03,995.

¹⁰⁹ Idem, 00:54:18,980 --> 00:54:22,247; 01:03:30,800 --> 01:03:32,800.

¹¹⁰ Idem, 00:30:37,800 --> 00:30:39,771; 00:31:17,550 --> 00:31:20,550.

5.1.2.4 raiz *pizd-*

Por último, dos quatro lexemas mais utilizados no *mat* russo, segundo a pesquisa de Plútser-Sarnó, *pizdá* é usado somente uma vez em todo o filme, no *plurale tantum* declinado no caso genitivo *piździuliej*. Transcrevo o termo em *lacinka taraškievica* porque a frase é dita por Miron, que geralmente usa esse padrão, embora ela se manifeste como trasiánka, aqui meramente refletindo sua fonética, sobretudo a palatização (*z - ź /z/*) e mutação dental-velar (*d - dź /dź/*), típica de belaruso (SUSSEX, CUBBERLEY, 2006, p. 202-203; KAPYLOŮ, 2016, p. 221):

425
00:38:02,933 --> 00:38:06,800
<trasiánka> Серый, зноў це пізьдзюлей адвесілі?
[trk] Siéryi, de novo lhe meteram a porrada?

Miron é, quiçá, a personagem que melhor transita entre os dois idiomas principais do filme e este possivelmente é o único momento da obra em que ele fala trasiánka, ainda por cima com uso de *mat*, sinal de sua incipiente assimilação dentro do sistema.

Embora o lexema *pizdá* signifique “órgão sexual feminino” (AKHMÉTOVA, 1999, p. 296), *piździuli*, forma nominativa de *piździuliej*, é traduzido como “porrada”, conotação provavelmente derivada do partitivo *pizdý*, usado nas frases *dat’ pizdý* ou *pizdý polutchit’* (p. 312), algo como “bater” (lit. “dar de boceta”) ou “ser batido” (lit. “receber de boceta”), sem nenhuma referência prática ao sexo de quem interage. Uma vez que, na língua de chegada, reproduzir este paralelo é inviável, traduzi como “porrada”, de semelhante teor vulgar e adequado à linguagem oral.

5.1.2.5 Outros lexemas

Como mencionado anteriormente, em *Viva Belarus!*, podem-se ouvir ainda outros termos ofensivos, dois dos quais são mencionados por Plútser-Sarnó: *kurva*, de significado

semelhante a *bliad'*, e *pidrila*, diminutivo depreciativo de *pídor*, forma abreviada de *pidorás*, por sua vez, corruptela por redução fonética de *pederast*, cognato do português “pederasta” (p. 176, 296). O primeiro é verbalizado apenas uma vez, em belarusso, por Miron, recém-chegado no quartel, após ser humilhado pelo sargento Ruslan¹¹¹. O termo, comum a várias línguas eslavas, é utilizado como interjeição e foi traduzido como “puta que pariu”, frase de semelhante efeito e significado, ainda que consideravelmente mais longa.

O segundo termo ocorre duas vezes, ambas vociferadas por Ruslan. Dito primeiro a Šery e depois a Miron¹¹², o vocábulo é traduzido como “viadinho”, por meio de equivalência cultural e funcional com o sistema lexical vulgar brasileiro.

Existem, no filme, outros termos ofensivos que não se configuram morfológicamente como *mat*, mas são efetivamente traduzidos como tal por conta da hostilidade neles implicada. Na Rússia, onde *mat* é usado como forma de rebeldia e protesto contra o autoritarismo, Kovalev (2014, p. 135) menciona a prisão do grupo de *punk rock* feminista Pussy Riot, após realizarem uma performance “anti-Pútin” na catedral moscovita do Cristo Salvador, em 2012. Embora as ativistas não tenham utilizado *mat* com conotação sexual em sua performance, isto é, nenhum dos termos mencionados aqui anteriormente, as autoridades as acusaram de profanar o templo ao gritar palavras como *suka*, literalmente, “cadela”, um indicativo do discurso moralista da era Pútin. Embora Akhmétova (1999, p. 433) reconheça este vocábulo como sinônimo de *bliad'*, Kovalev argumenta que, por não derivar de uma raiz associada ao *mat* (ao menos não tão prolífica), esta e outras palavras – como *kurva*, também citada no dicionário de Akhmétova – não são universalmente aceitas como tal. Ouvida ao menos dez vezes no filme, geralmente como interjeição, *suka* é traduzida (ou omitida) da mesma forma que *bliad'*, especialmente quando ocupam a mesma frase¹¹³.

Dada a sua complexidade morfossemântica e impressionante versatilidade ao longo da narrativa, podemos dizer que *mat* cumpre papel semelhante ao de um idioma distinto dentro do filme, configurando-se efetivamente como língua do exército e da opressão, marca de uma russificação ainda mais áspera e brutal do que aquela percebida na sociedade civil, onde o belarusso é veementemente rechaçado. O fato de Miron ser mandado para um quartel como punição revela que o serviço militar de dois anos de duração, obrigatório em Belarus,

¹¹¹ VIVA BELARUS!, 2012, 00:19:50,453 --> 00:19:52,800.

¹¹² Idem, 00:36:54,698 --> 00:36:58,783; 01:03:47,426 --> 01:03:49,800.

¹¹³ Ex.: 01:03:52,398 --> 01:03:54,410.

funciona como um sistema de lavagem cerebral na formação dos jovens. O regime busca, assim, recrutar aliados, utilizando a língua russa, com destaque para o *mat*, juntamente com a simbologia (pós-)soviética, para moldar seus intelectos de acordo com o discurso dominante, em última instância, leal ao Kremlin.

Longe de ser algo pontual, este sistema foi explicitado pelo ditador durante os protestos contra as fraudes nas eleições presidenciais de 2020, quando este ameaçou mandar todos os estudantes universitários servirem ao exército, caso participassem das manifestações (BELAPAN, 2020), anulando assim a isenção concedida a estes por lei e, efetivamente, remetendo à história de Franak Viačorka.

É interessante notar que a imposição do *mat* como língua do exército (e, por extensão, das forças policiais), em Belarus, contrasta com a legislação do país, que proíbe o uso deste tipo de linguagem em locais públicos, sob risco de multa e detenção. Assim, *mat* cumpre papel semelhante ao do crime de “vadiagem”, nos tempos da ditadura militar brasileira (1964-1985), quando as forças policiais podiam prender qualquer indivíduo alegando este motivo. Destarte, *mat* se torna uma verdadeira arma contra o povo belaruso: somente as autoridades estatais podem usá-la, sempre contra a população civil. A tradução e legendagem do filme busca, então, reproduzir esse discurso atroz e humilhante como forma de denunciar o regime autoritário de Lukašenka, tal como almejam o filme e o diário no qual ele se baseia.

6 TRASIANKA¹¹⁴

O célebre escritor belaruso Ryhor Baradulin (2012, p. 388) conta que o nome “trasianka” (cirílico: *трасянка*, IPA: [tra'sianka]) originalmente se refere à mistura de feno com palha, historicamente usada na alimentação pecuária, em Belarus. Por analogia, ela servirá para descrever a mistura dos idiomas belaruso e polonês, com a intermitente polonização a partir de fins do século XVII, e do belaruso e russo, com o regime soviético. Contudo, entre essas épocas, a mistura de idiomas resultante da ocupação das terras belarussas pelo Império Russo já se manifestava na literatura belarussa, a exemplo da peça *Pinskaja Šlachta*, de Vincent Dunin-Marcinkievič, e *Paŭlinka*, de Janka Kupala, escritas em 1866 e 1912, respectivamente (SENDER, 2014, p. 44). Entretanto, assim como ocorreu com os padrões *narkamaŭka* e *taraškievica*, o surgimento e aceitação dessa nomenclatura foi um caminho longo e acidentado.

O filólogo e eslavista belaruso Hienadz Cychun (2000, p. 51) cita nomes históricos de cunho documental e literário para a “linguagem híbrida belaruso-russa”, como “*čauŭnia*” (“bobagem”), “*miešanina*” (“mistureba”), “*lamanina*” (“[língua] quebrada”), “*tarabarščyna*” (“fala incompreensível”), “*dziemianciejeŭka*” (“[língua de] Dziemianciej”, em referência a Mikalaj Dziemianciej, presidente do Conselho Supremo belaruso, de 1990 a 1991) e “*navajaz*”, por si uma trasianka (ortográfica) de “*novoiiaz*”, tradução russófona da linguagem chamada de *newspeak* no romance *1984*, de George Orwell.

O linguista e crítico literário belaruso Siarhieŭ Zaprudzki (2009, p. 157) ainda vai além: “*(na)paŭmoŭje*” (“meia-língua”), “*moŭny viniehret*” (“salada lingual”), “*novamova*” (“nova língua”, forma par com a trasianka da supracitada *newspeak*), “*ruskaja pidžyn-mova*” (“língua-pídgim russa”), “*rusko-bieloruskii iazyk*” (“língua russo-belarussa”, em russo), “*drennaja russkaja mova*” (“língua russa ruim”), “*kojnie*” (em referência ao grego koiné), “*creolized semilanguage*” (“semilíngua crioulezada”, em inglês), “*kanhlamierat*” (“conglomerado”), “*žarhon*” (“jargão”), “*nacyjaliekt*” (“nacioleto”), dentre outros.

O consenso, entretanto, é que o termo “trasianka”, neste contexto, foi cunhado pelo cientista político belaruso Zianon Pažniak, em 1988 (CYCHUN, 2000, p. 70; RAMZA,

¹¹⁴ Originalmente publicado como o artigo *Quem fala trasianka? Tradução e hibridismo linguístico em Belarus*, na revista *Caleidoscópio: Literatura e Tradução* (FRANCO, YERRO, 2021).

2010, p. 113; SENDER, 2014, p. 44), e sua popularidade praticamente obliterou as outras terminologias dentro e fora da academia. Isto se deve, segundo Tacciana Ramza, doutora em filologia e professora da Universidade Estatal de Belarus, à “força de sua transparente motivação, entendida por todas as pessoas, fácil de lembrar, pronunciar e usar”¹¹⁵. Ainda assim, *trasiánka* é transliterada de várias maneiras, por diferentes fontes: *trasyanka*, *trasyanka*, *trashanka*, *trasyanka* (SENDER, 2014, p. 45), sem contar outros inúmeros padrões existentes de transliteração dos alfabetos belarusso e russo.

Como Baradulin explica, o fenômeno da *trasiánka* belarusso-russa se intensifica com a chegada de dirigentes do partido comunista em Belarus, vindos da metrópole durante um período de grande êxodo rural devido à rápida industrialização do país. A pesquisadora Natallia Sender, da Universidade Europeia Viadrina, em Frankfurt (p. 45), teoriza que esse foi o primeiro grande passo para o surgimento da *trasiánka* como fenômeno de massa. O segundo passo ocorre em consequência da Segunda Guerra Mundial, quando cerca de um terço da população belarussa morreu e o país foi reconstruído com ajuda de mão de obra russófona vinda das outras repúblicas. Soma-se a isso a intensa urbanização subsequente, a educação compulsória em língua russa, que passa a ser também a língua da elite intelectual, substituída da elite belarussófona, dois terços da qual foram “exilados, fuzilados ou apodreceram nas prisões e campos de concentração stalinistas” (FEDUTA, 2005, p. 68)¹¹⁶.

Entretanto, a discussão acerca deste fenômeno, como vimos, só surgirá formalmente no final do século XX, quando despontou a maioria dos termos mencionados anteriormente, incluindo “*trasiánka*”. Isto se dá, basicamente, por dois motivos: 1. a democratização que se inicia com a Perestroika e a Glásnost, que conferiu ao povo a liberdade de expressar-se e discutir praticamente qualquer manifestação de cunho sociológico (RAMZA, 2010, p. 112); e 2. a situação da língua belarussa que, segundo Zaprudzki (2009, p. 82), “mudou fortemente nos últimos 30 anos. Na década de 1980, linguistas belarussos escreviam que a língua belarussa era a mais disseminada em Belarus (...) Agora escrevem que ela está ameaçada de

¹¹⁵ Tradução minha, do russo, de: “в силу своей прозрачной мотивировки было понятно всем, легким для запоминания, произношения и использования” (RAMZA, 2010, p. 113).

¹¹⁶ Tradução minha, do russo, de: “Сослано, расстреляно, сгноено в тюрьмах и лагерях больше двух третей белорусских писателей”.

extinção”¹¹⁷. Como veremos adiante, a pauta da sobrevivência da língua belarussa está intrinsecamente ligada à discussão em torno da trasianka.

6.1 QUEM FALA TRASIANKA?

No filme *Viva Belarus!* há inúmeras ocorrências de trasianka na fala de várias personagens, inclusive de Miron, porém duas figuras em especial se destacam por falar quase que exclusivamente dessa forma: cabo Ščuka e deputado Luhavy. Essa característica aponta para uma origem rural de ambos falantes, via de regra, nativos de belarusso que aprenderam russo em contato com falantes desse idioma, principalmente dentro dos contextos socioeconômicos em que se encontram, isto é, o primeiro no exército e o segundo na política, ambas instituições russófonas por excelência. Cychun (2000, p. 56) descreve essa dinâmica como resultado de uma “assimilação espontânea da língua russa em contato direto com falantes e não um processo gradativo de aprendizagem organizada de suas regras de pronúncia e gramática dentro de um ambiente belarussófono rural”¹¹⁸.

A filóloga belarussa Nina Miačkoŭskaja, pioneira nos estudos sobre trasianka, enxerga uma verticalidade nessa dinâmica (2007, p. 91-92), afirmando que sua disseminação se deu de baixo para cima, devido às condições criadas pelas camadas mais altas (russófonas) da sociedade, afetando falantes em diferentes níveis, com maior ou menor velocidade. Destarte, russo se torna o superestrato que influencia o substrato belarusso, que se “deforma pela tomada de empréstimos em massa da língua do Império”¹¹⁹, configurando-se, assim, a trasianka como um fenômeno primariamente de natureza lexical.

Definir trasianka, todavia, não é fácil. Em sua tese de doutorado, a filóloga belarussa Iryna Liskaviec (*apud Zaprudzki*, 2009, p. 205) afirma que “as fronteiras entre os códigos são

¹¹⁷ Tradução minha, do belarusso, de: “за апошнія 30 гадоў статус беларускай мовы ў Беларусі моцна змяніўся. У 1980-х гадах беларускія лінгвісты яшчэ пісалі, што беларуская мова з’яўляецца найбольш распаўсюджанай у Беларусі (...) Цяпер пра беларускую мову пішуць як пра zagrożаную”.

¹¹⁸ Tradução minha, do belarusso, de: “Як з’ява індывідуалізаваная, трасянка ўзнікае ў выніку стыхійнага засваення рускай мовы непасрэдна ў працэсе моўных зносін з яе носьбітамі, а не ў працэсе паступовага арганізаванага вывучання вымовы і правілаў граматыкі людзьмі, выгадаванымі ў беларускамоўным вясковым асяродзі”.

¹¹⁹ Tradução minha, do belarusso, de: “дэфармаваная масавымі запазычаннямі з мовы Імперыі”.

linguisticamente turvas (...) [mas] reais do ponto de vista de sua percepção”¹²⁰. De fato, durante a fase de elaboração da legenda de *Viva Belarus!*, surgiram vários questionamentos com relação a o quê exatamente seria trasianka nas falas das personagens. O consenso, como aponta Miačkoŭskaja, é a base lexical, porém uma vez que a fonética da trasianka é basicamente belarussa, o próprio sotaque pode ser percebido como trasianka, a depender do contexto.

Ramza (2010, p. 116) aponta nesta direção quando argumenta que um dos motivos para o surgimento desse termo, no final do século XX, se deve à percepção negativa em relação à fala percebida como híbrida dos dirigentes do país, rompendo-se assim os padrões linguísticos oficiais. Zaprudzki ilustra este cenário mencionando como a mídia belarussa ridicularizava os falares de Dziemianciej, em referência ao qual foi cunhado o termo *dziemianciejeŭka*, anteriormente citado, e do próprio Aliaksandr Lukašenka (2009, p. 183). Ocorre que a fala do ditador é ouvida em *Viva Belarus!* (01:18:11) e, tanto gramaticalmente quanto lexicalmente, não se pode dizer que se trata de trasianka, notando-se apenas seu característico sotaque belarusso, que vem diminuindo consistentemente, ao longo dos anos. Em outras palavras, mais da metade do filme está em trasianka ou apenas dezoito linhas estão – tudo depende do critério. E critérios para defini-la, segundo Ramza (2010, p. 115), até hoje não existem.

Para falantes de português, pode parecer exagero que apenas o sotaque seja suficiente para desconsiderar um indivíduo enquanto falante de belarusso ou de russo, marginalizando-o como falante de outra, “meia”, língua. Em Belarus, no entanto, com o legado soviético de uma russificação homogeneizante e inflexível, tal fenômeno é frequentemente classificado com pídgin ou crioulo (CYCHUN, 2000). A crítica que Zaprudzki (2009, p. 183) faz a essa prática nos ajuda a entender essa situação. O pesquisador aponta para diferenças básicas entre trasianka e línguas crioulas, tais como: a ausência de um pídgin que a preceda devido à necessidade de comunicação entre falantes de línguas não-relacionadas (ininteligíveis), isto é, a trasianka não surgiu para desempenhar um papel de meio de comunicação entre as populações belarussa e russa; pídgin e, por extensão, crioulo têm a gramática bastante simplificada¹²¹; o inventário fonológico da trasianka é virtualmente o mesmo de belarusso ou

¹²⁰ Tradução minha, do belarusso, de: “межы паміж кодамі размыты лінгвістычна (...) рэальныя з пункту гледжання іх успрыняцця”.

¹²¹ Ainda que parca ou inexistente conjugação verbal não seja exclusividade de crioulos e pídgin (cf. mandarim e norueguês, por exemplo), a profusão de flexões verbais, nominais e adjetivais de trasianka apresenta diferenças insignificantes em relação às de belarusso e russo, línguas altamente flexionais.

de russo; e, por último, crioulos são verdadeiros idiomas, com falantes nativas e transmissão entre gerações, diferentemente da trasianka, “na qual a pessoa fala um linguajar misturado e não domina língua nenhuma”, o que Zaprudzki assume que pode soar como um argumento político-propagandista.

Cabe destacar que nessa interpretação, Zaprudzki *de facto* analisa o aspecto da trasianka como língua de contato, o que só é parcialmente verdadeiro. A título de comparação, assim como o portunhol, ela não é uma língua codificada nem homogênea, como ato linguístico é imprevisível e se manifesta em diferentes níveis em diferentes falantes. De fato, ele chega a mencionar como exemplo o cocoliche, uma língua de contato falada por imigrantes de origem italiana na região de Buenos Aires, em fins do século XIX (p. 195). Entretanto, diferentemente das línguas de contato, falantes de trasianka dificilmente têm amplo domínio de alguma outra língua codificada, neste caso, belarusso e russo.

Zaprudzki ainda afirma que o ato de chamar a trasianka de pídgin e/ou crioulo tem motivação política, no contexto de fins da URSS, com a intenção de denunciar o estado da língua belarussa em associação a realidades pós-coloniais onde crioulos e pídgin são falados. Não por acaso, Zianon Paźniak, criador do termo com esta conotação, foi candidato a presidente nas primeiras eleições democráticas do país, em 1994, ao lado de Aliaksandr Lukašenka, de quem ele contrastava por defender uma política favorável à manutenção do status da língua belarussa como única oficial, realidade alterada pelo segundo, tão logo tomou o poder. Assim, a aparente inflexibilidade do discurso linguístico belarusso forma par com os discursos identitários de cunho nacionalista belarussófono e (pós-)soviético russófono (cf. capítulo 2), onde não há espaço para um meio-termo ou uma terceira opção, mista, ainda que haja discussões em torno de a trasianka algum dia se tornar um idioma próprio (RAMZA, 2010, p. 112) ou já sê-lo, como argumenta Zaprudzki (2009, p. 190):

A trasianka pode não ser considerada uma “língua misturada”, com base no pensamento de certas autoridades científicas de que os contatos entre idiomas de estreito parentesco “lembram mais o nivelamento dialetal e não a inclusão de verdadeiros elementos estruturais estrangeiros”.¹²²

¹²² Tradução minha, do belarusso, de: “Трасянка можа не лічыцца ‘змешанай мовай’ на той падставе, што, на думку некаторых аўтарытэтных даследчыкаў, кантакты паміж блізкароднымі мовамі нагадваюць ‘хутчэй дыялектнае нівеляванне, а не ўключэнне сапраўды замежных структурных элементаў’”.

O que a pesquisadora implica é a dificuldade em se delimitar o que é trasianka, isto é, influência de russo na língua belarussa, e o que é variação dialetal regional (**Figura 15**) ou mesmo o que é de origem comum a ambos idiomas.

Como podemos ver no mapa, a língua belarussa possui uma considerável variedade que ultrapassa as fronteiras do país (UNESCO, 2010, p. 182), formando uma espécie de contínuo dialetal desde Bielastok (atual Białystok, Polônia, não por acaso o único local “estrangeiro” mostrado no filme, posto que, até 1945, fazia parte de Belarus), alcançando praticamente toda a região de Smaliensk (atual *óblast*’ de Smolensk, na Rússia), não muito distante de Moscou. Ao sul, existe a região etnográfica de Paliéssie, na tríplice fronteira com Polônia e Ucrânia, onde se fala, segundo a UNESCO, um outro idioma, grafado em inglês como *Polesian*, por vezes grafado em português como polésio ou polesiano, também incluído na lista de idiomas vulneráveis, junto com belarusso.

Segundo o filólogo e historiador belarusso Fiodar Klimčuk (2010, p. 72), a obra *Pinskaja Šlachta*, citada anteriormente, foi escrita nesse dialeto/idioma (“*pinčuckaja havorka*”, algo como “falar de Pinsk”) e traduzida para o belarusso literário em 1918, quando foi publicada no jornal *Volnaja Bielaruś*. Como vimos, esta peça é considerada um dos primeiros registros literários da trasianka, já demonstrando sua complexidade dialetal: contém traços de belarusso, russo, polônês, ucraniano e polésio, o que se percebe mesmo em sua tradução. Além disso, a decadência da nobreza (*šlachta*) retratada na obra oitocentista parece culminar com a trasianka, associada às camadas marginalizadas da sociedade atual.

6.1.1 Questões fonéticas

Abordar aqui o inventário grafofonológico da trasianka demandaria demasiado espaço e exigiria uma pesquisa mais profunda do que o tema me permite¹²⁵, de maneira que tentarei descrever as características básicas que distinguem falantes de trasianka e como isto se reflete na legendagem de *Viva Belarus!*. Ainda que saibamos que a trasianka se manifesta

¹²⁵ Sussex e Cubberley (2006, p. 154, 163-164) apresentam tabelas detalhadas com os fonemas comuns a todas as línguas eslavas, bem como os particulares a cada uma. Estudar a complexidade fonológica da trasianka, incluindo suas variações dialetais, entretanto, merece um estudo à parte.

primariamente no léxico, o simples ato de falar russo com sotaque belarusso é passível de ser entendido como tal, a exemplo da passagem a seguir:

16
00:01:46,836 --> 00:01:49,487
<russo> Ну, я там стану *настоящим мужчиной*

Bem, lá me tornarei um homem de verdade

17
00:01:49,527 --> 00:01:51,947
Я буду *защитица* *родзіну*

Vou defender a pátria

As passagens em itálico são pronunciadas com um notável sotaque belarusso, caracterizado pela troca do fonema fricativo alveolo-palatal surdo /ɕ(:)/, representado, em russo, pela letra *щ* (*chtch*) e dígrafo *жч* (*jtch*), pela combinação de fricativa + africada retroflexa surda /ʂʂ̞/, representada, em belarusso, pelo dígrafo *šč* (*usch*), e consequente transição de *u* /i/, precedida de consoante branda, isto é, palatizada, para *ы* /i/, precedida de consoante dura, não-palatizada (SUSSEX, CUBBERLEY, 2006, p. 159), bem como mutação dental-velar das consoantes *m* /t/ e *ð* /d/ em contato com o aproximante palatal *ь* /j/, tornando-se *у(ь)* (*ć /tɕ/*) e *ðз(ь)* (*dž /dʒ/*), fenômenos conhecidos como *cekanne* e *dzekanne* (p. 53), conforme mostram as **Tabelas 3, 4 e 5** (todas de elaboração própria).

Tabela 3 – Declinação, no caso instrumental, do substantivo referente a “homem”.

“Homem” (instr.)	Belarusso	Russo	Trasianka*
Cirílico	мужчинам	мужчиной	мушчынай
Transliteração	mužčynam	mujtchinoi	muchtchynai
IPA	muʂʂ̞ɪnəm	mɔʰɕ:inəj	muʂʂ̞ɪnaj

Tabela 4 – Conjugação, aspecto imperfeito, do verbo referente a “defender”.

“Defender” (imperf.)	Belarusso	Russo	Trasianka*
Cirílico	абараняць	защищать	зашчышчаць
Transliteração	abaraniác	zachtchichtchatʹ	zachtchychtchatsʹ

IPA	abara'jnat̃e	zəe:r'e:æt̃i	zaʃt̃ʃi'st̃ʃat̃e
-----	--------------	--------------	------------------

Tabela 5 – Declinação, no caso acusativo, do substantivo referente a “pátria”.

“Pátria” (acusativo)	Belarusso	Russo	Trasianka*
Cirílico	радзіму	родину	родзіну
Transliteração	radzimu	rodinu	rodzinu
IPA	ra'dzimu	'rodinu	'rodzinu

O asterisco (*) sinaliza que as palavras em questão, neste estudo, só estão sendo caracterizadas como trasianka na escrita, não na fala, considerada aqui como sotaque, uma vez que não seria coerente de minha parte julgar sotaque como outro idioma ou fator que descaracterize um indivíduo enquanto falante de um dado idioma. A título de comparação, seria como crer que não falo português por ter sotaque soteropolitano, ou ainda, que alguém do centro-sul do Brasil misture português com o inglês estadunidense devido ao /ɹ/ retroflexo típico em sua fala, em realidade, herança do macro-jê. Não obstante, significativas alterações ortográficas para acomodar tais pronúncias poderiam gerar subsídios em prol de um novo registro ou idioma, posto que alterariam a norma vigente.

Embora o trecho analisado, principalmente a linha 16, possa ser enquadrado como trasianka, uma vez que o nominativo [muʃ'tʃina] soa absolutamente igual à palavra belarussa para “homem”, caracterizando então uma mistura de russo e belarusso, gramaticalmente a frase continua a estar em russo pois é declinada segundo o paradigma desse idioma, não do belarusso, em que se declinaria como [muʃ'tʃinam].

Convém observar que as primeiras palavras de ambas as linhas (*nu, iá tam stánu... ia búdu*) são idênticas nos dois idiomas, tanto na fala quanto na escrita, em cirílico. As frases só passam a ser reconhecidas como russo por causa dos complementos lexicais regidos pela gramática dessa língua e, precisamente por isso, elas são marcadas como tal na legenda de partida, ainda que com elementos de trasianka que visam apenas marcar a pronúncia para fins de demonstração. Caso o texto de partida não fosse oral e sim escrito dessa forma (romance, conto, poesia), a trasianka seria caracterizada. É o caso do exemplo dado por Liankievič e Piatrovič (2013) na palavra “*adkuda*” (IPA: [at'kuda]), cuja pronúncia é praticamente

indistinguível do russo *otkuda* (IPA: [ɔt'kudə]) porém na escrita causa equiparável reação à do público lusófono ao ler a palavra “caza”, divergente da norma padrão apenas na escrita, uma vez que na fala é igual a “casa”.

6.1.2 Questões sociológicas

Nas situações em que o sotaque belarusso é distinguível, o que, como mencionado anteriormente, pode ser entendido como *trasianka* (Liankievič e Piatrovič, notam que “desde então [1988], chamam de *trasianka* quase tudo o que soa ‘ruim’”¹²⁶), frequentemente ocorre processo de estigmatização e preconceito linguístico. Isto se exacerba quando, de fato, a pessoa fala *trasianka*, isto é, mescla amplamente em sua fala não só traços fonológicos como também lexicais e gramaticais dos dois idiomas.

Em pesquisa realizada por Sender (2014, p. 48-49) com 227 respondentes que escutaram gravações de uma mulher narrando seu cotidiano em belarusso, russo e *trasianka*, foi verificado que a grande maioria associa *trasianka* com trabalhos de baixa remuneração, o que corresponde inversamente aos outros idiomas. Quanto à sua escolaridade, apenas 4% opinou que a falante de *trasianka* poderia ter terminado o ensino superior, contra 60% para russo e 63% para belarusso. Quanto a este, é interessante notar que tal porcentagem se associa fortemente ao estudo de Letras Belarussas, uma vez que as respostas apontavam quase que exclusivamente para a profissão de docente, dentre as abordadas. Em outras palavras, o senso comum tende a julgar que somente quem ensina belarusso fala este idioma (e não necessariamente no seu dia a dia). Além do campo profissional e acadêmico, os resultados também apontam para o preconceito em torno de falantes de *trasianka* como incapazes de falar um idioma estrangeiro (92%) e como pessoas indesejáveis de se ter como vizinhas (quase 100% desfavoráveis). Sender nota que não foram apenas falantes de belarusso e russo que tiveram essas atitudes negativas, mas também falantes de *trasianka* entre si.

Assim como sugere a pesquisa de Sender, em *Viva Belarus!*, nota-se uma hierarquização social em torno dos idiomas falados, sobretudo segundo a dinâmica notada por Miačkoŭskaja (2007), na qual, quanto mais se sobe na pirâmide social, mais se aproxima do russo da

¹²⁶ Tradução minha, do belarusso, de: “З тых часоў трасянкай сталі называць ледзь не ўсё, што “кепка” гучыць”.

metrópole. Desta forma, o cabo Ščuka fala quase que exclusivamente trasiianka; seu superior imediato, sargento Ruslan, fala russo com sotaque belarusso, enquanto o tenente-general, em Minsk, é falante praticamente monolíngue do superestrato. Seu distanciamento do belarusso é tamanho que ele nem sequer consegue ler o blog de Miron sem traduzi-lo ao russo¹²⁷.

No campo político, a dinâmica não é muito diferente: os mesários falam trasiianka, enquanto a comissão responsável pelas fraudes fala russo. Contudo, o deputado Luhavy, em posição de relativa autoridade, fala trasiianka. Isto se deve, ao meu ver, primeiro ao distanciamento de Mazyr em relação à capital e seu status *de facto* radioativo, o que torna a região especialmente periférica em termos de importância política; segundo, deputado não é exatamente um cargo alto dentro de um regime autoritário; e terceiro, como já mencionado anteriormente, desde o final da URSS existe uma classe emergente de governantes que falam trasiianka, ou *dziemianciejeŭka*, incluindo o ditador.

Seguindo um pensamento Foucaultiano, há também a possibilidade de que Luhavy integre outro microssistema de poder, alheio ao dos mesários. Conforme teorizado no capítulo 3, o poder passa pelas massas, pelas instituições, mídia e outras esferas. Pouco se sabe sobre Luhavy, além de ele ser diretor da estação de esqui local, intimamente relacionada com a retirada do status de Mazyr como zona radioativa, o que indica um nível significativo de influência econômica e política, combinação fundamental para a manutenção do aparelho de Estado, segundo Foucault (2019, p. 173):

(...) para fazer funcionar esses aparelhos de Estado, que serão ocupados, mas não destruídos, convém recorrer aos técnicos e especialistas. E, para isto, utiliza-se a antiga classe familiarizada com o aparelho, isto é, a burguesia. Eis, sem dúvida, o que se passou na U.R.S.S. De maneira nenhuma pretendo dizer que o aparelho de Estado não seja importante, mas me parece que, entre todas as condições que se devem reunir para não repetir a experiência soviética, para que o processo revolucionário não atole, uma das primeiras coisas que devemos entender é que o poder não está localizado no aparelho de Estado e que nada mudará na sociedade se os mecanismos de poder que funcionam à margem dos aparelhos de Estado, abaixo deles, a seu lado, em um nível muito mais ínfimo, cotidiano, não forem modificados¹²⁸.

¹²⁷ VIVA BELARUS!, 2012, 00:26:43,513 --> 00:26:48,833; 00:27:32,800... 00:27:40,646.

¹²⁸ Tradução minha, do espanhol, de: “para hacer funcionar esos aparatos de Estado que serán ocupados pero no destruidos, conviene recurrir a los técnicos y los especialistas. Y para hacerlo se utiliza la vieja clase familiarizada con el aparato, es decir, la burguesía. Eso es sin duda lo que pasó en la URSS. De ningún modo pretendo sostener que el aparato de Estado no sea importante, pero me parece que entre todas las condiciones que deben reunirse para no repetir la experiencia soviética, para que el proceso revolucionario no se empantane, una de las primeras cosas que debemos entender es que el poder no está localizado en el aparato de Estado y que nada cambiará en la sociedad si los mecanismos de poder que funcionan al margen de los aparatos de Estado, por debajo de ellos, a su lado, en un nivel mucho más ínfimo, cotidiano, no se modifican”.

Encaixar Luhavy na classe burguesa, segundo o pensamento de Foucault, nos ajuda a entender sua posição dentro do microssistema político e sociolinguístico, sobretudo se levarmos em consideração que tal classe é fenômeno relativamente recente. O sociólogo russo Renald Simonian (2010, p. 4) conta que os anos 1990 viram o surgimento de uma nova classe – conhecida na Rússia como “novos russos”, mas de jeito algum limitada apenas a este país – caracterizada por “tipos fisicamente robustos, com baixa escolaridade, assertivos, desprovidos de tabus morais, materialmente prósperos”¹²⁹, a qual ocupa lugar central dentro de sua crítica à inversão de valores culturais e intelectuais que, segundo ele, as ex-repúblicas soviéticas presenciaram durante a transição para o sistema capitalista.

O comentário de Foucault, em 1975, evidentemente precede esse momento, tratando da ascensão do regime soviético com apoio da sobrevivente burguesia pós-revolução, familiarizada com o aparelho imperial. Podemos teorizar que a história se repete com Lukašenka, que se mantém no poder com a ajuda de uma burguesia pós-soviética, da qual faz parte Luhavy. A trasianka em sua fala aponta para uma origem rural; dentro desse microssistema, é possível que ele, morando na cidade, tenha mais domínio de russo do que familiares que permaneceram no campo, reflexo de seu status elevado. Dentro do microssistema político, entretanto, ele ocupa um dos lugares mais baixos, equiparável ao cabo Ščuka a nível militar.

A emergência dessa classe “burguesa nativa” neocolonial, seguindo o argumento de Nkrumah (cf. seção 2.3), é um fenômeno extremamente complexo, mas uma possível explicação para a ascensão socioeconômica de indivíduos marginalizados até a época da crise econômica e política do ocaso soviético, em lugar da elite intelectual e política de então, pode ser teorizada a partir do pensamento de Frantz Fanon, quando este, tratando de movimentos de luta anticolonial e consciência nacional, afirma que essa dinâmica “se verifica na incapacidade do intelectual colonizado para dialogar. Porque não sabe fazer-se inessencial em face do objeto ou da idéia. Em compensação, quando milita no seio do povo, vai de surpresa em surpresa” (1968, p. 37).

A classe intelectual despreparada e, nas palavras de Fanon, incapaz de dialogar, é representada por Miron, que se esquivava de um confronto direto com o aparelho de Estado

¹²⁹ Tradução minha, do russo, de: “физически крепкий, малообразованный, напористый, лишенный моральных запретов, материально состоятельный типаж”.

até não ter mais escolha. Assim como a classe intelectual do país, Miron domina as normas cultas vigentes – superestrato russo e belarusso literário –, mas não a trasianka das massas. Seu mérito está em conseguir engajar o povo local, ganhando a maioria dos votos, “de surpresa em surpresa”, trazendo-lhe a língua belarussa através da música e do blog.

À continuação, Fanon trata da população desfavorecida e menos instruída, o que podemos relacionar com a classe emergente, representada por Luhavy: “Mas o fela, o desempregado, o faminto, não se gaba de ter a verdade. Não diz que é a verdade, porque o é em seu próprio ser” (ibidem). Destarte, certas pessoas na base da pirâmide social parecem dialogar melhor com a grande maioria da população exatamente por ser parte dela, isto é, ter conhecimento de suas necessidades, pontos fortes e fracos. Assim, a classe emergente, da qual suponho que Luhavy faça parte, agiu mais rápida e acertadamente durante o colapso soviético e soube colher os frutos da transição para economia de mercado, lançando mão de todos os meios necessários para isso, como podemos inferir por meio de sua ligação com o regime.

Por fim, com relação a falantes belarussos “monolíngues” do superestrato russo, aparentemente no topo da cadeia alimentar retratada no filme, podemos fazer outro paralelo com Fanon, desta vez na obra *Pele negra, máscaras brancas* (2008, p. 90), em que este cita o psicanalista francês Octave Mannoni para descrever uma dinâmica semelhante à colonialidade pós-soviética presente no filme:

Quais são os casos excepcionais de que nos fala Mannoni? São, simplesmente, aqueles em que o “evoluído” descobre-se, de repente, rejeitado por uma civilização que ele, no entanto, assimilou. De modo que a conclusão seria a seguinte: na medida em que o verdadeiro “malgaxe-tipo” do autor assume a “conduta dependente”, tudo vai às mil maravilhas. Mas se ele esquece o seu lugar, se por acaso mete na cabeça que quer igualar-se ao europeu, então o dito europeu se irrita e rejeita o audacioso – que, nesta ocasião, e neste “caso excepcional”, paga com um complexo de inferioridade sua rejeição da dependência.

Embora o exemplo acima seja sobre as relações coloniais entre França e Madagascar, com profundas diferenças linguísticas, culturais e raciais, podemos enxergar comportamento semelhante na Belarus pós-soviética. Contanto que o cidadão mostre uma “conduta dependente”, assim como Miron, no início do filme, seguindo as diretrizes do regime e falando seu idioma, a opressão é suportável, dentro de uma pressuposta normalidade. Entretanto, quando este quer igualdade de direitos, garantidos nominalmente por lei, o sistema

responde com violência. Contudo, não é o *niefarmal* Miron que “paga com um complexo de inferioridade” e sim o próprio colonizado Lukašenka, que sabe que nunca será visto por Moscou como igual.

Tal situação é ilustrada por Fiaduta, quando este descreve a reação do político russo Serguei Gláziev ao ser perguntado sobre a possível ascensão de Lukašenka ao posto de mandatário da então recém-criada União Estatal: “[Gláziev] simplesmente desatou a gargalhar: – Impossível! Impossível!” (FEDUTA, 2005, p. 604)¹³⁰. Não era segredo que o ditador belarusso cobiçava o cargo, motivo pelo qual ele mesmo propôs a Iéltsin a união de seus países, com a ambição de um dia presidir ambos. Porém, segundo Fiaduta, “muitos representantes da elite política russa o menosprezavam (...) não acreditavam nem viam perspectiva nele”¹³¹. O autor ainda completa: “Aonde que um ‘não-russo’ vai comandar a Rússia?”¹³².

Uma possível explicação para tal característica psicológica em Lukašenka pode ser traçada a partir do perfil descrito por Souza (1983, p. 38): “É certo que existe sempre, em todo sujeito não-psicótico, uma relação entre essas instâncias, devido a um quantum de insatisfação resultante do inexorável fracasso em atingir o ideal desejado”.

Em termos linguísticos e culturais, a situação não é diferente. Por mais que um belarusso se identifique com o *ethnos* russo e fale, por questão de princípios, exclusivamente nessa língua, ele sempre se distinguirá do russo metropolitano por entender belarusso. Exemplo disso, no filme, é a figura do tenente-general, que nunca sequer fala com sotaque belarusso, mas conversa em *code-switching* com Miron fluentemente¹³³.

6.2 ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO

Feita a distinção entre o russo com sotaque belarusso e a trasiánka, abordando aspectos sociológicos do espectro vertical que vai desde falantes “monolíngues” de trasiánka a falantes “monolíngues” de russo, convém abordar os aspectos gramaticais que, de fato, caracterizam a

¹³⁰ Tradução minha, do russo, de: “просто рассмеялся: — Этого не может быть! Этого не может быть!”.

¹³¹ Tradução minha, do russo, de: “Многие представители российской политической элиты в то время явно недооценивали Лукашенко. Не то чтобы не хотели — не могли поверить в его перспективность”.

¹³² Tradução minha, do russo, de: “Куда ж ему — «нерусскому» — Россией править?”.

¹³³ VIVA BELARUS!, 2012, 00:50:02,044 - 00:50:46,800.

trasianka no filme e, conseqüentemente, as estratégias escolhidas para a tradução. O primeiro exemplo de trasianka “verdadeira”, na narrativa, se manifesta na fala de Ščuka, quando este pergunta a Miron:

355
00:30:54,800 --> 00:30:56,800
Табе *нада* новы *целефон*?

[trasianka] Você precisa de um novo telefone?

A frase começa em belarusso, com o pronome dativo *tabie* e, se continuasse nessa língua, terminaria com “*treba novy telefon?*”. Contudo, nota-se um esforço em se aproximar do russo, utilizando o advérbio *nado*. Posto que nem em russo existe a palavra “*tabie*”, nem em belarusso existe “*nado*”, a frase foi marcada como trasianka.

Existe, em Belarus, uma tendência de transcrever trasianka de maneira foneticamente aproximada à linguagem oral, possível marca de belarusso, como Sussex e Cubberley apontam: “A norma ortográfica belarussa é mais fonética que a russa, no sentido de que as vogais átonas são expressamente indicadas”¹³⁴ (2006, p. 53). Ou seja, enquanto em russo a letra “o”, quando átona, é reduzida para /a/ (ou /ɐ/) na fala, em belarusso, o que se pronuncia como /a/ se escreve como tal. Assim, transcrevo o predicativo russo “*надо*” foneticamente (*нада*), de acordo com a pronúncia russa, transliterado como “*nada*”, adequando o vocábulo à ortografia belarussa e, por extensão, de trasianka, assim como ocorre com *cieliefon*, aproximação fonética do russo *tieliefon*, ortograficamente adaptado à pronúncia belarussa (*cekanne*). A marcação em itálico na linha de partida serve apenas para mostrar que, ortograficamente, os termos fogem da linguagem padronizada, uma vez que a legenda, por se tratar de um código escrito, dá preferência à norma culta. No entanto, essa marcação não é transposta na tradução, uma vez que, *de facto*, se trata de outro idioma.

Como observado anteriormente, a manifestação de vocábulos de belarusso ou de russo na trasianka geralmente ocorre de maneira espontânea. Se considerarmos que a trasianka combina em si, praticamente, todas as palavras de belarusso e russo, então, a partir dos dicionários das academias de ciências de Belarus e da Rússia (KAPYLOŬ, 2016; ÓJEGOV,

¹³⁴ Tradução minha, do inglês, de: “The Belarusian orthographic norm is more phonetic than that of Russian, in that the quality of unstressed vowels is expressly indicated”.

CHVIÉDOVA, 2006), podemos conjecturar que seu inventário lexical gira em torno de 145.000 verbetes, sem contar expressões idiomáticas, variações dialetais e *mat.* Assim, a natureza híbrida da trasianka permite a formulação de frases impossíveis de existirem em cada idioma isolado, o que não apenas implica em frases nas quais ambos se manifestam de maneira intercalada, mas também possibilita a coexistência de tais vocábulos, por vezes, dentro da mesma frase e com o mesmo significado, como no exemplo a seguir:

814
01:18:37,767 --> 01:18:39,767
<traskanka> *Цебя нават дажэ ў горад ня выпускаць*
Nem sequer pra cidade não te deixarão ir

Enquanto no exemplo anterior o cabo Ščuka intercalou vocábulos do belarusso e do russo em sua fala, desta vez ele reúne, sucessivamente, termos equivalentes de ambos idiomas, possivelmente para enfatizar o enunciado: *navat*, do belarusso e *daje*¹³⁵, do russo, ambos significando “nem” ou “sequer”, reforçados ainda pela negação belarussa *nia* (ня). Diferentemente da linha 43 (cf. 5.1), que consiste em uma frase em belarusso com seleção de sintagma nominal em russo, esta linha se configura como traskanka desde o começo, com a forma híbrida “*ciebia*” (цебя), junção do pronome acusativo belarusso *ciabie* com seu equivalente em russo *tebiá*, cognatos do pronome pessoal lusófono “te”, presente no texto de chegada. Considerando o caráter enfático da frase por meio da repetição, que ocorre apenas a nível semântico, não morfológico, reproduzi o efeito inserindo dois termos morfológicamente diferentes, mas semanticamente idênticos, na linha de chegada. Assim como no texto de partida, “nem” e “sequer” são morfológicamente distintos, mas se combinam em harmonia, refletindo a espontaneidade e naturalidade de tal construção na traskanka.

Investigar quais fatores estão por trás dessa dita “espontaneidade” ou mesmo “caos”, para citar Miačkoŭskaja, demanda estudos mais avançados. Contudo, um fator que se destaca na narrativa é a declinação. Por vezes, somente quando um nome é flexionado, a traskanka se manifesta incontestavelmente, como ocorre durante a contagem dos votos, no filme:

¹³⁵ A grafia “*дажэ*” (*dajè*) caracteriza marca de traskanka por adaptação às regras ortográficas belarussas. Em russo, a grafia padrão é *даже* (*daje*).

873
 01:22:31,147 --> 01:22:36,747
 <russo> Захарко, Захарко, Луговой, Захарко...
 Zakharko, Zakharko, Lugovoi, Zakharko...

874
 01:22:36,772 --> 01:22:38,719
 <trasianka> Как-то много этого *Захарки*
 [trk] Tem muito desse Zakharka

Embora a linha 873 conte apenas com os sobrenomes dos candidatos, um dos quais soa idêntico, tanto em belarusso quanto em russo – Zakharko (*Захарко*) / Zacharka (*Захарка*), IPA: [za'xarkə] –, sabemos que a frase está em russo pela pronúncia do nome “Lugovoi” (*Луговой*), IPA: [lugə'voj]. A título de comparação, em belarusso, seu nome é Luhavy (*Лугавы*), IPA: [luɣa'vi] e, em trasianka, ao menos em tese, seria [luɣa'voj], de acordo com a fonética belarussa (SUSSEX, CUBBERLEY, 2006, p. 143).

Convém mencionar que em Belarus, desde que Lukašenka tornou o russo cooficial, nomes pessoais são grafados nos documentos de identidade de acordo com as tradições dos dois idiomas. Ou seja, não se trata apenas de acomodações ortográficas entre os dois alfabetos. Sobre as complexidades relativas a essa situação, o linguista belarusso e membro da Academia Nacional de Ciências do país, Aliaksandr Lukašanec (2016, p. 181-182), escreve que não há consenso na transliteração entre os dois idiomas e destes para o alfabeto latino, somando-se a essa problemática questões tradutórias, culturais e até religiosas. Assim, Miron se refere a seu concorrente, em belarusso, como Luhavy (01:20:20), enquanto a comissão o chama de Lugovoi; de maneira similar, seu companheiro da banda Forza, Žmicier, é chamado de Dmitri pelo agente da KGB (01:05:56), de acordo com a tradição russófona.

A linha 874 continua, em russo padrão, “*kak-to mnogo ètogo*”, porém é marcada como trasianka devido à declinação que a sucede: *Zakharki*. Aqui, o sobrenome da personagem é declinado segundo o paradigma do caso genitivo (partitivo) singular, com terminação em *-a*. Em russo, dado que o nome termina em *-o*, não há declinação. Na legenda, para marcar esta *différance*, optei por transcrever, segundo o padrão russófono, com a desinência *-i* (*-u*) apontando para uma influência gramatical do belarusso, isto é, nem a declinação corresponde às normas do russo nem a letra *-u* existe em belarusso, denotando assim uma terceira língua.

Na tradução, este mecanismo é reproduzido usando o caso nominativo – “Zakharka”, mistura de “Zakharko” e “Zacharka”.

É interessante notar que a declinação do sobrenome de Miron, na fala dos membros da comissão, segue o mesmo paradigma de declinação para o caso acusativo, o que poderia indicar uma possível ordem inerente à suposta espontaneidade da trasianka:

940
01:32:24,558 --> 01:32:27,800
<trasianka> За Лухавога 2/3, а за Захарку 1/3

[trk] 2/3 em Luhavoi e 1/3 em Zakharka

941
01:32:29,474 --> 01:32:30,475
Так многа Захарке?

Tanto para Zakharka?

Na linha 940, destaca-se, mais uma vez, a trasianka por declinação. A forma acusativa *Zakharku* só é possível na gramática belarussa, ressaltando-se que, em russo, “Zakharko” não é declinável. Todavia, a hipótese de que nomes em trasianka se declinam segundo a gramática belarussa cai por terra, diante da declinação para o caso dativo presente na frase seguinte, onde o sobrenome de Miron é flexionado segundo o paradigma do caso dativo russo para nomes terminados em *-a* (**Tabela 6**).

Tabela 6 – Declinação, no caso dativo, do nome “Zakharko”.

“Zakharko” (dat.)	Belarusso	Russo	Trasianka
Cirílico	Захарку (m) Захарцы (f)	Захарко	Захарке
Transliteração	Zacharku Zacharcy	Zakharko	Zakharke
IPA	[za'xarku] [za'xarts̩i]	[zɐ'xarkɐ]	[za'xark'e]

Fonte: Elaboração própria.

Uma diferença marcante entre os sistemas de declinação do belarusso e do russo é que os nomes, no primeiro, são declinados, nos casos dativo e instrumental singular, de acordo com o gênero, independentemente de sua terminação no nominativo. Assim, ainda que “Zacharka” termine com *-a*, por estar no masculino ele flexiona como tal. A terminação *-e* surge, portanto, não do belarusso mas sim do paradigma russo para o caso dativo, que não diferencia gênero (SUSSEX, CUBBERLEY, 2006, p. 339). Assim, a natureza híbrida da trasianka abrange não só o léxico, mas também os paradigmas e variações de cada idioma. Cabe ressaltar que a declinação acima descrita não exclui outras possibilidades, podendo mudar de acordo com o momento e com o falante, como veremos no exemplo a seguir.

O outro nome citado na linha 940, Luhavoi, por sua vez, é declinado em trasianka e declinável de maneira semelhante em belarusso e russo, no caso acusativo, conforme a **Tabela 7**. Mesmo em termos fonéticos, o sobrenome do oponente de Miron coincide com o paradigma belarusso, tornando assim o idioma da frase como um todo passível de ser classificado como tal, incluindo a contagem fracionária.

Tabela 7 – Declinação, no caso acusativo, do nome “Lugovoi”.

“Lugovoi” (acus.)	Belarusso	Russo	Trasianka*
Cirílico	Лугавора	Луговоро	Лугавора
Transliteração	Luhavoha	Lugovogo	Luhavoha
IPA	[luɣa'voɣa]	[luɣe'vovɐ]	[luɣa'voɣa]

* Apenas ortograficamente.

Fonte: Elaboração própria.

Todavia, a frase continua sendo marcada como trasianka, posto que se sabe, pelo contexto, que o nome declinado em questão é Lugovoi, não Luhavy. Isto significa que, conforme a tabela, a forma “Luhavoha” (donde “Luhavoi”) se trata de trasianka, ou seja, a forma russófona “Lugovogo” pronunciada com sotaque belarusso. Cabe destacar que o exemplo de trasianka da tabela é peculiar apenas à linha 940, não necessariamente servindo de referência para outras instâncias. Na linha 877 (01:22:43), por exemplo, o sobrenome do candidato é pronunciado como *Luhavova*, com a terminação /ovɐ/ de acordo com a norma fonética russa (SUSSEX, CUBBERLEY, 2006, p. 49). Isto reforça o princípio de

espontaneidade da trasianka, que não apenas toma empréstimos lexicais do superestrato, como indica Miačkoŭskaja, mas também opera a nível morfêmico, amalgamando regras gramaticais e fonológicas de maneira idiossincrática e imprevisível.

6.3 A TRASIANKA COMO DEVIR

Como vimos, a discussão em torno da trasianka é sempre pautada, direta ou indiretamente, em torno da sobrevivência da língua belarussa. Considerada um vetor russificante, ela é frequentemente percebida como uma ameaça à existência da língua nacional, queira pelo risco de substituí-la como nacioleto, queira por obliterá-la, ao longo das gerações, em prol do superestrato. Tal percepção contribui para a discriminação e marginalização dos indivíduos que venham a ser classificados como falantes dessa língua, uma classificação altamente arbitrária, uma vez que não há parâmetros suficientemente rigorosos que a definam.

Se pensarmos na analogia inerente ao próprio termo com o significado de “mistura de feno com palha”, trasianka implica uma hierarquia do primeiro sobre a segunda, em atributos nutritivos e desejáveis. Considerando que tanto falantes de belarusso quanto de trasianka sofrem discriminação da sociedade predominantemente russófona, é possível inferir que a palha, nessa analogia, seja o belarusso, com o superestrato russo na condição de feno, livre de discriminação. Enquanto este cenário permanecer, será ao último que falantes de trasianka tenderão a se aproximar, buscando se distanciar do primeiro, tanto a nível linguístico quanto epistemológico. Entretanto, é impossível generalizar a população falante de trasianka, mesmo porque ela não pode ser plenamente definida, abarcando, a depender do critério, desde habitantes das vilas mais isoladas até a totalidade da população de Belarus e de sua diáspora mundo afora.

Em termos deleuzianos, trasianka é devir; seu poder de aproximação da língua russa é utilizado a favor do regime desde que Lukašenka se candidatou à presidência, porém isto não quer dizer que esse devir não anseie por uma aproximação do belarusso. No filme, vemos isto na figura de Ščuka, maior aliado de Miron no quartel. O cabo faz parte do sistema, inclusive da *dziedaŭščyna*, e, a princípio, somente ajuda o protagonista por dinheiro. Mesmo sem

entender ao certo por que este se submete a tantos tormentos pelo direito de falar belarusso, o militar paulatinamente se posiciona contra o regime, firmando-se genuinamente do lado do protagonista ao devolver-lhe o celular com a gravação das fraudes, momento catalisador das derradeiras manifestações. Tal posição não é isolada, visto que Miron também consegue o apoio da grande maioria dos recrutas e da população de Mazyr, graças ao blog e ao ativismo de Vera e da banda Forza.

Por outro lado, Luhavy mostra que nem todo falante de trasianka está propenso a se alinhar com falantes de belarusso. O inescrupuloso diretor da estação de esqui tem relação praticamente simbiótica com o regime, cuja decisão de remover o status de zona radioativa do local coincide com suas ambições comerciais. Ele participa diretamente das fraudes e visa somente o lucro, em detrimento da população doente e abandonada pelo Estado, representando falantes de trasianka que se aliam à classe dominante, russófona, visto que nela percebem, mesmo que inconscientemente, possibilidades reais de lucro e ascensão socioeconômica.

É possível argumentar que a dicotomia Ščuka-Luhavy transmite uma mensagem ao público. Uma mensagem de união entre os grupos sociais discriminados contra um inimigo em comum: o regime russófono de Lukašenka, em si um desdobramento do imperialismo russo. Tal como a militância belarussófona, perseguida e reduzida, Miron precisa da ajuda de Ščuka para fazer frente ao sistema. Este, por sua vez, representa a grande população falante de trasianka, acostumada a receber ordens de cima, onde almeja chegar e, tal como na *dziedaŭščyna*, espezinhar quem está embaixo, sem questionar. A diferença entre ele e Luhavy surge apenas quando seus interesses pessoais são postos de lado, em prol de um bem maior, mostrando assim ao público que nunca é tarde para se redimir e lutar pelo que é certo. Neste sentido, Luhavy é o exemplo a não ser seguido, uma vez que seus ganhos pessoais vêm em primeiro lugar, representando, em última instância, o próprio ditador, falante de trasianka, cujo complexo de inferioridade o leva a negar suas origens e a empenhar-se, em vão, a se igualar à antiga metrópole, em detrimento da língua, cultura e soberania de sua nação.

O cenário do país retratado no filme é produto de séculos de imperialismo russo-soviético e a trasianka é reflexo disso, mas também, ela é um potente indicador da resiliência do idioma belarusso que, como a murta, concede e flexibiliza para sobreviver, apesar de esforços monumentais para extingui-lo, sempre pronto para reagir e retomar seu

lugar. Para tanto, o diálogo e a compreensão mútua são fundamentais, afinal, o resultado de um processo centenário não pode ser alterado subitamente. A suposta ameaça que a trasianka representa à sobrevivência do belarusso é tão diminuta quanto sua passagem pelo filme – pálida em comparação à esmagadora presença da língua russa. Esse receio exagerado que círculos acadêmicos por vezes demonstram faz pouco mais que canalizar o ódio ao lado mais vulnerável, dinâmica semelhante à vivenciada por falantes de trasianka, que, por sua vez frequentemente se vêem desencorajadas a transitar para a linguagem rebuscada de intelectuais, mais fácil de refutar em prol do superestrato imposto pelo regime.

Portanto, assim como falantes de belarusso que ojerizam a trasianka, falantes de trasianka que desprezam o belarusso involuntariamente acabam apenas por ajudar a língua russa a manter sua pretensa supremacia no país e este é o grande problema constante na narrativa: a desigualdade entre as línguas oficiais. É importante ressaltar que em nenhum momento do filme, ou mesmo do blog em que ele se baseia, pleiteia-se a remoção do status cooficial da língua russa, ainda que tal configuração tenha sido imposta arbitrariamente pelo ditador. O problema não é falar russo, afinal, Belarus é um Estado historicamente plurilíngue e multi-étnico, onde até um século atrás falava-se, oficialmente, não só belarusso e russo como também polonês e ídiche, mas falar *somente* russo. O que é espantoso, quiçá até mais para o público estrangeiro, é que seja tão difícil falar belarusso em Belarus, considerando que este é, ao menos nominalmente, o idioma da maioria da nação. Para mudar este quadro, a mensagem do filme não deixa dúvidas: é preciso se unir, e a trasianka é uma importante aliada.

7 OUTROS IDIOMAS

Se *Viva Belarus!* é um instrumento de denúncia contra o regime autoritário de Lukašenka, a quem esta denúncia está sendo reportada? Por quê? A partir destas questões norteadoras, podemos tecer um argumento em torno das escolhas relativas aos idiomas adicionais presentes na trama.

Além de belarusso, russo e trasianka, *Viva Belarus!* conta ainda com passagens em outros cinco idiomas, igualmente membros da família indo-europeia, sendo um deles também eslavo (porém ocidental), o polonês; dois românicos – o francês e o espanhol; um báltico, o lituano; e um germânico, o inglês. Ainda que suas presenças na narrativa sejam efêmeras, elas não são aleatórias, tampouco negligenciáveis. Todos são idiomas oficiais da União Europeia, nativos de países a oeste de Belarus, sendo o inglês, o francês e o espanhol, ainda, idiomas oficiais da ONU.

Exceto pelo polonês, todos os outros aparecem em sequência, no desfecho da narrativa, como *voice-over* de jornalistas narrando os protestos pacíficos contra as fraudes eleitorais e a brutalidade policial contra manifestantes. Em contrapartida, a narração em russo destoa drasticamente ao desqualificar as manifestações como “tumultos” e “atos de vandalismo” pacificados pela polícia. A tradução e legendagem dessa cena específica é de grande interesse para a pesquisa, uma vez que ela configura um momento único na narrativa, em termos de engajamento da comunidade internacional e conflito de retóricas, o que, essencialmente, define a percepção do regime dentro e fora do país.

Além disso, relativamente à problemática da tradução de múltiplas línguas de partida, a cena final se destaca pela sucessão de narrações praticamente idênticas em idiomas distintos e que pareceriam redundantes em uma legenda de chegada que não os evidencie. Destarte, neste capítulo, proponho realizar uma análise comparativa sobre a tradução das passagens desses idiomas, com o intuito de melhor compreender as relações destes com Belarus e a realidade retratada no filme, bem como refletir sobre as estratégias de tradução utilizadas na legendagem.

7.1 POLONÊS

A língua polonesa (*język polski*, IPA: [ˈjɛʒɨk ˈpɔlski]) tinha status oficial em Belarus até a primeira metade do século XX. Segundo dados do censo demográfico de 2019, mais de 287 mil pessoas se identificam etnicamente como polonesas no país, embora apenas 1,2% delas falem o idioma em casa (BELSTAT, 2020, p. 41). Essa peculiaridade é explicada pelo historiador belarusso Valiancin Maziec, membro da Academia Nacional de Ciências, em um estudo sobre o discurso étnico polonês na construção da política nacional belarussa ao longo do século XX. Segundo o pesquisador, existe em Belarus o senso comum de que um indivíduo católico automaticamente se considera polonês. Ele cita uma comunicação interna entre membros do alto comando da então RSSB, em 1947, que nos possibilita meditar sobre os desdobramentos dessa dinâmica na Belarus contemporânea (MAZIEC, 2012, p. 102):

O clero católico polonês intensificou suas atividades para polonizar e catolicizar ainda mais a população adulta de Belarus e, sob a influência da propaganda do clero católico, alguns católicos belarussos, após a guerra, começaram a alegar que pertenciam à nacionalidade polonesa, mesmo que não saibam ler ou escrever em polonês.¹³⁶

Isso explica, ao menos em parte, por que uma parcela tão reduzida da população etnicamente polonesa do país fala o idioma em seu cotidiano, posto que são adeptas do catolicismo introduzido pela Polônia na região. Este fator remonta à República das Duas Nações e às políticas de polonização e conversão ao catolicismo (cf. seção 4.1), de modo semelhante à política de russificação, no bojo do Patriarcado Ortodoxo de Moscou, capitaneada, dentre outros, pelo já citado Muraviov-Vilenskii (cf. seção 2.2.1). Em outras palavras: a maior parte dessa população, em realidade, é etnicamente belarussa de fé católica. Esse raciocínio aponta para um julgamento comum por parte do “governo e de uma parcela da sociedade civil, convencida de que não há poloneses em Belarus, mas somente belarussos

¹³⁶ Tradução minha, do belarusso, de: “«польскае каталіцкае духавенства ўзмацніла сваю дзейнасць па далейшаму апаліячванню і акаталічванню дарослага беларускага насельніцтва, а пад уплывам прапаганды каталіцкага духавенства некаторая частка беларусаў-каталікоў пасля вайны пачала заяўляць пра тое, што яны належаць да польскай нацыянальнасці, нават у тым выпадку, «калі яны зусім не ўмеюць ні чытаць, ні пісаць па-польску»”.

polonizados”¹³⁷, nas palavras do jornalista e ativista belarusso Andrej Pačobut (WESOLOWSKY, 2019).

Esse julgamento é respaldado pelos dados do censo, que apontam para um total de 54,5% da população autodeclarada polonesa como nativa do idioma belarusso, no qual 46% afirmam conversar em casa diariamente – o mais alto indicador nesse quesito, dramaticamente superior até mesmo à população que, de fato, se diz belarussa, da qual apenas 28,5% declararam falar belarusso em suas residências.

Por outro lado, o discurso de Pačobut não é de concordância com esse senso comum, mas sim de oposição. Em um regime autoritário onde fraudes eleitorais são comuns, a ideia de que outros tipos de falsificação sejam recorrentes não é de difícil aceitação. Nos três censos realizados desde que Belarus se tornou independente da antiga URSS – 1999, 2009 e 2019 –, a população polonesa diminuiu mais de 27%, o que ativistas em Belarus, como Pačobut e Miraslaŭ Kapcevič, líder da campanha *Pamiętam Kim Jestem* (“Lembro-me quem sou”, em polonês) enxergam como um indício de falsificação das estatísticas.

Falsificação ou não, o fato é que a população polonesa em Belarus tem sido alvo de perseguições desde os tempos soviéticos. Exemplo disso é o próprio Pačobut, prisioneiro político desde março de 2021, na onda das repressões pós-manifestações pacíficas contra as fraudes eleitorais de 2020 (VOICE OF BELARUS, 2021). Segundo Maziec, entre meados da década de 1940 e início dos anos 1950, foram fechadas todas as 114 escolas de língua polonesa existentes na república (2012, p. 103), como parte dos esforços para resolver a “questão polonesa” (p. 100), empreendidos pela URSS logo após a Segunda Guerra Mundial. Tal projeto incluiu a repatriação forçada de mais de meio milhão de pessoas para a Polônia, com a cessão da região de Bielastok e parte da região de Brest para a vizinha ocidental.

É interessante notar que, assim como hoje, nem todas essas pessoas eram, de fato, etnicamente polonesas: segundo o jornalista belarusso e doutor em filologia Juraś Bušliakoŭ (2012, p. 288). “quantos desses repatriados eram belarussos que, entre dois regimes comunistas escolheram o polonês, ninguém pode dizer ao certo”¹³⁸. Como reflexo disso, mais

¹³⁷ Tradução minha, do inglês, de: “the government and a part of civil society is convinced there are no Poles in Belarus, but only Polonized Belarusians”.

¹³⁸ Tradução minha, do belarusso, de: “Колькі сярод тых рэпатрыянтаў было беларусаў, якія між двух камуністычных рэжымаў выбіралі польскі, ніхто дакладна ня скажа...”.

de 30 mil pessoas se declararam como belarussas, no censo polonês de 2011, das quais, mais de 86% falam seu idioma nativo em contexto domiciliar (GUS, 2013, p. 96).

Como sucessor da ideologia soviética, Lukašenka tem continuado uma política de discriminação contra minorias étnicas e a polonesa não é uma exceção. De acordo com Pačobut, o ditador tem reduzido deliberadamente as populações minoritárias no censo para consolidar seu discurso de líder eficiente, contrastado pela diminuição populacional: “Aliaksandr Lukašenka está lidando com uma situação difícil. (...) É como se tudo estivesse ótimo. Você liga a televisão e ouve falar de todos os sucessos. Mas a população só diminui. E, para explicar isso, ele aponta para um declínio no número de minorias étnicas”¹³⁹. Até mesmo a população etnicamente russa vem diminuindo a passos largos, de mais de 1,1 milhão, em 1999, para cerca de 700 mil, em 2019 – uma diminuição de 38%, ou quase 435 mil pessoas.

Enquanto isso, a população etnicamente belarussa segue o caminho inverso, aumentando, no último censo, em mais de 33 mil a população de 7.957.252 que tinha, em 2009 (BELSTAT, 2020, p. 40). Isto gera um aumento demográfico artificial, que serve como indicador de sucesso para o regime, ao passo que reduz a possibilidade de conflitos étnicos separatistas, como na Ucrânia. Paradoxalmente, entretanto, o uso da língua russa cresce consistentemente em todas as etnias, ao longo das décadas, o que reforça a tese da inspiração soviética do regime de Lukašenka. Contudo, chamar sua política de “russificação” sem refletir sobre o modelo no qual ela é inspirada torna a discussão consideravelmente vaga, uma vez que tal processo em Belarus teve início muito antes da ditadura atual.

7.1.1 Russificação vs. Sovietização

É possível argumentar que a inspiração do ditador vem da ideologia stalinista de criar um novo povo, o soviético. Segundo o historiador Theodore Weeks, professor da Universidade de Southern Illinois, EUA, “russificação e sovietação (...) embora tenham

¹³⁹ Tradução minha, do inglês, de: “Alyaksandr Lukashenka is dealing with a difficult situation. He's ruled the country for 25 years. It's like everything is great. You turn on the television, and you hear about all the successes. But the population continues to drop. And, to explain that, he points to the declining number of national minorities”.

aspectos em comum estão longe de serem idênticas”¹⁴⁰. Enquanto a primeira doutrina é centrada no *ethnos* russo, a segunda influencia todas as esferas da vida humana, incluindo religião, cultura, gênero e língua. Nesta última, em especial, a antiga URSS se sobressaiu em relação ao império que a precedeu, indo “além do mero uso da língua, (...) a sovietação almejava criar uma identidade inteiramente nova, não-étnica: o novo ser humano soviético”¹⁴¹ (2010, p. 2).

Seguindo esse pensamento, pode-se dizer que a política de Lukašenka visa criar uma “nova” identidade belarussa, uma versão recauchutada do falido discurso soviético. Não por acaso, esse discurso é simbolizado pela bandeira rubro-verde inspirada na da RSSB, ou seja, praticamente igual, apenas sem o elemento comunista (a foice e o martelo), porém mantendo o discurso identitário autônomo concebido por Lenin e falando russo, tal como reforçado por Stalin. Tal construção identitária ainda é alicerçada na revolução liderada por ambos (Belarus é o único país do mundo que ainda comemora a revolução de 1917 como feriado). Essa doutrina é resumida pelo próprio Lukašenka em seu famigerado mote: “Belarussos são os mesmos russos, só que com selo de qualidade!”¹⁴² (FEDUTA, 2005, p. 604).

Outra semelhança do regime com a era soviética se revela na ausência de questões de cunho religioso no censo, algo que, se antes era explicável pelo ateísmo estatal, atualmente não tem base jurídica, visto que o artigo 31 da constituição belarussa garante a liberdade religiosa (MFA, 2011, p. 2). Assim, se o objetivo de Lukašenka é de minguar a já reduzida minoria católica, negando-lhe o direito de autodeterminação no censo, na prática, essa política acaba por fortalecer o senso de identidade polonesa nessa vertente, único modo de manifestá-la nas estatísticas. Isso explica o surgimento de iniciativas como *Pamiętam Kim Jestem*, que visam encorajar a população a se identificar como polonesa, com o objetivo de ganhar peso político e assim ter suas demandas atendidas pelo Estado. A principal dessas demandas não é muito diferente do que ativistas de língua belarussa pedem: o direito a estudar em escolas na língua de sua etnia, praticamente inexistentes no país. Contudo, os dados que apontam para o declínio desse grupo, além de desanimadores, já eram esperados, como

¹⁴⁰ Tradução minha, do inglês, de: “russification and sovietization (...) while having aspects in common – are far from identical”.

¹⁴¹ Tradução minha, do inglês, de: “Going beyond mere language usage, however, sovietization aimed to create an entirely new, non-ethnic identity: the new Soviet human being”.

¹⁴² Tradução minha, do russo, de: “Белорусы — это те же русские, только со знаком качества!”. N.T.: Em russo padrão ainda persiste a forma “bielorussy”, usada nesta citação, o que reforça a ambiguidade anacrônica.

Pačobut atestava antes mesmo da contagem: “(...) não importa o número verdadeiro de pessoas se identificando como polonesas no censo, as autoridades vão inserir um número que satisfaça suas vontades”¹⁴³ (WESOLOWSKY, 2019).

Diante de tal cenário, a ascendência polonesa de Vera, no filme, não é coincidência, tampouco um capricho do estúdio varsoviano, ao escalar sua prolífica conterrânea Karolina Gruszka para o papel. De fato, a produção de *Viva Belarus!* é apenas mais um exemplo de uma série de iniciativas da vizinha ocidental, em apoio à resistência belarussa contra a ditadura, incluindo-se aí a própria rádio Racyja, presente na narrativa, além do BELSAT, único canal de televisão belarusso independente, com programação inteiramente em língua belarussa.

Em adição, durante as manifestações contra as fraudes nas eleições presidenciais de 2020, o governo polonês destinou mais de 11 milhões de euros para ajudar a população de Belarus a emigrar para o país, a trabalho ou estudo, além de oferecer atendimento médico às vítimas de tortura e violência policial e asilo a ativistas, como Volha Kavalikova, integrante do Conselho de Coordenação da presidenta *de facto* eleita, Śviatlana Cichanoŭskaja. A esta última, o governo polonês ainda ofereceu instalações em Varsóvia e apoio logístico, bem como a Vieranika Capkala, que, juntamente a Cichanoŭskaja e Maryja Kalieśnikava, tem sido uma das três figuras centrais do movimento pela democracia, desde 2020 (EASTON, 2020).

Tais iniciativas são reflexo de séculos de história – não necessariamente pacífica – em comum entre os dois países, além da Lituânia, sobre a qual discutirei mais adiante. Além disso, como berço do movimento *Solidarność*, fundamental na derrocada da ditadura comunista em fins do século XX, e transição pacífica para um modelo, em grande parte, bem-sucedido de democracia ocidental, a Polônia tem demonstrado, ao longo das últimas décadas, um posicionamento cada vez mais influente na região.

Neste contexto, Belarus é um local de interesse estratégico por ter uma considerável população etnicamente polonesa em situação vulnerável, o que é visto por Varsóvia como uma oportunidade de desenvolver seu *soft power*, seja por intermédio do idioma ou da igreja. Essa população é, muito possivelmente, ainda maior do que os números indicam e tem potencial para crescer ainda mais sob um governo pró-UE, o que representaria o fim do

¹⁴³ Tradução minha, do inglês, de: “regardless of the true number of people identifying themselves as Poles in the census, the authorities will plug in a number that suits their needs”.

regime autoritário de Lukašenka. No filme, essa visão antagonista do regime contra a Polônia se manifesta de maneira sutil durante uma conversa entre Miron e Vera, logo após esta terminar um telefonema com sua mãe, como veremos na seção a seguir.

7.1.2 Estratégias de tradução

Além de aparecer na forma escrita nos créditos iniciais e finais, a língua polonesa também se manifesta na fala de Vera. No dia seguinte ao fatídico show, a jovem acorda em seu apartamento, para onde fugiu com Miron, e não tarda a atender um telefonema de sua mãe. Dentro da trama, é possível afirmar que a importância da breve conversa, em termos linguísticos, é encerrada em si mesma. Como acontecimento, entretanto, esse momento não apenas serve para mostrar ao público a presença da língua polonesa dentro da narrativa, como também constitui um divisor de águas no desenvolvimento das personagens, sobretudo de Miron, a partir de seu subsequente comentário, relativo à família de Vera.

Com isso em mente, a cena se destaca pela necessidade de marcação da língua de partida na legenda de chegada. Isto se deve não a um *code-switching*, como durante o juramento de Šery à bandeira, ou à sucessão de falas praticamente idênticas, porém em idiomas diferentes, no final, mas por essa intenção presente na língua como performance. A conversa, embora curta para o filme, se faz um tanto extensa para citar aqui na íntegra, de modo que transponho apenas seu desfecho, parte mais interessante para a discussão:

95
00:08:42,440 --> 00:08:44,658
<polonês> Zadzwoń wieczorem, dobrze?

Telefonarei à noite, está bem?

96
00:08:44,721 --> 00:08:47,033
Całuję. Poka, Pa...

Beijo. Ok, tchau...

Assim como as outras línguas eslavas presentes neste estudo, polonês é uma língua *pro-drop*, isto é, o uso do pronome pessoal geralmente é facultativo, posto que o sujeito é

identificado pela desinência número-pessoal, como também ocorre no português padrão. Assim, pela desinência *-ie*, subentende-se que o verbo na linha 95 está conjugado na 1ª pessoa do singular. Uma diferença profunda entre línguas eslavas e românicas, entretanto, consiste na distinção entre verbos de aspecto perfeito e imperfeito. Verbos perfeitos geralmente “expressam uma ação ou estado visto como completo, total ou unificado, ou com referência a um espaço e tempo específico ou a conclusão de um objetivo específico (“téllico”)” enquanto verbos imperfeitos exprimem “ações ou estados incompletos, ainda em progresso, repetidos ou habituais” (SUSSEX, CUBBERLEY, 2006, p. 244)¹⁴⁴.

Em português, semelhante fenômeno ocorre no pretérito de um mesmo verbo, como por exemplo “telefonei” (perfeito) e “telefonava” (imperfeito), ambas flexões do verbo “telefonar”. Já em polonês e outras línguas eslavas, tratam-se de verbos diferentes, ao menos um para cada aspecto: “*zadzwońić*” (perfeito) e “*dzwońić*” (imperfeito). Sussex e Cubberley observam ainda que o presente tende a ser imperfeito nessas línguas e que “nas línguas eslavas orientais e ocidentais o futuro perfectivo é formado com a adição de terminações do presente à raiz perfectiva”¹⁴⁵ (p. 288), de modo que, seguindo essa lógica, “telefone” seria “*dzwońię*”, enquanto “*zadzwońię*” se traduz como “telefonarei”.

É interessante notar que, ainda na mesma linha, ocorre o procedimento de explicitação da cópula “está”, subentendida em polonês (cf. comentário sobre a impessoalidade das línguas eslavas, seção 4.2.2). Diferentemente de belarusso e de russo, entretanto, o verbo *ser/estar* (*być*) não é defectivo em polonês, de modo que seria possível conjugá-lo (*jest*), porém o contexto não o evoca.

Ainda sobre o traço *pro-drop* do polonês, na linha 96, ocorre um serendipitoso exemplo de transposição (p. 66) do verbo “*całować*” conjugado na 1ª pessoa, para o substantivo “beijo”, que coincide com a flexão do verbo “beijar”, igualmente na 1ª pessoa. Em outras palavras, “*Całuję*” não é o substantivo “beijo”, e sim a flexão verbal “(eu) beijo”, porém não é necessário distinguir as formas, uma vez que a função social da frase para ambas audiências é mantida graças à ambiguidade.

¹⁴⁴ Tradução minha, do inglês, de: “perfective verb forms express an action or state which is seen as complete, completed, total, or unified, or with reference to a specific location in space and time, or to the completion of a specific goal (“telic”). The imperfective expresses actions or states which are incomplete, still in progress, repeated or habitual”.

¹⁴⁵ Tradução minha, do inglês, de: “In East and West Slavic the perfective future is formed by adding present-tense endings to the perfective stem”.

Já a frase seguinte, “*poka pa*” não pode ser considerada como polonês padrão mas, provavelmente, uma influência do russo, uma variação dialetal ou até mesmo um raro exemplo de trasianka russo-polonesa. Traduzida na legenda como “tchau”, a frase lembra a despedida informal “*pa*” mesclada com sua equivalente russa “*poká*” (*нока*, IPA: [pɐ'ka]), frequentemente reduplicadas. Em outras palavras, mais um *-ka* e a frase estaria indubitavelmente em russo (*poká-poká*) e a reduplicação seria transmitida na legenda de chegada (“tchau, tchau”). Uma vez que isso não ocorre, apenas um “tchau” basta, mesmo se considerarmos como reduplicação uma possível alternância entre as duas línguas (“*poka*^(ru) *pa*^(pl)”), precedido de “Ok”, vocábulo igualmente originário de outro idioma (inglês), mas há muito domesticado, reproduzindo assim a naturalidade do plurilinguismo na fala.

Como mencionado anteriormente, a importância discursiva deste telefonema está na reação que ele causa em Miron, dando início a uma discussão que mudará o destino da personagem e o tom da trama:

97
00:08:49,644 --> 00:08:53,644
<belarusso> Дык у цябе маці полька, а бацька чыноўнік
[bel] Então sua mãe é polonesa e seu pai é burocrata

98
00:08:53,800 --> 00:08:55,800
Ну і?
E daí?

99
00:08:56,112 --> 00:08:58,112
Гэта крыху шызафрэнічна
Isso é meio esquizofrênico

Não se sabe ao certo em que momento Miron teve conhecimento da ocupação do pai de Vera, ao menos isso não é mostrado na edição do filme à qual tivemos acesso. O certo é que ouvi-la falar polonês com a mãe o deixa, de certa forma, perplexo. Essa perplexidade, simbolizada pelo par mãe polonesa x pai burocrata, por sua vez, pode causar estranhamento em um público alheio à realidade do país, visto que compara duas unidades de categorias aparentemente diferentes: uma – nacionalidade, etnia; outra – ocupação, profissão. O público

belarusso certamente há de entender por que a personagem julga a relação como “meio esquizofrênica” mas, para o público lusófono, essa relação não é óbvia. Na seção a seguir, proponho refletir sobre esta questão em maior profundidade.

7.1.3 Etnia e panoptismo

Como argumentei anteriormente, o regime de Lukašenka é inspirado no discurso soviético de criação de um novo homem. Este homem não é mais o comunista bielorrusso ou o “russo” da Região Noroeste (*Siévero-západnyi Krai*) do antigo império, mas carrega características de ambos, dentro de um país que não consegue deixar a ultrapassada sociedade disciplinar deleuziana porque seu líder, um subproduto dessas ideologias, mantém as estruturas da primeira (sovietização) e a subserviência à segunda (russificação).

Nesse contexto, entende-se por ideologia a noção descrita por Souza “como um sistema de representações, fortemente carregadas de afetos que se manifestam na subjetividade consciente como vivências, idéias ou imagens e no comportamento objetivo como atitudes, condutas e discursos” (1983, p. 74). Assim, o burocrata é um exemplo emblemático desse indivíduo, posto que a lealdade ao regime é uma condição *sine qua non* para sua sobrevivência. Na qualidade de engrenagem do sistema, ele pode ser encaixado em um certo padrão étnico, tal como a dicotomia expressada por Miron dispõe: russófono, seguidor da igreja ortodoxa russa e/ou do ateísmo soviético¹⁴⁶ e apoiador da política de Lukašenka, que inclui hostilidades contra o Ocidente, em especial à Polônia, e à crença católica da qual a mãe de Vera faz parte – daí a “esquizofrenia”.

É interessante notar que, dentro desse sistema, o ditador frequentemente se posiciona como um fiel de balança entre o Ocidente e o Oriente, mudando suas atitudes em relação a ambos, a depender dos interesses do momento. Outrossim, a relação de uma polonesa e um burocrata, que deu origem a uma filha bilíngue, jornalista da mídia independente em um regime autoritário que controla os principais meios de comunicação, mostra que é possível negociar a partir de locais da cultura radicalmente diferentes, segundo a terminologia de

¹⁴⁶ Lukašenka: “Eu mesmo vou duas vezes à igreja, eu a apoio. Mas, se eu me apresento em público, declaro-me ateuista” (FEDUTA, 2005, p. 387). Tradução minha, do russo, de: “Сам я два раза хожу в церковь, поддерживаю ее. Хотя если выступаю публично, признаюсь, что атеист”.

Bhabha, comportamento que Vera resume com o seguinte axioma: “buscam uma língua comum... não conversam sobre política”¹⁴⁷.

Essa postura, aliás, é muito semelhante à de Miron, que se comunica na língua em que é dirigido, jogando assim com sua subjetividade, enquanto critica o posicionamento de Żmicier, seu companheiro de banda, que incentivou o público a se manifestar durante o show na noite anterior. Seu maior receio é ser capturado pela KGB e proibido de cantar nos palcos, o que, por sua vez, Vera retruca como “esquizofrenia”, argumentando que ele inspira o público e não tem nada a perder. Na cena seguinte, de fato, Miron é sequestrado pela KGB, espancado e enviado ao exército, onde ele e outros recrutas recebem um tratamento desumano. Apesar de tudo, inspirado por aquela conversa, o jovem decide se posicionar cada vez mais decididamente contra o sistema.

As dinâmicas linguísticas refletidas nas relações de poder na sociedade retratada em *Viva Belarus!* resultam de séculos de uma tumultuada história, da qual faz parte o idioma polonês. Na narrativa, sua sutil presença é mais do que simbólica: ela muda o rumo dos acontecimentos e permite ao público vislumbrar, de maneira íntima, a construção da mentalidade belarussa ao longo das gerações. Se, por um lado, Vera tacitamente aceita a solução encontrada por sua mãe e seu pai para não entrarem em conflito e manterem o *status quo*, por outro, ela não deseja o mesmo para sua geração e encontra esperança na música revolucionária de Miron. Este, por sua vez, demonstra não ser tão “radical” quanto sua performance artística sugeria, porém sua crítica à família de Vera se prova, no fim das contas, uma crítica a si mesmo. Assim, a mensagem trazida pela história de Vera e Miron é, em última instância, uma mensagem à juventude: que os erros das gerações passadas não definam as novas gerações, que estas têm o poder de produzir a mudança que suas genitoras não puderam realizar.

7.2 LITUANO

O subgrupo báltico da família indo-europeia, do qual faz parte o lituano (*lietuvių kalba*, IPA: [lʲɛˈtʌvʲuː kəlˈbɐ]), tem íntima relação com as línguas eslavas. Algumas fontes chegam a

¹⁴⁷ VIVA BELARUS!, 2012, 00:08:58,800 ... 00:09:04,338.

considerar ambos subgrupos como um só, de línguas balto-eslavas. Embora essa hipótese não seja universalmente aceita entre linguistas, Sussex e Cubberley afirmam que “certamente há evidências fortes para relacionar [as línguas] eslavas em maior proximidade das bálticas do que de qualquer outra família de línguas indo-europeias”¹⁴⁸ (2006, p. 22).

Para além do plano linguístico, as atuais repúblicas de Belarus e Lituânia têm estreita relação histórica, que remonta pelo menos a meados do século XIII, quando surge o já mencionado Grão-Ducado da Lituânia. Sahanovič e Arloū contam que essa união nasceu de forma pacífica, por interesses mútuos entre os povos bálticos e eslavos, “pois, do Oriente ameaçavam os mongol-tártaros, enquanto do Ocidente começavam a pressionar os cavaleiros germânicos”¹⁴⁹ (2002, p. 48), ou seja, de união contra inimigos em comum.

Quanto aos idiomas e composição demográfica desse Estado, o linguista italiano Pietro Dini, doutor *honoris causa* pela Universidade de Vilnius, em sua monumental obra sobre os fundamentos das línguas bálticas (2014), explica que

o ruteno era o maior grupo étnico demográfico do principado. Com o tempo, justamente este fator quantitativo, relacionado com o alto nível de cultura exibido pelo domínio da língua escrita e pelo uso da língua rutena em todo o território do Grão-Ducado, levou à difusão no Grão-Ducado da variante falada do ruteno, de modo que entre lituanos o bilinguismo deve ter sido um fenômeno comum, com exceção, talvez, da Lituânia etnográfica. (...) no Grão-Ducado, esta língua era chamada de “russo” e, em Moscou, de “lituano”¹⁵⁰ (p. 381-382).

É interessante ainda notar, no mesmo livro, que na historiografia contemporânea existem divergências sobre a herdeira da língua rutena. Dini relata que desde o século XIX há estudos que comprovam que a língua rutena é, de fato, o belarusso antigo. Tal tese é adotada por linguistas em Belarus e pelo próprio estudioso de línguas bálticas, a exemplo desta passagem: “Claro, latim, ruteno (belarusso) e polonês eram meios linguísticos para a introdução do cristianismo na Lituânia (1386-1387) e um meio para a introdução de

¹⁴⁸ Tradução minha, do inglês, de: “There is certainly strong evidence to link Slavic more closely to Baltic than to any other Indo-European language family”.

¹⁴⁹ Tradução minha, do belarusso, de: “(...) бо з усходу пагражалі мангола-татары, а з захаду пачыналі ціснуць нямецкія рыцары”.

¹⁵⁰ Tradução minha, do inglês, de: “the Ruthenians were the largest demographic ethnic group in the principality. With time precisely this quantitative factor, related to the high level of culture exhibited by the mastery of the written language and by the use of the Ruthenians’ language throughout the territory of the Grand Duchy, led to the diffusion in the Grand Duchy of the spoken variant of Ruthenian, so that among the Lithuanians bilingualism must have been a common phenomenon, with the exception, perhaps, of ethnographic Lithuania. (...) in the Grand Duchy this language was called “Russian”, and in Moscow “Lithuanian”.

numerosos a) empréstimos, b) calques linguísticos de vários tipos” (p. 385)¹⁵¹. Entretanto, por motivos que veremos a seguir, linguistas lituanos “preferem a desajeitada designação ‘língua eslava da chancelaria do Grão-Ducado da Lituânia’”¹⁵² (p. 382).

Ainda de acordo com a lógica da defesa mútua, no século XVI, o Grão-Ducado se alia ao Reino da Polônia para formar a República das Duas Nações. É somente nessa época (1547), que surgem os primeiros textos escritos em lituano, em sua maioria, glosas (p. 398). A união político-militar sucumbe, em fins do século XVIII, ante as potências vizinhas (cf. 4.1), com os territórios belarussos e lituanos sendo anexados pelo então Império Russo. A primeira metade do século XX testemunha mudanças profundas na região e o surgimento da URSS, dentro da qual, por ordens de seu primeiro mandatário, Vladimir Lenin, os territórios recém anexados das duas nações foram amalgamados na chamada República Socialista Soviética da Lituânia e Belarus, ou, simplesmente, *LitBel* (BAHALIEJŠA, 2017, p. 42), ocupada, em grande parte, menos de seis meses depois, em 1919, pelo exército polonês. Embora efêmera, a existência dessa república mostra que mesmo o regime soviético reconhecia a proximidade histórica e cultural entre os dois povos, apesar dos esforços intensos de russificação que ambos sofreram, durante a era imperial.

O fim da URSS, em 1991, marcou o fim de mais de 700 anos de convivência quase ininterrupta entre Belarus e Lituânia dentro de um mesmo Estado. Assim, o processo de dessovietização e de construção da nacionalidade desses países invariavelmente passa por pontos em comum, por vezes em atrito entre si e suas antigas nêmesis.

7.2.1 Belarus e Lituânia: pontos de atrito e união

Em estudo sobre o irredentismo belarusso na Lituânia, o cientista político estadunidense Stephen Burant conta que, ainda antes da independência, já havia um movimento irredentista em meio à classe intelectual de Belarus. Desse movimento, faziam parte os já mencionados Zianon Paźniak e Vincuk Viačorka, os quais contavam com crescente influência política. Tão

¹⁵¹ Tradução minha, do inglês, de: “Of course, Latin, Ruthenian (Belarussian) [sic] and Polish were linguistic mediums for the introduction of Christianity into Lithuania (1386-1387) and a means for the introduction of numerous a) borrowings, b) linguistic calques of various types”.

¹⁵² Tradução minha, do inglês, de: “(...) prefer the clumsy designation “the Slavic language of the chancellory of the Lithuanian Grand Duchy””.

logo a RSS lituana declarou independência, em março de 1990, o conselho supremo belarusso anunciou suas intenções de reaver os territórios belarussos por ela ocupados (BURANT, 1997, p. 645), incluindo a capital, Vilnius. Snyder (2003, p. 42) conta que, segundo dados do censo imperial russo de 1897, “mais pessoas falavam belarusso na província de Vilnius do que todas as outras línguas juntas. Nas províncias de Vilnia, Minsk, Hrodna, Mahilioŭ e Viciebsk, territórios contíguos da histórica Lituânia, os falantes de belarusso representavam três quartos da população”¹⁵³.

Em 1992, o então ministro das relações exteriores de Belarus, Piotr Kraŭčenka, chegou a declarar pretensões territoriais sobre a região de Vilnius perante autoridades europeias. Todavia, é difícil dizer até que ponto as autoridades lituanas se surpreenderam com a assertiva, uma vez que elas esperavam tal posicionamento por parte da Polônia, que controlava a cidade até o início da Segunda Guerra Mundial (BURANT, 1997, p. 643).

À época do colapso soviético, estima-se que mais de 250 mil habitantes da região de Vilnius falavam belarusso, o que Kraŭčenka e grande parte da elite intelectual belarussa adotaram, dentre outros argumentos históricos, como justificativa para seu discurso irredentista. Contudo, essa população, por ser de maioria católica, se considera polonesa, o que prontificou a Polônia a estender seus interesses na região. Isto, contudo, não implicou em reivindicações territoriais, uma vez que o governo polonês estava mais empenhado em se integrar com o Ocidente, o que não contemplava disputas territoriais.

Além do credo, outro elemento que se destaca na construção dessa identidade polonesa da população belarussófona lituana está na propaganda soviética “de lembrar o povo lituano da ameaça dessa gente e da Polônia, que pode estar à espera, caso pugne por independência”¹⁵⁴ (p. 652). Com esse temor em mente, autoridades lituanas pós-soviéticas logo trataram de ressignificar essa população como, de fato, belarussa polonizada, certas de que Belarus não seria uma ameaça. Entretanto, a região de Vilnius faz fronteira com Belarus, não com a Polônia. Logo, essas mesmas autoridades não tardaram a se alarmar com o pleito de sua terceira maior vizinha, cujas ambições territoriais conformavam um projeto de monopolizar o

¹⁵³ Tradução minha, do inglês, de: “more people spoke Belarusian in Vilnius province than all other languages combined. In Vilnius, Minsk, Grodno, Mogilev, and Vitebsk provinces contiguous territories of historic Lituania, speakers of Belarusian were three-quarters of the population. In the twentieth century, this "ethnic group" did not become a modern nation”.

¹⁵⁴ Tradução minha, do inglês, de: “(...) to remind Lithuanians of the threat from these people and from Poland which might await them should they ever push for independence”.

patrimônio do Grão-Ducado. Entretanto, Burant aponta para algumas dificuldades estruturais, dentro desse plano (p. 654):

A base de tais afirmações é o suposto caráter belarusso do Grão-Ducado da Lituânia, Rutênia e Samogícia, mas é inerentemente difícil fazer esse argumento quando o nome desse Estado – geralmente dado como Grão-Ducado da Lituânia – é diferente do nome Belarus; e porque a capital do Grão-Ducado é agora a capital de outro Estado, a Lituânia, o que também remonta sua “história” ao Grão-Ducado. A fraqueza de tais afirmações deixa o campo aberto em Belarus para aqueles que ligam a história de Belarus à história da Rússia e identificam o povo de Belarus com o povo russo. (...) Aqueles belarussos que procuram vincular o destino de Belarus à Rússia têm pouco interesse em Vilnius, na região de Vilnius e na herança de Belarus no Grão-Ducado. A Rússia não tinha tais vínculos, portanto, relembrar esses vínculos apenas evoca diferenças históricas e nacionais entre Belarus e a Rússia.¹⁵⁵

Embora o pesquisador não o mencione diretamente, um daqueles “belarussos que procuram vincular o destino de Belarus à Rússia” estava consolidando seu poder naquela época: Aliaksandr Lukašenka. Tal como previu o autor, a afeição do ditador por Moscou pressupõe um desligamento de Vilnius e de tudo o que remeta ao Grão-Ducado e, conseqüentemente, suas ramificações ocidentais. Assim, não surpreende o retorno dos símbolos coloniais e de um acordo de integração com a velha e nova metrópole.

Alguém há de questionar: e se Lukašenka não tivesse chegado ao poder e o governo belarusso tivesse mantido e até mesmo intensificado suas ambições territoriais em relação à vizinha Lituânia, poderia ter ocorrido um conflito bélico, assim como se deflagrou em outras regiões disputadas por ex-repúblicas soviéticas, como entre Armênia e Azerbaijão ou Ucrânia e Rússia? Burant argumenta que, tanto dirigentes, quanto intelectuais de Belarus nunca manifestaram tais intenções: meses depois da declaração de Kraŭčenka, o então chefe de Estado belarusso, Stanislau Šuskievič, foi a Vilnius e garantiu que seu país não possuía reivindicações territoriais para além de suas fronteiras; no mesmo ano, 1992, durante a conferência de Hierviaty, historiadores de Belarus e da Lituânia, pela primeira vez, concordaram que ambos países são herdeiros legítimos do Grão-Ducado. Não é difícil

¹⁵⁵ Tradução minha, do inglês, de: “The basis of such assertions is the supposed Belarusian character of the Grand Duchy of Lithuania, Rus', and Samogitia, but it is inherently difficult to make that argument when the name of that state—usually given as the Grand Duchy of Lithuania—is different from the name Belarus; and because the capital of the Grand Duchy is now the capital of another state, Lithuania, too also traces its “history” to the Grand Duchy. The weakness of such assertions leaves open the field in Belarus to those who link Belarusian history to Russian history and identify the Belarusian people with the Russian people. (...) Those Belarusians who seek to bind Belarus's fate to Russia have little interest in Vilnius, the Vilnius region, and Belarus's heritage in the Grand Duchy. Russia had no such links, so recalling these ties only evokes Belarusian-Russian historical and national differences”.

imaginar que, caso Belarus tivesse seguido a mesma trajetória de suas vizinhas ocidentais, atualmente Vilnius e Minsk fariam parte da zona de Schengen e teriam semelhante grau de integração ao que hoje é celebrado entre Minsk e Moscou.

Mesmo se considerarmos que, aos olhos do governo lituano, a chegada de Lukašenka ao poder tenha representado o fim de possíveis animosidades irredentistas belarussas, isto não significa que a Lituânia o apoie, pelo contrário. Solidariedade e valores democráticos supostamente cultivados pela UE à parte, apoiar movimentos nacionalistas em Belarus é, literalmente, uma questão de sobrevivência para o povo lituano. Além de Belarus ser o país mais próximo da capital lituana, sob a égide de Lukašenka, este se tornou efetivamente uma extensão da Rússia que espreme a Lituânia em conjunto, pelo lado ocidental, com o exclave de Kaliningrado, colocando-a, assim, entre dois regimes autoritários e hostis.

O cenário se agrava, em 2009, quando Lukašenka anunciou o plano de construção da usina nuclear de Astraviec, na fronteira com a Lituânia, o que irremediavelmente traz à lembrança o desastre nuclear de Tchernóbyl. Envolta em sigilo e acidentes, a obra, conduzida pela empresa russa Rosatom, não está em conformidade com os padrões de segurança europeus e tampouco foi permitido à Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) inspecioná-la devidamente, o que levou o governo lituano a queixar-se às Nações Unidas, em 2011 (VILČINSKAS, 2018, p. 22).

Por outro lado, a militância belarussa organiza, desde 1989, o *Čarnobyłski Šliach* – marcha em memória das vítimas do desastre nuclear de Tchernóbyl e contrária à construção da usina de Astraviec (p. 21-22). Portanto, se por um lado a chegada de Lukašenka ao poder, em Belarus, significou um distanciamento político e cultural entre os dois países, por outro, fortaleceu as relações entre os movimentos nacionalistas belarussos e o Estado lituano. Exemplos disso são a Universidade Europeia de Humanidades (EHU), originária de Minsk, e a Casa Belarussa dos Direitos Humanos (*Bielaruski Dom Pravoŭ Čalavieka*), ambas sediadas em Vilnius, onde também se exilou a presidenta *de facto* eleita, Šviatlana Cichanoŭskaja, em 2020. Tais fatores tornam a Lituânia, ao lado da Polônia, um dos países que mais apoiam movimentos democráticos em Belarus.

7.2.2 Estratégias de tradução

Em *Viva Belarus!*, o lituano pode ser ouvido no desfecho do filme, em meio às narrações jornalísticas sobre os protestos, que remetem à reação da comunidade internacional aos acontecimentos. É importante destacar que essas narrações, embora semelhantes em conteúdo, têm comprimentos distintos (lituano se estende por quatro linhas, isto é, três a mais que francês e duas a menos que inglês e espanhol) e, na prática, funcionam como um texto só, introduzido pelo francês, continuado pelo espanhol e concluído em inglês. Em meio a essas falas, uma síntese é feita em lituano, da qual convém destacar dois momentos:

963
01:35:38,000 --> 01:35:40,717
*“Baltarusiai protestavo prieš suklastotus
prezidento rinkimus*

[lituano] *“Belarussos protestaram contra
fraudes nas eleições presidenciais*

A primeira palavra, “*Baltarusiai*”, plural de *baltarusis*, isto é, “belarusso”, aponta para um fator comum não apenas no lituano, como também em outros idiomas indo-europeus, a exemplo do português: o plural misto masculino. Conquanto neste trabalho, como exposto na introdução, opto pelo plural misto feminino, aqui, mantive a frase no masculino por questões pragmáticas. Ocorre que utilizar a forma “Belarussas”, na legenda, poderia dar a entender que se trata de um recorte feminino da população, não de sua totalidade, enquanto manobras inclusivas consumiriam mais espaço (ex.: “pessoas belarussas”), podendo ainda colocar em risco a noção de povo (e não apenas [certas] pessoas) embutida na frase. É interessante notar que, como veremos na seção seguinte, com o texto em inglês, o cenário será outro.

Para além do gênero morfológico, há ainda uma questão de escolha política do termo “*baltarusiai*” e não a forma tradicional “*gudai*”, para designar belarussos em lituano. Como explica Vincuk Viačorka (2017, p. 81):

A Comissão Estatal da Língua Lituana (Resolução n. 48, de 26 de janeiro de 1995, "Dos nomes de Estados") decidiu chamar oficialmente nosso Estado de *Baltarusijos*

Respublika, mas na qualidade de nomes curtos tradicionais, usar *Gudija* ou *Baltarusija* – necessariamente nessa ordem.¹⁵⁶

Assim, em adequação com o contexto político retratado e com a linguagem jornalística condizente, o termo utilizado se refere ao nome oficial do país, isto é, seus cidadãos (*citoyens*, como na linha francófona). Essa linguagem, contudo, parece modular, para diferenciar manifestantes e políticos, como sugere a dicotomia presente nas linhas 964 e 966:

964
01:35:40,742 --> 01:35:43,098
<lituano> *Daugiau nei tūkstantis žmonių
su sulaužtomis rankomis*

*Mais de mil pessoas
com lesões nos braços*

(...)

966
01:35:46,743 --> 01:35:49,779
*53 asmenys buvo apkaltinti
pasikėsiniu į...*

*53 personalidades foram
acusadas de planejar...*

Tanto *žmonių* (nom. sg.: *žmogus*) quanto *asmenys* (nom. sg.: *asmuo*) podem ser traduzidos como “pessoas” (LYBERIS, 2001, p. 947 e p. 68, resp.), registrando-se uma tendência ao uso do segundo em contextos mais formais (ex.: *juridinis asmuo*, “pessoa jurídica”). Assim, na fala da locutora, enquanto o primeiro termo é usado para se referir ao público em geral, nas manifestações, o seguinte se aplica aos candidatos e assessores detidos sob acusações de arquitetar um golpe de Estado (esta informação, ausente em lituano, consta no texto em espanhol que o precede e é confirmada na voz anglófona que o segue). Deste modo, mantive a distinção no texto de chegada, traduzindo “*asmenys*” como “personalidades”, isto é, “Pessoa de destaque social, cultural, profissional, político etc.” (AULETE, 2004, p. 613).

¹⁵⁶ Tradução minha, do belarusso, de: “Дзяржаўная камісія літоўскай мовы (пастанова № 48 ад 26.01.1995 г. „Пра назвы дзяржаваў“) вырашыла афіцыйна называць нашу дзяржаву Baltarusijos Respublika, але ў якасьці кароткіх традыцыйных назваў краіны ўжываць Gùdija ці Baltarusija — менавіта ў такім парадку”.

Ainda sobre a tradução da linha 964, é interessante apontar para a modulação do significado de “*rankomis*”. Trata-se da forma plural declinada, no caso instrumental, do substantivo “*ranka*”, cognato do belarusso “*ruka*” e do polonês *ręka* (IPA: [ˈrɛŋ.ka]), donde, possivelmente, as formas de chegada “*manos*” e “*limbs*”, em espanhol e inglês (linhas 958 e 968), respectivamente. Uma vez que o termo se refere tanto a mãos (*manos*) quanto, por extensão, a membros superiores (*limbs*), optei por traduzir como “braços”, em harmonia com texto e acepção, indicando a parte do corpo afetada, sem tornar a leitura repetitiva. Em outras palavras, considerando que a narração jornalística plurilíngue se trata de um só texto, a menção a lesões nos membros superiores resultantes da brutalidade policial contra manifestantes pacíficas é repetida três vezes, cada uma complementando a outra de maneira distinta: *manos* = mãos; *rankomis* = braços; e *limbs* = membros, sendo que esta última dá vazão ainda aos membros inferiores.

Maiores detalhes sobre a tradução das linhas em espanhol, inglês e francês, bem como os papéis desempenhados por estes idiomas na narrativa, serão discutidos a seguir.

7.3 IDIOMAS OCIDENTAIS

Se considerarmos que, na cidade belarussa de Polack, existe um monumento que marca o centro geográfico da Europa (55°48'47"N, 28°77'60"E), é possível dizer que todos os idiomas presentes em *Viva Belarus!* vistos até aqui são, também, ocidentais, posto que detêm status oficial ao menos em algum território localizados a oeste dali. Não obstante, segundo o raciocínio do escritor tcheco Milan Kundera (1984), os países da Europa central, situados geograficamente no centro da Europa, estão culturalmente no Ocidente, mas politicamente no Oriente. Mesmo com a expansão da União Europeia, englobando alguns países que antes faziam parte do bloco socialista e mesmo da antiga URSS, como as repúblicas do báltico, agora politicamente alinhadas com o Ocidente, a região continua geograficamente central, à margem do oeste hegemônico, onde se originam os idiomas tratados neste subcapítulo, apresentados na **Tabela 8**.

Tabela 8 – Perfis dos idiomas ocidentais presentes no filme.

Endônimo - IPA	Tradução	Número de falantes	Oficial em (aprox.)
<i>English language</i> /ˈɪŋɡlɪʃ ˈlæŋɡwɪdʒ/	Língua inglesa	L1: 369.704.070 L2: 898.396.120 Total: 1.268.100.190	67 países
<i>Langue française</i> /lɑ̃ɡ fʁɑ̃ˈsɛːz/	Língua francesa	L1: 77.267.420 L2: 199.303.420 Total: 276.570.840	29 países
<i>Lengua española</i> /ˈlengwa espaˈɲola/	Língua espanhola	L1: 463.025.390 L2: 74.879.850 Total: 537.905.240	20 países

Fonte: EBERHARD, SIMONS, FENNIG, 2019.

Essas três línguas – inglês, francês e espanhol – sucedem e se sobrepõem uma à outra no *voice-over* que narra a maneira como os protestos em Belarus são noticiados pela mídia ocidental, formando um único texto de partida. Esse texto aponta para um consenso: a comunidade internacional, potencialmente mais de dois bilhões de pessoas espalhadas em mais de cem países, condena a ditadura de Lukašenka e as repressões contra manifestantes pacíficas. Mais do que isso, a presença desse texto endossa essas manifestantes e o próprio filme enquanto ferramenta de denúncia. Vejamos alguns exemplos dessa narração, a seguir, juntamente com as estratégias tradutórias empregadas.

7.3.1 Francês

A narração começa em francês, acompanhando as imagens de repressões brutais durante as manifestações contra as fraudes nas eleições, em Minsk. Basicamente, a notícia é a mesma em todos os idiomas (01:35:11,800 ... 01:36:31,800):

Nas ruas de Minsk, belarussos protestaram contra a fraude eleitoral cometida pelo regime de Lukašenka. Mais de mil pessoas com lesões nas mãos e na cabeça foram transportadas aos hospitais da cidade e aos quartéis da KGB. Cinquenta e três pessoas foram acusadas de planejar um golpe de Estado, dentre elas, oito candidatos à presidência. Eles têm pela frente longas sentenças em colônias penais.

O *voice-over* francófono serve de contextualização e dá o tom da narração jornalística que tem início. A primeira linha, única isoladamente audível, descreve brevemente os acontecimentos e é profundamente relacionada com as imagens exibidas. Sua natureza descritiva é mantida no texto de chegada:

956
01:35:11,800 --> 01:35:14,800
*“Sous les rues de Minsk, les citoyens ont protesté
contre la falsification des élections présidentielles...”*

[fra] *“Nas ruas de Minsk, os cidadãos protestaram contra
a falsificação das eleições presidenciais...”*

No exemplo acima, nota-se que a frase está no passado, ainda que descreva os acontecimentos em exibição naquele instante. Esse deslocamento temporal revela à audiência que a narração se remete a notícias posteriores, transmitidas, provavelmente, nas manchetes do dia seguinte, nos jornais ocidentais. Assim, o texto de chegada mantém esse tempo verbal, com o mesmo intuito. Quanto à conjugação, é interessante notar que, embora o francês conte com um tempo semelhante ao pretérito perfeito lusófono, utiliza-se mais frequentemente o passado composto (*passé composé*), sobretudo por se tratar de uma situação recente (LEDGEWAY, MAIDEN, 2016, p. 305). Em outras palavras, “protestaram” está, morfológicamente, mais próximo da forma simples (*passé simple*) “*protestèrent*”, e mais distante da forma composta, por sua vez, mais semelhante a “hão/têm protestado”. Nota-se, contudo, que essa conjugação lusófona poderia causar certo estranhamento, tanto pela raridade da conjugação do verbo “haver”, em português (enquanto “*avoir*”, seu cognato francófono, é extremamente comum), quanto pela continuidade sugerida pelo verbo “ter”. A forma “têm protestado” sugere uma rotina (p. 945) que, apesar de ser verdadeira, se levarmos em consideração o histórico de protestos dessa natureza em Belarus, não vem ao caso, neste contexto específico.

A linha continua: “... *par Loukachenko.*”, mas esta parte não foi transposta à linha de chegada, devido à interrupção pelo *voice-over* hispânico, que se sobrepõe à narração francófona, tornando-a efetivamente inaudível. Para realizar a transcrição do resto da fala, foi necessário utilizar o aplicativo *Moises*, v. 1.6.4, para isolar as faixas de voz. A continuação, que segue até aproximadamente 01:35:36, coincide com a notícia em espanhol em termos de

conteúdo, mas não de sincronicidade (não é possível marcar, na legenda de chegada, que o conteúdo está sendo simultaneamente traduzido das duas línguas). Entretanto, apesar de não chegar a ser legendado, esse trecho traz dois pontos interessantes para a discussão, por seu contraste com os demais relatos:

Mais de mil pessoas aí mutiladas por milicianos foram transportadas aos hospitais. Algumas pessoas também foram presas pelo KGB, o serviço de inteligência russo. Sete pessoas também foram indiciadas por um suposto golpe de Estado, entre elas, candidatos que devem se apresentar para as próximas eleições.¹⁵⁷

O primeiro ponto que chama a atenção, na transcrição acima, é a descrição da KGB como “serviço de inteligência russo”, o que pode ser entendido como uma espécie de ato-falho. Desde o fim da URSS, Belarus é o único país do mundo cuja polícia secreta ainda se chama KGB, do russo *Комитет Государственной Безопасности* (*Komitét Gosudárstvennoi Bezopásnosti*, ou Comitê de Segurança Estatal). Destarte, mesmo as subsequentes narrações em espanhol e em inglês cometem tautologia quando se referem à polícia secreta belarussa como *KGB bielarrusa* ((sic) 01:35:28,356) e *Belarusian KGB* (01:35:55,818), respectivamente. Com efeito, mesmo a surrada metonímia de “russo” como sinônimo de “soviético” não se aplica, uma vez que o serviço secreto soviético foi fundado por um belarusso, Feliks Dzierżyński, cuja monumental estátua ocupou durante décadas a praça que levava seu nome, em frente à sede da KGB soviética, em Moscou (ENDRIU; GORDIEVSKII, 1992, p. 44).

No entanto, o estigma de opressão russófona presente na sigla KGB é inegável, a tal ponto que, mesmo quando Miron se refere ao comitê como KDB¹⁵⁸ (do belarusso *Kamitet Dzieržaŭnaj Biaspieki*), a linha de chegada ainda preserva a famigerada forma em russo. Assim, pontua-se o anacronismo da existência dessa organização no país mediante sua (má) fama no mundo, como símbolo da opressão do regime. Isto se torna ainda mais evidente diante do fato de que as tropas de choque responsáveis pelas sangrentas repressões estejam identificadas, no filme, simplesmente como “МІЛІЦЫЯ” (*milicyja*, cognato de “milícia”,

¹⁵⁷ Tradução minha, do francês, de: “Plus de mille personnes y mutilées par les miliciens ont été transportées dans les hôpitaux. Certaines personnes ont été également arrêtées par le KGB, le service de renseignement russe. Sept personnes ont été également inculpées pour un présumé coup d'État, parmi eux, des candidats qui vont se présenter pour les prochaines élections”.

¹⁵⁸ VIVA BELARUS!, 2012, 00:09:57,691 --> 00:09:58,995.

nome oficial da polícia belarussa), diferentemente dos agentes da KGB presentes no filme, sem identificação visível. Como meio de denúncia, o “ato-falho” cometido pelo narrador francófono aponta, pois, para esse simbolismo, estabelecendo uma relação ideológica entre a ditadura de Lukašenka e Moscou.

O segundo ponto contrastante no *voice-over* francófono se revela na última frase, em que, ao invés de serem enviados a colônias penais, como nas outras notícias, os candidatos “devem se apresentar para as próximas eleições”. Tal menção, possivelmente outro ato-falho, aponta para outra realidade comum às eleições presidenciais belarussas: se o regime de Lukašenka prende ao menos um terço dos candidatos rivais (ZAHORSKI, 2020, p. 2), cabe aos demais, que não se intimidaram, tentar novamente, a exemplo de Siarhieĭ Hajdukievič, candidato a presidente em 2001, 2006 e 2010, e Viktor Ciareščanka, presidenciável em 2010 e 2015 (KARALIEVIČ, 2015).

Como observado anteriormente, a voz francófona é sobreposta pela narração hispânica. Esta, por sua vez, se estende por mais linhas e traz maiores informações sobre o evento. Vejamos alguns exemplos desse texto, bem como as estratégias de tradução nele empregadas, a seguir.

7.3.2 Espanhol

Da 957 a 962, as linhas traduzidas do espanhol fornecem um relato consideravelmente mais detalhado sobre a dramatização. Se na primeira linha a menção ao regime é praticamente inaudível, aqui ela é exposta claramente:

957
01:35:14,825 --> 01:35:19,589
*“En las calles de Minsk, los bielorrusos protestaron
en contra del fraude electoral cometido por*

[espanhol] *“Nas ruas de Minsk, os belarussos
protestaram contra a fraude eleitoral cometida pelo*

958
01:35:19,614 --> 01:35:25,469
*el régimen de Lukashenko. Más de mil personas
con lesiones en las manos y en las cabezas*

*regime de Lukashenko. Mais de mil pessoas
com lesões nas mãos e na cabeça*

Considerando os equívocos da versão francesa, é possível teorizar que este seja um provável motivo da superposição desta notícia em relação à anterior, principalmente se considerarmos que é esta a fala a ser traduzida, por sua audibilidade.

Nota-se, ainda, o uso do etnônimo errôneo “*bielorrusos*”, traduzido para português de maneira condizente ao nome do país, “*belarussos*”, o que pode ser configurado como uma melhoria (BARBOSA, 1990, p. 70). Assim como em português, ainda é relativamente comum encontrar o gentílico referente à antiga república soviética empregado erroneamente para o atual país. Nota-se, contudo, a presença de representações diplomáticas belarussas em países de língua espanhola, como na Argentina, onde existe até mesmo uma rua batizada em homenagem ao país, *Calle Republica de Belarús*, em Berisso, província de Buenos Aires (MFA, 2021), e na Espanha, notando-se o uso crescente do gentílico correto, *belaruso*.

Outra escolha tradutória relevante no trecho em destaque traz um exemplo de modulação: o substantivo pluralizado “*cabezas*”, na frase “*Más de mil personas con lesiones en las manos y en las cabezas*” é traduzido como “*cabeça*”, no singular. Ocorre que, por mais que se trate de um grupo de pessoas, o “modo como as línguas interpretam a experiência do real” (BARBOSA, 1990, p. 67) é diferente; isto é, da perspectiva lusófona, a experiência é individual, ainda que sofrida coletivamente. Com efeito, seria possível argumentar o mesmo em espanhol. Em belarusso, por outro lado, tal construção se dá por via de regra: *bolš za tysiaču čalaviek z paranienyimi rukami i halovami*, onde “*halovami*” é a flexão plural do caso instrumental que se refere à parte do corpo em questão.

Considerando a ocorrência de redução de /o/ para /a/ (VIVA BELARUS!, 2012, 01:35:28,356 --> 01:35:31,000) na fala da narradora, fenômeno típico da língua belarussa, descrito como *akan'e* por Sussex e Cubberley (2006, p. 53), além de outra construção relativamente estranha à língua espanhola, “*golpe del Estado*” (01:35:31,025 --> 01:35:35,209), quando deveria ser “*de*”, existe considerável probabilidade de que a narradora seja, de fato, belarussa, o que explicaria a influência do belarusso no texto, e conferiria ao

belarusso um papel mediador na tradução entre línguas ibero-românicas (LEDGEWAY; MAIDEN, p. 64), neste contexto.

Assim como a narração em espanhol interrompe o *voice-over* francófono, esta, por sua vez, é interrompida pela notícia em lituano, ainda que seja sugerida uma continuação: “*los acusados...*” (01:35:37,975), cujo resto desvanece (*fade-out*). Não obstante, o conteúdo desse trecho é revelado instantes depois, no *voice-over* anglófono.

7.3.3 Inglês

Idioma de maior alcance dentre todos no filme, o inglês é escolhido para encerrar as narrações e consolidar as notícias da mídia ocidental sobre os acontecimentos em Belarus. Como mencionado anteriormente, o texto de chegada manteve o emprego do plural masculino misto, isto é, para representar os gêneros gramaticais masculino e feminino, nas línguas em que há essa distinção, a exemplo de *les citoyens* (os cidadãos) e *bielorrusos* (belarussos). Entretanto, o vocabulário da língua inglesa não carrega marca de gênero (salvo em empréstimos), de modo que o adjetivo *Belarusian* pode se referir tanto a um quanto ao outro. Tendo essa particularidade em mente, diante das limitações de espaço, a primeira linha do *voice-over* anglófono foi traduzida como:

967
01:35:49,804 --> 01:35:52,786
“*Belarusians were protesting against
rigged presidential elections*”

[ing] “*Povo belarusso em protesto
contra eleições presidenciais fraudadas*”

Considerando a natureza de denúncia da obra e a magnitude dos protestos, marcados pela presença de cartazes com os dizeres “*МІЛІЦЫЯ З НАРОДАМ*” (*milicyja z narodam*, “a milícia (polícia) está com o povo”), julguei adequada a tradução inclusiva “povo belarusso”, compensando com o encurtamento da frase, condizente com o tom de notícia. Isto é, evitou-se a extensiva forma “estavam protestando” (tradução palavra-por-palavra de “*were protesting*”),

que sugere outra oração que a interrompa (o que não ocorre), em prol de uma mensagem mais objetiva, com teor de manchete.

A narrativa continua, trazendo o mesmo conteúdo escutado em outros idiomas, com alguns detalhes que tornam a tradução menos monótona e oferecem interpretações complementares, a exemplo de “*limbs*” (cf. 7.2.2):

968
01:35:52,811 --> 01:35:55,793
<inglês> *More than 1000 people with broken limbs
and injuries in their heads*

*Mais de mil pessoas com membros
quebrados e ferimentos na cabeça*

969
01:35:55,818 --> 01:35:59,107
*were sent to hospitals and/or arrested
by the Belarusian KGB*

*foram mandadas para hospitais e/ou
detidas pela KGB*

É possível argumentar que o relato anglófono é ainda mais chocante que os anteriores, sobretudo comparado ao francófono, que menciona apenas “algumas” pessoas sendo levadas pela KGB, enquanto aqui, não se sabe ao certo quantas foram levadas aos hospitais e quantas foram detidas, além de uma hipótese não excluir a outra. Ainda, ocorre menção a “membros quebrados”, mais impactante do que “lesões [nas mãos]”, como dá a entender a versão em espanhol. O trecho em destaque traz também exemplo de omissão do gentílico que acompanha a sigla da polícia secreta belarussa, por motivos já expostos na seção 7.3.1.

Quanto à conclusão, observa-se outro exemplo de modulação na última linha, que se refere ao destino dos candidatos detidos, além de uma intervenção estilística:

972
01:36:04,647 --> 01:36:08,181
<inglês> *They're all facing long sentences
in penal colonies”*

*Eles todos têm pela frente longas
sentenças nas colônias penais”*

A referida modulação consiste na tradução de “*facing*”, forma progressiva do verbo (*to face*, semelhante a “encarar”, com o emprego da locução “têm pela frente”, de lógica semelhante porém sem o imediatismo do gerúndio. A intervenção estilística se dá pela inserção do artigo em combinação com a preposição de lugar, “na”, como tradução da preposição inglesa *in*, semelhante e logicamente traduzível, neste contexto, como “em”, de acordo com a ausência de artigo no texto de partida. Tal intervenção, na prática, irrisória, visa sutilmente remeter à obra *Na Colônia Penal*, de Franz Kafka (2020), por sua semelhança com a situação política em Belarus.

7.3.4 OUTRAS POSSIBILIDADES

Por estar localizada no centro da Europa, Belarus historicamente representa uma espécie de porta de entrada, seja para o mundo ocidental, do ponto de vista do Oriente, seja para o mundo oriental, da perspectiva do Ocidente. Assim, os idiomas presentes na narrativa de *Viva Belarus!* sinalizam os vários discursos identitários, linguísticos e políticos que perpassam o país. Do mesmo modo como as vozes jornalísticas se revezam, formando um texto unificado – não separado – pelos idiomas, múltiplas histórias neles se desenvolvem, o que nos é lembrado cada vez que um deles se manifesta. Em outras palavras: o trecho em polonês remonta à vivência de uma personagem que enxerga o mundo ao redor (inclusive) nesse idioma, dentre outros, enquanto essa história está sendo igualmente sentida e narrada em lituano, francês, espanhol e inglês, como sugerem as vozes no final da obra. Por mais efêmeras que sejam suas manifestações, o filme como um todo está imbuído de suas presenças, bem como a sociedade que ele retrata.

Convém observar, quanto à frequência das aparições desses idiomas aqui amalgamados como “outros”, para efeito de praticidade, que, dentro deste estudo, a quantidade de linhas que cada um deles ocupa tem mais relevância para as discussões tradutórias do que para a legendagem. Uma vez que, para a última, uma linha basta para que seja registrado o idioma de partida, a solução encontrada para apontá-lo na trama serviria, praticamente, para incontáveis outras.

Em termos de discussões tradutórias, neste capítulo, buscou-se fazer um breve apanhado das relações políticas, sociais, étnicas e culturais entre Belarus e algumas de suas nações vizinhas, a partir da pluralidade linguística presente no texto de partida, com o intuito de melhor compreender o filme. Nota-se, contudo, que a diversidade linguística de Belarus vai muito além, englobando línguas não evidenciadas na obra, porém igualmente importantes para se compreender a sociedade belarussa, a exemplo de romani, ucraniano, ídiche e tártaro, cada uma das quais preservando imensurável potencial narrativo.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese de doutorado teve como objetivo principal refletir sobre o processo de tradução das múltiplas línguas de partida presentes no filme *Viva Belarus!* (2012). Para tanto, foi feita uma breve descrição da obra e do texto de partida para sua tradução intersemiótica, analisada em detalhes na dissertação de mestrado que antecede o presente trabalho (COSTA, 2020). A partir daí, para facilitar a compreensão das considerações finais e dos resultados (quando) alcançados, podemos dividir o trabalho em três eixos gerais: filosófico, técnico e tradutório, ainda que todos estejam constantemente em interação.

A discussão filosófica, partindo da perspectiva dos Estudos Culturais Pós-coloniais, concentra-se, primariamente, no segundo capítulo, que debate questões relacionadas à cronologia, colonialidade e identidade na tradução. Nesse contexto, é importante destacar o protagonismo belarusso em vias de contar e refletir sobre sua própria história, considerando que, como sintetiza Neusa Souza (1983, p. 17): “Uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo”. Assim, enquanto a historiografia russófona busca apagar a identidade belarussa como nação autônoma, negando sua existência até meros cem anos atrás e dela tentando se apropriar, no bojo da sovietação, para remodelá-la como extensão da Rússia desde então, historiadores e pensadores como Akudovič, Arloŭ e Sahanovič apontam para um passado milenar autônomo, repleto de alianças com nações vizinhas para contrapor ameaças vindas tanto do Ocidente quanto do Oriente. Ainda que pareça uma mera contextualização histórica, esse debate se relaciona com o filme ao mostrar que o discurso nacionalista belarusso visa desconstruir a versão russófona que tanto o oprime e silencia, influenciando até mesmo o que se pensa e se sabe sobre Belarus em países distantes, como o Brasil. O povo belarusso, como qualquer indivíduo ou grupo demográfico subalternizado, quer apenas ter voz própria e poder contar sua própria história, tal como deveria *de jure*, mas não pode *de facto*.

Com efeito, um elemento recorrente na narrativa e nas reflexões realizadas a partir dela é esse devir belarusso de se tornar na prática aquilo que se é em tese. Longe de ser uma problemática exclusiva de Belarus, a minha teoria, elaborada a partir da argumentação de Bernardino-Costa e Grosfoguel, é de que cada país vivencia o pós-colonial em ao menos um de três níveis, variando do mais intenso ao mais brando, em termos gerais. Nesse sentido, o

argumento é desenvolvido com base em Anderson, para aproximar as noções de colonialismo e imperialismo, frequentemente diferenciadas apenas por questões fundamentalmente geográficas. Nesse paradigma, Belarus, cuja existência frequentemente parece estar ameaçada enquanto país independente nas mãos de um autocrata devoto de uma ideologia falida e centrada na metrópole que até poucas décadas atrás a governava, se encaixa no primeiro nível. Países como o Brasil, que obteve independência nominal há séculos, mas que, na prática, continua sendo colônia (de Brasília ou de Washington, isto já é um assunto para outro debate), se encaixam no segundo nível, enquanto países que, a grosso modo, já não comemoram data de independência, se enquadrariam na terceira categoria. Tal paradigma, sem maiores pretensões para fora deste estudo, exerce dupla função: primeiro, mostrar que o Brasil está muito mais próximo de Belarus do que por vezes podemos pensar, refletindo assim sobre a nossa pretensa soberania; e segundo, contextualizar a discussão sobre a construção da identidade belarussa no tocante à tradução, investigada mais a fundo, principalmente, a partir da argumentação de Hall.

A discussão em torno da identidade é um assunto inesgotável, como aponta Hall, consequência de seu caráter impossível e ao mesmo tempo necessário, feições tão familiares à tradução. Para além das modalidades tradutórias estabelecidas por Jakobson, porém ainda dentro da tradução intersemiótica ancorada no filme, argumentei que os discursos narrativos presentes na trama – o nacionalista e o russificado – são traduções de leituras do passado, isto é, a condição, segundo a teoria descrita por Lao-Montes, a partir da qual se busca modelar o presente (processo) e, assim, definir o futuro (projeto).

Nesse contexto, o diálogo entre Viveiros de Castro, sobre a resistência tupinambá em forma de murta, e a discussão sobre o papel de intelectuais, na visão de Foucault e Deleuze, ajudam a compreender Miron dentro dessa complexa teia narrativa. Símbolo da luta pela liberdade, o protagonista resiste como murta, especialmente na primeira metade do filme, para então progredir a uma resistência mais aguerrida, visando deixar, de uma vez por todas, o confinamento da sociedade disciplinar deleuziana, com repercussões a serem comentadas mais adiante. Ainda seguindo o paradigma de Deleuze e a alegoria de Miron como símbolo da luta nacionalista belarussa, pontua-se que a transição das sociedades disciplinares leva a um rumo incerto, de crise dos meios de produção capitalista, cenário próprio das sociedades de controle, segundo Deleuze.

Por mais pessimista que tal cenário possa parecer, uma liberdade idílica, para não dizer utópica, de eleições transparentes e democráticas, em uma Belarus predominantemente belarussófona, dificilmente ocorrerá logo após a derrocada de Lukašenka. Assim, é possível interpretar a incerteza apontada por Deleuze como um devir de liberdade que, ao contrário da economia planejada nos moldes da sociedade disciplinar soviética, gera inúmeras possibilidades a serem tomadas por um povo protagonista de sua história. Nesse sentido, é fundamental ter em mente a negociação cultural, seguindo o raciocínio de Bhabha, isto é, a articulação de argumentos contraditórios e visões antagônicas dentro de uma temporalidade discursiva, de modo a evitar polarizações negativas que culminem em regimes autoritários, como o que acontece no país.

Esse devir, sob uma perspectiva platônica, pode ser ainda representado da seguinte forma: o *ethnos* belarusso, em tese, modelo da construção nacional do país, está, *de facto*, na posição de simulacro. O devir de liberdade belarusso então é reverter esse simulacro platônico e ocupar seu lugar de direito. Em outras palavras, a maioria numérica, etnicamente autodeclarada como belarussa, anseia se tornar também a maioria hegemônica. Nesse âmbito, é importante observar que essa problemática é enfrentada duplamente pelas mulheres belarussas, posto que são a maioria demográfica, mas são afastadas das posições de comando por um sistema patriarcal que tem paralelo com a opressão colonial em outros lugares, como na Nigéria, segundo explica Oyěwùmí. Uma breve pesquisa mostrará grande protagonismo feminino nas lutas pela independência de Belarus, desde os tempos medievais até a ascensão de Cichanoŭskaja.

O eixo técnico se concentra no capítulo 3, que tratou das teorias de tradução e legendagem. Este teve como fase inicial a identificação do corpus, entre elementos textuais orais e escritos, além do mapeamento dos idiomas que o integram, com o levantamento de dados estatísticos, visando ilustrar a complexa relação das personagens e seus perfis identitários. Em seguida, foi descrito o processo de elaboração, por meio de escuta em colaboração com outras cinco pessoas, de uma legenda de partida nos oito idiomas da obra, e uma legenda de chegada, em português, utilizando o formato SRT. O processo de tradução interlingual teve como base os procedimentos descritos por Heloísa Barbosa, em diálogo com a noção de estratégias tradutórias de Molina e Albir, referências que contribuíram na resolução dos desafios descritos nos capítulos seguintes.

Nesse âmbito, uma problemática central da tese consistiu na forma do evidenciamento das línguas de partida na legenda de chegada, fator decisivo para maior compreensão da narrativa, uma vez que os idiomas falados pelas personagens têm íntima relação com os papéis que estas desempenham. Para tanto, foi realizada uma reflexão teórica sobre legendagem no Brasil e alhures. No contexto nacional, dividido em duas etapas, foi feito um apanhado, seguido de leitura comparativa, das normas empregadas pelos ministérios da Cultura e da Educação. No contexto internacional, ocuparam lugar central as recomendações de Karamitroglou e as diretrizes da BBC, referências consagradas na área, além de exemplos práticos do cinema norte-americano e asiático. Após estas etapas, foi elaborado um padrão que busca sinalizar os idiomas de partida ao público ouvinte, da maneira menos invasiva possível, fazendo amplo uso de abreviações do tipo ISO 639-3, alternativa até então inédita na legendagem. Nota-se, contudo, que teorias de recepção ainda não puderam ser empregadas na prática, uma vez que este não é o escopo do trabalho, restando testar a reação do público em outro momento, para aferir a aplicabilidade do padrão desenvolvido.

Apesar de ocupar papel central no estudo, pode-se dizer que a legendagem de *Viva Belarus!* não representa a meta final do trabalho, mas sim um meio de realizar uma extensa e, ainda assim, irremediavelmente fugaz reflexão sobre o país, sua conturbada história e as intrincadas relações de poder presentes na (meta)narrativa, a partir da prática de tradução dos idiomas presentes na obra. Isso nos leva ao terceiro e último eixo, formado pelos capítulos 4-7, que trataram dos desafios mais relevantes ao longo da elaboração da legenda de chegada.

O capítulo 4 foi dedicado ao texto em belarusso, que corresponde a mais da metade de todo o corpus. Foi realizada, com base na pesquisa de Sussex e Cubberley, uma breve contextualização histórica da evolução da língua, desde o século XIII até a elaboração dos padrões literários, conhecidos como *taraškievica* (clássico) e *narkamaŭka* (oficial). Embora se tratem, ao menos teoricamente, de regras ortográficas, meu argumento é de que esses padrões, de fato, representam registros da língua que caracterizam politicamente sua usuária, o que traz consequências para a tradução.

Dois outros contextos relevantes para refletir sobre os desafios da tradução de belarusso na trama consistem na trilha sonora, com foco no rock, e no exército, com foco na narração do protagonista, enquanto este escreve o blog que serve de inspiração ao próprio filme. O minicorpus da tradução de letras de rock, composto de três canções assinadas e interpretadas

pelo célebre artista belarusso Lavon Volski, é analisado com foco no discurso identitário nacionalista, também chamado por Bekus de “alternativo”. Buscou-se compreender um pouco mais sobre o contexto em que essas canções surgiram e investigar seus significados, com aporte de Chúbín e Kartunova, além dos já citados Fanon e Foucault. Pôde-se identificar que as canções têm a esperança como elemento em comum, sendo esta a mensagem final do longa-metragem, que termina ao som de Volski. No exército, um dos principais desafios tradutórios consistiu na explanação, em espaço reduzido, dos jargões e expressões do exército, carregadas de influência russófona, o que exigiu extensa pesquisa lexical e literária, alcançando até mesmo a experiência socialista de influência soviética presente no português angolano.

Entendendo a língua belarussa como protagonista, encarnada na figura de Miron, a tradução buscou transmitir esse protagonismo na luta contra o sistema que teima em silenciá-la. De fato, a evidenciação das línguas de partida na legenda teve como motivação inicial marcar essa importância central do belarusso, que, caso contrário, poderia facilmente ser ocultada por uma língua de maior reconhecimento, debilitando assim o elemento de denúncia do filme.

A tradução de russo na obra foi objeto do capítulo 5, onde tracei um perfil geral da língua, com relação ao número de falantes, países onde detém status oficial e um breve histórico. Um dos desafios principais, nesse capítulo, consistiu na tradução dos textos escritos em russo que surgem na tela, em comunicações internas ou sinais de trânsito, com sérias restrições espaciais e temporais na legenda. Assim, priorizei uma linguagem simplificada e que desse conta da mensagem principal, em detrimento de elementos menos relevantes, a exemplo do que é ilustrado na seção 5.1. Outros elementos de difícil tradução, como expressões idiomáticas e provérbios, foram também debatidos nesse capítulo, com a inclinação a evitar, quando possível, soluções etnocêntricas do idioma de chegada, com base no argumento de Bandía.

Dentro da língua russa, um elemento que se destaca é o *mat*, linguagem vulgar russa que exige dicionários à parte – neste caso, os de Akhmétova e Plútser-Sarnó – para ser analisada. Tendo Dostoiévski como ponto de partida, foi feita uma contextualização, com suporte de Kovalev, para enfim analisar sistematicamente a tradução do *mat*, que se manifesta exclusivamente no quartel, como parte da denúncia às violações de direitos humanos no

contexto do exército. Busquei, onde possível, correlações com os vulgarismos de língua portuguesa, uma vez que o objetivo do texto de partida, ao meu ver, era chocar o público, efeito dificilmente alcançável com traduções estrangeirizantes e/ou abrandadas.

No contexto do exército belarusso, além da narração de Miron na língua nacional e do frequente uso de *mat* pelos opressores, registra-se ainda a *trasianka*, falada principalmente pelo cabo Ščuka, mas também fora do quartel, principalmente pelo deputado Luhavy e seus asseclas. À análise deste fenômeno linguístico de difícil categorização foi dedicado o capítulo 6, onde foi realizada uma revisão de terminologia, concentrada nos trabalhos de especialistas no assunto provenientes de Belarus, como Miačkoŭskaja, Ramza, Sender, Cychun e Zaprudzki, o que mostrou uma infinidade de opiniões predominantemente marginalizantes associadas à *trasianka*, dentro e fora do meio acadêmico.

Inicialmente, foi destacada como desafio à tradução de *trasianka* sua identificação dentro do longa-metragem. O critério utilizado se concentrou na morfologia, incluindo paradigmas de declinação, na contra-mão do argumento reinante de que *trasianka* também inclui a fonética, algo que julguei incoerente na perspectiva da língua de chegada, isto é, falar russo com sotaque belarusso não implica alteração de idioma, da mesma forma que falar português com sotaque soteropolitano não descaracteriza um falante lusófono.

Assim, o estudo conclui que a marginalização da *trasianka* é um fenômeno sociológico que beneficia apenas a pretensa supremacia russófona, anulando assim seu histórico papel de resistência do substrato belarusso. Sugere-se, portanto, uma mudança de atitude em relação a este fenômeno sociolinguístico, que pode e deve ser potencializado como importante aliado da resistência belarussófona ao regime, servindo assim de elemento de transição – ou de retorno – a uma população predominantemente falante de belarusso.

Último do eixo tradutório, o capítulo 7 abarcou os outros idiomas presentes na trama, dividindo-se em três subcapítulos: polonês, lituano e idiomas ocidentais (francês, espanhol e inglês). Assim como nos casos anteriores, foi traçado um perfil de cada idioma, sendo o polonês de particular interesse por sua relação histórica, por vezes antagonista, com o belarusso, como apontam Sussex e Cubberley. Por outro lado, Maziec nos mostra que língua e identidade polonesa em Belarus se mesclam com o próprio *ethnos* belarusso, evocando, assim, solidariedade mútua no enfrentamento de um inimigo comum.

A estratégia de tradução, concentrada principalmente na fala de Vera, consistiu na manutenção do elemento *pro-drop* da língua polonesa, semelhante ao português padrão, assim como um tênue estrangeirismo, traduzido de maneira correspondente. Tal esforço para se manter a forma tem especial validade a partir da interpretação de que esse diálogo, por mais breve que seja, configura-se como um divisor de águas na trama. A conversa dele resultante é analisada com base no pensamento de Foucault, para produzir um retrato sociocultural da família de Vera e da problemática relação entre o polonês e a língua do regime.

Outro idioma de íntima relação com belarusso, o lituano, é abordado na seção seguinte, dando início ao debate sobre a tradução dos *voice-overs* jornalísticos que acompanham o desfecho da obra. Embora tratem de línguas eslavas, Sussex e Cubberley atestam a proximidade das línguas bálticas a estas, em especial belarusso e lituano, cujas nomenclaturas frequentemente se confundiam, segundo Dini, ao longo dos séculos em que os respectivos povos faziam parte de algum Estado em comum, seja o GDL, a República das Duas Nações, Império Russo ou URSS. Nesse sentido, a presença do lituano na narração aponta para um desejo mútuo de ambas nações de se integrarem no bloco europeu, do qual a Lituânia já faz parte, junto à Polônia e outras democracias. Isto não quer dizer que a relação entre os dois Estados não esteja livre de atritos, porém, conforme a história nos mostra, a união entre Belarus e Lituânia, quando não forçada por terceiros, é sempre pautada na proteção mútua contra ameaças externas.

Quanto aos desafios e estratégias de tradução, é possível fazer uma ponte com os idiomas ocidentais, uma vez que todos se juntam para contar uma mesma mensagem de denúncia sobre a brutalidade policial do regime contra as manifestações pacíficas. Essa retórica, contraposta pelo discurso russófono do regime, narrado em seguida, pode ser interpretada como a essência do filme, considerando-o um instrumento de denúncia como um todo. Assim, um desafio tradutório foi manter a coesão dessa narrativa, passando por diferentes línguas de partida, que frequentemente se intercalam ao ponto de tornar a própria escuta desafiadora. Nesse sentido, utilizando o software *Moises*, v. 1.6.4, foi possível isolar cada narração e perscrutar dados que confirmam a percepção da proximidade entre o regime de Minsk e o de Moscou. A mensagem final, portanto, é de que a luta contra o regime é reflexo de dinâmicas internacionais muito além da trama.

Assim termina um ciclo de estudos que teve início em 2014, com a elaboração do projeto de mestrado sobre a tradução intersemiótica do filme *Viva Belarus!* e que teve continuidade na presente pesquisa doutoral. Esperamos que as reflexões aqui expostas possam contribuir não apenas para estudos de TAV e legendagem, mas também sobre Belarus, país relativamente pouco conhecido no mundo lusófono, e que oferece enorme potencial para futuros estudos. Uma importante lição que os estudos sobre Belarus e suas complexas dinâmicas sociolinguísticas trazem é a sensibilidade de investigar-se não apenas o que está sendo dito, mas também de buscar, de todas as maneiras possíveis, as vozes silenciadas e jamais parar de se questionar. Existe grande facilidade em se deixar levar pelo discurso do opressor, uma vez que o poder, como Foucault explica, seduz e, via de regra, luta para silenciar vozes e saberes divergentes. Assim como há pessoas que olham ao redor e pensam que a Terra é plana, contentando-se com tal “evidência”, é bastante conveniente olhar para Belarus e se convencer de que não se trata sequer de um país, e sim, uma região do país vizinho do qual se ignora um pouco menos.

Talvez, essa sensibilidade em relação ao nome e ao direito de existir, no meu caso, se deva, ao menos parcialmente, à luta pela afirmação do meu próprio nome – Paterson e não qualquer outro nome similar. Desde que me conheço por gente, corrijo as pessoas que me chamam de outra forma, do mesmo modo como me sinto no dever de corrigir alguém que chama Belarus por um nome equivocado ou que reproduz um discurso que fira sua existência enquanto nação independente. Pode parecer piegas ou mesmo petulante de minha parte ousar aspirar ao mesmo direito que as pessoas cujos nomes estão em conformidade com o discurso dominante colonial lusófono, incômodo típico daqueles que se sentem representados pelo discurso do opressor, mas o fato é que toda pessoa trava ao menos alguma luta semelhante, seja em relação ao seu nome, seja em questões de raça, gênero, sexualidade, etnia, proveniência, idade, biotipo, dentre inúmeras outras. Se o meu trabalho ajudar, de alguma maneira, que ao menos alguém enxergue isso e se solidarize com as pessoas e países ao redor, já terá valido a pena.

De todo caso, a história nos mostra que, se as maiores máquinas de guerra da história, das incursões mongóis a Stalin, não conseguiram destruir Belarus, não será a ignorância de uns que irá. Minha esperança é de que a opressão que ocupa lugar central dentro do corpus aqui estudado logo ceda à liberdade e este se torne um documento histórico que aborda, entre

muitos outros temas, um regime há muito deixado para trás, e que testemunhemos um povo verdadeiramente livre, que haverá de olhar com perplexidade para esse passado, de onde carregará importantes lições, e então olhar ao redor e poder se certificar, em belarusso, que Belarus vive. Viva Belarus! Жыве Беларусь!

REFERÊNCIAS

- АКХМЕТОВА, Т. **Русский Мат: Толковый Словарь** [Rúskii Mat: Tolkóvyi Slovár']. Moskva: Kolokol-Press, 2000.
- AKUDOVIČ, V. **Дыялогі з Богам** [Dyjaloŭhi z Boham]. Minsk: Kamunikat, 2006.
- _____. **Код Адсутнасці** [Kod adsutnasci]. Minsk: Lohvinaŭ, 2007.
- ARLOŮ, U. **Имёны свабоды** [Imiony svabody]. 3 ed. Praha: Radyjo Svaboda Eŭropa, 2015.
- ARLOŮ, U; SAHANOVIČ, H. **Дзесяць вякоў беларускай гісторыі 862 —1918** [Dziesiać wiakou bielaruskaj historyi 862 —1918]. 3. ed. Vilnius: Ed. Naša Budučynia, 2002.
- ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARSIONAŬ, A. **Як правільна пісаць беларускай лацінкай?** [Jak pravilna pisać bielaruskaj łacinkaj?]. 3 jan. 2016. Disponível em: <<http://nn.by/?c=ar&i=147849>>. Acesso em: 3 de março de 2016.
- AULETE, C. **Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- ВАНАЛІЕЈША, S. V. **Перадумовы, прычыны і этапы стварэння Літоўска-Беларускай ССР** [Pieradumovy, pryčyny i etapy stvarennia Litoŭska-Bielaruskaj SSR]. In: BOJANOV, V. A. (red). **Октябрьская революция в судьбах народов мира и Беларуси** [Oktiábr'skaia revoliútsiia v sud'bakh naródoŭ mira i Belarúsi]. 7 dez. 2017. Minsk: BNTU, 2017, p. 39-51.
- BAJ. **Франак Вячорка адлічаны з журфака БДУ** [Franak Viačorka adličany z žurfaka BDU]. 17 fev. 2008. Disponível em: <<http://old.baj.by/be/node/1564>>. Acesso em: 22 out. 2015.
- BANDIA, P. F. **Translation as reparation: writing and translation in postcolonial Africa**. Manchester: St. Jerome Publishing, 2008.
- BARADULIN, R. **Трасянка** [Trasianka]. In: **Слоўнік Свабоды: XX стагодзьдзе ў беларускай мове**. Слова на дзень для памяці і для роздуму [SLOŬNIK SVABODY: XX stahodździe ŭ bielaruskaj movie. Slova na dzień dla pamiaci i dla rozdumu]. Praha: RFE/RL, 2012.
- BARBOSA, H. G. **Procedimentos técnicos da tradução: Uma nova proposta**. Campinas: Pontes, 1990.
- BBC. **Observadores fazem acusação de fraude nas eleições de Belarus**. 10 set. 2001. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2001/010910_belarus.shtml>. Acesso em: 31 jan. 2016.

_____. **Subtitle Guidelines**. ver. 1.1.9, sep. 2021. Disponível em: <<https://bbc.github.io/subtitle-guidelines>>. Acesso em: 15 out. 2021.

BEKUS, N. **Struggle over identity: the official and the alternative Belarusianness**. Budapest: CEU Press, 2010.

_____. **'Hybrid' Linguistic Identity of Post-Soviet Belarus**. Journal on Ethnopolitics and Minority Issues in Europe. Flensburg, vol 13, n. 4, 2014, p. 26-51.

BELAPAN. **Інфаграфіка: міжнародны дзень роднай мовы** [Infahrafika: Mižnarodny dzień rodnaj movy]. 2016. Disponível em: <http://belapan.by/archive/2016/02/21/media_mova_ig/>. Acesso em: 2 mar. 2016.

_____. **Лукашенко грозит отправить студентов в армию, если те выйдут на улицу** [Lukachenko grózit otrávit' studióntov v ármiiu, iéslí tié výidut na úlitsu]. 27 ago. 2020. Disponível em: <<https://naviny.media/new/20200827/1598535125-lukashenko-grozit-otpravit-studentov-v-armiyu-esli-te-vyydut-na-ulicu>>. Acesso em: 29 ago. 2020.

BELARUS. **National System of Geographic Names Transmission into Roman Alphabet in Belarus**. In: Ninth United Nations Conference on the Standardization of Geographical Names. New York: ONU, 10 jul. 2007.

BELSAT. **Скандал вакол фільму «Жыве Беларусь»: амбасадар Беларусі ў Польшчы напісаў ліст распаўсюдніку** [Skandal vakol fílmú «Žyvie Bielaruś»: ambasadar Bielarusi ũ Poľšчы napisaŭ list raspaŭsiudniku]. 19 abr. 2013. Disponível em: <<https://naviny.belsat.eu/news/13582>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

_____. **Менскай вуліцы Касцюшкі быць?** [Mienskaj vulicy Kaściuški być?] 20 jan. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oYjYHXwi1cs>> Acesso em: 29 jan. 2016.

BELSTAT. **Tourism and tourist resources in the Republic of Belarus**. 10 jul. 2018. Disponível em: <https://www.belstat.gov.by/en/ofitsialnaya-statistika/real-sector-of-the-economy/tourism/publications/index_9312>. Acesso em: 02 out. 2020.

_____. **Общтchie itogi migratsii naseleniia** [Общие итоги миграции населения]. Disponível em: <<https://www.belstat.gov.by/ofitsialnaya-statistika/solialnaya-sfera/naselenie-i-migratsiya/migratsiya/>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

_____. **Общая численность населения, численность населения по возрасту и полу, состоянию в браке, уровню образования, национальностям, языку, источникам средств к существованию по Республике Беларусь** [Óbchtchaia tchísliennost' naseliéniia, tchísliennost' naseliéniia po vózrastu i pólu, sostoiániuu v brake, úrovniu obrazovániia, natsionál'nostiam, iazyku, istótchnikam sriedstv k suchtchestvovániuu]

po Respublike Belarus']. Minsk: Национальный статистический комитет Республики Беларусь [Natsional'nyy statističeskij komitet Respubliki Belarus'], 2020.

BERNARDINO-COSTA, J; GROSGOUEL, R. Decolonialidade e perspectiva negra. In: **Revista Sociedade e Estado**. Vol. 31, N. 1. Janeiro/Abril 2016.

BHABHA, H. K. **O Local da Cultura**. Tradução de: Myriam Ávila, Eliana L. L. Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

BIALIATSKI, A. **Lukashenka's System Ruthlessly Eradicates Belarusian Language**. 31. ago. 2007. Disponível em: <<http://spring96.org/en/news/18072>> Acesso em: 05 dez. 2020.

BNR. **The Belarusian Democratic Republic official website**. 2021. Disponível em: <<http://www.radabnr.org>>. Acesso em: 15 out. 2021

BOITO, F. Reflexões e estratégias de tradução para legendagem. In: LIMA, E; PISETTA, L; VERAS, V. **E por falar em tradução**. Bauru: Canal 6, 2021, p. 173-189.

BORGES, T. F. C; GUIMARÃES, R. L. **Toward Assessing the Quality of Subtitles based on SRT Files Processing**. WebMedia '20, São Luís, Nov.-Dez., 2020, p. 153-156.

BUBIEN, I. **Лукашэнка размаўляе па-беларуску** [Lukašenka razmaŭliaje pa-bielarusku]. 1 jul. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=w50kXWUxNe8>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

BULHAKAŬ, V. **Беларусь: ні Эўропа, ні Расея. Меркаваньні беларускіх эліт** [Bielarus': ni Eŭropa, ni Rasieja. Mierkavaŭni bielaruskich elit]. Warszawa: ARCHE, 2006.

BURACSEWSKI, W. **O caso da fronteira polono-soviética**. Diretrizes: Um semanário a serviço da liberdade. Rio de Janeiro, n. 203, 25 Mai. 1944.

BURANT, S. **Belarus and the "Belarusian Irredenta" in Lithuania**. Nationalities Papers: The Journal of Nationalism and Ethnicity, vol. 25, n. 4. London: Routledge, 1997, p. 643-658.

BURAŬKIN, H. **Выбранае: Вершы, паэмы, казкі, песні (1955-1995)** [Vybranaje: Vieršy, paemy, kazki, piesni (1955-1995)]. H. V. Rolič (red). Minsk: Mastackaja litaratura, 1998.

BYKOVSKII, P. **Православная церковь: вне политики, но в политическом контексте** [Pravoslávnaia tsiérkov': vne polítiki, no v političeskem kontekste]. 9 jan. 2017. Disponível em: <naviny.by/article/20170109/1483937837-pravoslavnaya-cerkov-vne-politiki-no-v-politicheskom-kontekste>. Acesso em: 12 jan. 2017.

CARVALHO, C. **Por uma abordagem sistêmica, descritiva, funcional e subjetiva da tradução para legendas**. TradTerm, São Paulo, v. 13, 2007, p. 13-29.

CHÚBIN, A. **Преданная демократия. СССР и неформалы (1986-1989)** [Prédannaia demokrátiiia. SSSR i neformály (1986-1989)]. Moskva: Evropa, 2006.

CIA. **The world factbook**. 2021. Disponível em:
<<https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/belarus/>>. Acesso em: 27 dez. 2021.

CINEMATIC RATING. **The Battle Of Algiers, 1966**. 2020. Disponível em:
<<https://youtu.be/uHWZkiBuKGY>>. Acesso em: 12 mai. 2021.

CNN. **Rice: Belarus is 'dictatorship'**. CNN International, 20 abr. 2005. Disponível em:
<<https://edition.cnn.com/2005/WORLD/europe/04/20/rice.belarus>>. Acesso em: 14 set. 2020.

CORREIA, P; GONÇALVES, S. **Do afegâni ao zlóti**. A Folha – Boletim da língua portuguesa nas instituições europeias. n. 41, primavera de 2013. p. 17 - 25.

COSTA, P. F. **Cinema em exílio: tradução e política na Belarus pós-soviética**. Belo Horizonte: Dialética, 2020.

_____. A tradução da linguagem vulgar russa (mat) na legendagem do filme Viva Belarus!. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, s/n (ahead of print), p. 1-18, 2022.

_____. Belarusian rock in Portuguese: Translating protest and hope in the film 'Viva Belarus!'. **Culture. Nation**, Ottawa, n. 28, p. 40-72, nov, 2021a.

_____. Rock como tradição e resistência em Belarus: tradução e legendagem de canções belarrussas para português. **Slovo: revista de estudos em eslavística**, Rio de Janeiro, v. 3, p. 77-100, ago-dez, 2021.b

_____. Ці можна назваць слабой беларускую ідэнтычнасць? / Can we actually say that the Belarusian national identity is a weak one? **Culture. Nation**, Ottawa, n. 27, p. 58-78, abr.-mai, 2021c.

CYCHUN, H. **Крэалізаваны прадукт: Трасянка як аб'ект лінгвістычнага даследавання** [Krealizavany produkt: Trasianka jak abjekt lnhvistyčnaha dasliedavannia]. n. 06. Mensk: ARCHE Pačatak, 2000.

DAUCÉ, F; SIECA-KOZLOWSKI, E. (orgs.) **Dedovshchina: From Military to Society**. The Journal of Power Institutions in Post-Soviet Societies. n. 1, 2004.

DELEUZE, G. Post-Scriptum sobre as sociedades de controle. In: **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 1. ed. 3ª Reimpressão. Editora 34, Rio de Janeiro, 2000.

DE RIDDER, R; O'CONNELL, E. Minority languages, language planning and audiovisual translation. In: PÉREZ-GONZÁLEZ, L. (ed.) **The Routledge Handbook of Audiovisual Translation**. London / New York: Routledge, 2019.

DINI, P. **Foundations of Baltic Languages**. English translation by Milda B. Richardson, Robert E. Richardson. Vilnius: Vilnius University, 2014.

DOSTOIEVSKI, F. **Дневникъ Писателя за 1873 г.** [Dnievnik” Pisátelia za 1873 g.]. Sankt-Peterburg: A. S. Suvorin, 1883.

DUTRA, P. Q. **Temporada de risos: o humor nas lendas de *Sex and the City* no Brasil.** 2008. 257 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

DZIUBA, U. **Узыходжанне: З Міхаілам Пастуховым размаўляе Уладзімір Дзюба** [Uzychodžannie: Z Michailam Pastuchovym razmaŭliaje Uladzimir Dziuba]. Abažur, n. 1 (122). Minsk: BAJ, 2018, p. 35-41.

EASTON, A. **Belarus protests: Why Poland is backing the opposition.** Warsaw, 10 set. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-europe-54090389>>. Acesso em: 15 out. 2020.

EBERHARD, D; SIMONS, G; FENNIG, C. **Ethnologue: Languages of the World, 22nd Edition.** Dallas: SIL International, 2019.

EC. **Managing Migration: EU Financial Support to Greece.** Jul. 2019. Disponível em: <https://ec.europa.eu/home-affairs/sites/homeaffairs/files/what-we-do/policies/european-agenda-migration/201907_managing-migration-eu-financial-support-to-greece_en.pdf>. Acesso em: 14 set. 2020.

EHU. **European Humanities University.** Disponível em: <<http://ehu.lt/>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

ELMS, T. **Lexical Distance Among the Languages of Europe.** 4 mar. 2008. Disponível em: <<https://elms.wordpress.com/2008/03/04/lexical-distance-among-languages-of-europe/>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

ENDRIU, K; GORDIEVSKII, O. **КГБ. История внешнеполитических операций от Ленина до Горбачева** [KGB. Istóriia vnechnepolitítcheskikh operatsii ot Lénina do Gorbatchióva]. Moskva: Nota Bene, 1992.

ESTEVES, F. P. **África e as interpretações sobre o seu subdesenvolvimento.** Capoeira – Revista de Humanidades e Letras. n. 02, vol. 3. 2017, p. 71-91.

EVARISTO, C. **Insubmissas lágrimas de mulheres.** 2 ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

FALLON, K. At Poland-Belarus border, people decry ‘weaponisation’ depiction. **Aljazeera.** Sokolka, 14 nov. 2021. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2021/11/14/at-poland-belarus-border-people-decry-weaponisation-depiction>>. Acesso em: 21 nov. 2021.

FANON, F. **Os condenados da terra.** Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1968.

_____. **Pele negra, máscaras brancas.** Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA. 2008.

FEIJÓ, I. L. C. **Boi da Cara Preta: Transfiguração do Escravo, Humanização do Boi.** Humanidades em diálogo, vol. IV, n. I, jun. 2011, p. 135-148.

FEDUTA, A. **Лукашенко: политическая биография** [Lukachenko: politícheskaia biográfiia]. Moskva: Referendum, 2005.

FERREIRA FILHO *et al.*, 2020. **Recomendação Técnica de Acessibilidade** / Repositório para a Educação Profissional e Tecnológica. Pelotas: IFSUL, 2020.

FOLHA. **Folha passa a designar Belarus como ditadura**. 22 ago. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/08/folha-passa-a-designar-belarus-como-ditadura.shtml>>. Acesso em: 29 jul. 2021.

FOUCAULT, M. **Microfísica del poder**. Traducción de Horacio Pons. Buenos Aires: Siglo veintiuno, 2019.

FRANCO, P; YERRO, J. H. Quem fala trasiianka? Tradução e hibridismo linguístico em Belarus. **Caleidoscópio: literatura e tradução**, Brasília, v. 4 n. 2, p. 34-58, mai, 2021.

FRANCO, V. Y. **O que é Belarus?** São Paulo, 28 fev. 2015. Disponível em: <www.cursorusso.com.br/o-que-e-belarus>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 51ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

G1. 'Melhor ser um ditador do que ser gay', diz presidente de Belarus. **G1**. 04 mar. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/03/melhor-ser-um-ditador-do-que-ser-gay-diz-presidente-de-belarus.html>>. Acesso em: 14 set. 2020.

GALEANO, E. **Eduardo Galeano adhiere a la Marcha Mundial**. 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=25RQ3nVbtEk>>. Acesso em: 28 dez. 2021.

GAMBIER, Y. (ed.). **Screen Translation**. Special issue of The Translator. v. 9, n. 2, Manchester: St. Jerome, 2003.

GENETTE, G. **Palimpsestos. La literatura en segundo grado**. Traducción de Celia Fernández Prieto. Madrid: Taurus, 1989.

GOROVITZ, S. **Os labirintos da tradução: A legendagem cinematográfica e a construção do imaginário**. 1ª reimp. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2015.

GOSKOMSTAT. **Итоги переписи населения СССР** [Itógui piérepisi naseliéniiia SSSR]. Moskva: Finánsy i statistika, 1990.

GUS. **Ludność**. Stan i struktura demograficzno-społeczna. Warszawa: Główny Urząd Statystyczny, 2013.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik; Tradução de Adelaine La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. Quem precisa de identidade?. In: TADEU, T. T. (org.); HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e Diferença – a perspectiva dos Estudos Culturais**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 14. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014.

HIEZHALA, S. **Статут вернеца ў Беларусь? Людзі сабралі 22 мільёны за 3 дні** [Statut vierniecca ũ Bielarús? Liudzi sabrali 22 miľjony za 3 dni]. 21 mai. 2012. Disponível em: <<http://nn.by/?c=ar&i=73790>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

HRABČYKAŨ, S. **Слоўнік паронімаў беларускай мовы** [Sloŭnik paronimaŭ bielaruskaj movy]. Minsk: Narodnaja Asvieta, 1994.

IPA. **The International Phonetic Alphabet (revised to 2020)**. Disponível em: <https://www.internationalphoneticassociation.org/IPAcharts/IPA_chart_orig/pdfs/IPA_Kiel_2020_full.pdf>. Acesso em: 19 out. 2021.

ITAMARATY. **Belarus**. Disponível em: <<http://www.portalconsular.itamaraty.gov.br/seu-destino/belarus>>. Acesso em: 29 nov. 2020.

JAKOBSON, R. *On linguistic aspects of translation*. In: BROWER, R. A. (ed.) **On Translation**. Cambridge: Harvard University Press, 1959, p. 232–239.

JOHNSON, S. **Russian language in decline as post-Soviet states reject it**. Financial Times, 13 abr. 2017. Disponível em: <<https://www.ft.com/content/c42fbd1c-1e08-11e7-b7d3-163f5a7f229c>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

JOVEM Detetive Dee: Ascensão do Dragão do Mar (狄仁傑之神都龍王 / Dírénjié zhī shén dōu lóngwáng). Direção: Hark Tsui. Produção: Kuo-Fu Chen *et al.* Intérpretes: Carina Lau; Chien Sheng; Mark Chao *et al.* Roteiro: Chia-Lu Chang, Kuo-Fu Chen e Hark Tsui. Música: Kenji Kawai. RPC: Film Workshop, Huayi Brothers Media, Pixeltree studio, 2013. 1 DVD (134 min.), color.

KAFKA, F. **Na colônia penal**. Tradução de Petê Rissatti. Rio de Janeiro: Antofágica, 2020.

KAPYLOŨ, I. **Тлумачальны Слоўнік Беларускай Літаратурнай Мовы** [Tlumačalny Sloŭnik Bielaruskaj Litaraturnaj Movy]. Minsk: Беларуская энцыклапедыя імя Петруся Броўкі [Bielaruskaja Encyklapiedyja imia Pietrusia Broŭki], 2016.

KARÁCSONYI, D. *et al.* **Belarus in Maps**. Budapest: Hungarian Academy of Sciences, 2017.

KARALIEVIČ, S. **Пра збор 100 тысяч подпісаў абвясціла ініцыятыўная група яшчэ аднаго прэтэндэнта на пасаду прэзідэнта** [Pra zbor 100 tysiač podpisau abviascila inicyjatyŭnaja hrupa jašče adnaho pretendenta na pasadu prezidenta]. 10 Ago. 2015. Disponível em: <https://novychas.online/palityka/prazbor_100_tysiac_podpisau_a>. Acesso em: 05 set. 2021.

KARAMITROGLOU, F. **A Proposed Set of Subtitling Standards in Europe**. Translation Journal, v. 2, n. 2, 1998, p. 1-15.

KARATNYCKY, A. *et al.* **Freedom in the World**. The Annual Survey of Political Rights & Civil Liberties, 1995-1996. Boston: United Press of America. 1996.

KARTUNOVA, I. **Социальная работа с детьми и молодежью** [Sotsiál'naia rabóta s diét'mi i molodiój'iu]. Viciebsk: VDU, 2013.

KHRUSHCHEV, S. (ed). **Memoirs of Nikita Khrushchev, vol. 3: Statesman [1953-1964]**. University Park: The Pennsylvania state university press, 2007.

KLIMAŬ, I. P. Да асэнсавання Нарматыўнага Плюралізму ў Беларускай Літаратурнай Мове [Da asensavannia Narmatyўnaha Pliuralizmu ў Bielaruskaj Litaraturnaj Movie]. In: **Здабыткі і Перспектывы** [Zdabytki i Pierspiektvyu]. Матэрыялы рэспубліканскай навукова-практычнай канферэнцыі, прысвечанай 90-годдзю БДУ (Anais da Conferência Científico-Prática em Homenagem aos 90 anos da Universidade Estatal de Belarus). Minsk: Vydaviecki centr BDU, 2012, p. 18-27.

KLIMČUK, F. Пра мову «Пінскай Шляхты» [Pra movu «Pinskaj Šliachty»]. In. **Волинь-Житомирщина** [Volyn'-Zhytomyrshchyna]. Історико-філологічний збірник з регіональних проблем. 2010, № 22(I). p. 72-82.

KOGLIN, A; OLIVEIRA, S. **Variações terminológicas no campo Tradução Audiovisual: análise dos termos legendação, legendagem e tradução de/para legendas**. TradTerm, São Paulo, v. 22, Dezembro/2013, p. 259-279.

KOMOROVSKAYA, V. **The future of the Belarusian language: is it doomed to extinction?**

Controversies and challenges in the language maintenance and revitalization. Acta Philologica. Varsóvia: Wydział Neofilologii Uniwersytetu Warszawskiego, vol. 48, 2016, p. 15-28.

KORCHUK, V. **Регіональны імідж беларусі в средствах массовой информации** [Regionál'nyi imidj Belarúsi v srédstvakh mássovoi informátсии]. Журнал Белорусского государственного университета. Журналистика. Педагогика [Jurnál Belorússkogo gosudárstvennogo universitéta. Jurnalístika. Pedagógika]. Minsk: BDU, n. 1. p. 42–55, 2018.

KOTLJARCHUK, A. The Tradition of Belarusian Statehood: Conflicts about the Past of Belarus. In: RINDZEVICIUTE, E. (org). **Contemporary Change in Belarus**. Huddinge: Baltic & East European Graduate School, Södertörns högskola, 2004, p. 41-72.

KOVALEV, M. The function of Russian Obscene Language in Late Soviet and Post-soviet Prose. 2014. 226 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Humanidades, Universidade de Manchester, Reino Unido. 2014.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRISTEVA, J. **Nations Without Nationalism**. Tradução de: Leon S. Roudiez. New York: Columbia University Press, 1993.

KRYLOVA, M. N. **Уголок русского языка** [Ugolok rússkogo iazyká]. Moskva, Berlin: DirectMedia, 2015.

KUNDERA, M. The Tragedy of Central Europe. Translated from the French by Edmund White. **New York Review of Books**. Vol. 31, N. 7. 26 Apr. 1984.

KUZNETSOV, I. N. **История дипломатической и консульской службы Беларуси (Хрестоматия)** [Istóriia diplomatícheskoi i kónsul'skoi slújby Belarúsi (Khrestomátiiia)]. Minsk: BDU, 2004.

LAO-MONTES, A. Decolonial Moves: Trans-locating African Diaspora Spaces. In: **Cultural Studies** vol. 21. Abingdon-on-Thames: Routledge, 2007.

LEDGEWAY, A; MAIDEN, M. (ed.) **The Oxford Guide To The Romance Languages**. Oxford: OUP, 2016.

LIANKIEVIČ, U; PIATROVIČ, A. **Моўны вентылятар: памылак не існуе** [Моўны вентылятар: памылак не існуе]. 13 dez. 2013. Disponível em: <<https://budzma.by/news/mowny-vyentylyatar-pamylak-nye-isnuye.html>>. Acesso em: 07 out. 2020.

LIEPIEŠAŪ, I. **Этымалагічны слоўнік фразеалагізмаў** [Etymalahičny sloŭnik fraziealahizmaŭ]. Minsk: BelEn, 2004.

LOJKA, P. **Гістарычная адукацыя - аснова ідэалогіі беларускага дзяржаўнага патрыятызму** [Histaryčnaja adukacyja - asnova idealohii bielaruskaha dziaržaŭnaha patryjatyizmu]. Гістарычны Альманах [Histaryčny Aĺmanach]. Narodnia, v. 4. p. 160-164, jan. 2001.

LUBISCO, N; VIEIRA, S. **Manual de estilo acadêmico: trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses**. 6. ed. Salvador: EDUFBA, 2019.

LUKAŠANIEC, A. Беларуска-рускае двухмоўе і праблемы сучаснай іменаслоўнай практыкі [Bielaruska-ruskaje dvuchmoŭje i prabliemy sučasnaj imienasloŭnaj praktyki]. In: **Региональная ономастика: проблемы и перспективы исследования** [Regiunál'naia onomástika: probliémy i perspektivy issliédovaniia]. Viciebsk: VDU, 2016, p. 180-184.

LYBERIS, A. **Lietuvių-Rusų kalbų žodynas / Литовско-русский словарь**. Vilnius: Mokslo ir enciklopedijų leidybos institutas, 2001.

MACHADO, A. **Todos os filmes são estrangeiros**. Matrizes, vol. 2, n. 1. 2008, p. 97-111.

MAKLAK, A. **Dedovshchina on trial. Some evidence concerning the last Soviet generation of “sons” and “grandfathers”**. Nationalities Papers, 2015, Vol. 43, N. 5, London: Routledge, p. 682–699.

MAKUSHINA, N; GONCHARENKO, R. **Fight over migrant centers in Belarus**. DW. 24 jan 2017. Disponível em: <<https://p.dw.com/p/2WLA4>>. Acesso em: 14 set. 2020.

MAXWELL, A. When Theory is a Joke: The Weinreich Witticism in Linguistics. In: **Beitrag zur Geschichte der Sprachwissenschaft**. Vol. 28, n. 2, Dec. 2018, p. 263 - 292.

MAZIEC, V. Становішча палякаў у БССР у 1944—1990 гг. у кантэксте ажыццяўлення дзяржаўнай нацыянальнай палітыкі [Stanovišča paliakaŭ u BSSR u 1944—1990 hh. u

kantekscie aŭucciaŭliennia dziaŕžaŭnaj nacyjanaľnaj palityki]. In. ŠADURSKI, V. *et al.* (red.) **Матэрыялы беларус.-пол. круглага стала** [Materijaly bielarus.-pol. kruhlaha stala]. Minsk: BDU, 2012, p. 100-107.

MELETÍNSKI, E. M. **Os arquétipos literários**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini, Homero Freitas de Andrade e Arlete Cavaliere. Cotia: Ateliê Editorial, 1998.

MFA. **Religion and denominations in the Republic of Belarus**. Minsk: Department of Information of the Ministry of Foreign Affairs of the Republic of Belarus, 2011.

_____. **Sobre la inauguración de la calle “República de Belarús”**. Embajada de República de Belarús en la República Argentina. Disponível em: <<https://argentina.mfa.gov.by/es/embassy/news/a8182337c65d1173.html>>. Acesso em: 02 set. 2021.

MIAŠKOŬSKAJA, N. **Трасянка ў кантынууме беларуска-рускіх ідыялектаў: хто і калі размаўляе на трасянцы** [Trasianka ŭ kantynuumie bielaruska-ruskich idyjalektaŭ: chto i kali razmaŭliaje na trasiancy]. Viesnik BDU, Minsk, s. 4, n. 1, 2007, p. 91-97.

MILOVANOVIĆ, J. **National identity of the Serbs in Croatia: from constitutive people to minority**. 2010-2011. 395 f. Tese (Doutorado) – Sociologia dell'Ambiente e del Territorio, Università degli Studi di Trieste, 2011.

MINOVA, M. **Класифікацыя, сутнасць і функцыі дзіцкіх і моладзежных аб'яднанняў у Рэспубліцы Беларусь** [Klassifikátsiia, súchtchnost' i fúnktsii díetskikh i molodíójnykh ob"iediniénii v Respublike Belarus']. Вестник КГУ им. Н. А. Некрасова [Viéstnik KGU im. N. A. Nekrásova]. Kostroma: KGU, v. 21, n. 4. p. 246-251, jul-ago. 2015.

MOLINA, L; ALBIR, A. **Translation Techniques Revisited: A Dynamic and Functionalist Approach**. Meta. XLVII, n. 4, 2002, p. 498-512.

MORTAL Kombat. Direção: Simon McQuoid. Produção: Richard Brener, Michael Clear *et al.* Intérpretes: Lewis Tan, Jessica McNamee, Hiroyuki Sanada *et al.* Roteiro: Greg Russo, Dave Callahan, Oren Uziel *et al.* Música: Benjamin Wallfisch. Austrália / EUA: New Line Cinema, Atomic Monster, Broken Road Productions, 2013. 1 DVD (110 min.), color.

NAHORNAJA, A. **Мова 404** [Mova 404]. Minsk: Umovy dla Movy, 2021.

NÃO Aceitamos Devoluções (No se aceptan devoluciones). Direção: Eugenio Derbez. Produção: Eduardo Cisneros *et al.* Intérpretes: Eugenio Derbez, Jessica Lindsey, Loreto Peralta *et al.* Roteiro: Guillermo Ríos, Leticia López Margalli e Eugenio Derbez. Música: Carlo Siliotto. México: Alebrije Cine y Video, Fulano, Mengano y Asociados, 2013. 1 DVD (115 min.), color.

NAVES, S. *et al.* (org.). **Guia para produções audiovisuais acessíveis**. Brasília, DF: Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura, 2016.

NAVUMČYK, S. **Сем гадоў Адраджэння, альбо фрагменты найноўшай беларускай гісторыі (1988–1995)** [Siem hadoŭ Adradžeńnia, albo frahmenty najnoŭšaj bielaruskaj historyi (1988–1995)]. Warszawa: Bielaruskija viedamaści, 2006.

NKRUMAH, K. **Class struggle in Africa**. New York: International Publishers, 1972.

_____. **A luta de classes em África**. 2ª ed. URC: Edições Nova Cultura, 2018.

NN. **Мірон вывесіў бел-чырвона-белы сцяг на галоўнай ялінцы Віцебска + фота** [Miron vyviesiŭ biel-čyrvona-biely sciah na haloŭnaj jalincy Viciebska + fota]. 2010. Disponível em: <<http://nn.by/?c=ar&i=33674>> Acesso em: 10 mar. 2016.

_____. **Пагоня. Яна мая — першая паласа свежага нумара «Нашай Нівы»** [Pahonia. Jana maja — pieršaja palasa sviežaha numara «Našaj Nivy»]. 24 mar. 2015. Disponível em: <<http://nn.by/?c=ar&i=146498>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

NOBRE, N. M. **A legendagem no Brasil: Interferências linguísticas e culturais nas escolhas tradutórias e o uso de legendas em aulas de língua estrangeira**. Letras Escreve – Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Curso de Letras - UNIFAP, n. 01. vol. 02, 2012, p. 91-108.

N.R.M. **Менск і Мінск** [Mensk i Minsk]. In: N.R.M. 06. Minsk: PRO2 Studio, 2007. 1 CD. Faixa 4.

O EXTERMINADOR do Futuro 2: O julgamento final (Terminator 2: Judgment Day). Direção: James Cameron. Produção: Stephanie Austin, James Cameron *et al.* Intérpretes: Arnold Schwarzenegger, Linda Hamilton, Edward Furlong *et al.* Roteiro: James Cameron e William Wisher. Música: Brad Fiedel. EUA: Carolco Pictures *et al.*, 1991. 1 DVD (137 min.), color.

O GLOBO. **Suspeita de fraude nas eleições provoca protestos em Belarus**. 19 dez. 2010. Disponível em: <oglobo.globo.com/mundo/suspeita-de-fraude-nas-eleicoes-provoca-protestos-em-belarus-2908046>. Acesso em: 31 jan. 2016.

ÓJEGOV, S; CHVIÉDOVA, N. **Толковый словарь русского языка** [Tolkóvyi slovar' rússkogo iazyká]. Moskva: A Temp, 2006.

OLEYNIK, A. *Dedovshchina* as an Element of the «Small Society» : Evidence From Russia and Other Countries. In: DAUCÉ, F; SIECA-KOZLOWSKI, E. (orgs.) **Dedovshchina: From Military to Society**. The Journal of Power Institutions in Post-Soviet Societies. n. 1, 2004, p. 24-45.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento. Um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1996.

OLIVEIRA, P. **Ucranianos na Europa e no Brasil: uma história camponesa**. 2008. 159 f. Dissertação (Mestrado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, 2008.

OMNIGLOT. **Belarusian**. 2016. Disponível em: <<http://www.omniglot.com/writing/belarusian.htm>>. Acesso em: 19 nov. 2016.

ORREGO-CARMONA, D. Audiovisual translation and audience reception. In: PÉREZ-GONZÁLEZ, L. (ed.) **The Routledge Handbook of Audiovisual Translation**. London / New York: Routledge, 2019.

OYĚWUMÍ, O. Colonizing bodies and minds – Gender and Colonialism. In: DESAI, G., NAIR, S. (orgs.). **Postcolonialisms: An anthology of cultural theory and criticism**. Piscataway: Rutgers University Press, 2005.

PANTERA Negra (Black Panther). Direção: Ryan Coogler. Produção: Victoria Alonso *et al.* Intérpretes: Chadwick Boseman, Michael B. Jordan, Lupita Nyong'o *et al.* Roteiro: Ryan Coogler, Joe Robert Cole, Stan Lee *et al.* Música: Ludwig Göransson. EUA: Marvel Studios / Walt Disney Pictures, 2018. 1 DVD (134 min.), color.

PAZ, O. **Tradução: literatura e literalidade**. Tradução de Doralice Alvez de Queiroz. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006.

PEPETELA. **Mayombe**. 5 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

PLAZA, J. **Tradução intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

PLÚTSER-SARNÓ, A. **Большой словарь мата: том 1** [Bol'choi slovar' mata: tom 1]. Sankt-Peterburg: Limbus, 2005

PROKURATURA. **Кодексы Республики Беларусь** [Kódeksy Respublíki Belarus']. Minsk, 2003. Disponível em: <<http://www.prokuratura.gov.by/ru/acts/kodeksy-respubliki-belarus>>. Acesso em: 31 ago. 2020.

RACYJA. **Ля Косава ўрачыста адкрылі першы ў Беларусі помнік Касцюшку** [Lia Kosava ũračysta adkryli pieršy ũ Bielarusi pomnik Kasciušku]. Disponível em: <<https://www.racyja.com/hramadstva/u-kosave-pachalisya-urachystatsi-prysvech>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

RAMZA, T. **Трасянка: национально-прецедентный феномен или «ключевое слово текущего момента»?** [Trasianka: natsional'no-pretsedentnyi fenómen íli «kliutchevoie slovo tekúchtchego momenta»?]. *Belarúskaia dumka*, Minsk, n. 7, 2010, p. 112-116.

_____. **Тарашкевіца і наркамаўка: ці ёсць граматычнае процістаянне?** / *Taraškevica and Narkamaŭka: Or, is there a grammatical opposition?* *Rozprawy Komisji Językowej ŁTN*, vol. 66. Łódź: Uniwersytet Łódzki, Katedra Dialektologii Polskiej i Logopedii, 2018, p. 409-432.

ROCHA, C. **Kolkhoz e colcoz**. Ciberdúvidas da língua portuguesa. Disponível em: <<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/kolkhoz-e-colcoz/32828>>. Acesso em: 27 set. 2020.

ROTH, A. **Is this the beginning of the end for ‘Europe’s last dictator’?**. The Guardian, 02 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2020/aug/02/is-this-the-beginning-of-the-end-for-europes-last-dictator>>. Acesso em: 02 set. 2020.

RT. **FT: у многих друзей Москвы, бывших и нынешних, пропала охота говорить по-русски** [FT: u mnógikh družiei Moskvý, bývchikh i nýnechnikh, propala okhota govorit' po-rússki]. 2017. Disponível em: <<https://russian.rt.com/inotv/2017-04-18/FT-u-mnogih-druzej-Moskvi>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

RUSARCHIVES. **Соглашение о создании Содружества Независимых Государств 8 декабря 1991г** [Soglachéniye o sozdánii Sodrújestva Nezavísimyykh Gosudarstv 8 dekabryá 1991g]. 2015. Disponível em: <<http://www.rusarchives.ru/projects/statehood/10-12-soglashenie-sng.shtml>>. Acesso em: 3 nov. 2015.

SAHANOVICĚ, H. **Невядомая вайна: 1654 – 1667** [Nieviadomaja vajna: 1654 – 1667]. Minsk: Navuka i Technika, 1995.

SALES, D. **A sátira de Saltykov-Schedrin em *História de uma cidade***. 2010. 304 p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2010.

SANTIAGO, S. *et al.* **Glossário de Derrida**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

SANTOS, C. **Educação militar: formação e capacitação dos policiais militares**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E INCLUSÃO. Anais [...]. Campina Grande: Realize Editora, 2014.

SANTOS, S; COSTA, M; GALDINO, T. **Nas trilhas da tradução e interpretação de português-libras em revistas de tradução no Brasil**. Cadernos de Letras da UFF Dossiê: A crise da leitura e a formação do leitor, nº 52, p. 525-545.

SAŬKA *et al.* **Беларускі клясычны правапіс**. Збор правілаў. Сучасная нармалізацыя. [Bielaruski kliasychny pravapis. Zbor pravilaŭ. Sučasnaja narmalizacyja]. Vilnia – Minsk, 2005.

SENDER, N. **Measuring language attitudes. The case of Trasianka in Belarus**. Linguistik online. Frankfurt, n. 2, 2014, p. 43-55.

SIL. **ISO 639 Code Tables**. Disponível em: <https://iso639-3.sil.org/code_tables/639/data>. Acesso em: 29 out. 2021.

SILICKI, V. ДЫЛЕМЫ выбару [Dyliemy vybaru]. In: BULHAKAŬ, V. **Biellaruś: ni Eŭropa, ni Rasieja. Mierkavaŭni bielaruskich elit** [Беларусь: ні Эўропа, ні Расея. Меркаваньні беларускіх эліт]. Warszawa: ARCHE, 2006, p. 9-24.

SIMONIAN, R. **О некоторых социокультурных итогах российских экономических реформ 90-х годов** [O niékotorykh sotsiokul'túrnykh itógakh rossíiskikh ekonomítcheskikh reform 90-kh godov]. Disponível em: <https://www.civisbook.ru/files/File/O_nekotorih_sociokult.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2020.

SKIEMA, M. **Куды сьпяшаецца прэзыдэнт**. Развагі з нагоды ўзьняцьця нова-старога сьцяга [Kudy śpiašajecca prezident. Razvahi z nahody ўźniaćcia nova-staroha ściaha]. Svaboda. n. 20, 19 mai. Mensk, 1995.

SMOK, V. How Cultural NGOs Struggle for the Right to Be Belarusian. In: **Civil society in Belarus 2000-2015 Collection of texts**. Warszawa: EEDC, 2015.

SNYDER, T. **The reconstruction of nations: Poland, Ukraine, Lithuania, Belarus, 1569-1999**. New Haven & London: Yale University Press, 2003.

SOROKIN, S; MUSORINA, O. **The Russian Language in Soviet Russia in the 1920-30-s**. Journal of Educational and Social Research, vol. 3, n. 7. Roma: MCSER Publishing, 2013.

SOUZA, N. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SOYUZ. **Информационно-аналитический портал союзного государства** [Informatsionno-analitítcheskii portal soiúznogo gosudarstva]. 2021. Disponível em: <<http://www.soyuz.by/about/>>. Acesso em: 8 ago. 2021.

SUSSEX, R; CUBBERLEY, P. **The Slavic Languages**. New York: Cambridge University Press, 2006.

SUVOROV, V. **Кузькина мать: Хроника великого десятилетия** [Kúz'kina mat': Khrónika velíkogo desiatiéliétiia]. Moskva: Dóbraia kniga, 2011.

SVABODA. **«Жыве Беларусь»: паміж рэальнасьцю і мастацкім вобразам** [Žyvie Biellaruś pamizh reaĺnaściu i mastackim vobrazam]. 13 mai. 2013. Disponível em: <<http://www.svaboda.org/content/zywie-bielarus-prauda-i-vydumka/24983970.html>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

_____. **У беларусаў самы малы зровень нацыянальнай самапавагі да сябе, як да нацыі**. [U bielarusau samy maly zrovién nacyjanalnaj samapavahi da siabie, jak da nacyi]. 20 nov. 2015. Disponível em: <https://vk.com/wall-36069860_187326>. Acesso em: 21 set. 2020.

SZARKOWSKA, A; GERBER-MORÓN, O. **Viewers can keep up with fast subtitles: Evidence from eye movements**. Web. PLoS ONE. 13(6): e0199331. 19 Jun. 2018. Data de acesso: 10 nov. 2020.

TARAŠKEVIČ, B. **Biellaruskaja hramatyka dla škol**. Vilnia: M. Kuchty, 1918.

TERÉNTIEVA, O. **Первая книга отличника** [Piérvaia kniga otlíchnika]. Moskva: Naúchnaia kniga, 2013.

TEXTMUS. **Transliteração de nomes belarussos**. Disponível em: <<https://textmus.com/translit/>>. Acesso em: 18 nov. 2021.

THEGUARDIAN. **After decades of Russian dominance, Belarus begins to reclaim its language**. 28 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2015/jan/28/-sp-russian-belarus-reclaims-language-belarusian>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

TIRAS em apuros (Cop Out). Direção: Kevin Smith. Produção: Mark Cullen, Robb Cullen *et al.* Intérpretes: Bruce Willis, Tracy Morgan, Ana de la Reguera *et al.* Roteiro: Robb Cullen e Mark Cullen. Música: Harold Faltermeyer. EUA: Warner Bros., Marc Platt Productions, 2010. 1 DVD (107 min.), color.

TRUPEJ, J. **Avoiding Offensive Language in Audio-visual Translation: A Case Study of Subtitling from English to Slovenian**. *Across Languages and Cultures*, vol. 20 (1), 2019, p. 57–77.

UFBA. **Manual de identidade visual**. 2017. Disponível em: <<https://www.ufba.br/manual-de-identidade-visual>>. Acesso em: 9 jan. 2017.

UN. **Declaration on Principles of International Law concerning Friendly Relations and Co-operation among States in accordance with the Charter of the United Nations**. 24 out. 1970. Disponível em: <<https://unispal.un.org/DPA/DPR/unispal.nsf/0/25A1C8E35B23161C852570C4006E50AB>>. Acesso em: 25 mar. 2021.

___. **Belarus election ‘neither free nor fair,’ says UN human rights expert**. 13 out. 2015. Disponível em: <<https://news.un.org/en/story/2015/10/512522-belarus-election-neither-free-nor-fair-says-un-human-rights-expert>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

___. **Fact Sheet: United Nations Member States**. Disponível em: <https://www.un.org/sites/un2.un.org/files/member_states.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2021.

UNESCO. **Atlas of the World’s Languages in Danger**. 3^a ed. Paris: UNESCO, 2010.

VAJTOVIČ, M. **Разарвалі сыцяг** [Razarvali ściah]. Svaboda. n. 20, 19 mai. Mensk, 1995.

VIAČORKA, F. **Армейскі дзеньнік Франака Вячоркі** [Armiejski dziońnik Franaka Viačorki]. 12 jun. 2009. Disponível em: <naviny.by/rubrics/society/2009/06/12/ic_articles_116_161266>. Acesso em: 28 jan. 2016.

VIAČORKA, V. **Не сьмяшыце мае прыназоўнікі**. (Бібліятэка Свабоды. XXI стагодзьдзе) [Nie śmiašycie maје pryназоўнікі. (Biblijateka Svabody. XXI stahodździe)]. Praha: Radyjo Svaboda, 2017.

VILČINSKAS, V. **Comparative Analysis of Political Discourses on Astravets Nuclear Power Plant In Belarus and Lithuania**. 2018. 81 fls. Dissertação (Mestrado). The Faculty of Social Sciences, Arts and Humanities, Kaunas University of Technology, 2018.

VIVA BELARUS! (Жыве Беларусь! / Żyvie Biełaruś!). Direção: Krzysztof Łukaszewicz. Produção: Tadeusz Drewno, Daniel Markowicz e Włodzimierz Niderhaus. Intérpretes: Dźmitry Papko; Vadim Affanasiev; Karolina Gruszka; Anatolii Kot e outros. Roteiro: Krzysztof Łukaszewicz e Franak Viačorka. Música: Lavon Volski. Tradução e legendagem de Paterson Franco e Volha Yermalayeva Franco. Polônia: WFDIF, Canal +, Polski Instytut Sztuki Filmowej, 2012. 1 DVD (98 min.), widescreen, color.

VIVEIROS DE CASTRO, E. B. O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem. In: **A inconstância da alma selvagem (e outros ensaios de antropologia)**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

VOICE OF BELARUS. **Andrzej Poczobut foi premiado com a medalha “Pela liberdade de expressão”**. 31 ago. 2021. Disponível em: <<https://www.voiceofbelarus.org/pt/belarus-news/andrzej-poczobut-foi-premiado-com-a-medalha-pela-liberdade-de-expressao/>>. Acesso em 02 dez. 2021.

WEEKS, T. **Russification / Sovietization**. EGO - European History Online. 3 dez. 2010. Disponível em: <<http://ieg-ego.eu/en/threads/models-and-stereotypes/russification-sovietization>>. Acesso em 14 dez. 2020.

WESELOWSKY, T. **Stand Up And Be Counted: Ethnic Poles In Belarus Gear Up For Census**. Disponível em: <<https://www.rferl.org/a/ethnic-poles-belarus-census-remember-who-i-am/30190010.html>>. Acesso em: 9 out. 2020.

WYSON, K. **Viva Belarus! Premieres in Washington**. Radio Free Europe / Radio Liberty, 14 nov. 2013. Disponível em: <<https://pressroom.rferl.org/a/viva-belarus-premieres-in-washington/25168573.html>>. Acesso em: 3 out. 2014.

ZAHORSKI, A. **Multilevel regression with poststratification for the national level viber/street poll on the 2020 presidential election in Belarus**. 14 Set. 2020. Disponível em: <<https://arxiv.org/abs/2009.06615>>. Acesso em: 05 set. 2021.

ZAKON. **Закон Рэспублікі Беларусь 26 студзеня 1990 г. № 3094-XI Аб мовах у Рэспубліцы Беларусь** [Zakon Respubliki Bielaruś 26 studzienia 1990 h. № 3094-XI Ab movach u Respubliky Bielaruś]. 04 jan. 2021. Disponível em: <http://world_of_law.pravo.by/text.asp?RN=V19003094>. Acesso em: 29 jul. 2021.

ZALOSKA, J. **Дыялогі з Васілём Быкавым: інтэрв'ю, эсэ** [Dyjalohi z Vasiliom Bykavym Interv'ju, ese]. Minsk: Mastackaja Litaratura, 1995.

ZAPRUDZKI, S. **Некаторыя заўвагі аб вывучэнні «трасянкi», або Выклікі для беларускіх гуманiтарных i сацыяльных навук** [Niekatoryja zaŭvahi ab vyvučenni

«trasianki», abo Vykliki dla bielaruskich humanitarnych i sacyjal'nych navuk]. ARCHE Pačatak, Mensk, n. 11-12, 2009, p. 157-200.

ŠUPA, S. Менск [Mensk]. In: **СЛОЎНІК СВАБОДЫ: XX стагодзьдзе ў беларускай мове. Слова на дзень для памяці і для роздуму** [SLOŮNİK SVABODY: XX stahodździe ů bielaruskaj movie. Slova na dzień dla pamiaçi i dla rozdumu]. Praha: RFE/RL, 2012, p. 250-251.

ANEXO A

Transliteração do alfabeto belarusso cirílico para alfabeto latino e fonético (IPA)

А а	Б б	В в	Г г	Д д	Е е	Ё ё	Ж ж	З з	І і
а	бэ	вэ	гэ	дэ	е	ё	жэ	зэ	і
a	b	v	h	d	je/ie/e	jo/lo/o	ž	z	i
[a]	[b]	[v]	[ɣ]	[d]	[jɛ]	[jo]	[ʒ]	[z]	[i]
Й й	К к	Л л	М м	Н н	О о	П п	Р р	С с	Т т
	ка	эл	эм	эн	о	пэ	эр	эс	тэ
j	k	l	m	n	o	p	r	s	t
[j]	[k]	[l]	[m]	[n]	[o]	[p]	[r]	[s]	[t]
У у	Ў ў	Ф ф	Х х	Ц ц	Ч ч	Ш ш	Ы ы	Ь ь	Э э
у		эф	ха	цэ	чэ	ша	ы	мяккі знак	э
u	ŭ	f	ch	c	č	š	y	soft sign	e
[u]	[w]	[f]	[x]	[ts]	[tʃ]	[ʃ]	[ɨ]	[ʲ]	[e]
Ю ю	Я я	’		ДЗ	ДЗЬ	ДЖ	ЗЬ	ЛЬ	ЛЯ
ю	я	апостраф		dz	dź	dž	ź	ĺ	lia
ju/iu/u	ja/ia/a			[dz]	[dʒ]	[dʒ]	[z]	[ɫ]	[ɫa]
[ju]	[ja]			ле	лѐ	лю	нѐ	сѐ	цѐ
				lie	lio	liu	ń	ś	ć
				[ɫɛ]	[ɫɔ]	[ɫu]	[ɲ]	[ɕ]	[tɕ]

Fonte: OMNIGLOT, 2016

ANEXO B

Tabela de transliteração de russo cirílico para alfabeto latino (português)

<i>Alfabeto Russo</i>	<i>Transcrição para registo catalográfico ou lingüístico</i>	<i>Adaptação fonética para nomes próprios</i>
А	A	A
Б	B	B
В	V	V
Г	G	G, Gu antes de e, i
Д	D	D
Е	E	E, Ié
Ё	Io	Io
Ж	J	J
З	Z	Z
И	I	I
Й	I	I
К	K	K
Л	L	L
М	M	M
Н	N	N
О	O	O
П	P	P
Р	R	R
С	S	S, SS (intervocálico)
Т	T	T
У	U	U
Ф	F	F
Х	Kh	Kh
Ц	Ts	Ts
Ч	Tch	Tch
Ш	Ch	Ch
Щ	Chtch	Chtch
Ъ	"	
Ы	Y	Y
Ь	'	
Э	È	È
Ю	Iu	Iu
Я	Ia	Ia

Fonte: MELETÍNSKI, 1998

ANEXO C

Legendas de chegada e partida do filme *Viva Belarus!* (2012), em formato SRT

1
00:00:14,232 --> 00:00:17,795
<i>WYTWÓRNA FILMÓW
DOKUMENTALNYCH I FABULARNYCH</i>

[polonês] <i>ESTÚDIO DE FILMES
DOCUMENTAIS E DE FICÇÃO</i>

2
00:00:27,671 --> 00:00:29,417
<i>CANAL+</i>

[francês] <i>CANAL+</i>

3
00:00:35,876 --> 00:00:38,875
<i>POLSKI INSTYTUT SZTUKI FILMOWEJ</i>

[pol] <i>INSTITUTO POLONÊS DE CINEMA</i>

4
00:00:40,788 --> 00:00:44,817
<i>Wytwórnia Filmów Dokumentalnych
i Fabularnych w Warszawie
Canal+</i>

<i>Estúdio de Filmes Documentais
e de Ficção em Varsóvia
Canal+</i>

5
00:00:45,143 --> 00:00:48,856
<i>przedstawiają film współfinansowany przez
Polski Instytut Sztuki Filmowej</i>

<i>apresenta o filme co-financiado pelo
Instituto Polonês de Cinema</i>

6
00:00:49,657 --> 00:00:54,378
<i>zywie_biel@rus!</i>

[belarusso] <i>viva_bel@rus!</i>

7

00:00:54,413 --> 00:00:59,890

<i>žyvie biełaruś</i>

<i>viva belarus</i>

8

00:01:00,000 --> 00:01:04,000

<i>Субтытры:

Патэрсан Франко Коста і Воля Ермалаева Франко</i>

<i>Legendas:

Paterson Franco Costa e Volha Yermalayeva Franco</i>

9

00:01:05,244 --> 00:01:06,442

Дайте двух человек

[russo] Mandem duas pessoas

10

00:01:07,569 --> 00:01:09,624

Спокойно, напился

Sem pressa, ele está bêbado

11

00:01:11,760 --> 00:01:14,307

Высокое давление. Дать на снижение?

Pressão alta. Dar algo para baixar?

12

00:01:14,355 --> 00:01:16,204

Пускай проветривается

Deixe-o no ar fresco

13

00:01:32,236 --> 00:01:37,958

<i>МЕНСК, 2009</i>

[bel] <i>MINSK (MENSK), 2009</i>

14

00:01:38,276 --> 00:01:40,009

<i>на основе рэальных падзеяў</i>

baseado em acontecimentos reais

15

00:01:43,733 --> 00:01:46,811

Молодой человек, что для Вас значит
служба в армии?

[rus] O que significa para você servir o exército?

16

00:01:46,836 --> 00:01:49,487

Ну, я там стану <i>настояшчым мушчынай</i>

Bem, lá me tornarei um homem de verdade

17

00:01:49,527 --> 00:01:51,947

Я буду <i>зашчышчаць родзіну</i>

Vou defender a pátria

18

00:01:51,974 --> 00:01:55,582

квал-ли-ки-фа-ции...

qua-li-qui-fa-ção...

19

00:01:56,836 --> 00:01:58,267

Квалификации

Qualificação

20

00:01:58,338 --> 00:02:00,282

А-а, квалификации!

Ah, qualificação!

21

00:02:10,023 --> 00:02:14,048

- Болееге, Захарко?

- Сердечная недостаточность и гипертония

- Tem doenças, Zakharko..?

- Insuficiência cardíaca e hipertensão

22

00:02:14,065 --> 00:02:16,459

Это, наверно, из-за Чернобыля

Provavelmente por causa de Tchernóbyl

23

00:02:17,486 --> 00:02:22,948

Гипертония 1-2 степени, пролапс
митрального клапана, сколиоз, кифоз

Hipertensão grau 1-2,
prolapso mitral, escoliose, cifose

24

00:02:24,266 --> 00:02:25,266

А, давай...

Está bem...

25

00:02:26,829 --> 00:02:27,829

<i>БЛИНДАЖ</i>

<i>BLINDAGEM</i>

26

00:02:27,854 --> 00:02:30,021

Давай у два разы хутчэй
бочку <i>дабаў</i>, і грукатам

[bel] Duas vezes mais rápido,
mais o tambor, com barulho

27

00:02:30,038 --> 00:02:32,488

Там-пам-там-пам-там-пам!

Tam-pam-tam-pam-tam-pam!

28

00:02:32,703 --> 00:02:33,703

Давай!

Vora!

29

00:02:36,421 --> 00:02:38,516

<i>ФОРЗА</i>

FORZA

30

00:02:40,644 --> 00:02:46,093

- О, Мірон..! Ну, як?

- Адтэрміноўка!

- Miron..! E aí, como foi?

- Adiamento!

31

00:02:46,498 --> 00:02:49,173

- <i>Ціпа</i> чарнобылец?

- Ну, <i>ціпа</i> чарнобылец!

- Тіро, Tchornóbyl?

- Ё, tíro, Tchornóbyl!

32

00:02:49,221 --> 00:02:51,784

На, трымай, за канцэрт у клубе танкістаў

Tome, é pelo show na boate dos Tanquistas

33

00:02:52,245 --> 00:02:54,094

- А Зьміцер дзе?

- А вунь!

- E cadê Żmicier?

- Ali, ó!

34

00:02:55,031 --> 00:02:57,070

О, глядзі ты, дзэвюх счапіў

Olha só, pegou duas

35

00:02:57,237 --> 00:02:59,332

Зь незалежнага парталу, інтэрв'ю дае

São de um site independente,
ele está dando entrevista

36

00:02:59,467 --> 00:03:00,467

Сам?

Sozinho?

37

00:03:01,277 --> 00:03:04,757

Трэба быць бліжэй да людзей,
быць іх голасам,

Temos que estar mais perto do povo,
ser a voz dele,

38

00:03:04,782 --> 00:03:08,004

голасам пратэсту
і таго, што іх турбуе таксама

a voz de protesto
e o que o preocupa também...

39

00:03:08,536 --> 00:03:11,584

Таксама музыка павінны
руйнаваць мury,

Também, o músico
deve arruinar muros,

40

00:03:11,624 --> 00:03:14,750

зрываць кайданы і іншыя рэчы

arrebentar grilhões e outras coisas

41

00:03:15,013 --> 00:03:19,004

Прашу прабачэння,
гэта наш <i>дзізерцір</i> з войска

Peço desculpas, este é o
nosso desertor do exército...

42

00:03:21,017 --> 00:03:24,334

А лідар не падзяляе лінію партыі?

E o líder não concorda com a banda?

43

00:03:24,636 --> 00:03:27,707

У лідара <i>кишка тонка</i>

O líder é um bunda-mole

44

00:03:35,769 --> 00:03:39,531

"У нашым калгасе парадак і ціша,

"No nosso colcoz está tudo
em ordem e silêncio,

45

00:03:39,579 --> 00:03:43,372

А людзі пытаюць:

Калі ўжо, калі ўжо?

Mas as pessoas perguntam:

Até quando? Até quando?

46

00:03:44,170 --> 00:03:47,936

Калі старшыня наш паедзе адгэтуль,

Quando o nosso chefe vai embora daqui,

47

00:03:47,945 --> 00:03:51,889

А лепш паляціць на чужую плянэту?"

Ou melhor, vai para outro planeta?"

48

00:03:52,737 --> 00:03:56,395

Сёння Ёміцер засьпявае "У нашым калгасе"

Hoje, Ёmicier vai cantar "No nosso colcoz"

49

00:03:56,681 --> 00:04:00,157

- У нашым калгасе парадак і...

- Не-не-не!

- "No nosso colcoz está tudo em ordem e..."

- Não, não, não!

50

00:04:00,356 --> 00:04:04,012

♪ У нашым калгасе парадак і ціша, ♪

♪ No nosso colcoz está tudo
em ordem e silêncio, ♪

51

00:04:04,037 --> 00:04:07,586

♪ А людзі пытаюць:

Калі ўжо, калі ўжо? ♪

♪ Mas as pessoas perguntam:

Até quando? Até quando? ♪

52

00:04:07,611 --> 00:04:11,126

♪ Калі старшыня наш паедзе адгэтуль, ♪

♪ Quando o chefe vai embora daqui, ♪

53

00:04:11,166 --> 00:04:14,444

♪ А лепш паляціць на чужую плянэту? ♪

♪ Ou melhor, vai para outro planeta? ♪

54

00:04:15,174 --> 00:04:18,856

Зьміцер, ты брынчала местачковы!

Zmicier, seu guitarrista de quinta..!

55

00:04:20,173 --> 00:04:22,101

Ды ён нармальны

Ele é normal

56

00:04:22,133 --> 00:04:24,529

Проста яго часам заносіць

Só que às vezes extrapola

57

00:04:28,072 --> 00:04:29,072

♪ Мая ♪

♪ Minha ♪

58

00:04:34,000 --> 00:04:38,790

♪ Мая рэвалюцыя –
права праўду казаць! ♪

♪ Minha revolução
é o direito de falar a verdade! ♪

59

00:04:40,328 --> 00:04:45,328

♪ Мая рэвалюцыя –
гэта ні ўбок, ні назад! ♪

♪ Minha revolução não é
nem para o lado nem para trás! ♪

60

00:04:46,922 --> 00:04:51,805

♪ Калі ты стаміўся
гуляць у пачварны пасьянс, ♪

♪ Se você cansou desse monstruoso
jogo de paciência, ♪

61

00:04:53,156 --> 00:04:58,648

♪ На золак зірні,
узыходзіць зіхоткі наш час! ♪

♪ Olhe para a alvorada,
está chegando nossa hora de brilhar! ♪

62

00:04:59,800 --> 00:05:02,609

♪ Дай веры мне, дай! ♪

♪ Venha à vera, venha! ♪

63

00:05:02,800 --> 00:05:06,468

<i>“Канцэрты – тое месца,
дзе моладзь можа выпусьціць пару...</i>

<i>“O show é o lugar onde a juventude
pode extravasar...</i>

64

00:05:06,493 --> 00:05:10,375

<i>Граць можна гучна і востра,
сьпяваць таксама можна амаль пра ўсё,</i>

<i>Pode tocar alto e forte,
cantar também pode sobre quase tudo,</i>

65

00:05:10,446 --> 00:05:13,032

<i>не трэба толькі ацэньваць
палітычную рэчаіснасьць...</i>

<i>só não pode discutir a realidade política...</i>

66

00:05:13,057 --> 00:05:17,375

<i>Можна сьпяваць пра рэвалюцыю,
але не пра нейкую канкрэтную, а так, у цэлым</i>

<i>Pode cantar sobre uma revolução, só não
sobre alguma concreta, e sim, em geral</i>

67

00:05:17,400 --> 00:05:20,273

<i>Нездарма на майцы Чэ Гевара</i>

<i>A camisa de Che Guevara não é à toa”</i>

68

00:05:20,359 --> 00:05:26,800

♪ Расквэцім панурыя вуліцы!

Сьвяці й сагравай ♪

♪ Vamos pintar essas ruas chatas!

Pumine e es quente ♪

69

00:05:26,825 --> 00:05:30,825

♪ Палай, мая рэвалюцыя! ♪

♪ Brilhe, minha revolução! ♪

70

00:05:31,365 --> 00:05:34,254

♪ Рэвалюцыя! ♪

♪ Revolução! ♪

71

00:05:52,800 --> 00:05:55,800

Ми-рон, Ми-рон!

“Форза”, “Форза”!

Miron, Miron!

Forza, Forza!

72

00:06:03,800 --> 00:06:07,800

- Людзі! Я ня бачу вас! Вы тут?

- Тут!

- Gente..! Não estou vendo vocês! Estão aqui?

- Aqui!

73

00:06:07,800 --> 00:06:10,800

Я ня чую вас!

Não estou ouvindo!

74

00:06:10,825 --> 00:06:13,825

Наша жыцьцё, наша рэвалюцыя..!

Nossa vida, nossa revolução..!

75

00:06:15,800 --> 00:06:31,300

Верым! Можам! Пераможам!

Верым! Можам! Пераможам!

Cremos! Podemos! Venceremos!

Cremos! Podemos! Venceremos!

76

00:06:31,325 --> 00:06:34,775

Сва-бо-да! Сва-бо-да!

Li-ber-da-de! Li-ber-da-de!

77

00:06:34,800 --> 00:06:36,800

Зьміцер! Што ты, блядзь, робіш?

Zmicier! Que porra você está fazendo?

78

00:06:37,378 --> 00:06:44,775

Сва-бо-да! Сва-бо-да!

Li-ber-da-de! Li-ber-da-de!

79

00:06:44,800 --> 00:06:49,070

Людзі! Тое, што вы робіце – забаронена!

Gente! O que vocês estão fazendo é proibido!

80

00:06:49,095 --> 00:06:52,071

Вашыя сьцягі таксама забароненыя!

Suas bandeiras também são proibidas!

81

00:06:52,096 --> 00:06:55,096

Вы – нелегалы!

Vocês são ilegais!

82

00:06:56,800 --> 00:07:03,157

Не-ле-галы! Не-ле-галы!

I-le-gais! I-le-gais!

83

00:07:03,182 --> 00:07:08,448

Людзі! Ваш сход нелегальны!

Разыходзьцеся па дамах!

Gente... Essa aglomeração é ilegal!

Dispersem-se para suas casas!

84

00:07:17,800 --> 00:07:19,800

Звальваем, звальваем!

Vora! Vora!

85

00:08:16,463 --> 00:08:18,463

Ідзеш на пары?

Vai para a faculdade?

86

00:08:18,768 --> 00:08:20,822

Можна не ісьці

Posso faltar,

87

00:08:21,096 --> 00:08:23,096

Сёньня нічога важнага

Noje não tem nada importante

88

00:08:25,401 --> 00:08:26,573

Гэта добра

Que bom...

89

00:08:27,096 --> 00:08:28,096

А ты?

E você?

90

00:08:28,800 --> 00:08:30,800

Нічога важнага

Nada importante

91

00:08:33,214 --> 00:08:36,750

No tak, słyszę właśnie

[pol] É, sim, estou ouvindo bem

92

00:08:36,806 --> 00:08:37,806

No

Bem

93

00:08:37,946 --> 00:08:39,690

Nie martw się

Não se preocupe

94

00:08:39,800 --> 00:08:41,800

Ojciec potrzebuje odpocząć

Pai precisa descansar

95

00:08:42,440 --> 00:08:44,658

Zadzwoń w wieczorem, dobrze?

Telefonarei à noite, está bem?

96

00:08:44,721 --> 00:08:47,033

Саўжэ. Покі Па...

Beijo. Ok, tchau...

97

00:08:49,644 --> 00:08:53,644

Дык у цябе маці полька,
а бацька чыноўнік

[bel] Então, sua mãe é polonesa
e seu pai é burocrata

98

00:08:53,800 --> 00:08:55,800

Ну і?

E daí?

99

00:08:56,112 --> 00:08:58,112

Гэта крыху шызафрэнічна

Isso é meio esquizofrênico

100

00:08:58,800 --> 00:09:01,559

Шукаюць агульную мову

Buscam uma língua comum

101

00:09:01,584 --> 00:09:04,338

Не размаўляюць пра палітыку

Não falam sobre política

102

00:09:17,596 --> 00:09:22,596

На сайце галасуюць за зьмену
вашай назвы на “Нелегалаў”

No site, estão votando pela mudança
do nome da banda para “Plegais”

103

00:09:24,800 --> 00:09:27,800

*<i>"Канцэрт 'Forza' брутальна разагнаны" </i>**<i>"O show do Forza foi**violentemente dispersado" </i>*

104

00:09:34,800 --> 00:09:38,800

*<i>"Forza зьменіць назву на 'Нелегалы'?" </i>**<i>"Forza mudará o nome da banda**para Pegais?" </i>*

105

00:09:39,112 --> 00:09:41,112

Што ты робиш?

O que está fazendo?

106

00:09:41,354 --> 00:09:43,354

А што ня так?

Algo errado...?

107

00:09:43,677 --> 00:09:46,691

Добра, што спытала!

Obrigado por perguntar!

108

00:09:50,635 --> 00:09:52,684

Людзеі гэта хвалюе

As pessoas se preocupam

109

00:09:52,919 --> 00:09:54,776

Вельмі важна тое, што вы робіце

É muito importante o que vocês fazem

110

00:09:54,800 --> 00:09:57,666

Ну што мы робім?

Гэта Зьміцер сябе павёў як дурань!

Fazemos o quê?
 Żmicier agiu feito bobo!

111
 00:09:57,691 --> 00:09:58,995
 А як мяне пацягнуць у КДБ,

E quando me levarem à KGB,

112
 00:09:59,020 --> 00:10:01,441
 я так і скажу, як я сказаў,
 каб людзі разыходзіліся

vou dizer mesmo que falei no show,
 que as pessoas se dispersassem

113
 00:10:01,466 --> 00:10:05,246
 Ты ўвогуле разумееш, што, калі нас забароняць,
 мы будзем нікому нецікавыя?

Você entende que se formos proibidos,
 ninguém vai ligar para nós?

114
 00:10:05,698 --> 00:10:09,494
 Ну от і будзем мы са Зьмітром
 у гаражы граць удвох...

Aí seremos só eu e Żmicier
 tocando numa garagem...

115
 00:10:11,159 --> 00:10:13,159
 Ты сказаў нешта аб шызафрэніі..?

O que você disse sobre esquizofrenia..?

116
 00:10:13,800 --> 00:10:14,800
 Што?

O quê?

117
 00:10:23,800 --> 00:10:27,800
 Цябе злуе, што людзі пры вас

пачуваюцца самімі сабой

Você se irrita que as pessoas
se sentem livres com você

118

00:10:27,800 --> 00:10:31,392

што ўдыхнулі паветра ад таго, што вакол

que conseguem respirar ao seu redor

119

00:10:31,534 --> 00:10:33,734

Калі табе пляваць на публіку,

Se você está nem aí para o público,

120

00:10:33,822 --> 00:10:35,689

то якая розьніца, дзе граць?

então, que diferença faz onde tocar?

121

00:10:36,032 --> 00:10:38,297

У гаражы або ў іншым месцы?

Numa garagem ou em outro lugar?

122

00:10:38,425 --> 00:10:41,383

А я не нясу адказнасці за тое,
што адбываецца вакол

Eu não tenho responsabilidade
pelo que está acontecendo ao redor.

123

00:10:41,408 --> 00:10:44,337

Я музыка, ну даў людзям
пазабаўляцца на канцэрце

Eu sou músico, fiz as pessoas
se divertirem num show

124

00:10:44,361 --> 00:10:45,827

і няхай так застаецца

e que continue assim

125

00:10:47,323 --> 00:10:49,323

Што табе губляць?

O quê você tem a perder?

126

00:10:50,393 --> 00:10:52,393

Чаму так баісься?

Por que está com tanto medo?

127

00:11:20,800 --> 00:11:21,800

Захарко?

[rus] Zakharko?

128

00:11:26,800 --> 00:11:27,800

Нет

Não

129

00:11:44,767 --> 00:11:47,235

<i>Минский городской военный комиссариат</i>

<i>Junta de serviço militar de Minsk</i>

130

00:11:53,800 --> 00:11:55,253

Не годен?

Inapto?

131

00:11:55,278 --> 00:11:57,895

Товарищ начальник,
отсрочка по состоянию здоровья

Camarada diretor, o adiamento
é por motivos de saúde

132

00:11:57,920 --> 00:11:59,432

согласно требованиям к призыву

de acordo com os requerimentos
para o alistamento

133

00:11:59,457 --> 00:12:01,388

в Вооруженные Силы
Республики Беларусь

nas forças armadas
da República de Belarus

134

00:12:01,451 --> 00:12:02,800

Требования изменились

Os requerimentos mudaram

135

00:12:03,565 --> 00:12:06,505

Приказ министра обороны
Республики Беларусь

Ordem do Ministro da Defesa
da República de Belarus

136

00:12:06,800 --> 00:12:11,101

Гипертония 1-й степени, пролапс
митрального клапана, сколиоз и кифоз

Hipertensão, prolapso mitral,
escoliose e cifose

137

00:12:11,126 --> 00:12:12,999

не числятся среди болезней,

não constam entre as enfermidades

138

00:12:13,024 --> 00:12:15,775

исключающих прохождение
воинской службы

que impedem a entrada
no serviço militar

139

00:12:15,800 --> 00:12:18,573

В связи с этим присутствующий здесь
гражданин

De maneira que o cidadão aqui presente

140

00:12:18,598 --> 00:12:20,683

призывается для прохождения
воинской службы

é convocado para adentrar
o serviço militar

141

00:12:20,708 --> 00:12:22,333

сроком на 18 месяцев

com duração de 18 meses

142

00:12:22,341 --> 00:12:26,872

с немедленным приступлением
к исполнению своих обязанностей

com início imediato de cumprimento
de suas obrigações

143

00:12:26,897 --> 00:12:28,663

Товарищ начальник, в таком случае, требую

Camarada diretor, neste caso, exijo

144

00:12:28,688 --> 00:12:30,415

дополнительное медицинское обследование

perícia médica adicional

145

00:12:30,440 --> 00:12:32,800

Заседание закончено!

A sessão está encerrada!

146

00:12:35,800 --> 00:12:38,775

Зьміцер, Зьміцер, паведамі хлапцам,

што мяне забіраюць!

[bel] Żmicier, Żmicier, diga aos rapazes,
que estão me levando!

147

00:12:38,800 --> 00:12:41,800

Гэта незаконна!

Isso é contra a lei!

148

00:12:56,800 --> 00:13:01,198

<i>...в столичных клубах прошли
несанкционированные акции</i>

[rus] <i>...nas boates da capital ocorreram
manifestações não sancionadas</i>

149

00:13:02,378 --> 00:13:05,604

<i>...молодых музыкантов
будет строго контролироваться</i>

<i>os jovens músicos serão
duramente controlados</i>

150

00:13:05,629 --> 00:13:08,245

<i>правоохранительными органами...</i>

<i>pelos órgãos de segurança pública...</i>

151

00:13:09,792 --> 00:13:13,534

300 км на поўдзень ад Менску
Беларуска-ўкраінскае памежжа

[bel] 300 KM AO SUL DE MINSK (MENSK).
Região fronteira entre Belarus e Ucrânia.

152

00:13:15,291 --> 00:13:16,490

<i>Аптека</i>

[rus] <i>Farmácia</i>

153

00:13:21,126 --> 00:13:22,126

<i>Аптека</i>

<i>Farmácia</i>

154

00:13:22,497 --> 00:13:24,119

<i>Будущее в наших руках</i>

<i>O futuro está em nossas mãos</i>

155

00:13:48,221 --> 00:13:50,800

<i>"Внимание! Радиационная опасность
Вход и въезд запрещен"</i>

<i>"Atenção! Risco radioativo
Entrada proibida"</i>

156

00:13:53,573 --> 00:13:57,323

Спасылаўся на Чарнобыль, маўляў,
гэта прычына маіх хваробаў

[bel] Mencionar Tchernóbyl como causa
dos meus problemas de saúde

157

00:13:57,463 --> 00:13:59,479

гэта была стратэгічная памылка

foi um erro estratégico

158

00:13:59,504 --> 00:14:01,970

Сябры медычнае камісіі добра пажартавалі

Os membros da comissão médica
mostraram seu senso de humor

159

00:14:01,995 --> 00:14:04,800

адправіўшы мяне ў вайсковую часць
у Чарнобыльскай зоне

ao me mandar para um quartel
na zona de Tchernóbyl

160

00:14:05,346 --> 00:14:08,463

альбо вырашылі, што мне ўжо
нішто не пашкодзіць

ou pensaram que piorar
para mim já não vai

161

00:14:16,237 --> 00:14:22,260

<i>"Воинская часть - это твоя малая родина"</i>

[rus] <i>O quartel é sua pequena Pátria</i>

162

00:14:27,800 --> 00:14:30,911

Адзіным мэтадам у краіне,
заклапочанай захваньнем закона

[bel] O único método de sobreviver
em um país preocupado com a lei

163

00:14:30,936 --> 00:14:33,537

ёсьць нястомнае спасыланьне
на гэты закон

é incansavelmente
referir-se a essa lei

164

00:14:33,576 --> 00:14:36,024

Кожны грамадзянін,
супраць якога учынілі гвалт,

Cada cidadão que for agredido

165

00:14:36,049 --> 00:14:38,654

мае права падаць скаргу і зняць пабоі

tem direito a registrar ocorrência
e exame de corpo de delito

166

00:14:41,341 --> 00:14:43,800

Все рапорты утврждае замполит

[rus] Quem registra os boletins
é o comissário político

167

00:14:44,065 --> 00:14:46,065

Обратитесь к нему

Fale com ele

168

00:14:47,800 --> 00:14:49,372

Ну, допустим, упрёшься,

Suponhamos que você insista

169

00:14:49,651 --> 00:14:54,599

А через два месяца получишь постановление
из главной военной прокуратуры

Daqui a dois meses vai receber
uma resolução da procuradoria

170

00:14:54,794 --> 00:14:56,948

Вот, у меня здесь похожее заявление

Olhe, tenho um caso parecido aqui

171

00:14:56,973 --> 00:14:58,938

А в постановлении написано,

Mas na resolução consta

172

00:14:58,963 --> 00:15:01,782

что призыв прошёл согласно
законодательства

que a convocação ocorreu
de acordo com o regimento

173

00:15:01,846 --> 00:15:04,408

и что тебя не в армии избили,
а вообще кто-то другой...

e que não foi alguém do exército que
bateu em você, mas outra pessoa...

174

00:15:04,495 --> 00:15:07,197

А тот минивэн, на котором тебя привезли,

E esse camburão que trouxe você para cá

175

00:15:07,222 --> 00:15:09,697

более десяти лет нигде не числится

há mais de dez anos não consta
em lugar nenhum

176

00:15:09,722 --> 00:15:12,159

Его вообще на бумаге нет

No papel ele nem existe

177

00:15:12,800 --> 00:15:16,800

Так что подумай хорошенько,
стоит ли размахивать кулаками?

Então, pense nisso com carinho.
Você quer mesmo esses problemas?

178

00:15:17,292 --> 00:15:21,455

Полтора года в армии
могут пролететь как год...

Um ano e meio no exército pode
passar como se fosse um...

179

00:15:22,800 --> 00:15:26,010

или два. Всё зависит от тебя

ou dois. Tudo depende de você

180

00:15:28,800 --> 00:15:31,800

Может, ты позвонить хочешь..?

Talvez você queira ligar para alguém?

181

00:16:06,890 --> 00:16:07,687

Алë!

[bel] Alô!

182
00:16:07,712 --> 00:16:10,417
Алѐ, брынчала?

Alô, guitarrista de quinta?

183
00:16:10,800 --> 00:16:12,007
Я ўжо тут

Já estou aqui

184
00:16:12,093 --> 00:16:13,093
Ты ў Менску?

Você está em Mensk?

185
00:16:13,304 --> 00:16:15,951
Так, мы ўсе тут

Sim, estamos todos aqui

186
00:16:15,991 --> 00:16:17,974
Не, пакуль не граем

Não, por enquanto
não estamos tocando

187
00:16:19,334 --> 00:16:22,643
Мы ў Веры, тут яшчэ некалькі чалавек

Estamos na casa de Vera,
tem mais algumas pessoas aqui

188
00:16:22,668 --> 00:16:24,651
Ты хочаш зь ёй пагаварыць..?

Quer falar com ela..?

189
00:16:25,604 --> 00:16:26,604

Так

Quero

190

00:16:29,330 --> 00:16:30,330

Вера

Vera

191

00:16:31,814 --> 00:16:33,291

У цябе ўсё ў парадку?

Está tudo bem com você?

192

00:16:33,800 --> 00:16:35,800

Цябе не выклікалі?

Não interrogaram você?

193

00:16:55,119 --> 00:16:57,119

Хвалююся за цябе

Estou preocupada

194

00:17:00,527 --> 00:17:04,128

Я... не змагу табе тэлефанаваць

Eu não poderei ligar para você

195

00:17:05,800 --> 00:17:08,800

Мне... чакаць?

Eu devo... esperar?

196

00:17:12,065 --> 00:17:13,679

Не бачу сэнсу

Não vejo sentido

197

00:17:13,883 --> 00:17:15,765

У цябе вучоба,

Você precisa estudar

198

00:17:15,844 --> 00:17:19,023

а мне трэба неяк... прыжыцца

E eu tenho que dar um jeito aqui

199

00:17:27,473 --> 00:17:28,473

Ну...

Vem...

200

00:17:31,354 --> 00:17:33,082

посьпехаў

boa sorte

201

00:17:41,440 --> 00:17:43,440

Як ён?

Como ele está?

202

00:17:51,237 --> 00:17:54,940

<i> В. И. Ленин </i>

[rus] <i> V. I. Lenin </i>

203

00:18:25,222 --> 00:18:27,800

Товарищ младший сержант,
разрешите обратиться

Camarada subsargento,
permissão para falar

204

00:18:28,026 --> 00:18:31,589

Там в толчке сливные
бачки все сломаны

As descargas no banheiro
estão todas quebradas

205

00:18:31,800 --> 00:18:34,800

Может, ведро какое поставитъ,
чтоб смывать?

Talvez seja bom deixar um balde
com água, para dar descarga?

206

00:18:34,800 --> 00:18:39,800

А ты что, артист-*инцілігент*,
и нормально высратья не сможешь?

Qual foi, artista-intelectual,
não sabe nem cagar normal?

207

00:18:39,800 --> 00:18:42,956

Сри сразу в очко - эконошь воду

Cague direto no buraco
e economize água

208

00:18:46,800 --> 00:18:48,800

Ты чё, сука, стал?

Tá olhando o quê, porra?!

209

00:18:53,116 --> 00:18:58,065

Говорить надо:

"Так точно, товарищ сержант"!

Tem que responder:

"Sim, senhor camarada sargento"!

210

00:18:58,072 --> 00:18:59,518

Что это?

O que foi?

211

00:18:59,543 --> 00:19:00,775

Ты что, сука, душара?

Qual foi, novato desgraçado?

212

00:19:00,800 --> 00:19:03,800

Три дня в армии и никак
приспособиться не можешь?

Três dias no exército e ainda
não consegue se acostumar?

213

00:19:03,800 --> 00:19:06,961

Упор лежа принять!

Deitado! No chão!

214

00:19:06,986 --> 00:19:09,470

Смирно!

Atenção!

215

00:19:09,588 --> 00:19:12,072

Упор лежа! Принять!

Deitado! No chão!

216

00:19:12,135 --> 00:19:15,884

Один! Два! Раз! Два!

Um! Dois! Um! Dois!

217

00:19:15,909 --> 00:19:18,377

Шнеля! Шнеля, дух! Раз!

<i>Schneller</i>, novato! Um!

218

00:19:18,409 --> 00:19:21,440

Полтора! Смирно!

Um e meio! Atenção!

219

00:19:21,443 --> 00:19:23,958

Принять! Раз! Два!

Deitado! Um! Dois!

220

00:19:23,983 --> 00:19:26,115

Сука, душара, держись!

Novato desgraçado, fique aí!

221

00:19:26,139 --> 00:19:28,264

Раз! Два!

Um! Dois!

222

00:19:28,289 --> 00:19:32,242

Один! Два! Полтора!

Um! Dois! Um e meio!

223

00:19:32,289 --> 00:19:34,992

Держись, сука!

Fique aí, porra!

224

00:19:35,055 --> 00:19:36,773

Полтора!

Um e meio!

225

00:19:37,546 --> 00:19:40,800

А теперь - на óчки!

E agora vá limpar os buracos!

226

00:19:50,453 --> 00:19:52,800

Курва...

[bel] Puta que pariu...

227

00:20:07,313 --> 00:20:11,053

Надпис на браме “Частка - твая малая радзіма” здаваўся слоганам

A frase no portão “O quartel é sua

pequena Pátria” parecia somente um lema

228

00:20:11,078 --> 00:20:14,670

Аднак хутка стала зразумела,
што гэта абсалютная праўда

Porém, logo se tornou óbvio
que isso era verdade absoluta

229

00:20:14,695 --> 00:20:17,800

За мурамі так і было,
толькі яшчэ больш выразна

Dentro dos muros era bem isso,
só que ainda mais explícito

230

00:20:18,417 --> 00:20:20,800

“Дух” - самы нізкі статус
у дзедаўшчыне

“Espírito” é o status
mais baixo na iniciação

231

00:20:20,800 --> 00:20:23,800

Пазьней - “слон”, які можа, напрыклад,
трымаць руку ў кішэні

Depois, “elefante”, que pode, por exemplo,
colocar a mão no bolso

232

00:20:23,800 --> 00:20:25,401

і яго нельга біць без прычыны

e já não pode bater nele sem motivo

233

00:20:25,426 --> 00:20:27,099

Пазьней - “чэрап” ці “чарпак”,

Depois vem “caveira”

234

00:20:27,124 --> 00:20:30,044

ён можа трымаць ужо дзьве рукі

Ў кішэнях і піць каву

Ele pode botar as duas mãos
nos bolsos e beber café

235

00:20:30,069 --> 00:20:33,225

Самы важны ў гіерархіі - “дзед”,
як, напрыклад, Руслан

O mais importante na hierarquia
é o “avô”, como, por exemplo, Ruslan,

236

00:20:33,250 --> 00:20:35,785

намэнклятура, што пільнуе сістэму

é a elite que supervisiona o sistema

237

00:20:35,810 --> 00:20:38,847

Ну, духи! И ты, артист!

[rus] Bem, novatos! E você, artista!

238

00:20:38,872 --> 00:20:40,677

<i>Ціперь спаць!</i>

É hora de dormir!

239

00:20:40,911 --> 00:20:48,800

♪ Баю-бай, баю-бай, <i>душаняга,</i> засынай... ♪

[bel] ♪ Voi, boi, boi, boi da cara preta,
pegue esse novato que tem medo de careta... ♪

240

00:21:17,275 --> 00:21:18,423

Товарищ ефрейтор...

[rus] Camarada cabo...

241

00:21:18,494 --> 00:21:19,775

Чаго табе?

[bel] Qual foi?

242

00:21:19,800 --> 00:21:21,800

У меня <i>дзенег</i> немного есть...

[rus] Eu tenho uma graninha...

243

00:21:21,800 --> 00:21:23,627

Нахера мне <i>твае дзеньгі? </i>

Para que porra eu quero seu dinheiro?!

244

00:21:23,652 --> 00:21:26,979

Усё роўна, увальніцельная да прысягі
не атрымаецца[bel] Você não vai receber folga
antes do juramento, de jeito nenhum

245

00:21:27,004 --> 00:21:30,397

Я разумею, мне тэлефон трэба

Entendo. Preciso de um celular

246

00:21:30,422 --> 00:21:32,227

Табе які? З карткай ці проста?

Com chip ou sem?

247

00:21:32,252 --> 00:21:33,102

Камплект

Completo

248

00:21:33,118 --> 00:21:35,633

Камплект - 50 баксаў

Completo é 50 dólares

249

00:21:35,800 --> 00:21:39,100

Семдзсят, але палова пасья прысягі

Setenta, mas a outra metade
só depois do juramento

250

00:21:39,125 --> 00:21:42,040

Ты даживеш да прысягі, душара?

E você sobrevive até lá, seu novato?

251

00:21:42,065 --> 00:21:44,065

Чаго вы так чухаецеся?

Por que o senhor se соça tanto?

252

00:21:45,604 --> 00:21:48,800

А ты што, кніжкі пішаш?

Que é, vai escrever livrinhos?

253

00:21:55,346 --> 00:21:56,346

Захарко!

[rus] Zakharko!

254

00:21:58,284 --> 00:22:00,823

Въёбывай! Шнеля!

Bora, porra! <i>Schneller</i>!

255

00:23:06,338 --> 00:23:10,338

Алё, Вера? Толькі не кладзі трубку,
дай мне паўхвіліны

[bel] Alô, Vera? Não desligue,
me dê 30 segundos

256

00:23:13,244 --> 00:23:14,792

Як ты там?

Como você está?

257

00:23:15,620 --> 00:23:16,870

Прыжыўся?

Deu um jeito?

258

00:23:19,369 --> 00:23:20,581

Памыляўся я

Eu estava errado

259

00:23:22,619 --> 00:23:25,953

Ты казала, тое, што мы робім,
тое, што мы хочам сказаць

Você disse que o que nós fazemos,
o que queremos dizer

260

00:23:26,129 --> 00:23:29,263

гэта вельмі важна,
гэта людзей вельмі цікавіць

É muito importante
e interessa muito as pessoas...

261

00:23:29,323 --> 00:23:31,323

Тут вельмі цікава,

Aqui é muito interessante,

262

00:23:33,834 --> 00:23:35,889

нават больш, чым здавалася

até mais do que parecia

263

00:23:37,456 --> 00:23:39,280

І што хочаш з гэтым зрабіць?

E o que você quer fazer com isso?

264

00:23:41,355 --> 00:23:43,355

Безь цябе - нічога

Sem você, nada

265

00:23:55,627 --> 00:24:00,408

Калі хочаш, зрабі сабе кавы,
альбо вазьмі што-небудзь зь лядоўні

Se quiser, faça um café para você
ou pegue qualquer coisa na geladeira

266

00:24:03,800 --> 00:24:05,809

<i>“Найвялікшай трагэдыяй
XX стагодзьдзя</i>

<i>“A maior tragédia do século XX</i>

267

00:24:05,834 --> 00:24:08,379

<i>быў распад Савецкага Саюзу</i>

<i>foi o colapso da União Soviética</i>

268

00:24:08,800 --> 00:24:12,279

<i>На шчасьце, у нас усё так,
нібыта Саюз не разваліўся</i>

<i>Felizmente, aqui parece
que a URSS não acabou</i>

269

00:24:12,358 --> 00:24:15,029

<i>Штопраўда, у нас ёсьць
нацыянальныя сымбалі</i>

<i>Está certo que hoje temos
símbolos nacionais, </i>

270

00:24:15,053 --> 00:24:17,334

<i>герб, сьцяг і беларуская мова</i>

<i>brasão, bandeira e língua belarussa,</i>

271

00:24:17,397 --> 00:24:19,498

<i>Але яны непатрэбныя, часовыя...</i>

<i>mas eles são desnecessários,

temporários...</i>

272

00:24:19,523 --> 00:24:22,694

<i>Адраджэньне Савецкага Саюзу
пад кіраўніцтвам нашага прэзыдэнта -</i>

<i>O renascimento da URSS
sob a liderança do nosso presidente</i>

273

00:24:22,719 --> 00:24:24,366

<i>гэта толькі пытаньне часу</i>

<i>é apenas uma questão de tempo</i>

274

00:24:24,391 --> 00:24:28,164

<i>Напэўна, мы апошняяе войска съвету,
дзе замест шкарпетак - анучы”</i>

<i>Provavelmente somos o último exército
do mundo a usar trapos como meias”</i>

275

00:24:28,625 --> 00:24:31,912

Раз, два, три, чатыре!

[rus] Um, dois, três, quatro!

276

00:24:31,937 --> 00:24:34,526

<i>В.И. Ленин </i>

<i>V. I. Lenin </i>

277

00:24:34,551 --> 00:24:37,823

<i>“Па тэрыторыі часткі перамяшчаемся
толькі строем альбо бегам</i>

[bel] <i>“Pela base podemos nos deslocar
só andando em fileiras ou correndo</i>

278

00:24:37,848 --> 00:24:39,848

<i>Проста хадзіць - непажадана” </i>

<i>Só caminhar é indesejável” </i>

279

00:24:46,206 --> 00:24:50,206

<i>Армейскі дзёньнік беларускага салдата</i>

<i>Diário de um soldado belarusso</i>

280

00:24:51,130 --> 00:24:53,513

<i>Інстытут Журналістыкі
Беларускі Дзяржаўны Ўніверсітэт</i><i>Instituto de Jornalismo
Universidade Estatal de Belarus</i>

281

00:25:04,025 --> 00:25:07,140

<i>Дзедаўшчына ў войску,
Савецкі саюз - у асобна ўзятай арміі</i><i>Trotes no exército,
A União Soviética ressurgue no exército</i>

282

00:25:07,165 --> 00:25:09,800

<i>Анучы = парцянкi, Вайсковыя парадкі,
Баня - раз на тыдзень</i><i>Trapos = meias, Os hábitos do exército,
Banho uma vez por semana</i>

283

00:25:11,464 --> 00:25:15,800

<i>“Карацей, сочым за бясьпекай
беларускага неба ад пагрозы НАТА</i><i>“Então, garantimos a segurança
dos céus belarussos da ameaça da OTAN</i>

284

00:25:15,800 --> 00:25:19,800

<i>Бачым, калі прэзідэнт ляціць у Кубу
альбо ў Венесуэлу</i><i>Vemos quando o presidente
voa para Cuba ou Venezuela</i>

285

00:25:21,800 --> 00:25:23,800

<i>Хаця бывае, што і ня бачым”</i>

<i>Aliás, nem sempre”</i>

286

00:25:28,114 --> 00:25:30,800

Ну что там наебнулось?!

[rus] Que porra quebrou aí?

287

00:25:30,800 --> 00:25:34,800

Бля... Ну что тут опять наебнулось?

Porra... Fodeu o quê de novo aí?

288

00:25:34,817 --> 00:25:37,484

Да всё наебнулось, товарищ подполковник!

Fodeu tudo, camarada subtenente!

289

00:25:38,768 --> 00:25:41,775

Раз! Давай! Давай!

Um! Bora, bora!

290

00:25:41,800 --> 00:25:45,714

<i>“Якія б ні былі праблемы, самае галоўнае гэта калектыўная ляяльнасьць”</i>

[bel] <i>“Mas, independente dos problemas, o que importa é a "lealdade coletiva”</i>

291

00:25:45,739 --> 00:25:48,790

<i>і давер да афіцыйнага меркаваньня вярхушкі”</i>

<i>e a confiança nas decisões da liderança”</i>

292

00:25:59,233 --> 00:26:00,500

<i>Вайсковыя парадкі”</i>

<i>Hábitos militares”</i>

293

00:26:00,510 --> 00:26:02,931

<i>Вайсковыя парадкі
Баня - раз на тыдзень</i>

<i>Hábitos militares
Banho uma vez por semana</i>

294

00:26:07,478 --> 00:26:10,411

<i>“На месяц 50 мэтраў туалетнай паперы</i>

<i>“50 metros de papel higiênico por mês</i>

295

00:26:10,458 --> 00:26:12,325

<i>Раз на тыдзень змяняем бялізну</i>

<i>Uma vez por semana trocamos
a roupa de baixo</i>

296

00:26:12,388 --> 00:26:14,521

<i>І душу дастаткова раз на тыдзень</i>

<i>E ducha também basta
uma vez por semana</i>

297

00:26:14,590 --> 00:26:17,543

<i>Мыцца трэба вельмі хутка,
каб не марнаваць вады</i>

<i>Banho tem que ser bem rápido,
para não desperdiçar água</i>

298

00:26:18,983 --> 00:26:23,354

<i>Амаль месяц нас мучыць эпідэмія каросты,
якая прыйшла адразу пасля сьвінога грыпу</i>

<i>Há quase um mês sofremos com uma epidemia
de sarna, que chegou logo depois da gripe suína</i>

299

00:26:23,800 --> 00:26:27,800

<i>Вось так, збольшага, чухаемся”</i>

<i>Então, nos coçamos o tempo todo”</i>

300

00:26:36,591 --> 00:26:39,950

<i>Баня - раз на тыдзень

Эпідэмія каросты </i>

<i>Banho uma vez por semana

Epidemia de sarna </i>

301

00:26:43,513 --> 00:26:48,833

<i>“Наша армія, гонар бацькі-прэзідэнта,

часова прайграе... кляшчам”</i>

<i>“Nosso exército, orgulho do "papai-presidente"

por enquanto perde... para os ácaros”</i>

302

00:26:50,800 --> 00:26:53,800

<i>БЕЛАСТОК, ПОЛЬШЧА

Радыё "Рацыя”</i>

<i>BIAŁYSTOK, POLÓŃIA.

Rádio Racyja</i>

303

00:26:55,800 --> 00:26:58,741

А зараз для вас нешта асаблівае

E agora, para vocês, algo especial

304

00:26:58,766 --> 00:27:00,295

Голас з-за казарменных...

Uma voz de trás dos...

305

00:27:00,320 --> 00:27:01,062

murów!

[pol] muros!

306

00:27:01,087 --> 00:27:03,460

муроў!

[bel] muros!

307

00:27:03,485 --> 00:27:07,383

Адзін ананімны салдат
вырашыў пазнаёміць усіх нас

Um soldado anônimo decidiu
compartilhar conosco

308

00:27:07,408 --> 00:27:10,879

з сапраўднымі рэаліямі
сучаснага беларускага войска

o verdadeiro estado atual
do exército belarusso,

309

00:27:10,904 --> 00:27:13,099

праз свой блог у інтэрнэце

através de seu blog na internet

310

00:27:13,208 --> 00:27:19,800

Такім чынам, можна лічыць, што ён вырашыў
выканаць свой грамадзянскі абавязак

Dessa forma, podemos considerar que
ele decidiu cumprir sua obrigação civil

311

00:27:22,075 --> 00:27:23,559

<i>Clear History</i>

[inglês] <i>Limpar histórico</i>

312

00:27:26,800 --> 00:27:29,800

<i>МЕНСК

Міністэрства абароны</i>

[bel] <i>MINSK (MENSK)

Ministério da defesa</i>

313

00:27:32,800 --> 00:27:37,368

«Наша армия, гордость президента,

[rus] "Nosso exército, orgulho do presidente,

314

00:27:37,393 --> 00:27:40,646

временно уступает паразитам-насекомым»

por enquanto está perdendo para os ácaros"

315

00:27:41,584 --> 00:27:44,939

А сколько у нас призывников?

Quantos recrutas temos?

316

00:27:45,623 --> 00:27:47,398

Чуть больше 30.000

Pouco mais de 30.000

317

00:27:47,423 --> 00:27:50,800

Ага, а сколько из них
имеет высшее образование?Uhum, e quantos deles
têm educação superior?

318

00:27:51,581 --> 00:27:53,581

8.000

8.000

319

00:27:53,620 --> 00:27:56,620

А какой процент поддерживает оппозицию?

E quantos deles apoiam a oposição?

320

00:27:56,800 --> 00:27:59,800

Чуть меньше четверти

Pouco menos de um quarto

321

00:28:00,354 --> 00:28:01,808

Значит,

Então,

322

00:28:02,285 --> 00:28:03,753

около тысячи

cerca de mil

323

00:28:04,800 --> 00:28:06,456

подозреваемых

suspeitos

324

00:28:06,800 --> 00:28:10,800

Алло, Петрович? Здравия желаю.

Ну, как ты?

Alô, Petrovich? Saudações.

Como vai?

325

00:28:10,955 --> 00:28:15,240

Слушай, я тебя по поводу интернета
беспокою... Ну, да.Escute, estou ligando por causa
da internet... É, sim

326

00:28:15,690 --> 00:28:18,690

Скажи, как нам накрыть эту крысу
среди призывников?Diga, como podemos capturar
esse rato entre os recrutas?

327

00:28:24,800 --> 00:28:29,800

<i>Приказ. (...) специальной операции КГБ
Перевоспитание в рядах армии</i><i>Decreto. (...) operação especial da KGB
Reeducação nas fileiras do exército</i>

328

00:28:29,800 --> 00:28:31,800

<i>...Мирон ЗАХАРКО</i>

<i>...Miron ZAKHARKO</i>

329

00:28:41,172 --> 00:28:44,507

♪ ...бо ваенныя ўсе жанатыя... ♪

[bel] ♪...pois militares são todos casados... ♪

330

00:28:44,507 --> 00:28:47,342

♪ ...бо ваенныя ўсе жанатыя... ♪

♪...pois militares são todos casados... ♪

331

00:28:48,143 --> 00:28:52,143

До сих пор вел себя послушно.

Не прицепишься

[rus] Até agora se comportou bem.

Impecável

332

00:28:52,362 --> 00:28:54,780

Дисциплинирован

Disciplinado

333

00:28:57,323 --> 00:28:59,323

Дисциплинирован?

Disciplinado?

334

00:29:00,800 --> 00:29:02,800

Общается с кем-нибудь?

Tem contato com alguém de fora?

335

00:29:03,565 --> 00:29:05,713

Ну, раз в неделю звонит бабке в деревню

Вem, uma vez por semana liga
para a avó no interior

336

00:29:05,738 --> 00:29:07,480

Один раз позвонил девушке

Uma vez ligou para a namorada,

337

00:29:07,503 --> 00:29:08,970

но больше ей не звонит

mas não liga mais

338

00:29:12,456 --> 00:29:13,643

Я курю «Беломор»

Eu só fumo Belomor

339

00:29:15,800 --> 00:29:19,338

Имя девушки помните? Вера?

Lembra o nome da namorada?

Vera?

340

00:29:20,518 --> 00:29:22,526

Да... Наверно, да

Sim... Acho que sim

341

00:29:24,268 --> 00:29:27,639

Надо новобранцев хорошенько обшмонать

Tem que revistar os recrutas direitinho

342

00:29:34,800 --> 00:29:37,862

За каждую найденную неуставную хуйню

Cada merda proibida que acharem

343

00:29:37,918 --> 00:29:39,526

два дня увольнительных

dá dois dias de folga

344

00:29:39,800 --> 00:29:41,800

Roga, podjëm, na xuj, blyad'!

Companhia, acordar, porra!

345

00:29:41,853 --> 00:29:44,089

Шнеля, суки! Шнеля!

<i>Schneller</i>, porra! Rápido!

346

00:29:44,527 --> 00:29:45,527

Бегом, блядь!

Corram, porra!

347

00:29:45,552 --> 00:29:47,645

Да вы, уроды, оглохли, что ли?

Vocês estão surdos, porra?

348

00:29:47,964 --> 00:29:50,143

Что, блядь, в уши ебёмся?

Tá com uma pica no ouvido, porra?

349

00:29:50,277 --> 00:29:51,277

Быстрее, нах...!

Mais rápido, caralho!

350

00:29:52,374 --> 00:29:54,069

Чё, в уши ебёшься, да, блядь?

Tá com o ouvido fodido, porra?

351

00:30:37,800 --> 00:30:39,771

Хули ты вылупился, на хуй?

Que porra você tá olhando, caralho?

352

00:30:39,804 --> 00:30:41,544

Што ты зь ім робіш?

[bel] O que está fazendo com ele?

353

00:30:41,800 --> 00:30:44,120

Это сын полка, не твоё дело

[rus] É filho do regimento, não se meta

354

00:30:47,800 --> 00:30:53,266

Я... за твой мабільнік, два дні

ўвальніцельныя даюць

[bel] Eu... por seu celular,

dão dois dias de folga

355

00:30:54,800 --> 00:30:56,800

Табе нада новы целефон?

[trasianka] Você precisa de um novo telefone?

356

00:30:59,096 --> 00:31:01,096

Падла..!

[rus] Seu sacana!

357

00:31:03,626 --> 00:31:05,626

50 баксаў!

[bel] 50 dólares!

358

00:31:08,527 --> 00:31:10,527

Можно частями

[rus] Pode parcelar

359

00:31:12,425 --> 00:31:14,026

Слева, слева, блядь!

Pra esquerda, porra!

360

00:31:14,051 --> 00:31:15,800

Съебал отсюда!

Se mande, porra!

361

00:31:17,550 --> 00:31:20,550

Съебал отсюда! Хули смотришь, бля?

Se mande, porra!

Tá olhando o quê, caralho?

362

00:31:21,656 --> 00:31:24,378

- Смело, смело!

- Чё ты упираешься?

- Bora, bora!

- Qual foi, teimoso?

363

00:31:24,874 --> 00:31:26,802

Покажем, где раки зимуют!

Mostraremos onde os lagostins invernam!

364

00:31:26,827 --> 00:31:29,218

- Стоять!

- Чё, девочка...?

- De pé!

- Que foi, moçoila...?

365

00:31:29,243 --> 00:31:32,365

Очёчки давай наденем на ебальничек!

Vamos botar os oclinhos na fucinha

366

00:31:32,390 --> 00:31:35,366

Алтарь параша тебя ждёт, блядь!

O altar da latrina te espera, porra!

367

00:31:35,500 --> 00:31:38,022

Вперед! Давай, сука!

Ande! Bora, porra!

368

00:31:38,264 --> 00:31:40,747

Ну что, давай, попьём быстрее!

Isso, bora, beba logo!

369

00:31:43,109 --> 00:31:44,811

Окунай его!

Mergulhe!

370

00:31:49,069 --> 00:31:52,800

Ну что, Серый? Святой воды напьёшься?

E aí, Siéryi? Quer beber "água benta"?

371

00:32:45,394 --> 00:32:46,760

Вещдок

Evidência

372

00:32:46,839 --> 00:32:48,550

Подлежит конфискации

A confiscar

373

00:32:55,800 --> 00:32:57,800

Спокойной ночи

Boa noite

374

00:33:20,354 --> 00:33:21,834

Гаўнюк!

[bel] Seu merdinha!

375

00:33:24,456 --> 00:33:25,810

Стой, засранец!

Parado, seu bosta!

376

00:33:29,800 --> 00:33:31,800

А ну, аддаў!

Devolva!

377

00:33:42,436 --> 00:33:44,951

Столькі разоў табе казаў, каб ня краў!

Quantas vezes lhe falei para não roubar!

378

00:33:44,975 --> 00:33:47,568

Винцентыч, оставь ты его в покое

[rus] Vintséntyč, deixe-o em paz

379

00:33:53,800 --> 00:33:58,800

Значыцца, для артыста <i>цэлефон</i>
палаген, а <i>сігарэту</i> зажаў?[bel] E aí, artista, celular, você quer,
mas dividir cigarro, não?

380

00:34:10,800 --> 00:34:12,800

Жду бабла

[rus] Aguardo a grana

381

00:34:15,800 --> 00:34:22,274

Карочэ, калі ты хочаш, каб і далей
пра нас чыталі, прач лучшэ[trk] Então, se quiser que continuem a ler
sobre nós, esconda melhor

382

00:34:25,339 --> 00:34:27,339

Ведае, што курыў

[bel] Ele sabe que eu fumava

383

00:34:27,549 --> 00:34:28,549

Добры дзяцюк

É um bom menino

384

00:34:34,245 --> 00:34:38,225

Як пакурыш, менш есьці хочацца

Fumar diminui o apetite

385

00:34:38,600 --> 00:34:40,498

Як уключылі зону ў лік чыстых,

Assim que marcaram a zona
como limpa de radiação

386

00:34:40,523 --> 00:34:43,800

дык льготы забралі
на білеты і на лекі

tiraram os benefícios
de transporte e medicação

387

00:34:44,355 --> 00:34:47,355

На яду няма, што ўжо
казаць пра цыгарэты...

Não tem dinheiro nem para comida,
quem dirá cigarros...

388

00:34:48,143 --> 00:34:50,573

А Пашкі хвароба - Чарнобыль?

A doença de Paška é de Tchernóbyl?

389

00:34:51,800 --> 00:34:54,800

Бацькі Пашкі памерлі ад радыяцыі

Os pais de Paška morreram de radiação

390

00:34:57,800 --> 00:35:03,163

Апошняе, як жывем разам,
усё ідзе яму на лекі

Ultimamente, como vivemos juntos,
tudo que tenho vai para os remédios dele

391

00:35:03,188 --> 00:35:06,549

Я б ня даў рады,
але тут дапамагаюць

Sozinho eu não conseguiria,
mas aqui me ajudam

392

00:35:06,619 --> 00:35:08,800

Шчука дапамагае?

Ščuka está ajudando?

393

00:35:10,847 --> 00:35:14,509

Дык а як вярнуць зону і ільготы?

E tem como restabelecer o status
de Zona de Radiação e os benefícios?

394

00:35:14,534 --> 00:35:16,396

А хто верне?

E quem vai?

395

00:35:16,421 --> 00:35:19,800

Пры ўладзе ж тыя, каму гэта непатрэбна

Que está no governo não precisa disso

396

00:35:20,233 --> 00:35:24,395

Вось выбары ў дэпутаты,
а кандыдат адзін

Teremos eleições para deputados
e só tem um candidato

397

00:35:25,245 --> 00:35:29,245

Той самы, які ліквідаваў зону

Aquele mesmo que tirou o status
de Zona de Radiação

398

00:35:29,948 --> 00:35:31,948

Адзін кандыдат?

Só um candidato?

399

00:35:32,752 --> 00:35:35,594

У нас заўсёды адзін кандыдат...

Sempre temos um candidato só...

400

00:36:00,800 --> 00:36:03,800

<i>“Дзедаўшчына не дзеля забавы “дзядоў”,
ня толькі дзеля забавы...</i>

<i>“A humilhação no exército não é só
para a diversão dos “avôs”...</i>

401

00:36:03,800 --> 00:36:06,800

<i>Каб стаць “сланом”,
трэба прыняць 30 “ласёў”</i>

<i>Para se tornar “elefante”,
tem que levar 30 “alces”</i>

402

00:36:06,800 --> 00:36:10,409

<i>ды заплаціць “дзядам” 150.000 рублёў,
то бок 50 даляраў</i>

<i>e pagar aos “avôs” 150.000 rubéis,
ou seja, 50 dólares</i>

403

00:36:10,456 --> 00:36:13,175

<i>Ня танна. Затое, “сланы”
не драюць сарціраў,</i>

<i>Não é barato, mas os “elefantes”
não precisam limpar banheiros,</i>

404

00:36:13,200 --> 00:36:15,159

<i>могуць трымаць правую руку ў кішэні,</i>

<i>podem botar a mão direita no bolso,</i>

405

00:36:15,184 --> 00:36:17,800

<i>хаця яшчэ ня могуць піць кавы</i>

<i>ainda que não possam beber café</i>

406

00:36:22,415 --> 00:36:26,800

<i>I вось, ты ўжо на баку сыстэмы.

А таму цябе нельга цкаваць”</i>

<i>E aí você já está do lado do sistema.

Por isso, não pode ser humilhado”</i>

407

00:36:27,665 --> 00:36:29,775

Сто семьдесят...

[rus] 170...

408

00:36:29,800 --> 00:36:32,800

<i>“Некаторыя “дзядулі”

па заканчэньні вайсковай службы</i>

[bel] <i>“Alguns “vovôs”,

ao terminarem o serviço militar,</i>

409

00:36:32,800 --> 00:36:34,792

<i>вяртаюцца на новенькіх машынах</i>

<i>voltam para casa em carros novinhos</i>

410

00:36:34,817 --> 00:36:37,371

<i>Ахова сыстэмы мусіць штосьці

з гэтага мець,</i>

<i>Eles mantêm o sistema

e devem receber por isso</i>

411

00:36:37,396 --> 00:36:39,269

<i>а таму вярхушка заплюшчвае вочы</i>

<i>Então, a chefia faz vista grossa</i>

412

00:36:39,294 --> 00:36:42,801

<i>і нават, неафіцыйна, спрыяе”</i>

<i>е, extraoficialmente, até apoia”</i>

413

00:36:44,800 --> 00:36:49,800

Рога! Контрольное построение! Форма одежды -
любая! Время построения - горение одной спички!

[rus] Companhia! Chamada de inspeção! Uniforme -
qualquer! Tempo: queima de um fósforo!

414

00:36:50,128 --> 00:36:53,737

Быстрее вы, уроды! Оглохли, блядь?!

Rápido, desgraça! Estão surdos, porra?!

415

00:36:54,698 --> 00:36:58,783

Это что такое, пидрила европейская?!

O que é isso, seu viadinho europeu?!

416

00:36:59,345 --> 00:37:02,800

Голодный на прессу?

<i>Газеткі захацеў?</i>

Está com fome de imprensa?

Queria um jornalzinho?

417

00:37:04,055 --> 00:37:06,800

Ну, тогда жри...

Então, coma...

418

00:37:06,800 --> 00:37:08,800

“Наша Ніва”

Nasha Niva,

419

00:37:11,214 --> 00:37:13,800

“Народная Воля”

Narodnaja Volia...

420

00:37:14,800 --> 00:37:17,800

Жуй и глотай, Серый!

Mastigue e engula, Siéryi!

421

00:37:19,360 --> 00:37:21,800

Времени у нас хватит

Temos bastante tempo

422

00:37:27,000 --> 00:37:28,800

Уберись здесь!

Arrume isso aí!

423

00:37:30,800 --> 00:37:33,800

Тоже проголодался, Захарко?

Também está com fome, Zakharko?

424

00:37:41,016 --> 00:37:43,461

<i>Гасите свет!</i>

<i>Desliguem a luz!</i>

425

00:38:02,933 --> 00:38:06,800

Серый, зноў це пізьдзюлей адвесілі?

[trk] Siéryi, de novo lhe meteram a porrada?

426

00:38:10,627 --> 00:38:11,827

Што вылупіўся?

[bel] Tá olhando o quê?

427

00:38:11,913 --> 00:38:15,308

Будзеш баяцца - будзеш заўсёды
па срацы атрымліваць

Se ficar com medo, vai sempre apanhar

428

00:38:15,347 --> 00:38:19,042

Ды я біцца ня ўмею, разумееш?
Ня ўмею я біцца!

É que brigar eu não sei, entende?

Não sei brigar!

429

00:38:19,144 --> 00:38:22,253

І ў мяне грошай няма,
каб ад “дзядоў” адкупацца

E não tenho dinheiro

para me livrar dos “avôs”

430

00:38:28,878 --> 00:38:33,800

А я бачыў вас тады, у Мінску, на канцэрце

Eu vi vocês naquele show, em Minsk

431

00:38:34,940 --> 00:38:37,800

Вы крута, крута завялі народ

Vocês animaram legal a plateia

432

00:38:39,205 --> 00:38:42,431

Пасьля канцэрту людзі проста
шалелі ля прэзідэнцыі

Depois do show o pessoal ficou louco,
protestando no palácio do governo

433

00:38:42,456 --> 00:38:44,838

А я ня бачыў, я туды не хаджу

Isso eu não vi,

não ando nesses protestos

434

00:38:46,182 --> 00:38:49,564

А я тады быў там!

Já eu estava lá!

435

00:38:49,589 --> 00:38:52,682

Ты што, апазыцыйны змагар?

Você é o quê, um lutador da oposição?

436

00:38:54,284 --> 00:38:57,800

А я і тут магу зайграць,
калі гэта надасьць табе адвагіEu poderia tocar aqui também,
se isso lhe der mais coragem

437

00:38:59,000 --> 00:39:01,800

А ты ня надта герой,
як для апазыцыянераVocê não é tão herói,
para ser um opositor

438

00:39:08,998 --> 00:39:11,404

«Я, гражданин Рэспублікі Беларусь...»

[rus] “Eu, cidadão da República de Belarus...”

439

00:39:11,429 --> 00:39:13,800

Я, гражданин Рэспублікі Беларусь...

Eu, cidadão da República de Belarus...

440

00:39:14,490 --> 00:39:17,800

«торжэственна клянусь быць преданным
своему народу,»

“juro solenemente ser fiel ao meu povo”

441

00:39:17,825 --> 00:39:20,625

торжественно клянусь быть преданным
своему народу,

juro solenemente ser fiel ao meu povo,

442

00:39:20,924 --> 00:39:24,047

«свято соблюдать
Конституцию Республики Беларусь»

“respeitar com louvor a constituição
da República de Belarus”

443

00:39:24,072 --> 00:39:27,352

свято соблюдать
Конституцию Республики Беларусь

respeitar com louvor a constituição
da República de Belarus

444

00:39:27,524 --> 00:39:29,313

«Служу Президенту и Отечеству»

“Sirvo ao Presidente e à Pátria”

445

00:39:29,338 --> 00:39:31,336

Служу Президенту и Отечеству

Sirvo ao Presidente e à Pátria

446

00:39:40,800 --> 00:39:41,878

Следующий

Próximo

447

00:39:54,908 --> 00:39:57,800

«Я, гражданин Республики Беларусь...»

“Eu, cidadão da República de Belarus...”

448

00:39:57,886 --> 00:40:00,886

Я, грамадзянін Рэспублікі Беларусь...

[bel] Eu, cidadão da República de Belarus...

449

00:40:03,948 --> 00:40:07,597

«торжественно клянусь быть преданным
своему народу,»

[rus] “juro solenemente ser fiel ao meu povo”

450

00:40:08,386 --> 00:40:11,737

святючна прысягаю быць адданым
свайму народу...

[bel] juro solenemente ser fiel ao meu povo

451

00:40:13,213 --> 00:40:16,964

Ты что это придумал, солдат Серый?
Придерживайся текста!

[rus] O que está inventando, soldado Siéryi?
Siga o texto!

452

00:40:17,191 --> 00:40:19,439

«Я, гражданин Республики Беларусь,

“Eu, cidadão da República de Belarus,

453

00:40:19,464 --> 00:40:22,699

торжественно клянусь быть преданным
своему народу,»

juro solenemente ser fiel ao meu povo”

454

00:40:24,495 --> 00:40:28,495

«свято соблюдать Конституцию
Республики Беларусь»

“respeitar com louvor a constituição
da República de Belarus”

455

00:40:29,190 --> 00:40:33,190

«служить Президенту и Отечеству»

“servir ao Presidente e à Pátria”

456

00:40:34,417 --> 00:40:37,417

«Служить Президенту и Отечеству!»

“Servir ao Presidente e à Pátria!”

457

00:40:39,026 --> 00:40:42,026

У тебя с памятью проблемы, Серый?

Você tem problemas com memória, Siéryi?

458

00:40:45,800 --> 00:40:49,035

Я адмаўляюся прымаць прысягу
ў такой форме

[bel] Eu me recuso a jurar
à bandeira dessa forma

459

00:40:52,355 --> 00:40:56,800

Я зьвяртаюся з афіцыйнай просьбай
складаць прысягу па-беларуску

Solicito oficialmente realizar
o juramento em belarusso

460

00:41:01,800 --> 00:41:06,800

Армия разговаривает по-русски!

[rus] O exército fala russo!

461

00:41:07,800 --> 00:41:09,800

Кто ещё...

Quem mais...

462

00:41:10,245 --> 00:41:12,302

хочет выделиться?

quer ser o diferente?

463

00:41:14,198 --> 00:41:20,198

Белорусский - это язык бабушек из деревень

Belarusso é a língua das vovós no interior

464

00:41:21,800 --> 00:41:25,800

и отморозков-оппозиционеров!

e dos retardados da oposição!

465

00:41:27,347 --> 00:41:32,347

Те и другие - вымирающий вид!

Os dois tipos estão à beira da extinção!

466

00:41:37,503 --> 00:41:40,503

Видите, Серый? Устав есть устав...

Está vendo, Siéryi? Regra é regra...

467

00:41:41,800 --> 00:41:44,800

И нужно присягать так, как написано

E tem que jurar como está escrito

468

00:41:44,800 --> 00:41:48,368

Республике... Президенту!

À República... Ao Presidente!

469

00:41:49,275 --> 00:41:51,368

Вы должны принять присягу

Você deve jurar à bandeira

470

00:41:54,417 --> 00:41:56,417

Я прысягну...

[bel] Eu vou jurar...

471

00:42:01,167 --> 00:42:05,167

Я прысягну... калі зьменіцца прэзідэнт

Eu vou jurar... quando mudar de presidente

472

00:42:16,432 --> 00:42:20,431

До вечера все свободны!

[rus] Até à noite estão todos dispensados!

473

00:42:21,565 --> 00:42:24,345

Завтра наводим порядок

Amanhã colocamos tudo em ordem

474

00:42:24,370 --> 00:42:26,916

перед присягой и проверкой!

antes do juramento e da inspeção!

475

00:42:27,689 --> 00:42:31,800

Вольно! Разойдись!

À vontade! Dispersar!

476

00:42:53,709 --> 00:42:56,776

♪ У нашым калгасе ўсё чыста, нябрудна ♪

[bel] ♪ No nosso colcoz,
está tudo limpo, nada sujo ♪

477

00:42:56,886 --> 00:43:00,524

♪ Вядзе старшыня нас рукою магутнай ♪

♪ O chefe nos conduz com mão de ferro ♪

478

00:43:00,549 --> 00:43:03,800

♪ Ён можа зьнянацку ўваліць трактарысту, ♪

♪ Ele pode, inesperadamente,
dar porrada no tratorista ♪

479

00:43:03,800 --> 00:43:07,800

♪ калі трактарыст вып'е з сябрам па трыста ♪

♪ se o tratorista encher a cara com os amigos ♪

480

00:43:07,800 --> 00:43:11,800

♪ У нашым калгасе парадак і ціша... ♪

♪ No nosso colcoz está tudo
em ordem e silêncio... ♪

481

00:43:32,639 --> 00:43:36,138

Ну, чё ты, блядь, Захарко, встал?
Помоги убраться!

[rus] Porra, Zakharko, tá parado aí por quê?
Ajude a arrumar aqui!

482

00:43:48,641 --> 00:43:50,969

Серый! Серый!

Siéryi! Siéryi!

483

00:43:58,878 --> 00:44:01,813

Чё вы, блядь, хуйнёй страдаете?!

Por que porra estão demorando, caralho?

484

00:44:01,838 --> 00:44:04,423

Или хотите очки драить, а?

Ou querem limpar banheiros, hein?

485

00:44:39,081 --> 00:44:40,081

Vera?

[bel] Vera?

486

00:44:40,106 --> 00:44:44,106

Можам раніцай сазваніцца?

Podemos conversar de manhã?

487

00:44:49,800 --> 00:44:51,800

Ты там?

Você está aí?

488

00:44:59,198 --> 00:45:02,576

<i> Абанент часова недаступны.

Перазваніце пазней </i>

<i>O número está fora de área,

ligue mais tarde</i>

489

00:45:29,948 --> 00:45:31,354

Ідзі

Vá

490

00:45:32,581 --> 00:45:33,979

Ну, ідзі

Vá logo

491

00:45:47,846 --> 00:45:48,846

Полчаса

[rus] Meia hora

492

00:46:10,768 --> 00:46:13,275

Гэта я вінаваты, што не дапамог Шэраму,

[bel] Eu sou culpado por não ter ajudado Šery

493

00:46:14,534 --> 00:46:17,534

Я бачыў, як яны зьдзекаваліся зь яго,
сьмяяліся...

Eu vi como eles o humilharam, riram dele...

494

00:46:19,394 --> 00:46:23,394

Ніхто не працягнуў яму рукі,

і я не працягнуў

Ninguém estendeu a mão para ele,
eu tampouco estendi

495

00:46:23,995 --> 00:46:27,761

Але не дапамог, калі яны яго
ў гаўно ўтапталі

Mas também não participei
quando eles o espancaram

496

00:46:30,800 --> 00:46:33,800

Хочаш, каб цябе таксама ўтапталі?

Você quer que espanquem você também?

497

00:46:41,727 --> 00:46:44,469

Вось... Вазьмі гэта

Tome... Pegue isso

498

00:46:44,800 --> 00:46:48,800

Тут два запісы, каторыя не пасьпеў
перадаць праз тэлефон

Aqui tem duas anotações que não consegui
passar para você por telefone

499

00:46:49,620 --> 00:46:52,917

Не хачу, каб які-небудзь Руслан
падцёрся гэтым

Não quero que um Ruslan qualquer
se limpe com isso aí...

500

00:47:00,800 --> 00:47:02,800

Ты зьмяніўся

Você mudou

501

00:47:04,393 --> 00:47:08,393

А ты ехала, каб пераканацца ў гэтым?

E você veio só para se certificar disso?

502

00:47:08,463 --> 00:47:09,463

He

Não

503

00:47:10,901 --> 00:47:14,127

Я прыехала, бо я табе патрэбная

Eu vim porque você precisa de mim

504

00:48:46,573 --> 00:48:48,573

Смирно!

[rus] Sentido!

505

00:48:48,800 --> 00:48:50,800

Равнение направо!

Direita!

506

00:48:51,159 --> 00:48:53,775

На праверцы салдаты,
дрэвы, трава, плот -

[bel] Para a inspeção, os soldados,
as árvores, a grama, a cerca,

507

00:48:53,800 --> 00:48:55,628

усё стаяла на "зважай"

tudo estava "a postos"

508

00:48:55,706 --> 00:48:58,290

Адсутнасці Шэрага ніхто не заўважыў

Ninguém notou a ausência de Šery

509

00:48:58,315 --> 00:49:01,800

Не было яшчэ пары чалавек,
зь недалечанай каростай і грыпам,

Tinha mais umas duas pessoas
ausentes, com sarna e gripe suína,

510

00:49:01,800 --> 00:49:03,800

каб не пазаражалі здаровых

isolados para não infectar os outros

511

00:49:03,855 --> 00:49:06,252

Здравия желаю, товарищ генерал-лейтенант!

[rus] Saudações, camarada Tenente-General!

512

00:49:06,276 --> 00:49:08,800

Личный состав к смотру готов!

A unidade está pronta para inspeção!

513

00:49:09,331 --> 00:49:12,221

- Вольно.

- Вольно!

- À vontade!

- À vontade!

514

00:49:13,151 --> 00:49:16,151

Несколько солдат <i>у</i> настаяшчэе
врэмя балеюць грыпам</i>

Alguns soldados no momento
estão sofrendo de gripe

515

00:49:16,463 --> 00:49:19,800

Не свиным, а обычным.

Других болезней нет

não suína, da normal.

Outras doenças nós não temos

516

00:49:19,923 --> 00:49:22,227

Мы регулярно следим
за здоровьем солдат

Cuidamos regularmente
da saúde dos soldados

517

00:49:22,800 --> 00:49:24,800

<i>Конституция Республики Беларусь</i>

<i>Constituição da República de Belarus</i>

518

00:49:27,198 --> 00:49:29,265

<i>БТ</i>

<i>БТ (Televisão Belarussa)</i>

519

00:49:31,604 --> 00:49:36,700

Наш полит... зам, читает лекции
перед нами, предлагает...

Nosso político... comissário,
dá palestras, sugere...

520

00:49:36,725 --> 00:49:38,800

какие книжки мы должны читать...

que livros devemos ler...

521

00:49:38,800 --> 00:49:40,800

в свободное время...

no tempo livre...

522

00:49:42,685 --> 00:49:46,153

А что, разве отрицательные персонажи
в пьесах не нужны?

E por acaso as personagens negativas
não são necessárias nas peças?

523

00:49:48,349 --> 00:49:49,349

Хорошо...

Вем...

524

00:49:50,129 --> 00:49:51,135

Ну что?

Então?

525

00:49:51,159 --> 00:49:53,159

Зважай!

[bel] Sentido!

526

00:50:02,044 --> 00:50:07,800

Боец, а почему ты не по-русски командуешь,
как это положено по уставу?

[rus] Soldado, por que você não dá ordens em russo,
de acordo com o regimento?

527

00:50:08,800 --> 00:50:13,148

Па-беларуску - гэта таксама па статуце,
спадар генерал-лейтэнант

[bel] Em belarusso também está de acordo
com o estatuto, senhor tenente-general

528

00:50:13,173 --> 00:50:18,800

Згодна прынцыпу канстытуцыйнай роўнасці
беларускай і расейскай моваў

De acordo com o princípio de igualdade
constitucional do idioma belarusso e o da Rússia

529

00:50:23,800 --> 00:50:25,800

А кто это Вас так научил?

[rus] E quem foi que lhe ensinou isso?

530

00:50:25,800 --> 00:50:29,124

Шараговы Шэры. Ён дамагаўся
прысягаць па-беларуску

[bel] Soldado Šery. Ele estava exigindo
o direito de jurar bandeira em belarusso

531

00:50:29,149 --> 00:50:33,078

На жаль, мы не маем
вайсковага статуту па-беларуску

Infelizmente, não temos
o estatuto em belarusso

532

00:50:33,103 --> 00:50:37,228

Можа быць, Вы, спадар генерал,
дапаможаце салдатам у гэтай справе?

Talvez, o senhor, general, possa ajudar
os soldados nessa causa?

533

00:50:41,800 --> 00:50:44,800

И где этот рядовой, «Шэры»?

[rus] E onde está esse soldado “Šery”?

534

00:50:45,278 --> 00:50:46,800

А Шэрага ўжо няма

[bel] Šery não está mais aqui

535

00:50:59,800 --> 00:51:01,800

Эй, солдат!

[rus] Ei, Soldado!

536

00:51:04,417 --> 00:51:06,059

Смирно!

Sentido!

537

00:51:06,084 --> 00:51:09,181

<i>“...за падтрымку парушальніка вайскавай

дысцыпліны шарагоўца Шэрага,</i>

[bel] <i>“...pelo apoio ao soldado Šery,
que violou o regimento,</i>

538

00:51:09,206 --> 00:51:12,975

<i>за беспадстаўнае патрабаваньне статутаў
на беларускай мове ў беларускім войску</i>

<i>por infundadas exigências de um regulamento
em língua belarussa no exército belarusso</i>

539

00:51:13,000 --> 00:51:15,338

<i>а таксама за ўжываньне беларускай мовы,</i>

<i>e pelo uso da língua belarussa,</i>

540

00:51:15,354 --> 00:51:17,233

<i>а афіцыйна - за непадпарадкаваньне...”</i>

<i>embora, oficialmente, por desobediência...”</i>

541

00:51:17,258 --> 00:51:24,800

За ўжываньне беларускай мовы
наш салдацкі адвакат

Pelo uso da língua belarussa,
nosso advogado dos soldados

542

00:51:24,800 --> 00:51:31,800

быў пакараны арыштам
на гаўптвахце на сем сутак

foi punido com 7 dias de prisão

543

00:51:33,000 --> 00:51:35,475

<i>Размаўляй па-беларуску</i>

<i>Fale belarusso</i>

544

00:51:35,500 --> 00:51:37,975

<i>Моладзь выйдзе на вуліцу</i>

<i>A juventude irá às ruas</i>

545

00:51:38,800 --> 00:51:40,800

<i>21 лютага 16:00

Плошча Незалежнасьці</i>

<i>21 de fevereiro, 16:00

Praça da Independência</i>

546

00:51:41,000 --> 00:51:42,800

<i>Шос!

Жыве Беларусь!</i>

[trk] <i>Shos!</i>

[bel] <i>Viva Belarus!</i>

547

00:51:43,010 --> 00:51:46,102

Патрабуем роўнасьці

для беларускай мовы!

Exigimos igualdade

para o idioma belarusso!

548

00:51:46,127 --> 00:51:48,978

Гэта наша мова!

Мова продкаў!

Esse é o nosso idioma!

O idioma dos ancestrais!

549

00:51:49,003 --> 00:51:53,800

Каб гучала ў школах,

ва ўніверсітэтах, у арміі!

Que ele soe nas escolas,

nas universidades, no exército!

550

00:52:00,800 --> 00:52:03,800

<i>"РАЗМАЎЛЯЙ ПА-БЕЛАРУСКУ :) МІРОН"</i>

<i>"FALE BELARUSSO :) MIRON"</i>

551

00:52:05,268 --> 00:52:08,502

...і, як стала вядома,
сапраўдным аўтарам

...e, como descobriu-se,
o verdadeiro autor

552

00:52:08,503 --> 00:52:12,135

армейскага дзёньніку,
што літаральна ўзарваў інтэрнэт

do diário do exército,
que literalmente explodiu a internet

553

00:52:12,160 --> 00:52:17,775

ёсьць не хто-небудзь, а Мірон Захарка,
лідар папулярнага гурту “Forza”

é ninguém mais que Miron Zacharka,
líder da popular banda “Forza”

554

00:52:17,800 --> 00:52:22,034

І слухачы Радыё “Рацыя” і не толькі
зараз вельмі занепакоены пытаньнем

Agora a pergunta que preocupa
ouvintes da Rádio Racyja, dentre outros,

555

00:52:22,059 --> 00:52:23,979

што будзе зь ім далей

o que acontecerá com ele depois

556

00:52:24,004 --> 00:52:26,370

Ці чакаць працягу ягонага блогу?

Aguardamos a continuação do blog?

557

00:52:26,394 --> 00:52:28,183

Ці чакаць працягу?

Aguardamos a continuação?

558

00:52:28,315 --> 00:52:36,487

Верым, можам, пераможам!

Cremos, podemos, venceremos!

559

00:52:36,800 --> 00:52:39,924

Я согласен, что это не повод,
чтобы люди выходили на улицу[rus] Eu concordo que isso não é motivo
para as pessoas irem às ruas...

560

00:52:40,058 --> 00:52:41,518

Так точно

Sim, senhor

561

00:52:44,800 --> 00:52:48,800

Я тоже не хочу копать окопы
у польской границыEu também não quero cavar trincheiras
na fronteira com a Polónia

562

00:52:49,713 --> 00:52:50,713

Есть

Sim

563

00:52:51,116 --> 00:52:52,498

Слушаюсь

Positivo

564

00:53:02,800 --> 00:53:06,901

<i>Размаўляй па-беларуску</i>

[bel] <i>Fale belaruso!</i>

565

00:53:17,800 --> 00:53:23,030

<i>“Обвинения со стороны оппозиции в притеснении белорусского языка не имеют оснований</i>

[rus] <i>“As acusações da oposição, de discriminação do idioma belarusso, são infundadas</i>

566

00:53:23,077 --> 00:53:25,639

<i>По предложению президента,
Министерство Обороны</i>

<i>Por sugestão do presidente,
o Ministério da defesa</i>

567

00:53:25,664 --> 00:53:29,868

<i>разработало воинский устав, а также
текст присяги на белорусском языке</i>

<i>confeccionou o estatuto do exército,
bem como um juramento na língua belarussa</i>

568

00:53:29,893 --> 00:53:34,623

<i>...таким образом, мы обеспечиваем конституционное
равенство государственных языков</i>

<i>...desse jeito nós garantimos a igualdade
constitucional dos idiomas oficiais</i>

569

00:53:34,650 --> 00:53:36,776

<i>Ну, раньше, служба на белорусском...”</i>

<i>Bem, antes, o serviço militar em belarusso...”</i>

570

00:53:36,800 --> 00:53:43,757

133... 134... 135...

133... 134... 135...

571

00:53:43,831 --> 00:53:53,673

136... 137... 138... 139...

136... 137... 138... 139...

572

00:53:53,698 --> 00:54:04,114
140... Шнеля! 141... 142... 143...

140... *Schneller!* 141... 142... 143...

573
00:54:04,154 --> 00:54:06,816
Отставить, духи!

Parem, novatos!

574
00:54:06,841 --> 00:54:09,800
Перестали хлопать!

Parem de aplaudir!

575
00:54:09,800 --> 00:54:12,800
Почему вы, ёбанные...?!
Перестали хлопать!

Por que, seus fodidos...?!
Parem de aplaudir!

576
00:54:12,825 --> 00:54:16,535
Перестали хлопать, я сказал!
Куда хлопаете?!

Parem de aplaudir, eu falei!
Aonde estão aplaudindo?!

577
00:54:16,560 --> 00:54:18,955
Я те, сука, глаз на жопу намотаю!

Vai tomar no meio do olho do cu!

578
00:54:18,980 --> 00:54:22,247
Вы что, охуели?! Стоять, блядь!

Perderam a porra da cabeça?!
Parem, caralho!

579
00:54:25,077 --> 00:54:32,800
♪ Бейце бубны, трубы грайце!

Пагалілі навабранца! ♪

[bel] ♪ Batam tambores, toquem trompetes!
Rasparam a cabeça do recruta! ♪

580

00:54:32,825 --> 00:54:37,410

♪ Пагалілі навабранца! ♪

♪ Rasparam a cabeça do recruta! ♪

581

00:54:38,800 --> 00:54:42,624

Алэ, Вера? Прывітаньне! Ты гэта чула?

Alô, Vera? Oi! Você soube?

582

00:54:42,648 --> 00:54:44,639

Нам прыслалі мазь ад часоткі!

Chegou o creme para sarna!

583

00:54:44,664 --> 00:54:46,256

Будзем далей пісаць!

Vamos escrever mais postagens!

584

00:54:46,281 --> 00:54:49,383

Можа, яшчэ ад грыпу лекі знойдуцца!

Talvez consigam até remédio para gripe!

585

00:54:49,408 --> 00:54:51,125

Я кахаю цябе!

Eu amo você!

586

00:54:53,800 --> 00:54:56,260

Мірон, давай, пайшлі..!

Miron, bora, vamos..!

587

00:54:56,800 --> 00:55:00,487

♪ Гонар бацькі, радасьць маці ♪

♪ Orgulho do pai, alegria da mãe ♪

588

00:55:00,506 --> 00:55:04,518

♪ Сьвята ў ваенкамаце ♪

♪ Festa no quartel ♪

589

00:55:04,543 --> 00:55:06,229

♪ Біце, бубны, трубы грайце! ♪

♪ Batam tambores, toquem trompetes! ♪

590

00:55:06,254 --> 00:55:08,515

Мы з радасьцю можам сьведчыць пра тое,

É com alegria que podemos testemunhar,

591

00:55:08,540 --> 00:55:12,493

што галоў не меншае ў змаганьні
з армейскай сыстэмай

que os gols não diminuem na disputa
contra o sistema militar

592

00:55:12,518 --> 00:55:18,800

таму што ўпэўнена лідуе наш аўтар...
Мірон Захарка!

pois firmemente lidera nosso autor...
Miron Zacharka!

593

00:55:18,800 --> 00:55:21,800

- Мірон Захарка - адзін!
- Сістэма - ноль!

- Miron Zacharka - um!
- Sistema - zero!

594

00:55:21,800 --> 00:55:23,161

- Адзін!

- Ноль!

- Um!

- Zero!

595

00:55:32,684 --> 00:55:36,431

♪ Нам радасна ад "дзеда",
як скончыцца развод ♪

♪ Felizes ouvimos do “avô”,
depois da dispersão, ♪

596

00:55:36,456 --> 00:55:40,635

♪ Шмат новага даведацца
пра ўвесь свой радавод ♪

♪ Muitas novidades
sobre toda nossa linhagem ♪

597

00:55:40,649 --> 00:55:44,564

♪ Пра маму асабліва,
І ў плечы атрымаць ♪

♪ Especialmente sobre a mãe,
e levamos um soco no ombro ♪

598

00:55:44,589 --> 00:55:48,689

♪ Адчуць сябе шчаслівым
У войску. Так трымаць! ♪

♪ Sentimo-nos felizes no exército.
Levamos adiante! ♪

599

00:55:48,714 --> 00:55:57,474

Ми-рон! Ми-рон!

Ми-рон! Ми-рон!

600

00:55:57,499 --> 00:55:59,396

Здравствуй, Вера

[rus] Olá, Vera

601

00:56:05,041 --> 00:56:07,041

На выход!

Para fora!

602

00:56:21,526 --> 00:56:23,486

Мирон чересчур зарисовался...

Miron está se expondo demais...

603

00:56:24,612 --> 00:56:26,612

Воздержись от общения с ним

Não mantenha contato com ele

604

00:56:30,065 --> 00:56:32,065

А... если нет?

Senão o quê...?

605

00:56:33,394 --> 00:56:36,394

Мирон поймет, что у него
другого выбора нетMiron vai entender que ele
não tem outra escolha

606

00:56:36,800 --> 00:56:39,800

Только плыть по течению, как все

A não ser nadar na mesma corrente,
como todos

607

00:56:54,588 --> 00:56:56,588

Не накличь беды...

Não piore as coisas...

608

00:56:56,800 --> 00:56:58,800

на него и на себя

para você e para ele

609

00:57:01,916 --> 00:57:05,916

Адчуць сябе шчасьлівым

У войску. Так трымаць!

[bel] ♪ Sentimo-nos felizes no exército.

Levamos adiante! ♪

610

00:57:16,800 --> 00:57:18,800

Духи, к стене!

[rus] Novatos, na parede!

611

00:57:21,558 --> 00:57:23,558

А ты останешься!

Você fica!

612

00:57:35,549 --> 00:57:39,343

Ну, ўваліце мне раз ці два,

а тэлэфона вам усё роўна не відаць

[bel] Podem me bater uma ou duas vezes,

mesmo assim não vão encontrar o celular

613

00:57:39,368 --> 00:57:41,437

Буду рабіць тое, што і рабіў

Vou continuar fazendo o que fiz

614

00:57:44,460 --> 00:57:50,800

Гэта ж дзякуючы мне адрамантавалі

зліўныя бачкі і прывезлі мазь ад часоткі

Foi graças a mim que consertaram as descargas

e trouxeram creme contra sarna

615

00:57:53,362 --> 00:57:56,800

Ну, точно, как бы чище...

И <i>для здароўя</i> лучше...

[rus] É mesmo... Agora está mais limpo
e melhor para a saúde

616

00:58:01,800 --> 00:58:04,800

Духи! Встали в круг!

Novatos! Façam um círculo

617

00:58:08,800 --> 00:58:11,800

Намотали ремни на руку!

Todos com o cinto na mão!

618

00:58:11,800 --> 00:58:15,800

Шнеля! Или я вас по очереди выебу!

Rápido, ou vou meter a porra em vocês!

619

00:58:21,800 --> 00:58:23,800

Въебите ему, <i>як</i> следует...

[trk] Botem pra foder em cima dele...

620

00:59:34,800 --> 00:59:38,800

Может, ты хочешь написать
жалобу в прокуратуру?

[rus] Quer escrever uma queixa
para a procuradoria?

621

00:59:39,800 --> 00:59:43,800

Похоже, он всё понял

Parece que ele aprendeu a lição

622

00:59:44,307 --> 00:59:47,953

Да, наломал ты дров, Захарко

Você causou um bom estrago, Zakharko

623

00:59:48,258 --> 00:59:51,750

Надо это как-то... исправлять

Tem que, de algum jeito...
consertar isso

624

00:59:52,800 --> 00:59:55,800

Телевидение сделает с тобой
небольшое интервью

A TV vai fazer uma pequena
entrevista com você

625

00:59:56,800 --> 01:00:00,800

Ты расскажешь, что не хотел исполнять
свой воинский долг...

Você dirá que não quis cumprir
seu dever cívico

626

01:00:01,800 --> 01:00:06,508

а пасквили писал в интернете
из чувства мести, что тебя забрали...

e fez esses pasquins na internet
como vingança pelo alistamento

627

01:00:06,533 --> 01:00:10,344

После жеста президента,
с воинским уставом на белорусском,

Depois do gesto do presidente
de permitir belarusso no exército,

628

01:00:10,563 --> 01:00:17,203

ты осознал, что вел себя неблагородно и,
я бы даже сказал, неблагодарно

você entendeu que se comportou
injustamente e, diria até, que foi ingrato

629

01:00:17,800 --> 01:00:19,800

Может, и в этом... в интернете напишем?

Poderíamos, de repente...
escrever isso na internet?

630

01:00:19,800 --> 01:00:24,401

Или ты сам, в блоге,
сделаешь такую прощальную запись?

Ou você mesmo escreverá isso
como postagem de despedida?

631

01:00:24,800 --> 01:00:26,620

Что скажешь, Захарко?

O que diz, Zakharko?

632

01:00:28,800 --> 01:00:30,743

Ну, ты не торопись с ответом

Não tenha pressa em responder.

633

01:00:30,931 --> 01:00:34,142

У тебя будет время, чтобы это обдумать...

Você terá tempo para refletir...

634

01:00:47,800 --> 01:00:53,800

За сыценамі нашае малой радзімы ў мясцовых
была свая, “пост-чарнобыльская”

[bel] Além dos muros da pequena pátria,
o povo local tinha outro drama, o pós-Tchornóbyl

635

01:00:56,800 --> 01:01:00,629

Але, як ляціш у прорву, не заўважаеш,
як лятуць туды іншыя

Mas, quando você cai no abismo,
não nota os outros indo na mesma direção

636

01:01:00,800 --> 01:01:04,800

Павальней, далей, побач

Mais devagar, mais adiante, perto

637

01:01:45,800 --> 01:01:49,800

<i>cukiera4ka: Два тыдні нічога. Мірона,
напэўна, зламалі, альбо забілі</i>

<i>cukiera4ka: Duas semanas, até agora nada.
Na certa dobraram Miron, ou então mataram</i>

638

01:01:49,800 --> 01:01:52,800

<i>Alex-Znatkievich: Абы-што,
у нас так ня робіцца</i>

<i>Alex-Znatkievich: Que nada,
aqui isso não se faz</i>

639

01:01:52,800 --> 01:01:56,800

<i>kabierac: Захарка хітры, ён выкруціцца:)
І ведаеце, ён ніколі не быў героем</i>

<i>kabierac: Zacharka é esperto, ele vai se
sair dessa:) E, vocês sabem, ele nunca foi herói</i>

640

01:02:04,800 --> 01:02:06,800

<i>ANDorac:
Ну для нас ён ужо стаў героем %-)</i>

<i>ANDorac: Bem, para nós ele já
se tornou um herói %-).</i>

641

01:02:06,800 --> 01:02:09,800

<i>Алена: Мы павінны пратэставаць...</i>

<i>Alena: Nós temos que protestar...</i>

642

01:02:10,042 --> 01:02:12,378

«...по служебным и личным вопросам
военнослужащий должен

[rus] "...com relação a questões
pessoais ou gerais, o soldado deve

643

01:02:12,403 --> 01:02:15,800

обращаться к вышестоящему начальнику
или, с его разрешения...»

dirigir-se a seu supervisor imediato
ou, com sua permissão..."

644

01:02:15,800 --> 01:02:16,800

Ещё раз!

De novo!

645

01:02:16,988 --> 01:02:18,800

«...по служебным и личным вопросам солдат...»

“...com relação a questões
pessoais ou gerais...”

646

01:02:18,800 --> 01:02:20,800

Ещё раз, Захарко, громче!

De novo, Zakharko, mais alto!

647

01:02:20,800 --> 01:02:23,182

«...солдат обращается
к вышестоящему начальнику...»

“...o soldado dirige-se ao
seu supervisor imediato...”

648

01:02:23,214 --> 01:02:24,214

«...по команде начальника...»

“...a comando do supervisor...”

649

01:02:24,239 --> 01:02:25,800

Ещё раз, Захарко!

De novo, Zakharko!

650

01:02:25,800 --> 01:02:29,192

«Выговор, лишение очередного увольнения»

и расположения военной части...

"Reprimenda, negação de dispensa
recorrente e localização do quartel..."

651

01:02:29,217 --> 01:02:30,800

Ещё раз!

De novo!

652

01:02:30,800 --> 01:02:32,800

- «Воинская дисц...

- Сначала!

- "A disciplina militar..."

- Do começo!

653

01:02:32,800 --> 01:02:37,634

«Воинская дисциплина есть строгое и точное
соблюдение порядка и правил,

"A disciplina militar é a rígida e rigorosa
observância da ordem e das regras

654

01:02:37,659 --> 01:02:38,800

установленных законодательством
Республики Беларусь...

estabelecidas pela legislação
da República de Belarus...

655

01:02:38,800 --> 01:02:42,145

- Яшчэ раз!

- ...и военными уставами»

[bel] - De novo!

- ...e regimentos militares”

656

01:02:42,170 --> 01:02:45,162

«Она основывается на осознании
каждого военно...

[rus] “Ela se baseia na

consciência de cada recru...

657

01:02:45,187 --> 01:02:48,800

- Ещё раз!

- ...воинского долга...»

- De novo!

- ...dívida militar...”

658

01:02:48,800 --> 01:02:51,800

<i> ...в местные советы. Кандидаты
встречаются с избирателями... </i>

<i>... nos conselhos locais. Candidatos
encontram-se com seus eleitores...</i>

659

01:02:52,800 --> 01:02:56,292

«...на основании...»

<i> ...подчеркиваются лозунгом... </i>

“...com base...”

<i> ...ressalta-se com o lema... </i>

660

01:02:56,317 --> 01:02:58,292

Ты чё, блядь, душара!?

Porra, que foi, novato!?

661

01:02:58,317 --> 01:03:00,604

- «Оно основывается на осознании...»

- Вольно, солдат!

- “Ele se baseia no entendimento...”

- À vontade, soldado!

662

01:03:00,629 --> 01:03:02,800

Хватит, уже. Может, чайку?

Já chega. Quer um chazinho?

663

01:03:06,800 --> 01:03:08,800

Сначала!

Do começo!

664

01:03:09,534 --> 01:03:10,534

Читай еще раз!

Leia de novo!

665

01:03:10,706 --> 01:03:12,112

Эх, давай!

É, vamos!

666

01:03:14,260 --> 01:03:16,589

- Ганошко, возьми, водку!

- На вот, держи!

- Ganochko, pegue essa vodca!

- Tome, segure!

667

01:03:16,614 --> 01:03:20,800

Ну, чтоб хуй стоял и деньги были!

Que o pau fique sempre duro
e tenhamos dinheiro!

668

01:03:23,557 --> 01:03:26,557

А чё это он, сука, молчит, а?!

Por que é que esse sacana
está calado, hein?

669

01:03:28,680 --> 01:03:30,671

Ты чё, блядь, Захарко?

Que porra é essa, Zakharko?

670

01:03:30,800 --> 01:03:32,800

Совсем охуел?!

Pirou de vez, caralho?!

671

01:03:33,210 --> 01:03:39,623

Не слышно, животное! Повторяй! Я тебе, сука, блядь, хуй на жопу натяну, понял, бля?!

Mais alto, animal! Repita! Vou enfiar o pau no seu cu, entendeu, porra?!

672

01:03:39,800 --> 01:03:42,800

Ну, сука, ты доигрался!

Chega de brincadeira!

673

01:03:44,271 --> 01:03:46,263

Вот, блядь, она, служба

Isso é servir, porra

674

01:03:46,401 --> 01:03:47,401

Чё, бля?!

Qual foi, porra!?

675

01:03:47,426 --> 01:03:49,800

Смотри сюда, пидрила! Рот!

Olhe para mim, viadinho! A boca!

676

01:03:49,800 --> 01:03:52,394

Рот открыл, блядь!

А то тебе хуй туда всуну!

Abra a boca, porra! Senão, vou enfiar-lhe o caralho!

677

01:03:52,398 --> 01:03:54,410

На, соси, блядь, сука!

Tome, chupe, filho da puta!

678

01:03:54,800 --> 01:03:57,800

Знаешь, что сейчас будет?

Sabe o que vai acontecer agora?

679

01:04:02,800 --> 01:04:04,800

Обоссался!

Se mijou!

680

01:04:08,800 --> 01:04:11,800

А вы думали, мужики, у меня
совсем крышу сорвало, да?

E vocês, rapazes, acharam
que eu pirei de vez, né?

681

01:04:13,800 --> 01:04:17,800

Снимай бельё, блядь,
а то грязный, как, блядь, негр!

Tire essa roupa, porra,
você está sujo feito um negro!

682

01:04:18,000 --> 01:04:22,059

Да ладно, чё ты тёлочник никогда не раздевал?
С ним поглубже надо, блядь!

Qual é, nunca tirou a roupa de uma vadia?
Com ele tem que ser mais grosso, porra!

683

01:04:22,083 --> 01:04:23,083

Умойся!

Vá se lavar!

684

01:04:23,168 --> 01:04:25,775

- Да возись ты!
- Грейся, грейся!

- Ande!

- Esquente!

685

01:04:25,800 --> 01:04:30,651

Лежи, и помыться бы тебе
не мешало, бя... Захарко!

Deite, Zakharko, e tome um
banho também, porra!

686
01:04:30,800 --> 01:04:32,589
Ну, чё, давай, наливай!

Vora, bote mais!

687
01:04:32,667 --> 01:04:34,081
А щас, запросто

É isso aí

688
01:04:34,128 --> 01:04:36,393
Зоопарк закончился!

Acabou o zoológico!

689
01:04:44,288 --> 01:04:46,069
<i>Каментары</i>

[bel] <i>Comentários</i>

690
01:05:02,463 --> 01:05:05,463
Мы павінны выйсьці да людзей
зь песьнямі Мірона

Temos que ir até o povo
com as canções de Miron

691
01:05:05,862 --> 01:05:09,862
Калі будуць пра яго казаць,
яны не зробіць яму крыўды

Se o povo ficar falando dele,
não irão feri-lo

692
01:05:12,800 --> 01:05:15,800
А як нам выйсьці да людзей?

E como ir até o povo?

693

01:05:15,800 --> 01:05:18,800

Паехалі па краіне рабіць канцэрты.

У нас ёсць песьні Мірона

Vamos fazer shows pelo país.

Nós temos as canções dele

694

01:05:18,800 --> 01:05:23,800

Ты што прапануеш, ладзіць акцыі і

сьпяваць песьні Мірона з войска?

Você sugere organizar manifestações
e cantar canções de Miron do exército?

695

01:05:29,401 --> 01:05:31,401

Памятаеш?

Lembra?

696

01:05:31,800 --> 01:05:35,800

Калі мы засьпяваем такое

на канцэрце, “Форцы” капец

Se começarmos a cantar isso nos shows,
será o fim do Forza.

697

01:05:36,800 --> 01:05:41,800

Мірон сядзіць за вас у войску.

Вы яму вінныя

Miron está lá por causa de vocês.

Vocês devem a ele

698

01:05:44,081 --> 01:05:46,475

Калі вы ня прыйдзеце,

Se vocês não vierem,

699

01:05:46,500 --> 01:05:50,800

мы засыпываем бяз вас, акапэльна

cantaremos sem vocês, <i>a capella</i>

700

01:05:56,612 --> 01:05:58,612

Дмитрий Николаевич

[rus] Dmitrii Nikoláievitch

701

01:06:00,237 --> 01:06:01,930

Пройдёмся, побеседуем

Vamos dar uma voltinha

702

01:06:02,594 --> 01:06:05,800

Я не гуляю с незнакомыми

Não ando com estranhos

703

01:06:08,878 --> 01:06:13,653

Ты что думаешь? Тебя в армию не забрали,
чтобы ты здесь херней страдал?

O que você acha? Que não te alistamos
para que você ficasse fazendo merda?

704

01:06:15,550 --> 01:06:18,456

Садись. А?

Entre

705

01:06:25,718 --> 01:06:28,688

<i>ФОРЗА</i>

[bel] <i>FORZA</i>

706

01:06:28,688 --> 01:06:30,389

<i>ФОРЗА

МІРОН</i>

<i>FORZA

MIRON</i>

707

01:06:43,545 --> 01:06:45,677

Оставь меня, оставь!

[rus] Largue-me, largue!

708

01:07:31,029 --> 01:07:32,990

He!

Não!

709

01:07:33,825 --> 01:07:39,790

«...по служебным вопросам
солдат обращается...»“...para questões gerais,
o soldado dirige-se...”

710

01:07:41,092 --> 01:07:42,958

Алло!

Alô!

711

01:07:43,166 --> 01:07:45,737

Так точно, товарищ майор! Вас понял!

Positivo, camarada major! Entendi!

712

01:07:46,800 --> 01:07:48,800

Переключи на БТ

Troque para ВТ

713

01:07:49,275 --> 01:07:52,080

<i>“так званных’ деятелей культуры.</i>

<i>“ditos’ agentes de cultura.</i>

714

01:07:52,135 --> 01:07:54,583

<i>Таким образом, молодые псевдо-артисты
проходят...”</i>

<i>Deste modo, jovens pseudo-artistas
passam por...”</i>

715

01:07:54,607 --> 01:07:58,800

Захарко! А тебя тут показывают!

Zakharko! Estão mostrando você aqui!

716

01:07:58,839 --> 01:08:03,907

<i>“...медленно, но эффективно. Здоровый армейский
режим, дисциплина, воинский коллектив </i>

<i>“...lenta mas efetiva. O saudável regime do exército,
a disciplina, o coletivo militar</i>

717

01:08:03,932 --> 01:08:08,112

<i>возвращают этих людей в нормальный социум.
Командиры внимательно...”</i>

<i>retornam essas pessoas à sociedade normal.
Os comandantes atentamente...”</i>

718

01:08:08,137 --> 01:08:09,612

Всё верно!

É verdade!

719

01:08:09,660 --> 01:08:14,081

<i> “...призывник, независимо от политического
прошлого, исполнял почётный долг</i>

<i> “...que o recruta, independente de seu passado
político, cumpra seu trabalho com louvor</i>

720

01:08:14,370 --> 01:08:20,104

<i>Например, в квартире где последние дни на
гражданке проводил призывник, размещался притон... </i>

<i>Por exemplo, no apartamento onde o recruta
esteve antes do alistamento, situava-se um antro... </i>

721

01:08:20,129 --> 01:08:24,625

<i>Сотрудниками милиции были изъяты наркотики, шприцы, порножурналы</i>

<i>Os oficiais de polícia recolheram narcóticos, seringas, revistas pornográficas</i>

722

01:08:24,650 --> 01:08:29,486

<i>Теперь задержанным придётся ответить на неудобные вопросы следователей</i>

<i>Agora os indiciados terão que se explicar aos investigadores</i>

723

01:08:29,511 --> 01:08:34,465

<i>Как видите, в большинстве, молодежные активисты оппозиции - индивиды аморальные...</i>

<i>Como vocês vêem, jovens ativistas da oposição, em sua maioria, são indivíduos imorais...</i>

724

01:08:34,490 --> 01:08:38,786

<i>несамостоятельные, не вписывающиеся в нормальное общество</i>

<i>coagidos, que não se adequam à sociedade normal</i>

725

01:08:40,465 --> 01:08:42,338

<i>...не хотели терять</i>

<i>...não queriam perder</i>

726

01:08:42,363 --> 01:08:47,222

<i>Служба обществу хоть в какой-то мере даёт юнцам нормально функционировать...”</i>

<i>Servir à sociedade, permite aos jovens, pelo menos de algum jeito, funcionar normalmente...”</i>

727

01:08:48,891 --> 01:08:52,053

Твоя? Или уже нет?

É sua? Ou não mais?

728

01:08:53,666 --> 01:08:58,964

Думаю, отлично <i>ябецца... Студэнтка</i>

[trk] Ela deve foder que é uma beleza... Estudante...

729

01:09:19,870 --> 01:09:23,105

Ну-ка, покажи, что там у тебя между ног,
дорогуша

[rus] Vamos, mostre-me o que você tem
entre as pernas, queridinha...

730

01:09:24,096 --> 01:09:25,729

Наклонись

Curve-se

731

01:09:26,573 --> 01:09:28,018

Давай-давай

Vamos, vamos

732

01:09:29,594 --> 01:09:31,470

Ноги широко

Abra bem as pernas

733

01:09:32,190 --> 01:09:35,325

Широко ноги. Молодец

Abra mais. Isso

734

01:10:40,385 --> 01:10:44,385

Не сиди на полу. Застудишься

Não sente no chão.

Vai ficar doente.

735

01:10:51,362 --> 01:10:52,993

Які сёньня дзень?

[bel] Que dia é hoje?

736

01:10:54,120 --> 01:11:00,120

Сидела тут недавно одна
постарше тебя и потолще женщина

[rus] Tinha uma mulher aqui, não faz muito tempo,
um pouco mais velha e mais gorda que você

737

01:11:00,307 --> 01:11:02,393

Камни в почках были

Tinha pedras nos rins

738

01:11:03,030 --> 01:11:06,003

От боли была - страх

Urrava de dor, dava medo

739

01:11:07,479 --> 01:11:10,800

Можаш мне сказаць,
які сёньня дзень?

[bel] Pode me dizer que dia é hoje?

740

01:11:12,643 --> 01:11:14,509

Недолго её держали

[rus] Ela ficou pouco tempo

741

01:11:14,713 --> 01:11:16,744

На допрос вызвали

Chamaram para o interrogatório

742

01:11:16,800 --> 01:11:19,080

и уже не вернулась

e não voltou mais

743

01:11:25,120 --> 01:11:27,445

Калі мяне забяруць на допыт?

[bel] Quando vão me chamar
para o interrogatório?

744

01:11:27,594 --> 01:11:29,440

Таксама ня скажаш?

Também não vai dizer?

745

01:11:29,541 --> 01:11:33,245

Ещё не вызывали.

А бывает по разному

[rus] Ainda não chamaram.

Cada caso é um caso

746

01:12:03,644 --> 01:12:05,800

Ёсьць там хто?

[bel] Tem alguém aí?

747

01:12:07,644 --> 01:12:12,969

Дапамажыце! Адчыніце!

Ajudem! Abram!

748

01:12:12,994 --> 01:12:15,865

Ёсьць там хто?

Tem alguém aí?!

749

01:12:31,614 --> 01:12:32,848

И давно он так?

[rus] E faz tempo que ele está assim?

750

01:12:32,873 --> 01:12:35,247

С двенадцати часов, товарищ майор!

Desde as 12:00, camarada major!

751

01:12:35,302 --> 01:12:36,800

Выйди

Saia

752

01:12:44,128 --> 01:12:49,003

В КГБ твоя девушка
быстро сориентировалась

Sua namorada não tardou
a colaborar com a KGB

753

01:12:49,964 --> 01:12:51,823

Сама отдала

Ela mesma entregou

754

01:13:03,136 --> 01:13:07,800

Вера твоя уезжает за границу
во избежание дальнейших проблем

Sua Vera vai para o exterior,
para evitar maiores problemas

755

01:13:09,315 --> 01:13:12,315

Замучилась, бедняжка, в тюрьме

A pobrezinha sofreu na prisão

756

01:13:13,800 --> 01:13:16,800

Ты хотел войны, Захарко

Você queria guerra, Zakharko

757

01:13:17,209 --> 01:13:20,089

Но зачем же подставлять абсолютно
невинных людей?

Mas para quê colocar gente absolutamente
inocente em perigo?

758

01:13:20,114 --> 01:13:23,348

Это как-то некрасиво с твоей стороны

Não foi muito bonito de sua parte

759

01:13:23,800 --> 01:13:26,832

А насчёт Веры ты не беспокойся

Com relação a Vera, não se preocupe

760

01:13:29,073 --> 01:13:31,979

Она поедет в хорошей компании

Ela vai em boa companhia

761

01:13:32,190 --> 01:13:34,861

Это, кажись, твой дружок?

Este não é seu amiguinho?

762

01:13:38,710 --> 01:13:42,800

Ну, и какой смысл бороться?

Então, que sentido tem lutar?

763

01:13:45,003 --> 01:13:48,003

Сегодня приедут люди с телевидения

O pessoal da TV vai vir aqui hoje

764

01:13:48,972 --> 01:13:51,972

Пора подвести черту в твоём блоге

É hora de dar um fim ao seu blog

765

01:14:06,112 --> 01:14:10,805

Ну, так что?

Возвращаешься или остаёшься?

E aí? Vai voltar ou vai ficar?

766

01:14:42,355 --> 01:14:44,753

<i>Mi-рон! Mi-рон!</i>

[bel] <i>Mi-рон! Mi-рон!</i>

767

01:14:44,816 --> 01:14:48,949

<i>ФОРЗА

МИРОН</i>

<i>FORZA

MIRON</i>

768

01:14:49,160 --> 01:14:54,560

<i>Mi-рон! Mi-рон!</i>

<i>Mi-рон! Mi-рон!</i>

769

01:15:17,279 --> 01:15:19,043

Усе цябе цяпер знаюць

Agora todo mundo conhece você

770

01:15:19,068 --> 01:15:21,271

Па тэлэвізары паказваюць

Mostram na televisão

771

01:15:21,296 --> 01:15:23,755

Варта было заступіцца за Шэрага

Valeu a pena defender Šery

772

01:15:24,185 --> 01:15:27,800

Дзякуй, але гэта ўжо, напэўна, канец

Obrigado, mas acho que esse é o fim

773

01:15:28,433 --> 01:15:32,433

Вінцэнтавіч! Давай, давай хутчэй,
чакаю цябе

Vincentavič, vamos, rápido.
Só estou esperando você

774

01:15:32,573 --> 01:15:34,104

Уставай паволі

Levante-se devagar

775

01:15:38,800 --> 01:15:40,417

Трымай носаўку

Regue o lenço

776

01:15:40,659 --> 01:15:42,932

Ня мусіш праіграць

Você não pode perder

777

01:15:43,053 --> 01:15:46,307

Заўсёды варта заступацца за людзей

Sempre vale a pena lutar pelas pessoas

778

01:15:59,062 --> 01:16:02,847

♪ У нашым калгасе ўсё чыста, нябрудна ♪

♪ No nosso colcoz, está tudo limpo, nada sujo ♪

779

01:16:02,872 --> 01:16:07,040

♪ Вядзе старшыня нас рукою магутнай ♪

♪ O chefe nos conduz com mão de ferro ♪

780

01:16:07,065 --> 01:16:10,863

♪ Ён можа зьнянацку ўваліць трактарысту ♪

♪ Ele pode, inesperadamente,
dar porrada no tratorista ♪

781

01:16:10,888 --> 01:16:15,372

♪ калі трактарыст вып'е зь сябрам
па трыста ♪

♪ se o tratorista encher a cara
com os amigos ♪

782

01:16:18,756 --> 01:16:22,622

♪ У нашым калгасе ўсё чыста, нябрудна ♪

♪ No nosso colcoz, está tudo limpo, nada sujo ♪

783

01:16:22,635 --> 01:16:26,534

♪ Вядзе старшыня нас рукою магутнай ♪

♪ O chefe nos conduz com mão de ferro ♪

784

01:16:26,559 --> 01:16:30,345

♪ Ён можа зьнянацку ўваліць трактарысту ♪

♪ Ele pode, inesperadamente,
dar porrada no tratorista ♪

785

01:16:30,370 --> 01:16:32,385

♪ калі трактарыст вып'е зь сябрам
па трыста ♪

♪ se o tratorista encher a cara
com os amigos ♪

786

01:16:32,410 --> 01:16:34,167

<i>Будущее в наших руках</i>

[rus] <i>O futuro está em nossas mãos</i>

787

01:16:38,201 --> 01:16:43,240

♪ У нашым калгасе ўсё супер па лічбах,
А людзі чакаюць: калі ўжо? Калі ўжо?... ♪

[bel] ♪ Pelos números, nosso colcoz está ótimo,
Mas as pessoas esperam: até quando? Até quando?... ♪

788

01:16:43,265 --> 01:16:46,208

Здаецца, ты стаў нацыянальным героем

Parece que você se tornou um herói nacional

789

01:16:46,233 --> 01:16:50,161

♪ Калі старшыня наш паедзе адгэтуль, ♪

♪ Quando o nosso chefe vai embora daqui, ♪

790

01:16:50,186 --> 01:16:54,329

♪ А, лепш, паляціць на чужую плянэту? ♪

♪ Ou melhor, vai para outro planeta? ♪

791

01:16:54,354 --> 01:16:58,323

♪ Я сьню і ты прысьні,
што няма больш старшыні ♪

♪ Eu sonho e você sonhe,
que não haja mais chefe ♪

792

01:16:58,348 --> 01:17:02,076

♪ І ўсім радасна наўкола:
і карове, і сьвіньні ♪

♪ E todas ao redor ficarão felizes,
até a vaca e o porco ♪

793

01:17:02,101 --> 01:17:06,306

♪ Шмат гадоў мару я, што зьнікае старшыня ♪

♪ Sonho há muitos anos que o chefe sumirá ♪

794

01:17:06,331 --> 01:17:10,331

♪ І ўсе весела сьмяюцца:
і карова, і сьвіньня ♪

♪ e todas sorrirão felizes,
até a vaca e o porco ♪

795

01:17:29,800 --> 01:17:32,800

Как Вы себя чувствуете, рядовой Захарко?

[rus] Como se sente, recruta Zakharko?

796

01:17:33,032 --> 01:17:35,800

Я здоровы. Пачуваюся добра

[bel] Estou saudável, sinto-me bem

797

01:17:35,800 --> 01:17:37,565

Вы будете дальше сотрудничать с армией,

[rus] Você vai continuar a cooperar com o exército

798

01:17:37,590 --> 01:17:40,057

ведя армейский дневник в интернете?

mantendo seu diário militar na internet?

799

01:17:40,503 --> 01:17:43,800

Так, калі камандваньне дазволіць

[bel] Sim, se meus superiores permitirem

800

01:17:44,214 --> 01:17:48,363

И ещё вопрос: Вы собираетесь спокойно дослужить в армии, может быть, пойти на повышение?

[rus] Outra pergunta: Você pretende concluir tranquilamente o serviço militar e, talvez, ser promovido?

801

01:17:52,800 --> 01:17:57,800

Я хацеў бы служыць ня толькі арміі, але і грамадству

[bel] Eu gostaria de continuar a servir, não só ao exército, mas também à sociedade

802

01:17:58,214 --> 01:18:00,542

Згодна свайму канстытуцыйнаму праву,

De acordo com o meu direito constitucional,

803

01:18:00,567 --> 01:18:02,274

я збіраюся прасіць камандваньне

vou pedir aos meus comandantes

804

01:18:02,299 --> 01:18:05,371

дазволіць мне бялятавацца

на мясцовых выбарах

que me permitam candidatar-me

nas eleições locais

805

01:18:11,420 --> 01:18:14,896

<i>“...и их решит белорусский народ</i>

[rus] <i>“...e isso é o povo belarusso que decide </i>

806

01:18:14,943 --> 01:18:17,183

<i>Только народ решит</i>

<i>Só o povo decide</i>

807

01:18:17,208 --> 01:18:20,402

<i>Решит второй тур - будет второй тур</i>

<i>Se decidir que haverá segundo turno,

haverá segundo turno</i>

808

01:18:20,427 --> 01:18:24,122

<i>Решит новые белорусские выборы -

у нас есть конституция...”</i>

<i>Se decidir por novas eleições belarussas,

temos a constituição...”</i>

809

01:18:24,147 --> 01:18:25,800

Ну и что с этим делать?

E agora, o que fazer?

810

01:18:26,670 --> 01:18:28,693

<i>“Первого тура хватит для...”</i>

<i>“O primeiro turno basta para...”</i>

811

01:18:28,761 --> 01:18:30,761

Посмотрим...

Veremos...

812

01:18:32,107 --> 01:18:35,191

Каб балятавацца на выбары,
трэба сабраць 75 подпісаў

[bel] Para se candidatar, tem que
coletar 75 assinaturas

813

01:18:35,542 --> 01:18:37,698

А ў <i>цебя</i> дысцыплінарнае спагнаньне

[trk] E você está de castigo

814

01:18:37,767 --> 01:18:39,767

<i>Цебя</i> нават <i>дажэ</i> ў горад ня выпускаць

Nem sequer pra cidade não te deixarão ir

815

01:18:39,800 --> 01:18:41,800

Няма шанцаў

[bel] Sem chances

816

01:18:41,800 --> 01:18:43,746

Ну і ня трэба

E nem precisa

817

01:18:43,883 --> 01:18:46,898

Са мной Пашка, бацька Пашкі...

Tenho Paśka, o pai dele...

818

01:18:49,800 --> 01:18:50,800

...ну і ты

...e você

819

01:18:50,825 --> 01:18:54,549

♪ Для генэрала краіна - вайна ♪

♪ Para o general, este país é uma guerra ♪

820

01:18:54,574 --> 01:18:58,150

♪ Для нефармала краіна - чума ♪

♪ Para o rebelde, este país é uma peste ♪

821

01:18:58,175 --> 01:19:01,800

♪ Для радыкала краіна - турма ♪

♪ Para o radical, este país é uma prisão ♪

822

01:19:01,800 --> 01:19:05,800

♪ Але для большасці краіны няма ♪

♪ Mas, para a maioria, este país não existe ♪

823

01:19:05,825 --> 01:19:09,420

♪ Для панславіста краіна - адна ♪

♪ Para o panslavista, este país é a Rússia ♪

824

01:19:09,445 --> 01:19:13,281

♪ Для сатаніста краіна - труна ♪

♪ Para o satanista, este país é um caixão ♪

825

01:19:13,306 --> 01:19:16,800

♪ Для гітарыста краіна - струна ♪

♪ Para o guitarrista, este país é uma corda ♪

826

01:19:16,800 --> 01:19:20,800

♪ Але для большасці краіны няма ♪

♪ Mas, para a maioria, este país não existe ♪

827

01:19:20,800 --> 01:19:24,386

♪ Вярні жыцьцё сваёй краіне ♪

♪ Devolva a vida ao seu país ♪

828

01:19:24,411 --> 01:19:28,184

♪ Яна у сьне халодным гіне ♪

♪ Ele está morrendo num sonho gélido ♪

829

01:19:28,209 --> 01:19:31,759

♪ Вярні жыцьцё сваёй зямлі ♪

♪ Devolva a vida à sua terra ♪

830

01:19:31,784 --> 01:19:34,276

♪ Яе сівыя сьнягі замялі ♪

♪ Ela está coberta de neve cinzenta ♪

831

01:19:34,301 --> 01:19:36,800

<i>“Два разы на дзень, раніцой і па абедзе,</i>

<i>“Duas vezes por dia, uma pela manhã
e outra depois do almoço,</i>

832

01:19:36,800 --> 01:19:39,104

<i>Я пісаў рапарты,
каб мяне выпусьцілі ў горад</i>

<i>Eu escrevia um pedido para
que me deixassem ir à cidade</i>

833

01:19:39,129 --> 01:19:41,800

<i>праводзіць выбарчую агітацыю”</i>

<i>para conduzir minha campanha eleitoral”</i>

834

01:19:42,903 --> 01:19:46,302

<i>Вярнуць Мазыру статус радыяцыйна забруджанай зоны </i>

<i>Devolver a Mazyr o status de zona radioativa</i>

835

01:19:46,985 --> 01:19:50,551

♪ Але для большасці краіны няма ♪

♪ Mas para a maioria este país não existe ♪

836

01:19:50,569 --> 01:19:54,468

♪ Вярні жыцьцё сваёй краіне ♪

♪ Devolva a vida ao seu país ♪

837

01:19:54,493 --> 01:19:58,265

♪ Яна у сьне халодным гіне ♪

♪ Ele está morrendo num sonho gélido ♪

838

01:19:58,290 --> 01:20:01,996

♪ Вярні жыцьцё сваёй зямлі ♪

♪ Devolva a vida à sua terra ♪

839

01:20:02,021 --> 01:20:05,714

♪ Яе сівья сьнягі замялі ♪

♪ Ela está coberta de neve cinzenta ♪

840

01:20:05,739 --> 01:20:09,304

♪ Для нелегала краіна - зіма ♪

♪ Para o ilegal, este país é o inverno ♪

841

01:20:09,329 --> 01:20:12,755

♪ Для адмірала краіна - карма ♪

♪ Para o almirante, este país é uma popa ♪

842

01:20:12,780 --> 01:20:16,845

♪ Для выкідалы краіна - карчма ♪

♪ Para o segurança, este país é uma taverna ♪

843

01:20:16,870 --> 01:20:18,426

♪ Але для большасьці краіны няма ♪

♪ Mas, para a maioria, este país não existe ♪

844

01:20:18,451 --> 01:20:20,472

<i>“Маім непасрэднім супернікам на выбарах</i>

<i>“Meu rival imediato nas eleições</i>

845

01:20:20,497 --> 01:20:23,309

<i>стаў дырэктар новага
гарналыжнага цэнтру Лугавы</i><i>era Luhavy, o diretor da nova estação
local de esqui</i>

846

01:20:23,334 --> 01:20:25,502

<i>Акурат калі пачалі будаваць гэты цэнтр,</i>

<i>Logo quando começaram a construir
essa estação,</i>

847

01:20:25,527 --> 01:20:28,897

<i>у нашай акругі забралі статус
радыяцыйна забруджанай зоны”</i><i>o status de zona radioativa
foi revogado”</i>

848

01:20:28,990 --> 01:20:31,926

♪ Вярні жыцьцё сваёй зямлі ♪

♪ Devolva a vida ao seu país ♪

849

01:20:31,951 --> 01:20:35,496

♪ Яе сівыя сьнягі замялі ♪

♪ Ela está coberta de neve cinzenta ♪

850

01:20:40,459 --> 01:20:42,541

Руслан нават не заўважыў прапажы

Ruslan nem percebeu o sumiço

851

01:20:50,452 --> 01:20:53,166

Аддасі, калі пераможаш

Devolva quando vencer

852

01:20:54,373 --> 01:20:55,592

Дзякуй

Obrigado

853

01:20:56,466 --> 01:20:57,567

Слухай,

Escute,

854

01:20:58,800 --> 01:21:01,867

Я вось аднаго не зразумеў:

Eu não entendi uma coisa:

855

01:21:01,892 --> 01:21:03,455

нахера табе во гэта, а?

Pra que porra você tá fazendo isso, hein?

856

01:21:06,040 --> 01:21:08,107

Каб даведацца сапраўдныя вынікі

Para saber os verdadeiros resultados

857

01:21:09,522 --> 01:21:12,522

Ну і я павінен зрабіць апошні запіс у блёгу

E eu tenho que fazer minha última
postagem no blog

858

01:21:35,800 --> 01:21:37,800

Дзе мой голас?

Cadê meu voto?

859

01:21:39,800 --> 01:21:41,800

Мой голас дзе?

Meu voto, cadê?

860

01:21:44,724 --> 01:21:46,755

Глядзіце, ён жа ж п'яны!

Vejam, ele está bêbado!

861

01:21:46,777 --> 01:21:47,777

Эй!

Ei!

862

01:21:49,000 --> 01:21:50,775

Куды лезеш?

Aonde vai?

863

01:21:50,800 --> 01:21:54,008

Позовите милицию кто-нибудь!

[rus] Alguém chame a polícia!

864

01:21:54,033 --> 01:21:56,577

- Мне трэба галачку...

- Убери его!

[bel] - Preciso corrigir...

[rus] - Tirem-no daqui!

865

01:21:56,602 --> 01:21:58,776

Ды мне галачку толькі паставіць!

[bel] É só eu marcar o papelzinho!

866

01:21:58,800 --> 01:22:00,442

Уберись отсюда!

[rus] Vá embora!

867

01:22:00,485 --> 01:22:01,960

Выпроводить его!

Levem-no daqui!

868

01:22:01,985 --> 01:22:03,995

Идите на хуй!

Vão pro saralho!

869

01:22:08,026 --> 01:22:09,320

<i>Міліцыя</i>

[bel] Polícia

870

01:22:09,541 --> 01:22:11,874

Сколько тебе раз говорил?

[rus] Quantas vezes eu lhe falei?

871

01:22:14,472 --> 01:22:15,920

Панапіваюцца...

[bel] Enchem a cara...

872

01:22:15,945 --> 01:22:17,945

Прыдурак, а!

[rus] Babaca!

873

01:22:31,147 --> 01:22:36,747
Захарко, Захарко, Луговой, Захарко...

Zakharko, Zakharko, Lugovoi, Zakharko

874
01:22:36,772 --> 01:22:38,719
Как-то много этого Захарки

[trk] Tem muito desse Zakharka

875
01:22:38,869 --> 01:22:40,921
Луговой

[rus] Lugovoi

876
01:22:40,946 --> 01:22:43,800
Еще три за Захарку

[trk] Mais três para Zakharka

877
01:22:43,926 --> 01:22:47,926
За директора Лугового 143,
а за Захарку... 319

Para o diretor Lugovoi 143,
para Zakharka... 319

878
01:22:55,800 --> 01:22:57,800
Товарищ председатель,

[rus] Camarada supervisor,

879
01:22:58,729 --> 01:23:00,988
Говорит Булацкий, 37-й участок

Aqui quem fala é Bulátski,
da 37ª seção

880
01:23:01,800 --> 01:23:03,620
Лидирует Захарко

Zakharko lidera

881

01:23:03,645 --> 01:23:06,960

Да. Нет. Да

Sim. Não. Sim

882

01:23:06,985 --> 01:23:09,568

Обязательно, товарищ председатель!

Certamente, camarada supervisor!

883

01:23:14,800 --> 01:23:17,800

И на других участках тоже Захарко

Nas outras seções Zakharko
também está vencendo

884

01:23:18,800 --> 01:23:20,800

Что делаем?

O que fazemos?

885

01:23:35,346 --> 01:23:37,800

Дзе мяшкі? Нясіце!

[bel] Onde estão os malotes?

Tragam aqui!

886

01:24:12,799 --> 01:24:14,799

Давай вылазь!

Venha, saia daí!

887

01:24:20,826 --> 01:24:23,759

<i>графіці: Жыве Беларусь!</i>

<i>grafite: Viva Belarus!</i>

888

01:25:20,186 --> 01:25:22,328

Дайте двух человек

[rus] Mandem duas pessoas

889

01:25:22,353 --> 01:25:24,378

Спокойно, напился

Sem pressa, ele está bêbado

890

01:25:39,559 --> 01:25:42,800

Высокое давление. Дать на снижение?

Pressão alta. Dar algo para baixar?

891

01:25:42,800 --> 01:25:45,800

Пускай проветривается

Deixe-o no ar fresco

892

01:26:28,264 --> 01:26:30,892

Почему Вы не сбивали ему давление?

Por que você não deu nenhum remédio
para baixar a pressão?

893

01:26:31,800 --> 01:26:33,800

Не было приказа

Não deram ordem

894

01:26:33,848 --> 01:26:36,848

Я вижу, что эта задержка
может стоять ему здоровья и жизни

Pelo que estou vendo, esse atraso
pode custar a saúde e até a vida dele

895

01:26:40,487 --> 01:26:42,487

Доктор, заберите его в больницу

Doutor, leve-o ao hospital civil

896

01:26:42,572 --> 01:26:46,572

В данных условиях вооруженные силы
не могут нести за него ответственности

Nessas circunstâncias, as forças armadas
não podem se responsabilizar por ele

897

01:27:10,466 --> 01:27:12,847

Ну, найгоршае за намі

[bel] Bem, o pior já passou

898

01:27:15,249 --> 01:27:16,449

Дзе я?

Onde estou?

899

01:27:16,474 --> 01:27:18,563

У 4-й Менскай бальніцы

No hospital nº 4, em Minsk

900

01:27:18,588 --> 01:27:20,360

Быў інсульт

Houve um derrame

901

01:27:20,677 --> 01:27:22,677

Але мы апанавалі сітуацыю

Mas controlamos a situação

902

01:27:28,701 --> 01:27:31,701

Асноўныя жыццёвыя паказьнікі
ў Вас у норме...

Suas funções vitais básicas
estão normais...

903

01:27:32,330 --> 01:27:34,330

Што да мужчынскіх спраў,

Quanto às questões viris,

904

01:27:34,661 --> 01:27:36,800

неўзабаве пабачым

logo veremos

905

01:27:38,161 --> 01:27:39,482

Неўзабаве...

Logo...

906

01:27:51,046 --> 01:27:54,234

Прабачце, а Вы не ведаеце,
дзе мае боты?Desculpe, você não sabe onde
estão minhas botas?

907

01:27:56,784 --> 01:28:00,800

А... когда Вас привезли,
на Вас было только бельё[rus] É... Quando o trouxeram,
você estava só de cueca

908

01:28:06,352 --> 01:28:07,712

Калі ласка

[bel] Por favor

909

01:28:07,737 --> 01:28:10,460

Можа... у Вас ёсьць люстэрка?

Você teria um espelho?

910

01:28:11,538 --> 01:28:13,242

С собой нету

[rus] Aqui, comigo, não

911

01:28:14,800 --> 01:28:16,800

Может, потом?

Talvez depois?

912

01:29:51,846 --> 01:29:54,999

<i>БЛИНДАЖ</i>

<i>BLINDAGEM</i>

913

01:30:11,450 --> 01:30:13,264

<i>«Начинаем пресс-конференцию</i>

<i>“Começamos a coletiva de imprensa</i>

914

01:30:13,289 --> 01:30:16,775

<i>Предварительные итоги выборов
в президенты Республики Беларусь</i>

<i>Resultados parciais das eleições presidenciais
da República de Belarus</i>

915

01:30:16,800 --> 01:30:20,000

<i>Победу одержал президент
Республики Беларусь...</i>

<i>A vitória é do presidente da
República de Belarus...</i>

916

01:30:20,025 --> 01:30:22,088

<i>Александр Григорьевич Лукашенко</i>

<i>Aleksandr Grigorievitch Lukachenko</i>

917

01:30:22,113 --> 01:30:23,669

<i>За него проголосовало...</i>

<i>Nele votaram...</i>

918

01:30:26,800 --> 01:30:31,059

<i>...79,67%</i>

<i>...79,67%</i>

919

01:30:31,084 --> 01:30:33,507

<i>И на втором месте, из кандидатов,</i>

<i>E, no segundo lugar, dos candidatos</i>

920

01:30:33,525 --> 01:30:37,061

<i>физических лиц уже, а не гипотетических</i>

<i>individuais, não hipotéticos</i>

921

01:30:37,086 --> 01:30:48,131

<i>Господин Санников, которого поддержало
155.000 избирателей или 2,41%...</i><i>O sr. Sannikov, que foi apoiado
por 155.000 eleitores ou 2,41%...</i>

922

01:30:48,156 --> 01:30:55,047

<i>На третьем месте - то это господа
Романчук и Костусёв...»</i><i>Em terceiro lugar, os srs.
Romantchuk e Kostusiov...” </i>

923

01:30:55,072 --> 01:31:00,800

Што? Ты думаў, я здам гэта зампаліту?

[bel] Quê? Você achou que eu ia devolver
isso ao comissário político?

924

01:31:01,800 --> 01:31:06,062

Знайдзі якога-небудзь хакера,
павесь гэта ў блогуEncontre algum hacker
e ponha isso no blog

925

01:31:11,800 --> 01:31:13,800

Удачы

Boa sorte

926

01:31:14,138 --> 01:31:15,800

Вяртаесяся?

Vai voltar para lá?

927

01:31:20,218 --> 01:31:22,218

Куда я денусь?

[rus] Aonde mais?

928

01:31:39,629 --> 01:31:42,149

<i> “Дзе мяшкі? Нясіце!</i>

[bel] <i> “Onde estão os malotes?

Tragam aqui!</i>

929

01:31:42,753 --> 01:31:47,789

<i>Не волнуемся. Столик</i> у “Народным”
заказаны <i>до утра</i>

[trk] <i>Não nos preocupemos. A mesa

no restaurante está reservada até de manhã</i>

930

01:31:52,414 --> 01:31:56,800

<i>Дабавіць, перашчытаць, вывесіць</i>

<i>Acréscentar, recontar, anunciar</i>

931

01:31:57,026 --> 01:31:58,703

<i>Ну што, хлопцы, паехалі</i>

[bel] <i>Então, moçada, vamos</i>

932

01:31:58,767 --> 01:32:00,748

<i>Нада ішчо на нескалька ўчасткаў заскачыць</i>

[trk] <i>Ainda temos que dar um pulo em outras seções</i>

933

01:32:00,773 --> 01:32:02,800

<i>Нарабіў шухеру этат прызыўнік</i>

<i>Esse recruta está dando trabalho demais</i>

934

01:32:02,963 --> 01:32:05,569

<i>Цібе ж казалі перашчытаць</i>

[rus] <i>Disseram para você recontar</i>

935

01:32:05,594 --> 01:32:09,800

- <i>Да, но... Што эта за галаса?

- Хорошие голоса</i>

- <i>Sim, mas... Que votos são esses?

- Votos bons</i>

936

01:32:09,800 --> 01:32:13,179

<i>Сколько этому, Луговому директору не хватает?</i>

<i>Quantos votos estão faltando para esse diretor Lugovoi?</i>

937

01:32:13,204 --> 01:32:17,554

<i>Давайте Луговому напишем 516, а Захарке - 219</i>

[trk] <i>Vamos escrever 516 votos para Lugovoi e 219 para Zakharka</i>

938

01:32:17,579 --> 01:32:20,254

<i>Да, но это больше, чем зарегистрировано избирателей</i>

[rus] <i>Sim, mas isso dá mais do que registramos de eleitores!</i>

939

01:32:20,279 --> 01:32:24,533

<i>Апрыдзілім яўку ізбірацелей: прагаласавала 97 працэнтаў</i>

<i>Vamos declarar que 97% das pessoas votaram</i>

940

01:32:24,558 --> 01:32:27,800

<i>За Лугавога 2/3, а за Захарку 1/3</i>

[trk] <i>2/3 em Luhavoi e 1/3 em Zakharka</i>

941

01:32:29,474 --> 01:32:30,475

<i>Так многа Захарке?</i>

<i>Tantos em Zakharka?</i>

942

01:32:30,500 --> 01:32:32,774

<i>Ну дык, за яго ж многа і прагаласавала...</i>

<i>Vem, muita gente votou nele mesmo...</i>

943

01:32:32,994 --> 01:32:35,647

<i>Слушайте, давайте пойдём в «Народный»,</i>

[rus] <i>Escutem, vamos logo para o restaurante,</i>

944

01:32:35,672 --> 01:32:39,193

<i>там всё определим, а утром вывесим,
согласны?"</i><i>lá resolveremos tudo e de manhã
anunciamos, concordam?"</i>

945

01:32:44,818 --> 01:32:51,246

Жы-ве Бе-ла-русь!

[bel] Vi-va Be-la-rus!

946

01:32:51,271 --> 01:32:54,592

<i>Уходи, Лукашэнка 110%,
Беларусь у Еўропу</i>

[rus] <i>Vá embora </i>

[bel] <i>Lukašenka 110%, Belarus na Europa</i>

947

01:32:59,790 --> 01:33:10,468

Жы-ве Бе-ла-русь!

Vi-va Be-la-rus!

948

01:33:13,302 --> 01:33:17,293

<i>Уходи

Беларусь у Еўропу</i>

[rus] <i>Vá embora</i>

[bel] <i>Belarus na Europa</i>

949

01:33:33,627 --> 01:33:36,775

Хлопцы, вы ж свае! Вы беларусы!

Rapazes, vocês são como nós!

Vocês são belarussos!

950

01:33:36,800 --> 01:33:39,041

Хадземце з намі, хлопцы!

Venham conosco, rapazes!

951

01:33:39,066 --> 01:33:41,266

Мы беларусы! Мы ж свае! Ну...

Nós somos belarussos! Somos iguais!

952

01:33:41,461 --> 01:33:44,061

Хадземце разам з намі, нас будзе больш!

Juntem-se a nós, seremos mais!

953

01:33:44,465 --> 01:33:46,148

Хадземце з намі, ну!

Venham conosco, vamos!

954

01:33:48,800 --> 01:33:57,938

Міліцыя з народамі!

Polícia com o povo!

955

01:34:10,064 --> 01:34:12,963

У-хо-ди!

[rus] Vá-em-bo-ra!

956

01:35:11,800 --> 01:35:14,800

<i>“Sous les rues de Minsk, les citoyens ont protesté contre la falsification des élections présidentielles...”</i>

[fra] <i>“Nas ruas de Minsk, os cidadãos protestaram contra a falsificação das eleições presidenciais...”</i>

957

01:35:14,825 --> 01:35:19,589

<i>“En las calles de Minsk, los bielorrusos protestaron en contra del fraude electoral cometido por</i>

[español] <i>”Nas ruas de Minsk, os belarussos protestaram contra a fraude eleitoral cometida pelo</i>

958

01:35:19,614 --> 01:35:25,469

<i>el régimen de Lukashenko. Más de mil personas con lesiones en las manos y en las cabezas...</i>

<i>regime de Lukashenko. Mais de mil pessoas com lesões nas mãos e na cabeça...</i>

959

01:35:25,494 --> 01:35:28,331

<i>fueron transportadas a los hospitales de la ciudad</i>

<i>foram transportadas aos hospitais da cidade</i>

960

01:35:28,356 --> 01:35:31,000

<i>y a los cuarteles de la KGB bielarrusa [sic]</i>

<i>e aos quartéis da KGB</i>

961

01:35:31,025 --> 01:35:35,209

<i>Cincuenta y tres personas fueron acusadas de planear un golpe del Estado [sic]</i>

<i>Cinquenta e três pessoas foram acusadas

de planejar um golpe de Estado</i>

962

01:35:35,234 --> 01:35:37,975

<i>entre ellos, 8 candidatos a la presidencia”</i>

<i>dentre eles, 8 candidatos à presidência”</i>

963

01:35:38,000 --> 01:35:40,717

<i>“Baltarusiai protestavo prieš suklastotus prezidento rinkimus</i>

[lituano] <i>Belarussos protestaram contra fraudes nas eleições presidenciais</i>

964

01:35:40,742 --> 01:35:43,098

<i>Daugiau nei tūkstantis žmonių su sulaužytomis rankomis</i>

<i>Mais de mil pessoas com lesões nos braços</i>

965

01:35:43,123 --> 01:35:46,718

<i>ir sumuštomis galvomis pateko į ligonines arba į KGB areštus</i>

<i>foram levadas aos hospitais ou presas pela KGB</i>

966

01:35:46,743 --> 01:35:49,779

<i>53 asmenys buvo apkaltinti pasikėsiniu į...”</i>

<i>53 pessoas foram acusadas de planejar...”</i>

967

01:35:49,804 --> 01:35:52,786

<i>“Belarusians were protesting against rigged presidential elections</i>

[ing] <i>“Povo belarusso em protesto contra eleições presidenciais fraudadas</i>

968

01:35:52,811 --> 01:35:55,793

<i>More than 1000 people with broken limbs and injuries in their heads</i>

<i>Mais de mil pessoas com membros quebrados e ferimentos na cabeça</i>

969

01:35:55,818 --> 01:35:59,107

<i>were sent to hospitals and/or arrested by the Belarusian KGB</i>

<i>foram mandadas para hospitais e/ou detidas pela KGB</i>

970

01:35:59,132 --> 01:36:01,775

<i>Fifty-three people have been accused of incite a coup [sic]</i>

<i>Cinquenta e três pessoas foram acusadas de incitar um golpe</i>

971

01:36:01,800 --> 01:36:04,642

<i>Among them, there were 8 candidates for the presidency</i>

<i>Dentre elas, havia 8 candidatos à presidência</i>

972

01:36:04,647 --> 01:36:08,181

<i>They're all facing long sentences in penal colonies"</i>

<i>Eles todos têm pela frente longas sentenças nas colônias penais"</i>

973

01:36:16,800 --> 01:36:19,592

<i>«Вчера в столице произошли массовые беспорядки</i>

[rus] <i>“Ontem na capital ocorreram tumultos em massa</i>

974

01:36:19,596 --> 01:36:22,243

<i>Вооруженные молодые люди
устроили погром</i>

<i>Jovens armados realizaram
atos de vandalismo</i>

975

01:36:22,268 --> 01:36:24,001

<i>Били стекла правительственных зданий</i>

<i>Quebraram vidraças de prédios do governo</i>

976

01:36:24,025 --> 01:36:26,776

<i>нападали на сотрудников
правоохранительных органов</i>

<i>atacaram funcionários de órgãos
de segurança pública</i>

977

01:36:26,800 --> 01:36:31,800

<i>Милиции удалось
овладеть ситуацией</i>

<i>A polícia conseguiu tomar
controle da situação</i>

978

01:36:40,552 --> 01:36:43,800

♪ Для генэрала країна - вайна ♪

[bel] ♪ Para o general, este país é uma guerra ♪

979

01:36:44,297 --> 01:36:47,197

♪ Для нефармала країна - чума ♪

♪ Para o rebelde, este país é uma peste ♪

980

01:36:47,800 --> 01:36:51,267

♪ Для радыкала країна - турма ♪

♪ Para o radical, este país é uma prisão ♪

981

01:36:51,800 --> 01:36:54,800

♪ Але для большасьці країны няма ♪

♪ Mas, para a maioria, este país não existe ♪

982

01:36:55,487 --> 01:36:58,800

♪ Для панславiста країна - адна ♪

♪ Para o panslavista, este país é a Rússia ♪

983

01:36:59,210 --> 01:37:02,800

♪ Для сатанiста країна - труна ♪

♪ Para o satanista, este país é um caixão ♪

984

01:37:02,968 --> 01:37:06,800

♪ Для гітарыста країна - струна ♪

♪ Para o guitarrista, este país é uma corda ♪

985

01:37:06,900 --> 01:37:09,800

♪ Але для большасьці країны няма ♪

♪ Mas, para a maioria, este país não existe ♪

986

01:37:10,431 --> 01:37:13,800

♪ Вярні жыцьцё сваёй краіне ♪

♪ Devolva a vida ao seu país ♪

987

01:37:14,055 --> 01:37:17,955

♪ Яна у сьне халодным гiне ♪

♪ Ele está morrendo num sonho gélido ♪

988

01:37:18,027 --> 01:37:21,545

♪ Вярні жыцьцё сваёй зямлі ♪

♪ Devolva a vida à sua terra ♪

989

01:37:21,570 --> 01:37:24,800

♪ Яе сiвiя сьнягі замялі ♪

♪ Ela está coberta de neve cinzenta ♪

990

01:37:25,489 --> 01:37:28,389

♪ Для нелегала країна - зіма ♪

♪ Para o ilegal, este país é o inverno ♪

991

01:37:28,975 --> 01:37:32,875

♪ Для адмірала країна - карма ♪

♪ Para o almirante, este país é uma popa ♪

992

01:37:32,900 --> 01:37:36,800

♪ Для выкідалы країна - карчма ♪

♪ Para o segurança, este país é uma taverna ♪

993

01:37:36,900 --> 01:37:39,800

♪ Але для большасці країны няма ♪

♪ Mas, para a maioria, este país não existe ♪

994

01:37:40,566 --> 01:37:44,264

♪ Вярні жыцьцё сваёй краіне ♪

♪ Devolva a vida ao seu país ♪

995

01:37:44,289 --> 01:37:47,835

♪ Яна у сьне халодным гіне ♪

♪ Ele está morrendo num sonho gélido ♪

996

01:37:47,900 --> 01:37:51,800

♪ Вярні жыцьцё сваёй зямлі ♪

♪ Devolva a vida à sua terra ♪

997

01:37:51,825 --> 01:37:55,384

♪ Яе сівья сьнягі замялі ♪

♪ Ela está coberta de neve cinzenta ♪

998

01:37:55,514 --> 01:37:59,048

♪ Вярні жыцьцё сваёй краіне ♪

♪ Devolva a vida ao seu país ♪

999

01:37:59,260 --> 01:38:02,886

♪ Яна у сьне халодным гіне ♪

♪ Ele está morrendo num sonho gélido ♪

1000

01:38:02,919 --> 01:38:06,558

♪ Вярні жыцьцё сваёй зямлі ♪

♪ Devolva a vida à sua terra ♪

1001

01:38:06,583 --> 01:38:10,349

♪ Масты спалі і зямлю асьвятлі ♪

♪ Queime as pontes e ilumine a terra ♪

1002

01:38:10,374 --> 01:38:14,800

♪ Масты спалі і зямлю асьвятлі ♪

♪ Queime as pontes e ilumine a terra ♪

1003

01:38:18,559 --> 01:38:22,650

♪ У нашым калгасе ўсё чыста, нябрудна, ♪

♪ No nosso colcoz, está tudo limpo, nada sujo ♪

1004

01:38:22,675 --> 01:38:26,320

♪ Вядзе старшыня нас рукою магутнай ♪

♪ O chefe nos conduz com mão de ferro ♪

1005

01:38:26,345 --> 01:38:30,443

♪ Ён можа зьнянацку ўваліць трактарысту, ♪

♪ Ele pode, inesperadamente,
dar porrada no tratorista ♪

1006

01:38:30,468 --> 01:38:34,800

♪ калі трактарыст вып'е зь сябрам па трыста ♪

♪ se o tratorista encher a cara
com os amigos ♪

1007

01:38:38,311 --> 01:38:42,114

♪ У нашым калгасе ўсё супэр па лічбах, ♪

♪ Pelos números, nosso colcoz está ótimo, ♪

1008

01:38:42,149 --> 01:38:46,045

♪ а людзі чакаюць: калі ўжо? Калі ўжо? ♪

♪ mas as pessoas esperam:
até quando? Até quando? ♪

1009

01:38:46,070 --> 01:38:50,057

♪ Калі старшыня наш паедзе адгэтуль, ♪

♪ Quando o chefe vai embora daqui, ♪

1010

01:38:50,082 --> 01:38:54,041

♪ а лепш – паляціць на чужую плянэту? ♪

♪ ou melhor, vai para outro planeta? ♪

1011

01:38:54,066 --> 01:38:58,076

♪ Я сьню і ты прысьні,
Што няма больш старшыні, ♪♪ Eu sonho e você sonhe,
que não haja mais chefe ♪

1012

01:38:58,101 --> 01:39:01,986

♪ І ўсім радасна наўкола -
І карове, і сьвіньні ♪♪ E todas ao redor ficarão felizes,
até a vaca e o porco ♪

1013

01:39:02,011 --> 01:39:06,010

♪ Шмат гадоў мару я,
Што зьнікае старшыня, ♪

♪ Sonho há muitos anos que
o chefe sumirá ♪

1014

01:39:06,035 --> 01:39:10,403

♪ I ўсе весела сьмяюцца –
I карова, і сьвіньня ♪

♪ e todas sorrirão felizes,
até a vaca e o porco ♪

1015

01:39:13,712 --> 01:39:17,732

♪ У нашым калгасе парадак і ціша, ♪

♪ No nosso colcoz, está tudo
em ordem e silêncio ♪

1016

01:39:17,757 --> 01:39:21,488

♪ ды шэпчуцца людзі: Калі ўжо? Калі ўжо? ♪

♪ e sussurram as pessoas:
até quando? Até quando? ♪

1017

01:39:21,513 --> 01:39:25,458

♪ Калі забярэ яго нейкая трасца ♪

♪ Quando alguma doença irá levá-lo ♪

1018

01:39:25,529 --> 01:39:29,800

♪ I ўрэшце спакойна пажыць нам удасца? ♪

♪ E enfim poderemos viver em paz? ♪

1019

01:39:33,244 --> 01:39:37,337

♪ Сядзяць у камбайнах сваіх камбайнёры, ♪

♪ Colhedores sentados
em suas colheitadeiras ♪

1020

01:39:37,362 --> 01:39:41,236

♪ I справы ідуць, відавочна, угору ♪

♪ E as coisas vão de vento em popa ♪

1021

01:39:41,261 --> 01:39:45,170

♪ I мроіцца ўсім, што нарэшце зьнікае ♪

♪ E todo mundo sonha que enfim sumirá ♪

1022

01:39:45,195 --> 01:39:49,253

♪ Рука, што усіх нас за горла трымае ♪

♪ A mão que nos estrangula ♪

1023

01:39:49,278 --> 01:39:53,169

♪ Я сьню й ты прысьні,
Што няма больш старшыні, ♪♪ Eu sonho e você sonhe,
que não haja mais chefe ♪

1024

01:39:53,194 --> 01:39:57,064

♪ I ўсім радасна наўкола -
I карове, і сьвіньні ♪♪ E todas ao redor ficarão felizes,
até a vaca e o porco ♪

1025

01:39:57,089 --> 01:40:01,135

♪ Шмат гадоў мару я,
Што зьнікае старшыня, ♪♪ Sonho há muitos anos que
o chefe sumirá ♪

1026

01:40:01,177 --> 01:40:05,567

♪ I ўсе весела сьмяюцца –
I карова, і сьвіньня ♪♪ e todas sorrirão felizes,
até a vaca e o porco ♪

1027

01:40:23,800 --> 01:40:30,800

<i>Субтытры:

Патэрсан Франко Коста і Воля Ермалаева Франко</i>

<i>Legendas:

Paterson Franco Costa e Volha Yermalayeva Franco</i>